



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB**  
**INSTITUTO DE LETRAS - IL**  
**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**LUCAS BARBOSA DE MELO**

**LÍNGUA ARUÁ (TUPÍ-MONDÉ): DESCRIÇÃO GRAMATICAL A  
PARTIR DE SUAS ÚLTIMAS VOZES**

**BRASÍLIA-DF**  
**2025**

LUCAS BARBOSA DE MELO

**LÍNGUA ARUÁ (TUPÍ-MONDÉ): DESCRIÇÃO GRAMATICAL A  
PARTIR DE SUAS ÚLTIMAS VOZES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, na Linha de Pesquisa Análise e descrição Gramatical, da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.

**BRASÍLIA-DF  
2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B1                      Barbosa de Melo, Lucas  
                         LÍNGUA ARUÁ (TUPÍ-MONDÉ): DESCRIÇÃO GRAMATICAL A PARTIR  
                         DE SUAS ÚLTIMAS VOZES / Lucas Barbosa de Melo; orientador  
                         Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. . Brasília, 2025.  
                         231 p.

                         Tese (Doutorado em Linguística) Universidade de Brasília,  
                         2025.

                         1. Língua Aruá. 2. Família Mondé. 3. Tronco Tupí. 4.  
                         Documentação linguística. 5. Descrição linguística. I.  
                         Arruda Câmara Cabral. , Ana Suelly, orient. II. Título.

**LUCAS BARBOSA DE MELO**

**LÍNGUA ARUÁ (TUPÍ-MONDÉ): DESCRIÇÃO GRAMATICAL A  
PARTIR DE SUAS ÚLTIMAS VOZES**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística  
pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília.

Aprovado em 05 de dezembro de 2025

**BANCA EXAMINADORA**

Profª. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (Orientadora)  
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Miguel Oliveira Jr. (Membro externo)  
Universidade Federal de Alagoas

Prof. Dr. Enrique Huelva Unternbäumen (Membro interno)  
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Fábio Pereira Couto (Membro Externo)  
Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Jorge Domingues Lopes (membro suplente)  
Universidade Federal do Pará

Aos meus pais, Carmen e Wilio. Este título é,  
antes de tudo, o fruto do suor e da renúncia de  
vocês. Este doutorado é nosso.

## AGREDECIMENTOS

A construção do conhecimento é, fundamentalmente, um processo coletivo e histórico, visto que nenhuma trajetória acadêmica se sustenta sem o apoio de inúmeras pessoas e instituições. Os agradecimentos que se seguem possuem igual relevância; sua ordenação não estabelece uma hierarquia, mas reflete as limitações do registro escrito, uma vez que o ideal seria apresentá-los de forma circular e interligada.

Expresso minha profunda gratidão à minha família. Aos meus pais, Carmen e Wilio, agradeço por terem proporcionado as condições, a base e o incentivo indispensáveis aos meus estudos. À minha irmã Loiane e ao meu sobrinho Ayô, sou grato pelo apoio e carinho constantes. Estendo este reconhecimento aos meus tios, tias, primos e primas, que sempre acreditaram em meu potencial e celebraram minhas conquistas.

Aos meus amigos e amigas, Monalisa, Jessica, Camila, Sheila, Bruno, agradeço a escuta, presença, torcida e afeto dedicado ao longo destes anos, e em nome deles estendo minha gratidão a todos que fizeram parte desta caminhada.

Registro meu reconhecimento aos trabalhadores brasileiros que, por meio de seus impostos, financiam a Universidade Pública, tornando viável a realização de pesquisas científicas desta natureza.

À Universidade de Brasília (UnB), minha *alma mater*, agradeço a toda a comunidade que a sustenta: técnicos, terceirizados e docentes. Faço um agradecimento especial às equipes da Secretaria de Pós-Graduação do Instituto de Letras, do RU, da Biblioteca, e dos setores de limpeza e segurança, cujo trabalho cotidiano viabiliza a vida acadêmica. Estendo este reconhecimento também aos trabalhadores do comércio local, que com o café de cada dia forneceram a energia necessária para a conclusão desta jornada.

À minha querida orientadora, a Professora Doutora Ana Suely Arruda Câmara Cabral, manifesto meu sincero reconhecimento pela orientação atenta, generosa e rigorosa. Sua atuação como a maior especialista em línguas Tupí é fonte de constante inspiração e demonstra sua profunda dedicação aos povos indígenas brasileiros.

Aos colegas da pós-graduação — Fabiana Kokama, Rosi Kaiowa, Iran Gavião, Alberto Gavião, Rose Sateré, José Sateré, Quélvia Tavares e Leticia Aquino —, agradeço pela parceria intelectual e pela caminhada compartilhada. Aos pesquisadores do LALLI/UnB — Suseile Andrade, Maria Cristina Alencar, Ariel Pheula Silva, Maxwell Miranda, Sanderson de Oliveira, Jorge Lopes, João Carlos

Albuquerque, Lucivaldo Costa, Eliete Solano, Fabio Couto e Edineia Isidoro —, sou grato pelas trocas e pelos constantes aprendizados.

Aos professores da UnB, em especial Janaina Soares e Enrique Huelva, agradeço a presença marcante desde a graduação, exercendo profunda influência em minha trajetória acadêmica e profissional.

Agradeço imensamente a Doutora Leticia Aquino por ter me apresentado o tema e viabilizado meu primeiro contato com o povo Aruá, além da parceria decisiva no primeiro trabalho de campo, fundamental para a construção deste doutorado.

À professora Edineia Isidoro, expresso minha gratidão pelo apoio incondicional durante as etapas de campo, estendendo este agradecimento a toda a equipe do DEINTER do *campus* Ji-Paraná da Universidade Federal de Rondônia.

Aos meus companheiros da Revolução Socialista, com os quais compartilho a utopia de construir um mundo mais humano, fraterno e igualitário. As companheiras e companheiros do SINASEEFE, sempre atuantes na defesa da carreira docente e da pesquisa no Brasil.

Ao Instituto Federal de Brasília, *Campus* Taguatinga, meu local de trabalho, agradeço pela colaboração de todos os servidores e trabalhadores que me apoiaram em diversas atividades ao longo desta trajetória. Sou especialmente grato aos colegas que assumiram minhas aulas para que eu pudesse realizar o trabalho de campo. Registro, ainda, um agradecimento especial ao Prof. Dr. Julwaity Quaresma, companheiro de jornada no PPGL e na área de Linguagens do *campus*, pelo apoio, parceria e companheirismo ao longo desse percurso.

Meu agradecimento mais especial e essencial é dedicado ao povo Aruá. Em nome dos *zabíaj* Anízio Aruá e Odete Aruá, e de todos os Aruá — Edmar, Galdino, Marcela, Valdir, Tawã, Cida, Marcia, Maicon, Andrade e André —, agradeço pela paciência, pelos ensinamentos, pelo acolhimento generoso e pela confiança depositada. Espero poder retribuir, ainda que minimamente, toda a sabedoria que me foi compartilhada.

*“Como todas as demais, as línguas dos povos indígenas do Brasil são inteiramente adequadas à plena expressão individual e social no meio físico e social em que tradicionalmente têm vivido esses povos. Embora diferentes, elas compartilham do que todas as quase seis mil línguas do mundo têm em comum: são manifestações da mesma capacidade de comunicar-se pela linguagem. [...]”*  
Rodrigues (2002, p. 17)



## RESUMO

Esta tese apresenta os resultados de uma pesquisa linguística da língua Aruá, dedicada à sua documentação e descrição, objetivando apoiar estratégias de revitalização alinhadas às necessidades do povo Aruá residente nas Terras Indígenas Rio Branco e Rio Guaporé, no Vale do Guaporé (RO). A língua é classificada como pertencente à família linguística Mondé (Rodrigues, 1954, 1964, 1984, 1996; Moore, 2005; Rodrigues; Cabral, 2012). A língua Aruá encontra-se em situação de extrema vulnerabilidade, contando atualmente com apenas quatro falantes remanescentes. Diante desse quadro de obsolescência iminente, o presente trabalho priorizou o registro da língua e a realização de análises nos níveis fonológico, morfológico e morfossintático. A fundamentação teórica articula referenciais da fonologia estrutural (Pike, 1947), da fonética acústica (Ladefoged; Maddieson, 1995; Barbosa; Madureira, 2015) e dos estudos sobre estrutura silábica e sistemas tonais (Clements; Keyser, 1983; Yip, 2002; Hyman, 2006; Goldsmith, 1976). As análises morfológica, morfossintática e sintática seguem uma perspectiva tipológica funcional, baseada em Aikhenvald (2015), Dixon (2010a, 2010b, 2012), Haspelmath (2002), Shopen (2007a, 2007b, 2007c), Payne (2007), entre outros. O estudo dialoga com a literatura sobre o Tronco Tupí (Rodrigues, 1953, 1981, 1996; Rodrigues; Cabral, 2006, 2012; Cabral, 2001; Cabral *et al.*, 2012, 2014) e com descrições das demais línguas Mondé, como Ikõléej/Gavião, Suruí Paiter e Cinta Larga, que constituem importantes referências comparativas. O conjunto de dados inclui elicitación, narrativas e fala espontânea, reunindo materiais coletados em campo pelo autor e por outros pesquisadores (Cabral, 2016; Araya Pinto, s.d.). A relevância deste trabalho é dupla: para o povo Aruá, constitui um repositório fundamental de memória linguística e cultural, assegurando o acesso das futuras gerações à sua língua; para a linguística brasileira, oferece dados inéditos sobre uma língua Tupí-Mondé severamente ameaçada e sem estudos linguísticos prévios, preenchendo lacunas importantes na documentação de línguas indígenas e configurando um esforço pioneiro diante do iminente desaparecimento do Aruá.

**Palavras-chave:** Língua Aruá; Família Mondé; Tronco Tupí; Documentação linguística; Descrição linguística.

## RESUMEN

Esta tesis presenta los resultados de una investigación dedicada a la documentación y descripción de la lengua Aruá, con el objetivo de respaldar estrategias de revitalización alineadas con las necesidades del pueblo Aruá, que reside en las Tierras Indígenas Rio Branco y Rio Guaporé, en el Valle del Guaporé (RO). Clasificada dentro de la familia lingüística Mondé (Rodrigues, 1954, 1964, 1984, 1996; Moore, 2005; Rodrigues y Cabral, 2012), la lengua Aruá se encuentra en una situación de extrema vulnerabilidad y actualmente cuenta con solo cuatro hablantes. Ante esta situación de obsolescencia inminente, el presente trabajo priorizó el registro de la lengua, así como la realización de análisis en los niveles fonológico, morfológico y morfosintáctico. La fundamentación teórica integra aportes de la fonología estructural (Pike, 1947), de la fonética acústica (Ladefoged y Maddieson, 1995; Barbosa y Madureira, 2015) y de los estudios sobre estructura silábica y sistemas tonales (Goldsmith, 1976; Clements y Keyser, 1983; Yip, 2002; Hyman, 2006). Los análisis morfológico, morfosintáctico y sintáctico adoptan una perspectiva tipológico-funcional basada en Aikhenvald (2015), Dixon (2010a, 2010b, 2012), Haspelmath (2002), Shopen (2007a, 2007b, 2007c) y Payne (2007), entre otros. El estudio también se apoya en la literatura sobre el tronco Tupí (Rodrigues, 1953, 1981, 1996; Rodrigues y Cabral, 2006, 2012; Cabral, 2001; Cabral *et al.*, 2012, 2014) y en descripciones de otras lenguas Mondé, como Ikóléej/Gavião, Suruí Paiter y Cinta Larga, que constituyen importantes referencias comparativas. El conjunto de datos incluye sesiones de elicitación, narrativas y habla espontánea, reuniendo materiales recolectados en campo por el autor y por otros investigadores (Cabral, 2016; Araya Pinto, s. f.). La relevancia de este trabajo es doble: para el pueblo Aruá, constituye un importante repositorio de memoria lingüística y cultural que garantiza el acceso de las futuras generaciones a su lengua; para la lingüística brasileña, ofrece nuevos datos sobre la fonología, morfología, sintaxis y léxico de una lengua Tupí-Mondé gravemente amenazada, contribuyendo a llenar vacíos importantes en la documentación de lenguas indígenas y representando un esfuerzo pionero frente a la inminente desaparición del Aruá.

**Palabras clave:** lengua Aruá; familia Mondé; tronco Tupí; documentación lingüística; descripción lingüística.

## ABSTRACT

This thesis presents the results of a linguistic study dedicated to the documentation and description of the Aruá language, with the aim of supporting language revitalization strategies aligned with the needs of the Aruá people, who reside in the Rio Branco and Rio Guaporé Indigenous Lands in the Guaporé Valley (RO). Classified within the Mondé linguistic family (Rodrigues, 1954, 1964, 1984, 1996; Moore, 2005; Rodrigues and Cabral, 2012), the Aruá language is critically endangered, with only four remaining speakers. Faced with this context of imminent language loss, this linguistic study prioritizes the recording of the language, as well as conducting systematic analyses at the phonological, morphological, and morphosyntactic levels. The theoretical framework integrates contributions from structural phonology (Pike, 1947), acoustic phonetics (Ladefoged and Maddieson, 1995; Barbosa and Madureira, 2015), and studies on syllable structure and tonal systems (Goldsmith, 1976; Clements and Keyser, 1983; Yip, 2002; Hyman, 2006). The morphological, morphosyntactic, and syntactic analyses adopt a typological-functional perspective based on Aikhenvald (2015), Dixon (2010a, 2010b, 2012), Haspelmath (2002), Shopen (2007a, 2007b, 2007c), and Payne (2007). Furthermore, this research draws on the literature regarding the Tupí stock and descriptions of other Mondé languages, such as Ikóleej/Gavião, Suruí Paiter, and Cinta Larga, as essential comparative references. The dataset comprises elicitation sessions, narratives, and spontaneous speech, combining materials collected during fieldwork by the author and other researchers (Cabral, 2016; Araya Pinto, n.d.). The relevance of this linguistic work is twofold: for the Aruá people, it constitutes a vital repository of cultural and linguistic memory, ensuring future generations' access to their language; for Brazilian linguistics, it provides primary data on a severely endangered Tupí-Mondé language, filling critical gaps in the documentation of Indigenous languages and representing a pioneering effort against the imminent disappearance of Aruá.

**Keywords:** Aruá language; Mondé family; Tupí stock; linguistic documentation; linguistic description.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                                                  |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 1</b> – Mapa Elaborado por Snethlage .....                                                                             | 8  |
| <b>Figura 2</b> – Mapa dos povos indígenas de Rondônia elaborado por Cabral et al. (2018) .....                                  | 9  |
| <b>Figura 4</b> – Terras indígenas em que vive o povo Aruá.....                                                                  | 20 |
| <b>Figura 5</b> – Mapa do território etno-histórico do povo Aruá .....                                                           | 21 |
| <b>Figura 6</b> – Aruá e Makuráp .....                                                                                           | 28 |
| <b>Figura 7</b> – Flauta Aruá.....                                                                                               | 28 |
| <b>Figura 8</b> – Odete Aruá tocando flauta .....                                                                                | 29 |
| <b>Figura 9</b> – Cocar Aruá .....                                                                                               | 30 |
| <b>Figura 10</b> – Anízio Aruá confeccionando akape .....                                                                        | 31 |
| <b>Figura 11</b> – Padrões de pintura corporal masculina na região das costas .....                                              | 31 |
| <b>Figura 12</b> – Maloca Tradicional na TI Rio Branco registrada por Snethlage .....                                            | 32 |
| <b>Figura 13</b> – Moradia Aruá na aldeia Bahia da Coca .....                                                                    | 33 |
| <b>Figura 14</b> – Casa de chicha com cocho e pilão .....                                                                        | 34 |
| <b>Figura 15</b> – Mulheres preparando a fibra do tucum na TI Rio Branco .....                                                   | 35 |
| <b>Figura 16</b> – Roçado na TI Rio Guaporé .....                                                                                | 36 |
| <b>Figura 17</b> – Café Aruá.....                                                                                                | 38 |
| <b>Figura 18</b> – Diagrama da classificação interna da família linguística Mondé proposto por Moore. ....                       | 39 |
| <b>Figura 19</b> – Diagrama da classificação interna da família linguística Mondé proposto por Silva .....                       | 41 |
| <b>Figura 20</b> – Imagem do manuscrito atribuído a Caspar .....                                                                 | 42 |
| <b>Figura 21</b> – Imagem da lista de palavras de Emil Snethlage.....                                                            | 43 |
| <b>Figura 22</b> – Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra [íí] ‘água’ .....                    | 91 |
| <b>Figura 23</b> – Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra [ájítírip] ‘panela’ .....            | 91 |
| <b>Figura 24</b> – Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra [tsóp] ‘sêmen’ .....                 | 92 |
| <b>Figura 25</b> – Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra [ᵑgàlà] ‘mata’ .....                 | 93 |
| <b>Figura 26</b> – Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra [bàbè] ‘minha mão’ .....             | 93 |
| <b>Figura 27</b> – Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra da palavra [ᵑgìít] ‘sal’ .....       | 94 |
| <b>Figura 28</b> – Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra [ᵑdō] ‘serra’ .....                  | 94 |
| <b>Figura 29</b> – Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra [ᵑgat pī] ‘céu’ .....                | 95 |
| <b>Figura 30</b> – Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra [ᵑbitᵑᵑᵑ] ‘jirau’ .....              | 96 |
| <b>Figura 31</b> – Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra [ᵑbik ᵑbīk] ‘espécie de nambu’ ..... | 96 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                                             |     |
|-----------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Quadro 1</b> - Termos de parentesco em Aruá .....                        | 27  |
| <b>Quadro 2</b> - Inventário fonético das consoantes da língua Aruá .....   | 46  |
| <b>Quadro 3</b> - Inventário fonético das vogais do Aruá .....              | 59  |
| <b>Quadro 4</b> - Inventário fonológico das consoantes da língua Aruá ..... | 74  |
| <b>Quadro 5</b> - Inventário fonológico das vogais da língua Aruá .....     | 75  |
| <b>Quadro 6</b> - Consoantes .....                                          | 102 |
| <b>Quadro 7</b> - Vogais orais .....                                        | 104 |
| <b>Quadro 8</b> - As vogais nasais .....                                    | 104 |
| <b>Quadro 9</b> - Prefixos pessoais da Língua Aruá.....                     | 107 |
| <b>Quadro 10</b> - Marcadores de pessoa na família Mondé.....               | 110 |
| <b>Quadro 11</b> - Morfemas atenuativos na família Mondé .....              | 115 |
| <b>Quadro 12</b> - Morfemas coletivizadores na família Mondé .....          | 120 |
| <b>Quadro 13</b> - Adjetivos em Aruá .....                                  | 140 |
| <b>Quadro 14</b> - Numerais em Aruá .....                                   | 143 |
| <b>Quadro 15</b> - Pronomes pessoais .....                                  | 155 |
| <b>Quadro 16</b> - Interjeições em Aruá.....                                | 160 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|                                                                                                  |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Gráfico 1</b> – Espectro de Potência (FFT) com Envelope Espectral (LPC) dos fones [a] e [ã] . | 68  |
| <b>Gráfico 2</b> – Espectro de Potência (FFT) com Envelope Espectral (LPC) dos fones [o] e [ô] . | 69  |
| <b>Gráfico 3</b> – Duração das vogais.....                                                       | 70  |
| <b>Gráfico 4</b> – Espaço vocálico de falante masculino (AA) .....                               | 72  |
| <b>Gráfico 5</b> – Espaço vocálico de falante feminina (HA)////: .....                           | 73  |
| <b>Gráfico 6</b> – Espaço acústico de um falante masculino (AA) e feminino (HA) .....            | 74  |
| <b>Gráfico 7</b> – Contraste tonal entre [wõʔaapʔ] ‘flauta’ e [wõʔaapʔ] ‘pênis’ .....            | 97  |
| <b>Gráfico 8</b> – Contraste tonal entre [tsàgà] ‘matar’ e [tsaɡà] ‘junto a’ .....               | 97  |
| <b>Gráfico 9</b> – Contraste tonal entre [tigi] ‘seiva’ e [tigi] ‘derrubar’ .....                | 98  |
| <b>Gráfico 10</b> – Contraste tonal entre /ká/ ‘locativo’ e /ka/ ‘ir’ .....                      | 99  |
| <b>Gráfico 11</b> – Contraste tonal entre [káp] ‘semente’ e [kap] ‘gordura’ .....                | 100 |
| <b>Gráfico 12</b> – Duração (ms) .....                                                           | 101 |
| <b>Gráfico 13</b> – Ênfase espectral (SE).....                                                   | 101 |

## LISTA DE SIGLAS

|                |                                                                          |
|----------------|--------------------------------------------------------------------------|
| \$             | Sílaba                                                                   |
| ARX            | Língua Aruá                                                              |
| C              | Consoante                                                                |
| F0             | Frequência Fundamental                                                   |
| F1             | Primeiro Formante                                                        |
| F2             | Segundo Formante                                                         |
| FFT            | <i>Fast Fourier Transform</i>                                            |
| FUNAI          | Fundação Nacional dos Povos Indígenas                                    |
| IBGE           | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                          |
| IFB            | Instituto Federal de Educação Técnica e Tecnologia de Brasília           |
| INCRA          | Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária                      |
| L              | Intensidade Global                                                       |
| L <sub>0</sub> | Intensidade Filtrada                                                     |
| LALLI          | Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas Aryon Dall'igna Rodrigues |
| LPC            | <i>Linear Predictive Coding</i>                                          |
| MS             | Milissegundos                                                            |
| P. I           | Posto Indígena                                                           |
| RO             | Rondônia                                                                 |
| SE             | Ênfase Espectral                                                         |
| SPI            | Serviço de Proteção ao Índio                                             |
| T.I            | Terra Indígena                                                           |
| TBU            | <i>Tone-Bearing Unit</i>                                                 |
| UnB            | Universidade de Brasília                                                 |
| UNESCO         | Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura     |
| UNIR           | Universidade Federal de Rondônia                                         |
| V              | Vogal                                                                    |

## LISTA DE GLOSSAS

|          |                                             |
|----------|---------------------------------------------|
| 1        | primeira pessoa                             |
| 2        | segunda pessoa                              |
| 3        | terceira pessoa                             |
| 1SG      | primeira pessoa do singular                 |
| 2SG      | segunda pessoa do singular                  |
| 1PL.INCL | primeira pessoa do plural inclusiva         |
| 1PL.EXCL | primeira pessoa do plural exclusiva         |
| 2PL      | segunda pessoa do plural                    |
| 3CORR    | terceira pessoa correferencial              |
| ABL      | ablativo                                    |
| ACUS     | acusativo                                   |
| ALL      | alativo / diretivo                          |
| ASS      | associativo                                 |
| ATT      | atenuativo                                  |
| AUX      | auxiliar                                    |
| CL       | classificador nominal                       |
| CL:CAV   | classificador nominal de cavidade /côncavos |
| CL:CIL   | classificador nominal de cilíndricos        |
| CL:CIRC  | classificador nominal de circunscritos      |
| CL:LIQ   | classificador nominal de líquidos           |
| CL:PLAN  | classificador nominal de planos / achatados |
| CL:PÓ    | classificador nominal de pó                 |
| CL:SEM   | classificador nominal de semente            |
| COL      | coletivizador                               |
| COM      | comitativo                                  |
| COP      | cópula                                      |
| CORR     | correferencial                              |
| DAT      | dativo / afetivo                            |
| DET      | determinante                                |
| FOC      | foco                                        |



|           |                                |
|-----------|--------------------------------|
| IMP       | imperativo                     |
| IMPERF    | imperfectivo                   |
| INSTR     | instrumentivo                  |
| INT       | intensivo                      |
| INTERR    | interrogativo                  |
| LOC       | locativo                       |
| M.POSS    | mediador de posse              |
| NMLZ.AG   | nominalizador de agente        |
| NMLZ.CIRC | nominalizador de circunstância |
| NMLZ.PAC  | nominalizador de paciente      |
| NEG       | negação                        |
| PERF      | perfectivo                     |
| PL        | plural                         |
| POSS      | possessivo                     |
| PROJ      | projetivo                      |
| SG        | singular                       |

## SUMÁRIO

|                                                                              |    |
|------------------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO .....                                                             | 1  |
| Justificativa .....                                                          | 1  |
| Objetivo geral .....                                                         | 3  |
| Objetivos específicos .....                                                  | 3  |
| Enquadramento teórico e metodológico .....                                   | 3  |
| Metodologia .....                                                            | 4  |
| Organização dos dados .....                                                  | 5  |
| Uso de ferramentas digitais e inteligência artificial.....                   | 5  |
| Organização da tese .....                                                    | 6  |
| 1 O POVO ARUÁ.....                                                           | 7  |
| 1.1 A terra natal dos povos Tupí.....                                        | 7  |
| 1.2 A ocupação do Vale do Guaporé.....                                       | 9  |
| 1.3 O contato e a exploração seringueira.....                                | 11 |
| 1.4 Entre o extermínio e a resistência.....                                  | 14 |
| 1.4.1 A Tutela estatal e a sobrevivência Aruá .....                          | 14 |
| 1.4.2 A luta pela demarcação.....                                            | 18 |
| 1.4.3 Território tradicional .....                                           | 20 |
| 1.5 Universo cultural e social Aruá .....                                    | 21 |
| 1.5.1 Complexo Cultural do Marico .....                                      | 21 |
| 1.5.2 Cosmologia.....                                                        | 22 |
| 1.5.3 Os donos das coisas .....                                              | 23 |
| 1.5.4 Pajés e novas lideranças religiosas .....                              | 24 |
| 1.5.5 Morte natural e a integração no ciclo da vida.....                     | 25 |
| 1.6 Organização social: clãs, parentesco e transmissão do conhecimento ..... | 26 |
| 1.6.1 Transmissão do conhecimento .....                                      | 27 |
| 1.7 Estética e adornos: grafismos, pintura corporal e música .....           | 28 |
| 1.7.1 Música e dança Aruá .....                                              | 28 |
| 1.7.2 Artefatos e técnicas.....                                              | 29 |
| 1.7.3 Pintura corporal .....                                                 | 31 |

|            |                                                                       |    |
|------------|-----------------------------------------------------------------------|----|
| 1.7.4      | Maloca .....                                                          | 32 |
| 1.8        | Práticas sociais de coesão: o marico e a chicha.....                  | 33 |
| 1.8.1      | A chica.....                                                          | 33 |
| 1.8.2      | O marico .....                                                        | 34 |
| 1.9        | Subsistência e economia de mercado .....                              | 35 |
| 1.9.1      | Alimentação.....                                                      | 35 |
| 1.9.2      | Economia .....                                                        | 37 |
| 1.10       | A língua Aruá: família, registros e vitalidade .....                  | 38 |
| 1.10.1     | Família Linguística Mondé.....                                        | 39 |
| 1.10.2     | Registros sobre a língua Aruá.....                                    | 41 |
| 1.11       | Panorama sociolinguístico da língua aruá .....                        | 43 |
| 1.12       | Considerações finais .....                                            | 44 |
| 2          | FONOLOGIA DA LÍNGUA ARUÁ .....                                        | 46 |
| 2.1        | Descrição dos fones consonantais .....                                | 46 |
| 2.1.1      | Descrição dos ambientes de ocorrência dos segmentos consonantais..... | 46 |
| 2.1.1.1    | <b>Consoantes oclusivas</b> .....                                     | 47 |
| 2.1.1.1.1  | [p] oclusiva bilabial surda .....                                     | 47 |
| 2.1.1.1.2  | [p̚] oclusiva bilabial surda não explodida .....                      | 47 |
| 2.1.1.1.3  | [t] oclusiva alveolar surda .....                                     | 48 |
| 2.1.1.1.4  | [t̚] oclusiva alveolar surda não explodida .....                      | 48 |
| 2.1.1.1.5  | [k] oclusiva velar surda .....                                        | 48 |
| 2.1.1.1.6  | [k̚] oclusiva velar surda não explodida .....                         | 49 |
| 2.1.1.1.7  | [ʔ] oclusiva glotal surda.....                                        | 49 |
| 2.1.1.1.8  | [b] oclusiva bilabial sonora .....                                    | 50 |
| 2.1.1.1.9  | [ᵐb] oclusiva bilabial pré-nasalizada.....                            | 50 |
| 2.1.1.1.10 | [d] oclusiva alveolar sonora .....                                    | 51 |
| 2.1.1.1.11 | [ᵐd] oclusiva alveolar pré-nasalizada .....                           | 51 |
| 2.1.1.1.12 | [g] oclusiva velar sonora .....                                       | 51 |
| 2.1.1.1.13 | [ᵑg] oclusiva velar sonora pré-nasalizada .....                       | 52 |
| 2.1.1.2    | <b>Consoantes africadas</b> .....                                     | 52 |
| 2.1.1.2.1  | [ts] africada alveolar surda .....                                    | 52 |
| 2.1.1.2.2  | [tʃ] africada alveolopalatal surda .....                              | 52 |
| 2.1.1.2.3  | [dz] africada alveolar sonora .....                                   | 53 |

|                |                                                                        |           |
|----------------|------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 2.1.1.2.4      | [dʒ] africada alveolopalatal sonora .....                              | 53        |
| 2.1.1.2.5      | [ <sup>n</sup> dʒ] africada alveolopalatal sonora pré-nasalizada ..... | 53        |
| <b>2.1.1.3</b> | <b>Consoantes fricativas .....</b>                                     | <b>53</b> |
| 2.1.1.3.1      | [s] fricativa alveolar surda .....                                     | 53        |
| 2.1.1.3.2      | [z] fricativa alveolar sonora .....                                    | 54        |
| 2.1.1.3.3      | [ɣ] fricativa velar sonora .....                                       | 54        |
| 2.1.1.3.4      | [β] fricativa bilabial sonora .....                                    | 55        |
| 2.1.1.3.5      | [v] fricativa labiodental sonora .....                                 | 55        |
| <b>2.1.1.4</b> | <b>Consoantes nasais .....</b>                                         | <b>55</b> |
| 2.1.1.4.1      | [m] nasal labial .....                                                 | 55        |
| 2.1.1.4.2      | [n] nasal alveolar .....                                               | 55        |
| 2.1.1.4.3      | [ɲ] nasal alveolopalatal .....                                         | 56        |
| 2.1.1.4.4      | [ŋ] nasal velar .....                                                  | 56        |
| <b>2.1.1.5</b> | <b>Consoantes aproximantes .....</b>                                   | <b>56</b> |
| 2.1.1.5.1      | [w] aproximante labial .....                                           | 56        |
| 2.1.1.5.2      | [w̃] aproximante labial nasalizada .....                               | 57        |
| 2.1.1.5.3      | [j] aproximante palatal .....                                          | 57        |
| 2.1.1.5.4      | [j̃] aproximante palatal nasalizada .....                              | 57        |
| <b>2.1.1.6</b> | <b>Consoante flepe .....</b>                                           | <b>58</b> |
| 2.1.1.6.1      | [r] flepe alveolar .....                                               | 58        |
| 2.1.1.6.2      | [l] flepe lateral alveolar .....                                       | 58        |
| <b>2.1.1.7</b> | <b>Consoante lateral .....</b>                                         | <b>58</b> |
| 2.1.1.7.1      | [l] lateral alveolar sonora .....                                      | 58        |
| <b>2.2</b>     | <b>Descrição das vogais orais .....</b>                                | <b>59</b> |
| 2.2.1          | Fones vocálicos orais .....                                            | 59        |
| 2.2.1.1        | [a] vogal central baixa breve oral .....                               | 59        |
| 2.2.1.2        | [ɛ] vogal anterior média aberta breve oral .....                       | 60        |
| 2.2.1.3        | [e] vogal anterior média fechada breve oral .....                      | 60        |
| 2.2.1.4        | [i] vogal anterior alta não-arredondada breve oral .....               | 60        |
| 2.2.1.5        | [i̞] vogal central alta não arredondada breve oral .....               | 61        |
| 2.2.1.6        | [u] vogal central fechada arredondada breve oral .....                 | 61        |
| 2.2.1.7        | [o] vogal posterior média fechada breve oral .....                     | 61        |
| 2.2.1.8        | [ɔ] vogal posterior média aberta breve oral .....                      | 61        |
| 2.2.1.9        | [u] vogal posterior alta arredondada breve oral .....                  | 62        |
| 2.2.2          | Fones vocálicos orais longos .....                                     | 62        |
| 2.2.2.1        | [aa] vogal baixa aberta central longa oral .....                       | 62        |
| 2.2.2.2        | [ii] vogal anterior alta não-arredondada longa oral .....              | 62        |
| 2.2.2.3        | [ɛɛ] vogal anterior média aberta longa oral .....                      | 63        |
| 2.2.2.4        | [oo] vogal posterior média fechada longa oral .....                    | 63        |

|         |                                                                  |    |
|---------|------------------------------------------------------------------|----|
| 2.2.2.5 | [ĩ] vogal central alta não arredonda longa oral .....            | 63 |
| 2.2.3   | Fones orais nasais .....                                         | 63 |
| 2.2.3.1 | [ã] vogal central baixa breve nasal.....                         | 63 |
| 2.2.3.2 | [õ] vogal central média breve nasal.....                         | 64 |
| 2.2.3.3 | [ẽ] vogal anterior média aberta breve nasal.....                 | 64 |
| 2.2.3.4 | [ē] vogal anterior média fechada breve nasal .....               | 64 |
| 2.2.3.5 | [ō] vogal posterior semifechada breve nasal .....                | 65 |
| 2.2.3.6 | [ī] vogal anterior alta não arredondada breve nasal.....         | 65 |
| 2.2.3.7 | [ī] vogal central alta não arredondada breve nasal.....         | 65 |
| 2.2.3.8 | [ū] vogal posterior alta arredondada breve nasal .....           | 66 |
| 2.2.4   | Fones vocálicos orais nasais longos .....                        | 66 |
| 2.2.4.1 | [ĩĩ] vogal central média fechada longa nasal.....                | 66 |
| 2.2.4.2 | [ẽẽ] vogal anterior média aberta longa nasal .....               | 66 |
| 2.2.4.3 | [ēē] vogal anterior média fechada longa nasal.....               | 66 |
| 2.2.4.4 | [īī] anterior alta não arredondada longa nasal .....             | 66 |
| 2.2.4.5 | [ōō] vogal posterior média fechada arredondada longa nasal.....  | 67 |
| 2.2.4.6 | [ūū] vogal central alta fechada não arredondada longa nasal..... | 67 |
| 2.3     | Análise fonética acústica experimental .....                     | 67 |
| 2.3.1   | Contraste entre vogais orais e nasais .....                      | 67 |
| 2.3.1.1 | Contraste entre [a] e [ã].....                                   | 67 |
| 2.3.1.2 | Contraste de [o] e [ō] .....                                     | 68 |
| 2.3.2   | Análise da duração vocálica: vogais longas vs. curtas .....      | 69 |
| 2.3.3   | Espaço vocálico da língua Aruá .....                             | 71 |
| 2.3.3.1 | Espaço vocálico individual (falante masculino AA) .....          | 71 |
| 2.3.3.2 | Espaço vocálico individual (falante feminina HA) .....           | 72 |
| 2.3.3.3 | Comparação entre falantes .....                                  | 73 |
| 2.4     | Análise fonológica.....                                          | 74 |
| 2.4.1   | Pares mínimos e análogos consonantais.....                       | 75 |
| 2.4.2   | Pares mínimos e análogos vocálicos .....                         | 78 |
| 2.4.2.1 | Contraste entre vogais orais breves .....                        | 78 |
| 2.4.2.2 | Contraste entre vogais orais e nasais breves .....               | 79 |
| 2.4.2.3 | Contraste entre vogais orais breves e longas.....                | 79 |
| 2.4.2.4 | Contraste entre as vogais nasais breves e longas .....           | 80 |
| 2.5     | Fonemas e respectivos alofones .....                             | 81 |
| 2.5.1   | Distribuição Complementar.....                                   | 81 |
| 2.5.1.1 | Oclusivos Surdos (/p/, /t/, /k/).....                            | 81 |
| 2.5.1.2 | Fonema /ts/ .....                                                | 82 |
| 2.5.2   | Variação livre .....                                             | 83 |
| 2.5.2.1 | Pré-nasalização de consoantes oclusivas sonoras .....            | 83 |
| 2.5.2.2 | Fonema /w/ .....                                                 | 83 |
| 2.5.2.3 | Fonema /g/ .....                                                 | 83 |
| 2.5.2.4 | Fonema /l/ .....                                                 | 84 |
| 2.5.2.5 | Fonema /ã/ .....                                                 | 84 |

|         |                                                                          |     |
|---------|--------------------------------------------------------------------------|-----|
| 2.5.2.6 | <b>Fonema /ẽ/</b> .....                                                  | 84  |
| 2.5.2.7 | <b>Fonema /õ/</b> .....                                                  | 84  |
| 2.5.2.8 | <b>Fonema /o/</b> .....                                                  | 85  |
| 2.6     | Processos fonológicos .....                                              | 85  |
| 2.6.1   | Lenização do fonema /t/ .....                                            | 85  |
| 2.6.2   | Propagação de vozeamento .....                                           | 85  |
| 2.6.2.1 | <b>Oclusivas surdas (p, t, k)</b> .....                                  | 85  |
| 2.6.2.2 | <b>Vozeamento do Fonema /tʃ/</b> .....                                   | 86  |
| 2.6.3   | Nasalização .....                                                        | 86  |
| 2.6.3.1 | <b>Propagação localizada da direita para a esquerda</b> .....            | 86  |
| 2.6.3.2 | <b>Propagação localizada da esquerda para a direita</b> .....            | 87  |
| 2.6.3.3 | <b>Propagação bidirecional</b> .....                                     | 87  |
| 2.7     | Estrutura silábica .....                                                 | 87  |
| 2.7.1.1 | <b>Padrões Silábicos</b> .....                                           | 88  |
| 2.7.2   | Tom .....                                                                | 89  |
| 2.7.2.1 | <b>Tom alto</b> .....                                                    | 90  |
| 2.7.2.2 | <b>Tom baixo</b> .....                                                   | 92  |
| 2.7.2.3 | <b>Tom de contorno ascendente</b> .....                                  | 93  |
| 2.7.2.4 | <b>Tom de contorno decrescente</b> .....                                 | 95  |
| 2.7.2.5 | <b>Pares mínimos tonais</b> .....                                        | 96  |
| 2.7.3   | Proeminência Silábica: correlatos acústicos e a natureza do acento ..... | 100 |
| 2.8     | Proposta de grafia .....                                                 | 102 |
| 2.9     | Considerações finais .....                                               | 105 |
| 3       | <b>MORFOLOGIA DA LÍNGUA ARUÁ</b> .....                                   | 106 |
| 3.1     | Nomes .....                                                              | 106 |
| 3.1.1   | Nomes relativos .....                                                    | 106 |
| 3.1.1.1 | <b>Partes do corpo humano</b> .....                                      | 107 |
| 3.1.1.2 | <b>Relações de parentesco</b> .....                                      | 109 |
| 3.1.1.3 | <b>Artefatos culturais</b> .....                                         | 109 |
| 3.1.2   | Nomes absolutos .....                                                    | 110 |
| 3.1.2.1 | <b>Nomes absolutos com mediador de posse</b> .....                       | 110 |
| 3.1.2.2 | <b>Nomes absolutos</b> .....                                             | 112 |
| 3.2     | Estrutura interna dos nomes .....                                        | 113 |
| 3.2.1   | Atenuativo <i>-it</i> .....                                              | 113 |
| 3.2.2   | Intensivo/Aumentativo <i>-tii</i> .....                                  | 115 |
| 3.2.3   | Coletivizador <i>-ej</i> .....                                           | 117 |
| 3.2.4   | Classificadores nominais .....                                           | 120 |
| 3.2.4.1 | <b>Classificador <i>-ʔaa</i></b> .....                                   | 120 |
| 3.2.4.2 | <b>Classificador <i>-ʔap</i></b> .....                                   | 126 |

|         |                                                          |     |
|---------|----------------------------------------------------------|-----|
| 3.2.4.3 | <b>Classificador -pɛ</b>                                 | 130 |
| 3.2.4.4 | <b>Classificador -kap</b>                                | 132 |
| 3.2.4.5 | <b>Classificador -kom</b>                                | 135 |
| 3.2.4.6 | <b>Classificador tfii ~ dzii</b>                         | 136 |
| 3.2.4.7 | <b>Classificador ta (poo)</b>                            | 138 |
| 3.3     | Adjetivos                                                | 140 |
| 3.4     | Numerais                                                 | 143 |
| 3.5     | Verbos                                                   | 144 |
| 3.5.1   | Nominalização                                            | 145 |
| 3.5.1.1 | <b>Nominalizador de agente (-t)</b>                      | 145 |
| 3.5.1.2 | <b>Nominalizador de paciente (-dɛ)</b>                   | 146 |
| 3.5.1.3 | <b>Nominalizador de circunstância e instrumento (-p)</b> | 146 |
| 3.5.2   | Modificadores verbais                                    | 147 |
| 3.5.3   | Modificadores temporais                                  | 148 |
| 3.5.4   | Modificadores de modo e intensidade                      | 148 |
| 3.5.5   | Modificadores locativos                                  | 149 |
| 3.6     | Posposições                                              | 150 |
| 3.6.1   | Associativo <i>ta</i>                                    | 150 |
| 3.6.2   | Alativo / Diretivo <i>koj</i>                            | 151 |
| 3.6.3   | Ablativo <i>pi</i>                                       | 151 |
| 3.6.4   | Locativo <i>bi</i>                                       | 152 |
| 3.6.5   | Locativo Pontual <i>ká</i>                               | 152 |
| 3.6.6   | Instrumentivo <i>mi</i>                                  | 152 |
| 3.6.7   | Dativo                                                   | 153 |
| 3.6.8   | Dativo/ Beneficiário <i>kabi ~ gabi</i>                  | 154 |
| 3.6.9   | Perlatoivo <i>tota</i>                                   | 154 |
| 3.7     | Pronomes                                                 | 154 |
| 3.7.1   | Pronomes pessoais                                        | 155 |
| 3.7.2   | Interrogativo                                            | 156 |
| 3.7.3   | Demonstrativos                                           | 156 |
| 3.7.3.1 | <b>Proximal <i>ãã</i></b>                                | 156 |
| 3.7.3.2 | <b>Distal <i>ara</i></b>                                 | 157 |
| 3.8     | Partículas                                               | 157 |
| 3.8.1   | Partícula interrogativa                                  | 157 |
| 3.8.2   | Partícula de negação                                     | 158 |
| 3.8.3   | Projetiva                                                | 158 |

|         |                                                           |            |
|---------|-----------------------------------------------------------|------------|
| 3.8.4   | Exortativa .....                                          | 159        |
| 3.8.5   | Partícula de foco .....                                   | 159        |
| 3.9     | Interjeições .....                                        | 160        |
| 3.10    | Processos de formação de palavras .....                   | 160        |
| 3.10.1  | Reduplicação .....                                        | 160        |
| 3.10.2  | Composição Lexical .....                                  | 161        |
| 3.11    | Empréstimos e neologismos .....                           | 162        |
| 3.12    | Considerações Finais do Capítulo .....                    | 163        |
| 4       | MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA ARUÁ .....                        | 164        |
| 4.1     | Estrutura argumental dos nomes, verbos e posposições..... | 164        |
| 4.1.1   | O Sintagma Nominal (SN) .....                             | 164        |
| 4.1.2   | Sintagma posposicional (SP).....                          | 164        |
| 4.1.3   | A estrutura argumental verbal: (SVintr) e (OVtrans).....  | 165        |
| 4.2     | Os predicados .....                                       | 165        |
| 4.2.1   | Predicados nominais .....                                 | 165        |
| 4.2.1.1 | <b>Predicados atributivos/estativos.....</b>              | <b>166</b> |
| 4.2.1.2 | <b>Predicados locativos .....</b>                         | <b>167</b> |
| 4.2.1.3 | <b>Predicados declarativos/atributivos.....</b>           | <b>167</b> |
| 4.2.1.4 | <b>Predicados existenciais .....</b>                      | <b>168</b> |
| 4.3     | Sistema de alinhamento .....                              | 169        |
| 4.3.1   | Alinhamento em orações intransitivas.....                 | 169        |
| 4.3.2   | Alinhamento em orações transitivas (A) e (O).....         | 170        |
| 4.3.3   | Particularidades da terceira pessoa .....                 | 172        |
| 4.3.4   | Voz verbal e mudança de valência .....                    | 172        |
| 4.3.4.1 | <b>Causativo mã.....</b>                                  | <b>172</b> |
| 4.4     | Aspecto verbal .....                                      | 173        |
| 4.4.1   | Imperfectivo .....                                        | 173        |
| 4.4.2   | Perfectivo.....                                           | 174        |
| 4.4.3   | Projetivo .....                                           | 176        |
| 4.5     | Modo.....                                                 | 176        |
| 4.5.1   | Modo exortativo .....                                     | 176        |
| 4.5.2   | Modo imperativo .....                                     | 177        |
| 4.6     | Auxiliar <i>ka</i> .....                                  | 178        |



|       |                                                               |     |
|-------|---------------------------------------------------------------|-----|
| 4.7   | Ordem dos constituintes .....                                 | 180 |
| 4.7.1 | Ordem OVS em sentenças transitivas .....                      | 180 |
| 4.7.2 | Ordem SV em sentenças intransitivas .....                     | 182 |
| 4.7.3 | Variações de ordem por motivação pragmática .....             | 183 |
| 4.7.4 | Ordem SOV com marcação de foco de sujeito.....                | 183 |
| 4.7.5 | Marcação de foco do Objeto (O) em Sentenças Transitivas ..... | 183 |
| 4.7.6 | Marcação de foco de Sujeito em sentenças intransitivas.....   | 184 |
| 4.7.7 | Modificadores adverbiais de predicados .....                  | 184 |
| 4.7.8 | Sintagmas Posposicionais (SP).....                            | 185 |
| 4.8   | Perguntas polares.....                                        | 186 |
| 4.8.1 | Interrogativas informacionais .....                           | 187 |
| 4.9   | Negação em Aruá .....                                         | 188 |
| 4.10  | Sistema de concordância de número .....                       | 189 |
| 4.11  | Considerações Finais .....                                    | 190 |
| 5     | CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                     | 192 |
| 6     | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....                              | 194 |
|       | APÊNDICE A .....                                              | 201 |
|       | APÊNDICE B – Medidas acústicas das vogais (Falante AA).....   | 203 |
|       | Apêndice C - <i>Scripts</i> em R .....                        | 205 |

## INTRODUÇÃO

Esta tese de doutorado apresenta a primeira proposta de documentação e estudo descritivo da língua Aruá, classificada como pertencente à família linguística Mondé por Rodrigues (1954, 1964, 1984, 1996), Moore (2005) e Rodrigues e Cabral (2012), ao lado das línguas Ikóléej (Gavião), Zoró, Cinta Larga, Salamãj e Suruí Paiter. O objetivo deste trabalho é reunir documentação linguística e etnográfica e descrever aspectos fonológicos, morfológicos e morfossintáticos dessa língua.

A língua Aruá encontra-se em situação crítica de vitalidade, conforme a classificação da UNESCO (2003) conforme a gravidade de risco de extinção, uma vez que restam apenas quatro falantes do povo Aruá com idades entre 68 e 92 anos, os quais a têm como língua materna. Esses falantes residem nas Terras Indígenas Rio Branco e Rio Guaporé, situadas no Vale do Rio Guaporé, no estado de Rondônia.

Os povos indígenas Aruá, Arikapú, Djeoromitxí, Makuráp, Tuparí e Wajurú ocupavam tradicionalmente a região dos rios Branco e Colorado, afluentes do Guaporé, parte de cada um dos quais foram deslocados para a TI Rio Guaporé nas décadas de 1940 e 1970. Esses povos compartilham elementos de cultura material, cosmologia e organização social, resultantes de relações interétnicas que configuram um complexo cultural bem definido denominado por Maldí (1991) como “Complexo Cultural do Marico”.

Esta tese não apenas inaugura os estudos descritivos da língua Aruá, mas também busca contribuir com estratégias para a sua revitalização, sendo referência para a elaboração de materiais didáticos e realização de oficinas de ensino da língua. Em articulação com os esforços de ativistas da própria comunidade, o trabalho visa resgatar aspectos da língua originária contribuindo para sua preservação e memória viva para as gerações presentes e futuras.

### Justificativa

Em fevereiro de 2022, a colega de doutorado Letícia de Souza Aquino, pesquisadora da língua Kanoé, convidou-me para participar de um projeto voltado à salvaguarda linguística e cultural dos povos Aruá e Kanoé, financiado pelo Fundo Casa Socioambiental. As atividades do projeto ocorreram na aldeia São Luís, situada na Terra Indígena Rio Branco, no município de Alta Floresta d'Oeste, estado de Rondônia.

Durante o levantamento bibliográfico para a execução das ações em campo, constatou-se que, apesar da existência de listas de palavras elaboradas por exploradores e etnógrafos que visitaram o povo Aruá entre as décadas de 1930 e 1950, bem como de dados linguísticos coletados por alguns pesquisadores, não há nenhum trabalho de sistematização linguística da língua Aruá. Há apenas estudos de natureza histórico-comparativa sobre a família linguística Mondé que fazem o uso de dados lexicais da língua Aruá, como os estudos de Moore (2005), Silva (2013) e Galúcio et al. (2015) sobre o Tronco Tupí, nos quais se incluem lista de palavras da língua Aruá.

Diante da carência de documentação sistemática da língua Aruá, as lideranças do povo Anízio Aruá e Edmar Aruá solicitaram minha colaboração para documentar a língua, propor um sistema de grafia e preparar materiais didáticos para o seu ensino nas escolas das aldeias. Aceitei prontamente o convite, sobretudo pela disposição das lideranças em contribuir com os dados de que ainda se lembram, além de registros mantidos por outras pessoas e que se encontram sob sua guarda.

Atualmente, na Terra Indígena Rio Branco, apenas o octogenário Anízio Aruá fala a língua de seu povo. Apesar disso, observa-se interesse entre alguns jovens Aruá e professores indígenas, como Edmar Aruá (cacique) e Gaudino Aruá, que atuam na escola indígena da aldeia São Luís, em revitalizar a língua originária de seu povo. Esse interesse torna-se ainda mais significativo diante do status crítico da língua Aruá, considerada uma das mais ameaçadas tanto na TI Rio Branco quanto na TI Rio Guaporé.

Na TI Rio Guaporé, restam apenas três falantes: Valdir Aruá e Odete Aruá, que residem na aldeia Bahia da Coca e se esforçam para incentivar os mais jovens a aprender a língua, e Luiz Aruá, que vive na aldeia Mata Verde. Essa situação reforça o grave risco de desaparecimento da língua Aruá nas próximas gerações.

Considerando a situação sociolinguística da língua Aruá, tratava-se de um trabalho urgente, de grande importância tanto para o povo Aruá quanto para os estudos linguísticos sobre as línguas indígenas brasileiras, seja na perspectiva descritiva, seja na histórico-comparativa. Do ponto de vista linguístico, tornava-se fundamental reunir dados lexicais, fonológicos, morfológicos, morfossintáticos e sintáticos que permitissem compreender o estado dessa língua que vinha perdendo sua vitalidade, bem como analisar sua organização interna comparando com as demais línguas da família Mondé, uma vez que a relevância do estudo também se estende à compreensão da diversificação interna da família Mondé. Nessa perspectiva, havia a

possibilidade de identificar, no Aruá, traços conservadores que pudessem contribuir para explicar mudanças observadas em outras línguas dessa família.

#### Objetivo geral

O presente estudo tem como objetivo geral documentar e realizar uma descrição linguística sistemática da língua Aruá.

#### Objetivos específicos

Os objetivos específicos deste estudo consistiram em: a) compilar a bibliografia existente sobre o povo Aruá, sua língua e sua cultura, com vistas a organização de um acervo a serviço de sua preservação enquanto patrimônio imemorial do povo Aruá; b) coletar a mais ampla gama possível de dados linguísticos da língua Aruá junto aos seus últimos falantes; c) desenvolver uma análise fonêmica da língua Aruá, que servisse de base para uma proposta de escrita da língua; d) realizar uma análise das classes de palavra da língua Aruá, dos tipos de predicados, dos processos de parataxe e hipotaxe, das expressões de modo, aspecto, modalidade e negação, e dos processos de aumento e diminuição de valência, entre outros; e) foco especial foi dado ao estudo dos classificadores da língua Aruá.

#### Enquadramento teórico e metodológico

Esta tese foi construída em uma perspectiva tipológica e funcional, abordagem particularmente útil para a descrição e comparação de línguas nos estudos sobre línguas indígenas brasileiras, e que tem perfilado os estudos descritivos sobre línguas do Tronco Tupí.

A análise fonêmica fundamentou-se nos pressupostos teóricos e metodológicos de análise fonêmica propostos por Pike (1947) e se apoiou nos estudos de Ladefoged e Maddieson (1995) sobre os sons das línguas do mundo, além de incorporar contribuições complementares de Barbosa e Madureira (2015) no campo da fonética acústica e de Clements e Keyser (1983) em relação a estrutura silábica e em Yip (2002), Hyman (2006) e Goldsmith (1976) na análise dos tons da língua Aruá.

No que se refere à descrição morfológica, morfossintática e sintática, a pesquisa adota uma abordagem tipológica funcional, fundamentada em autores como Aikhenvald (2015), Creissels (2024), Dixon (2010a, 2010b, 2012), Dryer (2007), Givón (1984), Shopen (2007a, 2007b, 2007c), Haspelmath e Sims (2010), Comrie (1981) e Payne (2007).

A análise da língua Aruá dialoga com a literatura dedicada ao Tronco linguístico Tupí, especialmente com os trabalhos de Rodrigues (1953, 1981, 1996), Rodrigues e Cabral (2006, 2012), Cabral (2001) e Cabral et al. (2012, 2014), que oferecem subsídios fundamentais para a compreensão de aspectos morfológicos e morfossintáticos das línguas deste tronco.

Em termos comparativos, foram tomados como referência estudos sobre outras línguas da família Mondé — em particular o Ikóleej (Gavião) (Moore, 1984–2006; Stute, 1985, 1987; Sona Gavião, 2019, Kuhj Gavião, 2025), o Suruí Paiter (Iteor Suruí, 2020; Monserrat, 2000a, 2000b; Bontkes, 1978–1988), o Cinta Larga (Sandberg, C., 1988; Sandberg, P., 1979/1980; Abrantes, 2025) e para a língua Zoró (Zoró et al., 2019) — que servem como base comparativa para a descrição do Aruá.

### Metodologia

Foram realizadas três idas a campo. A primeira ocorreu em junho de 2022, na aldeia São Luís, situada na Terra Indígena Rio Branco (RO), onde permanecemos por 30 dias. A segunda ocorreu nas aldeias Ricardo Franco e Baía das Onças, ambas localizadas na Terra Indígena Rio Guaporé, com uma permanência total de 20 dias nessa região. A terceira ida a campo ocorreu em março de 2025, novamente na aldeia São Luís, ocasião em que estiveram presentes três dos quatro falantes plenos da língua.

Para a coleta de dados, foram utilizadas listas de palavras, incluindo a lista e o questionário gramatical do SAILDP, desenvolvidos por Berlin, Kaufman, Rodrigues e Carson (1986), bem como um conjunto de dados da dissertação de mestrado de Iram Kav Sona Gavião (2019). Também foram empregados questionários organizados por mim e pela professora Ana Suelly Câmara de Arruda Cabral com vistas a análise morfossintática e sintática da língua. Além desses instrumentos,

O *corpus* que serviu de base para esta tese é composto de dados coletados por mim nessas idas a campo que incluem narrativas, conversas que emergiram durante as entrevistas com os falantes da língua. O *corpus* inclui também dados coletados por Ana Suelly Câmara de Arruda Cabral junto à Hilda Aruá, na Terra Indígena Rio Guaporé, em 2016, e gravações realizadas pela missionária Zita Araya Pinto, gentilmente cedidas pelo cacique e professor indígena Edmar Aruá. Essas gravações contêm 700 palavras distribuídas em diferentes campos semânticos.

## Organização dos dados

As informações de áudio foram registradas utilizando um gravador digital Zoom H1N, em formato WAV, com taxa de amostragem de 44,16 kHz. Também foram gravadas narrativas em câmera digital Canon EOS 77D, com lente f/2.8.

Todos os dados linguísticos foram organizados em uma base de dados, seguindo os procedimentos metodológicos propostos por Silva (2015), com algumas adaptações. O sistema de referência adotado inclui: (i) a língua — ARX, código atribuído à língua Aruá conforme a norma ISO 639-3; (ii) o identificador do falante, sendo HA para Hilda Aruá e AA para Anízio Aruá; (iii) a data do registro (ano, mês e dia); (iv) a natureza do arquivo, áudio (A) ou texto (T); e (v) o pesquisador responsável pelo tratamento dos dados, sendo LBM para Lucas Barbosa de Melo, ASCAC para Ana Suely Câmara de Arruda Cabral e ZAP para Zita Araya Pinto.

Um exemplo de identificação de material em áudio coletado em 7 de junho de 2022, a partir de uma conversa com Anízio Aruá, seria: ARX\_AA\_20220607\_A\_LBM\_1.

Esse banco de dados compõe parte do Banco de Dados das Línguas Indígenas Brasileiras do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília (LALLI/UnB). Os dados também serão disponibilizados em um site a ser desenvolvido para a língua Aruá, com o objetivo principal de torná-los acessíveis.

## Uso de ferramentas digitais e inteligência artificial

Os modelos de linguagem de grande porte (LLMs) e softwares especializados foram empregados como ferramentas de apoio em diferentes etapas da pesquisa, sempre sob supervisão e validação integral do pesquisador.

Os LLMs foram utilizados para revisão e aprimoramento textual, reestruturação de quadros e tabelas, apoio à triagem preliminar de literatura e revisão de scripts de programação. Foram empregados os seguintes sistemas: Gemini 2.5 Flash (Google), ChatGPT — modelo GPT-5.1 (OpenAI) — e DeepSeek (DeepSeek Technologies). Utilizou-se, adicionalmente, o NotebookLM (Google) como sistema de organização de materiais, síntese de arquivos e gerenciamento estruturado de repositórios de referência. Todo o conteúdo sugerido pelas ferramentas de inteligência artificial foi avaliado criticamente, revisado e editado pelo pesquisador, que assume responsabilidade integral pelo resultado final.

No âmbito da linguística experimental, a análise acústica foi conduzida no software Praat (versão 6.2), empregado para a visualização e a análise quantitativa de parâmetros

acústicos da fala, por meio da inspeção de espectrogramas que representam as dimensões de tempo, frequência e intensidade. Com essa ferramenta, foram realizadas medições de duração, frequência fundamental (*F0/pitch*), formantes e intensidade dos segmentos analisados. Além disso, foram gerados gráficos comparativos, especialmente voltados à análise dos padrões tonais da língua.

A organização, segmentação e anotação do *corpus* linguístico foram realizadas no software ELAN (versão 6.8), garantindo a sistematização e a padronização dos dados para posteriores análises quantitativas e qualitativas.

Para a organização, o processamento estatístico e a visualização dos dados, utilizou-se a linguagem R (versão 4.5.1), em conjunto com o RStudio Desktop — Open Source Edition (AGPL v3) —, empregado como ambiente de desenvolvimento integrado (IDE) para a execução de rotinas analíticas e a geração de gráficos.

#### Organização da tese

Esta tese está organizada da seguinte forma. Na Introdução, apresentam-se o projeto de pesquisa, seus objetivos, a justificativa, o enquadre teórico-metodológico e os procedimentos metodológicos adotados.

O Capítulo 1 aborda a história do povo Aruá, incluindo aspectos de sua história de contato e de sua cultura. O Capítulo 2 trata dos sons da língua, com foco em sua descrição articulatória e na análise fonológica. O Capítulo 3 é dedicado à descrição de aspectos da morfologia da língua Aruá, enquanto o Capítulo 4 examina questões de morfossintaxe e sintaxe. Ao final, apresentam-se as considerações finais, seguidas das referências bibliográficas e, por fim, dos anexos e apêndices.

## 1 O POVO ARUÁ

Neste capítulo exploramos a história do povo Aruá, desde a expansão dos povos Tupí até o contato com a sociedade não indígena e os impactos resultantes dessa interação. Também abordaremos aspectos da cultura material dos Aruá como seus artefatos, padrões gráficos, alimentação, organização social e elementos de sua cosmologia. Além disso, serão discutidos os estudos sobre a língua Aruá, pertencente à família linguística Mondé, e o seu status sociolinguístico.

### 1.1 A terra natal dos povos Tupí

O local de expansão da migração dos povos Tupí, de acordo com Rodrigues (1958; 1964), está localizado no sudoeste da Amazônia brasileira, delimitado pelos rios Guaporé (Rondônia), e Aripuanã (noroeste de Mato Grosso). Aryon Rodrigues fundamentou sua análise no fato de que nessa área concentrava-se a maior diversidade das famílias linguísticas pertencentes ao tronco Tupí.

[...] é o fato de quase tôdas as famílias lingüísticas do tronco Tupí até agora reconhecidas se concentrarem na região do Guaporé, isto é, do alto Madeira, particularmente entre os rios Guaporé e Jiparaná (ou Machado). As famílias Arikê, Kanoé, Mondé, Ramarâma e Puruborá encontram-se exclusivamente nessa região, e também a família Tupí-Guaraní acha-se ali bem representada (pelas línguas registradas em A.a.4.). Este fato sugere que talvez o centro de difusão do Proto-Tupí deva ser procurado na área do Guaporé. (Rodrigues, 1964, p.103)

As evidências arqueológicas encontradas por Miller (1974; 1983; 2009) e outros arqueólogos corroboram a teoria de Aryon Rodrigues, tanto em relação à cronologia quanto à localização geográfica da origem dos Tupí, validando-se, assim, a eficácia do método histórico-comparativo para reconstruir protolínguas utilizado por Rodrigues na fundamentação de sua hipótese.

De acordo com Miller (2009),

Com esses primeiros resultados arqueológicos, de 1974 em diante, e essas datações <sup>14</sup>C, de 2001 em diante, a hipótese de Aryon Dall'Igna Rodrigues tem confirmada e datada a posição geográfica do Tronco Tupí na mesopotâmia entre o Guaporé-Madeira e o Aripuanã, entre o Guaporé e o rio Ji-Paraná, mais especificamente ao longo da “Área Alto-Jiparaná”, para o Proto Tupí-Guaraní, a mesma área da tradição Proto-Tupíguaraní arqueológica. Assim, a hipótese de Rodrigues (1958a, 1964, 1986), (salvo a estimativa de 3.000-2.500 anos para a família Tupí-Guaraní, que pelo <sup>14</sup>C arqueológico seria de ca. 5.070±60 a.P.) passa a ser um fato, confirmado pela nossa arqueologia de campo. Essa é a recompensa ao árduo trabalho do linguista de campo e laboratório, ao qual ele ainda se dedica com afinco. (Miller, 2009, p.100)



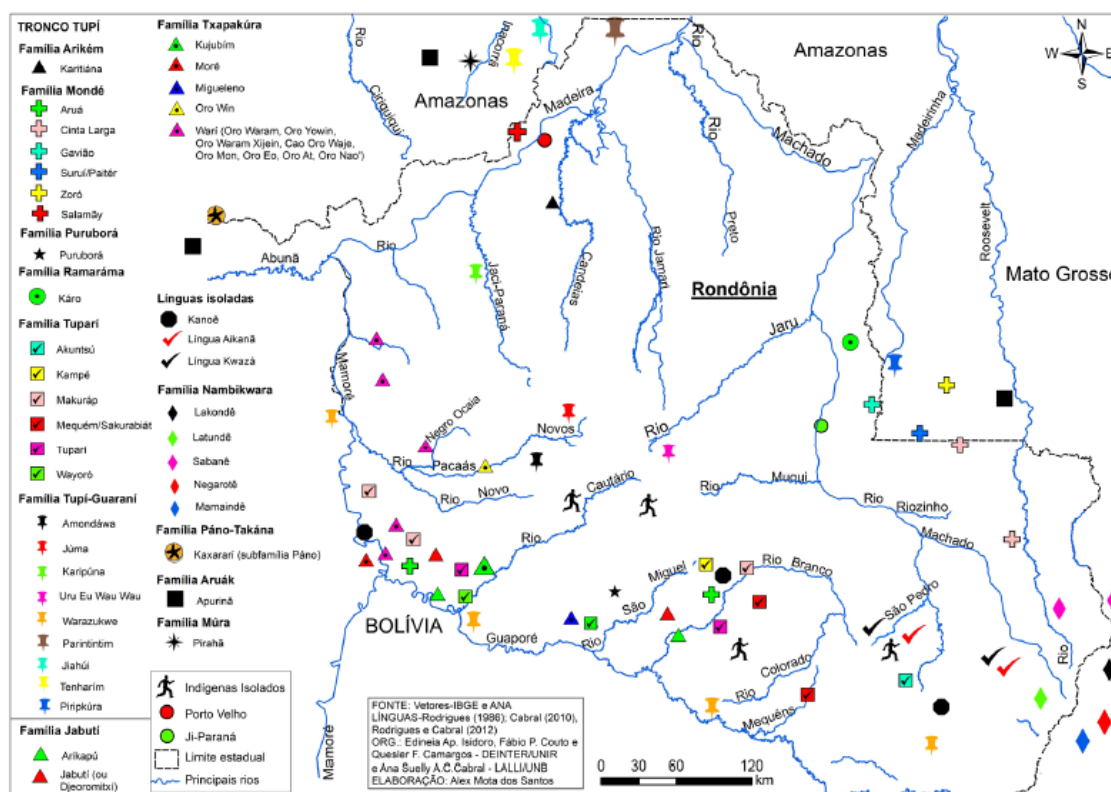


## 1.2 A ocupação do Vale do Guaporé

O Vale do Guaporé é uma das regiões com maior biodiversidade da Amazonia, uma área de transição entre os biomas do cerrado, pantanal e amazônico. Paralelamente é uma região com rica diversidade linguística e cultural.

Atualmente, em Rondônia, vivem povos que formam parte das famílias linguísticas Arikém, Aruák, Jabuti, Mondé, Mura, Nambiquara, Pano, Puruborá, Ramarama, Tupari, Tupí-Guarani e Txapakúra. Há povos de línguas isoladas, como Kanoé, Aikanã e Kwazá, e grupos indígenas isolados cujas línguas são desconhecidas. Esses povos habitam 21 terras indígenas distribuídas pelo estado de Rondônia, algumas delas adentrando pelo noroeste do estado do Mato Grosso, como são os casos dos Zoró e dos Cinta Larga. A complexidade linguística e a distribuição territorial desses povos são ilustradas no mapa a seguir, que apresenta a localização atual das diferentes comunidades indígenas no estado de Rondônia.

**Figura 2** – Mapa dos povos indígenas de Rondônia elaborado por Cabral *et al.* (2018)



Fonte: Cabral *et al.* (2018)

A região do Guaporé foi alcançada por “conquistadores” e missionários a serviço da Coroa espanhola no século XVII, provenientes das cidades de Assunção e Santa Cruz de la

Sierra, na atual Bolívia. O contato resultante dessas incursões provocou o extermínio de diversos povos tradicionais que por séculos habitaram essa região.

A disputa pela conquista da Amazônia Meridional entre portugueses e espanhóis transformou o rio Guaporé em uma fronteira natural entre as colônias ibéricas, tornando-o objeto de negociação no Tratado de Madri, firmado em 1750. A partir de 1743, “os jesuítas fundaram missões no Guaporé, dentro de um contexto histórico e político bem definido: a partir do acirramento da tensão entre lusitanos e espanhóis pela posse do Leste guaporeano” (Meireles, 1989, p. 77).

Conforme Meireles (1989), durante cerca de um século os jesuítas estabeleceram e mantiveram, na margem esquerda do rio Guaporé, o maior complexo missionário da América, conhecido como Província de Mojos. Nessa região, os missionários ergueram assentamentos com o objetivo de converter e educar as comunidades indígenas. Já na margem oriental do rio, correspondente à atual porção brasileira, a escassa documentação existente indica a presença de três missões.

Os autores que escreveram sobre Mojos não fazem referências às missões fundadas na margem direita do Guaporé, com exceção de algumas ligeiras menções à missão de Santa Rosa, que foi, de fato, a primeira a ser estabelecida na margem oriental, em 1743. Em 1746, foi fundada San Simón (uma missão homônima), acima da foz do Corumbiara e, ainda no mesmo ano, San Miguel (idem), acima da foz do Mequens. A população predominante era de índios Moré, mas havia também índios Áricoroni, ambos Txapakura. (Meireles, 1989, p. 78)

Ainda segundo Meireles, quando os portugueses chegaram à região do Guaporé, espanhóis e missionários jesuítas já haviam estabelecido as províncias de Mojos e Chiquitos, exercendo controle sobre grande parte do território.

A reação dos primeiros navegantes lusitanos foi de perplexidade e admiração. Enquanto a margem oriental ostentava uma paisagem dominada pela floresta e pelos campos vazios de homens, os tributários da margem ocidental exibiam as missões, algumas com milhares de habitantes, que se agrupavam em torno de igrejas de estilo gótico ornamentadas por objetos sacros de prata confeccionados por índios. (Meireles, 1989, p. 10).

O contato intensificou-se com a presença de bandeirantes e aventureiros provenientes da capitania de Mato Grosso, que se deslocavam pela região em busca de novas jazidas de ouro e de mão de obra indígena escravizada. A partir de 1775, como estratégia de defesa contra o avanço espanhol e a presença das missões jesuíticas, a Coroa portuguesa construiu o Real Forte Príncipe da Beira, na atual região de Costa Marques (Meireles, 1989).

Entretanto, o enfraquecimento das monarquias ibéricas, a expulsão dos jesuítas e os processos de independência dos países sul-americanos contribuíram para que a ocupação não indígena no Vale do Guaporé diminuísse drasticamente entre o final do século XVIII e meados do século XIX (Meireles, 1989).

A intensificação do contato com as sociedades indígenas que viviam relativamente isoladas — especialmente nas regiões interfluviais dos rios Mequéns, Colorado, São Simão, Branco e São Miguel, afluentes da margem esquerda do Guaporé — ocorreu sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, em decorrência do aumento substancial da demanda global por borracha (Meireles, 1989; Maldi, 1991).

Esse processo desencadeou uma significativa migração de brasileiros para a região, resultando na criação de numerosos seringais no sudoeste amazônico. Além disso, iniciativas de integração regional, como a implantação de linhas telegráficas ligando Mato Grosso ao Amazonas e a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, concluída em 1912, desempenharam papel fundamental no escoamento da produção de borracha, ao mesmo tempo em que provocaram um contato mais intenso com povos indígenas que até então viviam em relativo isolamento (Meireles, 1989).

De acordo com Maldi (1991, p. 148), após a conclusão da estrada de ferro Madeira-Mamoré (1907–1912), que estabeleceu uma nova via de acesso ao Amazonas, sociedades comerciais e negociantes autônomos avançaram progressivamente em direção às cabeceiras dos afluentes do Guaporé, até então pouco exploradas.

### 1.3 O contato e a exploração seringueira

Não há informações precisas sobre a presença de não indígenas na região do rio Branco. Snethlage (1937) descreve que em 1912, seringueiros da empresa alemã *Köhler* estabeleceram uma colocação à jusante do rio Colorado, contatando assim os Makuráp e os Wajuru<sup>1</sup>. Por outro lado, conforme Maldi (1991), a incursão pelo rio Branco prosseguiu lentamente e, somente em 1920, foram descobertos os Djeoromitxí, os Aruá os Arikapú e, mais tardiamente, os Tuparí.

Em 1927, a *Guaporé Rubber Company*, empresa de origem norte-americana, implantou o seringal Paulo Saldanha nas cabeceiras do rio Branco. Posteriormente, com a colaboração de ex-funcionários do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), foi criado o seringal São Luís,

---

<sup>1</sup> O povo Wajuru também se autodenomina Ajuru, Wayurú e Ayurú

localizado no alto rio Branco (Snethlage, 1937; Caspar, 1958; Price, 1981; Leonel Junior, 1986; Maldi, 1991). No entanto, segundo relato de Anízio Aruá (comunicação pessoal, 2025), a sequência de implantação teria sido inversa: primeiro o seringal São Luís e, em seguida, o Paulo Saldanha.

Em seu estudo, Maldi (1991, p. 229) argumenta que a fundação do seringal São Luís foi crucial para intensificar o contato e incorporar os povos indígenas Makuráp, Wajuru, Djeoromitxí, Arikapú e Aruá ao trabalho no seringal. Este também se tornou o epicentro de uma epidemia de sarampo que se espalhou rapidamente, resultando na morte de muitos indígenas e deixando algumas comunidades à beira da extinção, além de transformar significativamente o modo de vida dessas populações nativas (Maldi, 1991).

Maldi (1991) aponta, ainda, que o contato ocasionou uma mudança abrupta no modo de vida das comunidades indígenas, devido à instalação de múltiplos barracões e centros de coleta de borracha, desencadeando conflitos. Tal situação resultou na invasão das aldeias indígenas, rapto de mulheres, mortes, bem como no surto de epidemias, forçando os povos indígenas a se estabelecerem nos principais barracões.

Em junho de 1934, o etnógrafo alemão Emil Heinrich Snethlage visitou a região do rio Branco e fez os primeiros registros sobre o povo e a cultura Aruá e de outros povos indígenas que tradicionalmente habitavam a área. Snethlage (1937) documentou a presença de uma maloca Aruá nas proximidades do barracão do seringal São Luís que já existia há pelo menos dois anos. Segundo o etnógrafo, o povo Aruá estava em número bastante reduzido, mas contava com uma extensa rede de parentesco dentro da mata.

Maldi (1991) descreve que após um surto devastador de sarampo, que resultou na quase extinção desse povo, os sobreviventes deixaram seu território tradicional, tornando-se, assim, o primeiro grupo a se incorporar ao trabalho servil no seringal São Luís. De acordo com Snethlage (1937), os Aruá estavam "civilizados" e usavam roupas europeias, como mostrado na fotografia abaixo, tirada por ele em 1934 no seringal São Luís, Rio Branco.

**Figura 3** - Fotografia de indígenas Aruá



Fonte: Snethlage (1937)

Snethlage (1937) também descreve que alguns indígenas Aruá e Makuráp trabalhavam regularmente no seringal. As mulheres haviam se tornado prostitutas, a chicha fora substituída pela pinga e alguns homens eram submetidos a castigos físicos. Ainda assim, os indígenas continuavam a ser atraídos para o seringal.

A relação com os seringalistas foi, para estes grupos, uma experiência traumática a todos os níveis. Os migrantes que ali chegavam buscavam aventuras e fortuna fácil. Raptavam as mulheres, e, em várias ocasiões não vacilaram em instituir o trabalho forçado, a tortura e o chicote como remuneração. Ameaçavam os índios com os soldados e o armamento superior de que dispunham. Uma revolta levou ao massacre de todos os brancos do seringal de São Luís, em 1937 (Leonel Junior, 1984).

O sistema de trabalho nos seringais incluía castigos corporais, ainda presentes na memória dos mais velhos. A respeito do regime de trabalho, de acordo com Franz Caspar:

Pela manhã, o administrador enfileirava os índios e distribuía o trabalho. Aquele que na véspera não tivesse terminado sua tarefa, ou que não a tivesse feito satisfatoriamente por qualquer motivo, era algemado, e impiedosamente chibatado. Tinha esposa e filhos. Não obstante, tomava para si as índias que lhe agradavam, divertia-se com elas e, depois, distribuía-as, à sua vontade, entre seus empregados brancos ou pretos (Caspar, 1958, p. 59).

Os irmãos Luiz e Anízio relataram<sup>2</sup> que nasceram em uma colocação de seringa situada às margens do igarapé Gregório, afluente do rio Branco, área que atualmente integra a Terra Indígena Rio Branco. Recordam ainda que, durante o período de coleta da borracha, viviam na colocação, enquanto parte de seus parentes permanecia nas malocas localizadas no interior da floresta.

---

Informação fornecida por Luiz Aruá e Anízio Aruá em entrevista realizada na aldeia São Luís, em março de 2025.

## 1.4 Entre o extermínio e a resistência

### 1.4.1 A Tutela estatal e a sobrevivência Aruá

O aumento da demanda por borracha durante a Segunda Guerra Mundial impulsionou a expansão da exploração seringueira por toda a região do Guaporé. Nesse contexto de pressão econômica, ocorreu a primeira intervenção de grande impacto nas condições de vida da população indígena: pouco antes de 1934, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), com o consentimento do Marechal Rondon, criou o Posto Indígena de Atração Ricardo Franco, nas proximidades da confluência dos rios Mamoré e Guaporé.

Como parte dessa iniciativa, cerca de 60 famílias dos povos Aruá, Djeoromitxí e Makuráp, oriundas de São Luís e de áreas vizinhas, foram deslocadas à força para o novo posto. A ação do SPI visava retirar os indígenas de seus territórios tradicionais, liberando essas áreas para a exploração da borracha (Snethlage, 1937; Caspar, 1976, p. 494; Maldi, 1991).

De acordo com Anízio Aruá (2022), seu avô e seus pais, ao chegarem ao posto indígena Ricardo Franco, encontraram péssimas condições no posto: o local apresentava solo arenoso e coberto por capim-sapé, o que tornava a terra imprópria para o cultivo. Diante dessa situação, a família de Anízio e Luiz seguindo fluxo do rio Guaporé, retornaram para suas malocas na região do rio Branco.

Esse posto, assim como outros estabelecimentos criados pelo SPI na Amazônia, “representava um misto de refúgio paternalista e campo de concentração para famílias de sobreviventes de vários povos indígenas de Rondônia subjugados e dizimados pelas armas e pela doença” (Leonel Junior, 1984)

A transferência forçada de indígenas de seus territórios tradicionais para o posto indígena deixava esses territórios livres para a ocupação de seringalistas e viabilizava projetos de colonização.

Na década de 40 os índios fugiam dos barcos do SPI que pretendiam confiná-los elevá-los para fora do seu habitat. Pretendia-se assim protegê-los dos seringalistas, que terminavam ocupando suas terras assim liberadas. Embora houvesse funcionários de inegável dedicação à defesa do direito indígena, o SPI, desfalcado de recursos, respondia como podia ao massacre generalizado dos grupos indígenas de Rondônia. (Leonel Junior, 1986)

A política do Estado Nacional, por meio do SPI, de impor a assimilação cultural, visava ‘civilizar’ os indígenas. Como consequência, a colônia agrícola atingiu seu auge na década de 1940, quando funcionários do SPI compulsoriamente transferiram para o posto Ricardo Franco parte das populações dos rios Mequéns, Colorado, Corumbiara e seus afluentes”. (FUNAI, 1985).

Ainda na década de 1940, o SPI deixou a região do rio Branco, justamente quando João Rivoredo, seringalista e membro do próprio SPI, comprou todos os seringais daquela área. Ele foi "o responsável direto pela dissolução de todas as aldeias indígenas da região, recrutando mão de obra, deixando as populações sem assistência médica, e, ainda sem tomar nenhuma atitude para impedir as epidemias de sarampo" (Maldi, 1991, p. 229).

Entre fevereiro e abril de 1948, o etnógrafo e jornalista iugoslavo Tibor Sekelj e sua companheira Erszebet Szekeley visitaram o seringal São Luís. Tibor descreveu o declínio populacional dos povos que viviam nesse seringal, registrando a presença de aproximadamente trinta indígenas, “quase todos da tribo Makuráp, com exceção de alguns Aruá, tribo outrora grande e atualmente em vias de extinção e já não existiam como conjunto étnico” (Sekelj, 1950, p. 32).

Franz Caspar, que também visitou a região em 1948, relata que os Aruá estavam praticamente extintos pois, “uma parte foi vencida e devorada pelos Tuparí. Sobrou apenas um, o magro com o braço doente. Outra parte da tribo refugiou-se aqui. Em alguns anos, todos terão desaparecido. Os pobres diabos não suportaram o catarro” (Caspar, 1958, p. 50).

A partir de 1952, um novo ator institucional passou a atuar na região: a Igreja Católica, por meio de uma missão religiosa vinculada ao bispado de Guajará-Mirim. No entanto, sua presença não representou alívio para as populações indígenas. Duarte (2016) relata que a atuação da Igreja teve caráter ambíguo, contribuindo em certos momentos para a desagregação das aldeias e para a exploração da mão de obra indígena. O depoimento de Anízio Aruá, registrado por Duarte, ilustra essa situação:

Os padres organizaram seus trabalhos, enfiando os índios dentro da mata em busca de madeira nobre. A retirada dessas toras era feita por picadas abertas na mata, carregadas a braço e puxadas por juntas de bois. Com o tempo foi construída a serraria prometida e, após alguns meses, também uma pequena escola. Segundo Anízio Aruá, a escola “não serviu para nada”, pois acabou sendo usada como depósito de madeira beneficiada. O trabalho para os índios apenas aumentou. Eles eram obrigados a abandonar suas casas e dormir na floresta, sem abrigo. Quando não retornavam ao trabalho, os padres avisavam o patrão do seringal e os feitores saíam em sua busca, trazendo-os à força para o trabalho. (Duarte, 2016, p. 31)

O uso da mão de obra indígena pelas missões para a extração de madeira, bem como a colaboração dos padres com os feitores para forçar o retorno dos trabalhadores, evidencia como a instituição religiosa se integrou à lógica de exploração vigente na região.

Em 1954, o aumento do fluxo de seringueiros não indígenas provocou diversas epidemias responsáveis por elevada mortalidade entre os povos indígenas da região, especialmente entre os Aruá e os Makuráp. Franz Caspar relata que “o filho de uma seringueira,



vindo do rio Guaporé, trouxe o sarampo, enfermidade até então desconhecida no rio Branco e que, dentro de poucas semanas, matou mais da metade dos índios que viviam em São Luís e nas cercanias” (Caspar, 1976, p. 492).

Luiz Aruá e Anízio Aruá (comunicação pessoal, 2025) relatam que, nesse período, seus pais morreram, restando apenas sete sobreviventes do povo Aruá — entre eles Luiz, Anízio e Valdir, ainda crianças — que passaram a viver definitivamente nas proximidades do barracão do seringal São Luís, atual aldeia São Luís.

A epidemia foi tão devastadora que, segundo o relato de Anízio Aruá, dois funcionários do seringal abriram covas coletivas nas quais enterravam os mortos em grande número, inclusive bebês ainda vivos cujas mães haviam falecido. Nem o seringal, nem o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), nem a Igreja Católica ofereceram qualquer tipo de assistência ou tratamento. Conforme relata Anízio Aruá, no início da epidemia os padres deixaram a região; posteriormente retornaram apenas para retirar os equipamentos da serraria e da oficina que haviam sido instaladas no local.

A experiência do contato resultou, portanto, em um trauma profundo, caracterizado simultaneamente por processos de genocídio — por meio de epidemias e violência física que reduziram drasticamente a população Aruá — e de etnocídio, expresso na imposição de trabalho servil e em processos de assimilação cultural. A sobrevivência do povo Aruá deveu-se, assim, à resistência física e cultural de um número mínimo de indivíduos, que conseguiram manter viva sua memória coletiva e elementos fundamentais de sua organização social.

Mesmo após o fim da Segunda Guerra Mundial e a consequente redução da demanda internacional por borracha, o regime de exploração servil persistiu na região do rio Branco. Os povos indígenas, incluindo os sobreviventes Aruá, dispersaram-se entre os seringais dos rios Branco e Colorado. Apesar da instalação da 9ª Inspetoria Regional do SPI em 1946, as condições de trabalho servil continuaram predominando (Maldi, 1991). As memórias da violência permanecem vivas: Valdir Aruá relata que os gerentes dos barracões eram conhecidos por sua extrema violência, agressividade e crueldade.

O núcleo desse sistema de exploração era o regime de barracão, que sustentava o chamado sistema de aviamento. Nesse sistema, o trabalho na extração de borracha e castanha era trocado por mercadorias industrializadas vendidas a preços extremamente elevados. Esse mecanismo, herdado das relações coloniais, produzia um endividamento constante e praticamente impagável dos trabalhadores indígenas em relação aos seringalistas (Leonel Junior, 1984; 1986).

Como observa Leonel Junior (1984, p. 194), “os invasores chegam ao atrevimento de julgarem os índios seus devedores, apesar de, durante décadas, os terem remunerado em produtos, de forma incomparavelmente inferior à do mercado e, não raro, forçado ao trabalho pela violência”.

Em 1972, equipes da recém-criada Fundação Nacional do Índio (FUNAI) promoveram o deslocamento forçado de grupos Aruá, Makuráp, Tuparí e Djeoromitxí para o Posto Indígena Ricardo Franco. O transporte foi realizado em um barco da prelazia de Guajará-Mirim, em uma longa viagem pelos rios Branco e Guaporé. Odete Aruá (comunicação pessoal, 2025) relata que tinha 17 anos quando sua família, juntamente com dezenas de outras, embarcou nessa jornada, da qual muitos nunca retornaram ao território tradicional situado às margens do rio Branco.

A operação, conduzida pelo sertanista Sydney Possuelo (comunicação pessoal, 2024), foi marcada pela resistência dos seringalistas, que tentaram impedir o deslocamento sob a alegação de que os indígenas possuíam dívidas pendentes, fato que evidencia a persistência do regime de aviamento.

Em 1973, essa exploração continuou quando o seringalista João Rivoredo vendeu suas propriedades a Milton Santos, que manteve o sistema de endividamento e servidão. Leonel Junior (1984) descreve detalhadamente o mecanismo de servidão por dívida perpetuado nessa gestão, no qual o capataz Edgar Halaia controlava o aviamento por meio de preços abusivos e de uma contabilidade manipulada.

[...] O Sr. Milton Santos, através de seu capataz, o cidadão boliviano Edgar Halaia, compra anualmente em Guajará-Mirim uma quantidade de óleo, sal, açúcar, pregos, munição, ferramentas conservas, arroz e farinha, que troca com os índios contra a borracha extraída das seringueiras ou castanhas quebradas em descascadas depois de recolhidas do solo. Quando um índio necessitava de um produto pede-se ao senhor Ayala que o anotava com dívida por um preço acrescido de 200 a 2.000% sobre o do mercado de Guajará Mirim até os remédios são assim contabilizados de forma incontrolável pois outros índios ignoram nossa aritmética. Assim é que, graças à esperta contabilidade do Sr. Halaia, quando os índios se dão conta de que serão eternos devedores já não podem abandonar o "barracão", até o pagamento total de suas dívidas que o mesmo sistema torna impossível. Aí, da sedução pelos produtos, passa-se a coação. O Sr. Milton Santos, por seu lado, restringe a sua ação de proprietário a auferir a maior parte dos rendimentos da venda da borracha e castanha feita pelo seu intermédio Sr. Halaia, misto de administrador, capataz e arrendatário. (Leonel Junior, 1984)

Um relatório<sup>3</sup> da FUNAI de 1980 registrou a existência de 86 indígenas em regime de semiescravidão sob o controle do seringalista Milton Santos na região da aldeia Morro Pelado e no igarapé Colorado, no rio Branco, dentro da Reserva Biológica do Guaporé. O mesmo

---

<sup>3</sup> Relatório citado por Leonel Junior (1984).

relatório indicou que outros 68 indígenas trabalhavam em condições semelhantes para o fazendeiro Miguel Trindade, na Fazenda Bom Jardim (Leonel Junior, 1984).

Anízio Aruá relatou que, em meados da década de 1980, após uma grande colheita de seringa e castanha, o seringalista Milton Santos se recusou a pagar pelo resultado de seu trabalho, oferecendo-lhe apenas roupas como forma de compensação. Diante disso, Anízio dirigiu-se ao escritório do seringalista, em Guajará-Mirim, para reivindicar o pagamento devido. Segundo seu relato, o seringalista afirmou que não iria pagar, declarou que “indígena não gostava de trabalhar” e ainda ameaçou expulsar os indígenas do território para trazer trabalhadores brancos.

Na mesma viagem, Anízio e outros indígenas Makuráp e Tuparí procuraram o escritório da FUNAI, onde iniciaram o processo de reivindicação pela demarcação de seu território tradicional. Ao retornarem para o rio Branco, Anízio e outras lideranças orientaram os indígenas a não deixarem o território, iniciando também um processo de mobilização coletiva em defesa da demarcação. Em resposta, o seringalista enviou homens armados à região para intimidar e ameaçar as comunidades indígenas e os funcionários da FUNAI.

#### 1.4.2 A luta pela demarcação

Diante da gravidade da situação de exploração e endividamento, a iniciativa pela demarcação da terra indígena foi, em grande medida, impulsionada pelos próprios indígenas, que passaram a se articular por meio de viagens a Brasília e de contatos com diferentes órgãos estatais. A FUNAI retornou à região do rio Branco apenas em 1980, iniciando o processo de demarcação em 1982, que foi concluído pelo Serviço Geográfico do Exército em novembro de 1983. Contudo, a atuação da FUNAI foi marcada pela precariedade das condições oferecidas às comunidades e pela omissão diante da exploração madeireira que continuava ocorrendo na área.

Além disso, a demarcação não contemplou a totalidade dos territórios tradicionalmente ocupados, resultando na exclusão de áreas consideradas fundamentais para os povos indígenas, incluindo locais de caça, castanhais e outros espaços de grande importância simbólica e cultural. Justamente as terras mais férteis e ricas em recursos naturais ficaram fora dos limites demarcados, sendo rapidamente ocupadas por fazendas e projetos de colonização implementados pelo INCRA.

Esse processo esteve associado ao avanço da fronteira agrícola na região, intensificado pelas políticas estatais de colonização, pela abertura e consolidação de vias de acesso, como a

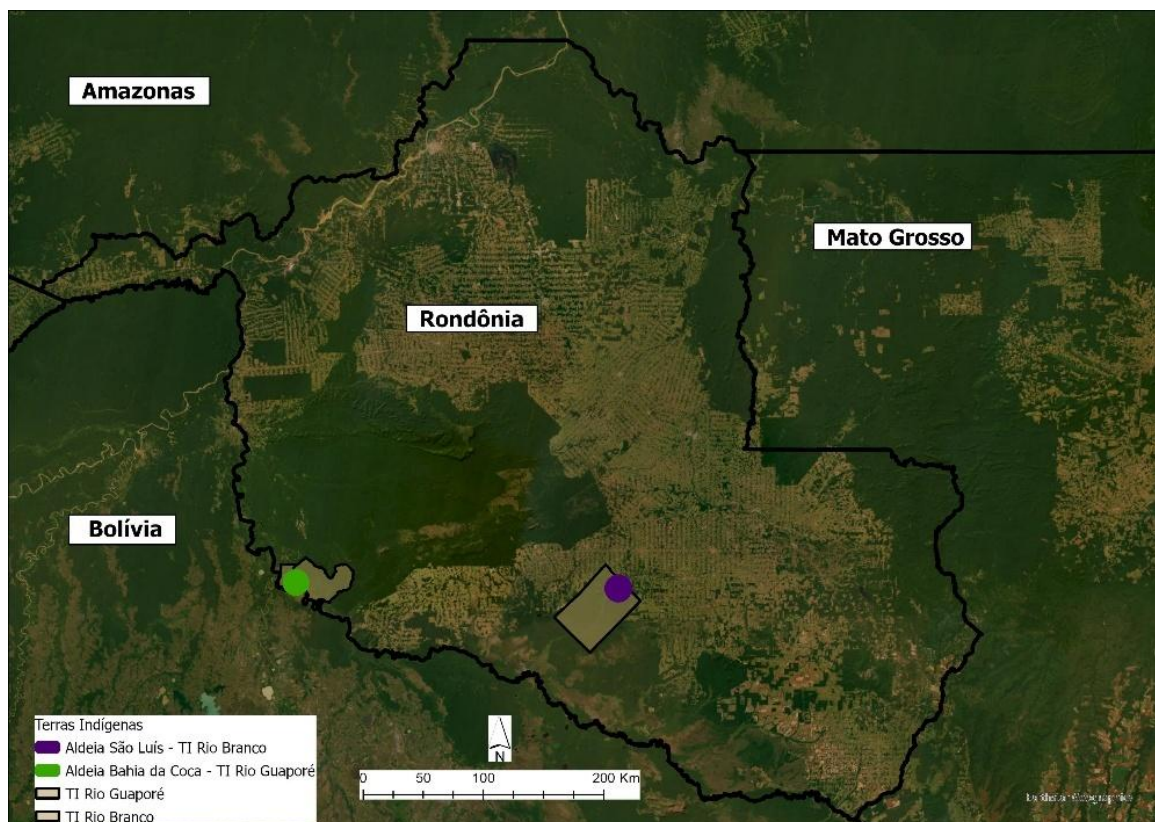
BR-374, e por outras dinâmicas socioeconômicas que ampliaram a pressão sobre os povos indígenas de Rondônia nas décadas de 1970 e 1980. Apesar da demarcação e desse contexto de crescente pressão territorial, a exploração na Terra Indígena Rio Branco persistiu até 1985, quando os próprios indígenas expulsaram definitivamente os últimos seringueiros da área (Leonel Junior, 1984; 1986; Maldi, 1991).

De acordo com Leonel Junior (1984), o fato de que alguns desses grupos sobreviveram até os dias atuais deve-se, em grande medida, à recusa de certos núcleos indígenas em se integrarem plenamente ao sistema dos seringais, mantendo com eles apenas relações intermitentes, geralmente em troca de ferramentas como machados e facões.

Segundo Mindlin (1999), os povos indígenas que habitavam a região do rio Branco viveram relativamente isolados até meados da década de 1980. A partir desse período, com o início da exploração ilegal de madeira — especialmente do mogno — e a implantação de projetos de colonização, essas populações passaram a conviver de forma mais intensa com não indígenas. Esse processo resultou em uma série de pressões sobre os territórios indígenas, que passaram a sofrer invasões de madeireiros, além da expansão do agronegócio e da presença crescente de pescadores e caçadores ilegais.

Atualmente, o povo Aruá reside majoritariamente em duas terras indígenas em Rondônia: a Terra Indígena Rio Branco e a Terra Indígena Rio Guaporé, além de estar presente em cidades próximas às áreas indígenas, como Alta Floresta d'Oeste. Na Terra Indígena Rio Branco, os Aruá compartilham o território com os povos Aikanã, Arikapú, Djeoromitxí, Kanoé, Makuráp e Tuparí. Já na Terra Indígena Rio Guaporé, convivem com os povos Wajurú, Arikapú, Aruá, Cabixi, Makuráp, Kanoé, Djeoromitxí, Cujubim, Massacá, Oro At, Oro Mon, Oro Não, Oro Waram Xijein e Tuparí.

**Figura 3** – Terras indígenas em que vive o povo Aruá



Fonte: Elaboração própria (2025), com base em dados cartográficos da FUNAI e IBGE, e imagens de satélite do Google Earth.

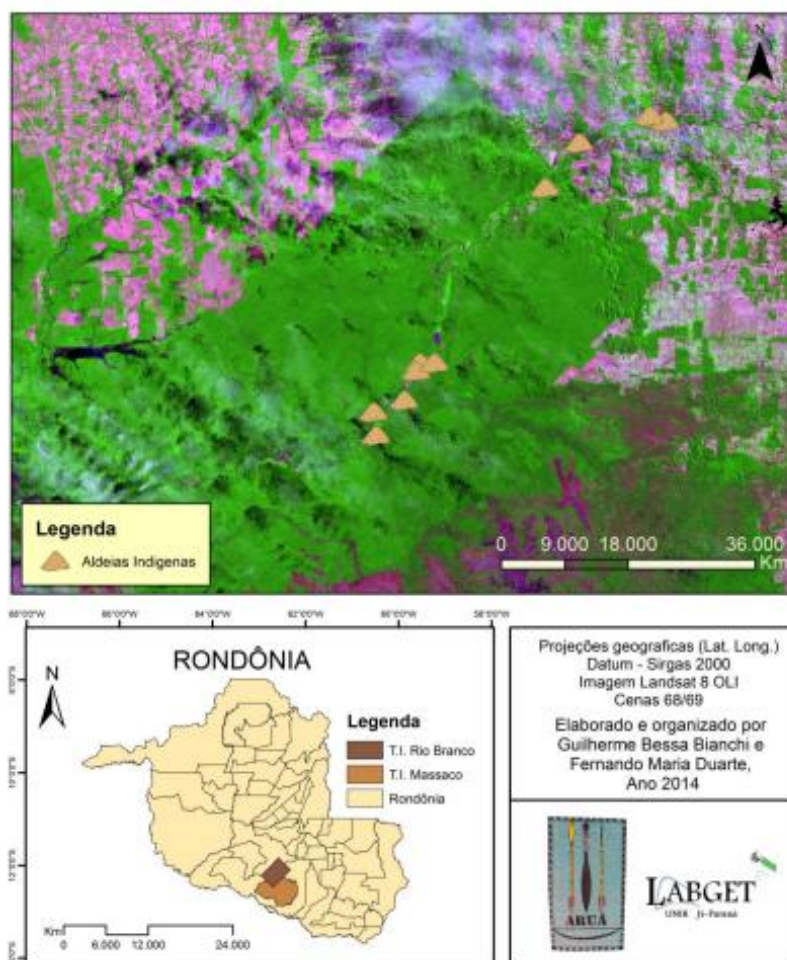
#### 1.4.3 Território tradicional

Conforme Maldi (1991), o habitat tradicional dos Aruá era o território próximo do igarapé Gregório, afluente do alto rio Branco. Duarte (2016), por sua vez, explica que esse território está fora da terra indígena Rio Branco e, atualmente, é ocupado por fazendas e os assentamentos urbanos Nova Brasilândia do Oeste e Santana do Guaporé.

De acordo com Duarte (2016), havia três grandes aldeias Aruá lideradas pelos caciques Jabiru, Jakabão e Xap Xap Aruá. Tal divisão ocorreria apenas como estratégia de defesa do território, pois a relação entre os grupos era amistosa.

O velho cacique Anizio Aruá me disse que seu povo Aruá tinha seu limite certo, respeitavam o território de outros povos, não se sabe se eram os Arara, Gavião, Zoró ou Uru Eu Wau Wau. Os Aruá viviam em três grandes aldeias acima citadas, de tempo em tempo, os Aruá deixavam seus territórios em busca de material para fazer suas flechas e arcos, chegando onde hoje é a cidade de São Miguel do Guaporé. (Duarte, 2016, p. 24).

**Figura 4 - Mapa do território etnohistórico do povo Aruá**



Fonte: Duarte (2016)

Os lugares importantes, conforme Anízio Aruá, antes do contato, eram os locais de caça, os barreiros e os cemitérios. Os Aruá tinham seus lugares preferidos para fazer suas diversões, tinham lugar como ponto de lazer perto da maloca, ali se divertiam durante o dia inteiro (Duarte, 2016).

## 1.5 Universo cultural e social Aruá

### 1.5.1 Complexo Cultural do Marico

Os Aruá, juntamente com outros nove povos da região, a exemplo dos Tuparí, Makuráp, Djeoromitxí, Wajurú e Arikapú, conformam uma área de intensa interconexão e partilham uma série de elementos culturais bem delineados. Essa área foi definida pela antropóloga Denise Maldí (1991) como Complexo Cultural do Marico.

Esses povos compartilham um conjunto de elementos da cultura material, de visão de mundo, da estrutura social e do modo de subsistência. Conforme Maldí (1991), os elementos

mais exclusivos que caracterizam o Complexo Cultural do Marico são a confecção da bolsa marico e a aspiração de rapé de angico nos rituais xamânicos (Maldi, 1991, p. 266).

Outros aspectos culturais considerados característicos dos povos da região incluem a ausência de mandioca brava e farinha na alimentação, o consumo de chicha de milho no dia a dia e chicha fermentada em ocasiões cerimoniais, a construção de casas redondas com esteio central, a existência de subgrupos territoriais definidos e nominados, e o uso de linguagem especial e inteligível para os não iniciados nos rituais xamânicos. Além disso, a estrutura narrativa dos mitos de origem gira em torno dos dois irmãos demiurgos (Maldi, 1991, p. 266).

A integração entre as diversas sociedades que compõem o Complexo deu-se através de relações de contato intenso, onde o consumo cerimonial da chicha teve importância fundamental e deve ter ocorrido muito remotamente. Nesse sentido, a mitologia indica, sem dúvida, uma memória cultural comum (Maldi, 1991, p. 266).

Hoje, contudo, uma parcela dos elementos que caracterizam o Complexo Cultural do Marico já não faz parte do cotidiano dos Aruá e de outros povos da região. Exemplos dessa transformação são a substituição das malocas com esteio central por casas e a irregularidade no consumo da chicha fermentada.

É importante notar que esses fatores culturais diferenciam os Aruá dos outros povos Tupí-Mondé (Suruí Paiter, Cinta Larga, Gavião e Zoró), com os quais compartilham diversos elementos culturais, indicando que a língua seria um dos poucos elementos de diferenciação. Essa distinção sugere que os Aruá se separaram muito antes dos demais povos Tupí-Mondé, cuja hipótese da terra natal é a região dos rios Roosevelt e Aripuanã.

A seguir, descrevo alguns elementos da cultura Aruá fruto do trabalho de observação, revisão bibliográfica e entrevistas.

### 1.5.2 Cosmologia

A antropóloga Betty Mindlin registrou um conjunto de narrativas do Povo Aruá, reunidas em seus livros *Moqueca de Marido* (1997), *Terra Grávida* (1999) e *Mitos indígenas* (2006). O mito de origem do povo Aruá, narrado por Odete Aruá e registrado no *Terra Grávida*, descreve que o mundo surgiu a partir de uma jia e de um veado-mateiro que apareceram espontaneamente. Esses seres primordiais deram origem a três deuses: *Andarob*, o mais velho e preguiçoso; *Antoinká*, a irmã; e *Parikot*, o mais novo, trabalhador e criador de todas as coisas.

*Parikot* decidiu se casar, mas como a única mulher disponível era sua irmã, ele resolveu ter relações com um cupinzeiro, fazendo com que a terra engravidasse de diversos povos.

Enquanto *Parikot* estava construindo uma maloca, um dos seus filhos agarrou uma madeira dentro da terra. *Parikot* chamou seus irmãos, tomaram rapé e tentaram tirar os humanos de dentro do buraco. Os pássaros não conseguiram abrir o buraco, mas *Parikot* conseguiu, e então os povos indígenas emergiram da terra. Cada casal que surgia já tinha o seu nome e o nome do animal.

Por exemplo, nosso povo Aruá é o da galega, trouxe o pássaro galega. Cada casal trazia seu objeto; se trazia papagaio era o povo papagaio; se trazia mutum, era o povo do mutum; o nosso era o da galega. Em cima, na terra, ainda não existia animal algum. *Parikot* fez os grupos irem se separando, cada povo num canto. Estava surgindo muita gente bonita. No mundo em que nós estamos não tem gente muito bonita. Saiu o branco, já um casal. No meio dos brancos saiu Satanás, *Zagapuy*. *Parikot* não gostou.

- Este não estou gostando, não! Já saiu coisa diferente. Saiu uma filha, mas ainda dentro da mãe-terra já estava gestante. Essa barriguda era distraída.

- Esqueci meu pente, vou voltar e pegar!

Voltou, mas *Parikot* não pode mais esperar que saísse com o resto da gente bonita, porque saiu só a nossa geração. Outros continuam lá dentro (Mindlin, 1999, p. 56).

*Parikot* também foi o responsável pela criação da noite, por trazer o fogo e ensinar ao povo a agricultura. É importante notar que, como é característico das sociedades ágrafas, onde as narrativas são transmitidas oralmente, existem variações desse mito de criação, com cada pessoa apresentando sua própria versão da história.

### 1.5.3 Os donos das coisas

Na cosmovisão Aruá, assim como em outros povos amazônicos, as relações entre humanos, não humanos e objetos são mediadas pelos "donos", entidades que contam com o poder de agência sobre elementos do mundo material, como os animais, florestas, os lugares, cursos d'água, rios etc.

Os donos controlam e protegem suas criaturas, sendo responsáveis por seu bem-estar, reprodução e mobilidade. Para Fausto (2008), essa categoria indígena, traduzida como "dono", transcende a mera expressão de uma relação de propriedade ou domínio. A categoria e seus recíprocos designam um modo generalizado de relação que é constitutivo da sociedade amazônica. Ela caracteriza interações entre humanos, entre não humanos, entre humanos e não humanos, e entre pessoas e coisas. Essa posição envolve controle e/ou proteção, geração e/ou posse, aplicando-se a relações entre pessoas (humanas ou não humanas) e entre pessoas e coisas (tangíveis ou intangíveis) (Fausto, 2008). A narrativa, a seguir, contada por Odete Aruá e registrada por Mindlin (2006), relata resumidamente o surgimento do dono das antas.

Era uma vez um menino órfão, criado por seu tio. Um dia, um caçador da aldeia, matou uma anta e dividiu a carne entre todos. O menino acompanhou o tio e recebeu uma moqueca de tripa de anta, que guardou no tapiri. Quando voltava para casa, se



lembrou da moqueca, o tio ordenou que voltasse para buscá-la, mas ao chegar, a tripa já havia se transformado numa anta viva.

A anta perguntou ao menino o que ele queria, e ele respondeu que queria a moqueca de tripa. A anta, então, mandou que ele colocasse a mão no seu traseiro, e, quando o fez, sua mão ficou presa. A anta correu para a floresta com o menino.

Preocupado com o desaparecimento do sobrinho, o tio procurou o menino, mas sem sucesso. Enquanto isso, o menino crescia na companhia da anta, que o criava e mostrava-lhe o mundo, as águas e os campos. Ele começou a se transformar, adquirindo carrapatos, que eram vistos pela anta como joias, e passou a viver como ela.

O tio continuou sua busca e, um dia, encontrou uma árvore que a anta costumava comer. Decidiu montar uma emboscada. Após algumas noites de espera, a anta finalmente apareceu, acompanhada do menino, que já parecia mais uma anta que um ser humano. Quando a anta se aproximou, o tio a flechou, e a anta fugiu, abandonando o menino. O tio o levou de volta, mas o menino, já transformado, morreu na mata, sem conseguir se readaptar à vida entre os humanos.

O pajé da aldeia tentou ressuscitá-lo, e suas tias cuidavam dele, retirando os carrapatos do seu corpo. Ao retirar um carrapato sobre o coração, o menino morreu de vez. Seu espírito, então, foi para o reino das antas, tornando-se o Dono das Antas, permanecendo para sempre com elas. (Mindlin, 2006)

#### 1.5.4 Pajés e novas lideranças religiosas

Historicamente, os pajés desempenhavam um papel fundamental na organização social Aruá, atuando como mediadores entre os diferentes mundos. Eles eram dotados da capacidade de comunicação com os donos da floresta, utilizando rapés e instrumentos xamânicos para buscar curas, interpretar o cosmos e orientar suas comunidades. Snethlage (2021) relatou que, durante sua visita ao seringal São Luís, um velho pajé Aruá tentou vender um chocalho, admitindo, contudo, ter removido pedras mágicas que supostamente possuíam o poder de matar. Esse relato ilustra o papel do pajé como detentor de um poder ambivalente, tanto de cura quanto de manipulação de forças letais.

Com a extinção do xamanismo ativo na comunidade, assim como ocorre em diversos povos da região, Odete Aruá é o indivíduo reconhecido como o principal guardião dos saberes da pajelança, embora ele não se autoidentifique como tal. Sua figura representa uma transição e uma sincretização de conhecimentos: sendo filho de um grande pajé, ele combina a sabedoria ancestral das ervas com o aprendizado adquirido dos missionários católicos e sua vivência profissional como Agente de Saúde Indígena.

Na ausência de pajés, o conhecimento tradicional se mantém de outras formas: os anciãos continuam a ser os guardiões de práticas rituais importantes, como os métodos de plantio e os cuidados no puerpério.

Paralelamente, a organização social e ritual da comunidade é reconfigurada pelas dinâmicas religiosas contemporâneas, marcadas por um forte contraste confessional. Na aldeia São Luís, muitos Aruá converteram-se ao cristianismo de matriz evangélica. A Igreja

Evangélica Indígena Uniedas exemplifica essa mudança, onde o cacique Edmar Aruá atua também como pastor. Essa conversão impõe uma ruptura mais acentuada com o passado, levando os convertidos a abandonarem práticas culturais como o consumo da bebida alcoólica fermentada *chicha*.

Por outro lado, muitos reivindicam a influência católica, marcada pelas celebrações realizadas pela Prelazia de Guajará Mirim e da Vila Surpresa.

A ascensão de lideranças evangélicas ou a permanência da influência católica demonstra a reconfiguração do poder espiritual e político entre os Aruá, onde o vazio deixado pelo xamanismo é preenchido por novas autoridades eclesiais, o que influencia na manutenção e a transmissão de certos elementos da tradição cultural.

#### 1.5.5 Morte natural e a integração no ciclo da vida

A morte por causas naturais é encarada com serenidade, sendo vista como parte do ciclo da vida. O ritual funerário reflete a intenção de manter o espírito do falecido integrado ao espaço doméstico e social. Segundo Duarte (2016, p. 15), "os Aruá têm o costume de enterrar seus mortos dentro de suas próprias casas, em potes ou maricos, sempre na posição sentada e voltada para o norte." A direção do enterro não é casual; segundo Anízio Aruá (comunicação pessoal, 2025), o Norte estava relacionado ao local de moradia de *Antoinká* (irmã dos demiurgos criadores da humanidade), figura reelaborada após o contato como Maria. Esse alinhamento direcional conecta o destino da alma a um eixo cosmológico. Conforme Duarte (2016), o povo Aruá nunca realizava o enterro em outro lugar, e quando não havia mais espaço na maloca, mudavam-se para outra.

Por outro lado, a morte violenta, como no caso de assassinatos, é tratada de maneira completamente distinta e negativa. O tratamento ritual, neste caso, visa à expulsão do espírito e à proteção da comunidade. Os Aruá acreditam que quem morre dessa forma transforma-se em espíritos agressivos e malignos, que podem prejudicar os vivos. Por essa razão, os corpos de pessoas assassinadas não são enterrados, mas sim jogados no mato, longe das malocas, para que a natureza os destrua. Fungos e outros elementos naturais completam o processo de decomposição desses corpos (Duarte, 2016). Esse tratamento demonstra o imaginário de que esses espíritos perturbados são perigosos e devem ser mantidos afastados da comunidade, uma vez que a violência da morte impede sua integração pacífica ao cosmos Aruá.

A cosmologia Aruá sobre o pós vida envolve a transformação da alma em elementos da natureza. Hilda Aruá (dados de campo, 2016) narra que, após a morte, as pessoas se

transformam em animais, como borboletas, besouros e um tipo de gavião chamado *kut'kurip*, e seguem para um lugar semelhante à Terra, localizado "embaixo do céu". É possível ouvir o canto do *kut'kurip* à distância, o que sugere que o espírito, embora em um plano distinto e invisível, mantém uma proximidade audível com o mundo dos vivos. Essa transformação finaliza o ciclo da vida, em consonância com o destino direcionado pela posição do enterro.

#### 1.6 Organização social: clãs, parentesco e transmissão do conhecimento

A organização social tradicional dos Aruá estruturava-se em torno de unidades de filiação patrilinear e exogâmica. Conforme registrado por Maldi (1991, p. 54), “A sociedade Aruá, de modo similar às subdivisões Makuráp, estava dividida em subgrupos de natureza territorial, exogâmica, cuja filiação se dava pela linha paterna. ”

Em campo, Anízio Aruá e Luiz Aruá (comunicação pessoal, 2025) confirmaram a existência e a memória desses grupos, sendo eles pertencentes ao *mandek ej*, cujo nome significa ‘lagarta do milho’. Além desse, reconhecem também os clãs *kapeʔa ej* ‘pássaro galega’, *gadot ej* ‘arara’, *dʒokã ej* ‘tucano’, *andat kit ej* ‘cujubim’ e *kolet ej* ‘jacu’. Segundo os interlocutores, outros clãs mencionados por Maldi (1991) seriam, na verdade, pertencentes ao povo Makuráp.

De acordo com os irmãos Aruá, o sistema matrimonial combinava práticas endogâmicas (casamentos entre Aruá, como os de seus pais) e exogâmicas, sendo preferenciais as uniões com mulheres Makuráp e Djoromitxi, povos que também integram o Complexo Cultural do Marico. Os casamentos podiam ser negociados entre as famílias, com possibilidade de indicação prévia do cônjuge. O jovem Aruá, ao longo da vida, devia demonstrar seu valor como genro em potencial por meio do serviço do noivo (*bride service*), oferecendo trabalho e alimentos aos futuros sogros.

O sistema de parentesco Aruá reflete a estrutura patrilinear do grupo. Embora parte de sua terminologia tenha se perdido em decorrência do contato interétnico e da redução populacional, os termos remanescentes demonstram a persistência de uma lógica relacional baseada na distinção de gerações e na hierarquia de idade, refletindo um sistema de parentesco de natureza classificatória.

A partir do EGO masculino, foram registrados os seguintes termos de parentesco e vocativos lembrados pelos falantes da língua Aruá:

**Quadro 1** –Termos de parentesco em Aruá

| <b>Termo</b>        | <b>Tradução / Função</b> | <b>Termo</b>     | <b>Tradução / Função</b> |
|---------------------|--------------------------|------------------|--------------------------|
| <b>papa</b>         | ‘pai’ (vocativo)         | <b>-nəntop</b>   | ‘filho’                  |
| <b>gaj</b>          | ‘mãe’ (vocativo)         | <b>-wom</b>      | ‘genro’                  |
| <b>-tsop</b>        | ‘pai’ (referência)       | <b>-zerat</b>    | ‘neto’                   |
| <b>-ti</b>          | ‘mãe’ (referência)       | <b>-papa kãj</b> | ‘avô’ (‘pai velho’)      |
| <b>-zaj</b>         | ‘esposa’                 | <b>-gaj kãj</b>  | ‘avó’ (‘mãe velha’)      |
| <b>-mèn</b>         | ‘marido’                 | <b>-boja?</b>    | ‘irmã mais velha do pai’ |
| <b>-taʔa</b>        | ‘tio’                    | <b>-waʔit</b>    | ‘filha, sobrinha, nora’  |
| <b>-papa tʃiŋ</b>   | ‘irmão mais novo do pai’ | <b>-amboj</b>    | ‘irmão mais velho’       |
| <b>-gaj tʃiŋ</b>    | ‘irmã mais nova da mãe’  | <b>-bibək</b>    | ‘irmão mais novo’        |
| <b>-gaja zaptej</b> | ‘irmã mais velha da mãe’ |                  |                          |

Fonte: Elaboração própria

A distinção de senioridade na geração de Ego (*amboj* vs. *bibək*) e na geração ascendente (*gaj tʃiŋ* vs. *gaja zaptej*), bem como o uso dos termos “pai” e “mãe” com o qualificador *kãj* (‘velho’) para designar os avós, são características marcantes dessa lógica classificatória.

Os termos acima correspondem àqueles que os falantes ainda recordam e utilizam em contextos específicos de referência ou vocativo. Embora parte do sistema de parentesco tradicional tenha se perdido em função dos processos de contato interétnico e da reconfiguração social vivida pelo povo Aruá, os dados revelam a persistência de uma lógica relacional baseada na filiação patrilinear e na distinção entre gerações e linhas colaterais, refletindo aspectos centrais da organização social que ainda estruturam as relações de parentesco e pertencimento no grupo.

#### 1.6.1 Transmissão do conhecimento

O conhecimento entre as gerações era transmitido de forma processual, e os mais velhos utilizavam os espaços como pátio da maloca e a floresta para ensinar sobre o modo de vida do povo.

Esse modo de ensinar os jovens leva tempo, uns aprendem mais rápido e outros demoram. O primeiro ensinamento é feito no pátio da maloca, e o segundo é feito na floresta, ou seja, na pratica os mais velhos vão mostrando as ervas que servem para remédio e os que são para maldade, mas sempre aconselhando para fazer somente o bem (Duarte, 2016, p.15).

## 1.7 Estética e adornos: grafismos, pintura corporal e música

### 1.7.1 Música e dança Aruá

Snethlage (1937,1939, 2021) documentou uma ampla variedade de instrumentos musicais entre os Aruá, incluindo chocalhos, trompetes com pavilhão de cabaça, apitos, flautas de pão e flautas retas. Ele observou que esses instrumentos eram utilizados nas danças e nas músicas, em que o ritmo era seguido por todos os participantes.

Cada movimento e contra movimento era executado com precisão militar, resultando em uma perfeita sincronização dos instrumentos. Mesmo quando embriagados, era raro que as músicas e danças fossem descoordenadas. Aqueles que não desejavam participar aguardavam em suas redes até que um intervalo lhes permitisse apresentar sua música. Na fotografia a seguir (Figura 06), Snethlage registrou músicos Aruá e Makuráp dançando e tocando clarinetes de taboca na aldeia São Luís.

**Figura 6 - Aruá e Makuráp**



Fonte: Snethlage (1937)

**Figura 5 - Flauta Aruá**



Fonte: Autoria desconhecida

Atualmente, a música e a dança se tornaram focos de agência cultural e resgate em face à pressão do contato. Na TI Rio Branco, há uma tentativa por parte das lideranças de resgatar o repertório musical.

De forma mais consolidada, a preservação cultural é mantida sob a liderança de Odete Aruá (fotografia abaixo) — já identificado como guardião dos saberes ancestrais — na Aldeia Bahia das Onças (TI Rio Guaporé). Ali, são realizadas festividades que promovem o canto e a dança das músicas tradicionais Aruá e Makuráp, na imagem abaixo Odete Aruá tocando flauta.

**Figura 7** - Odete Aruá tocando flauta



Fonte: Acervo pessoal (2025)

### 1.7.2 Artefatos e técnicas

Os Aruá, assim como outros povos indígenas que compõem o Complexo Cultural do Marico, produzem uma variedade de artefatos culturais que refletem suas tradições, conhecimentos e modos de vida. Entre estes, destacam-se a pintura corporal e os grafismos, instrumentos musicais, ferramentas, flechas, adornos corporais, tecelagem e a cestaria. No entanto, os Aruá têm características que os diferenciam de outros grupos, como o tipo de grafismo empregado nas pinturas corporais, os traçados da palha na cestaria, o formato singular do pilão e outras formas particulares do povo.

As mulheres Aruá são responsáveis pela confecção de adornos corporais, como brincos, pulseiras e colares, utilizando uma variedade de materiais naturais, incluindo fibras de tucum, caroço de tucumã e pupunha, coco de babaçu e penas coloridas de aves como araras, tucanos e

papagaios, assim como outros povos do Brasil, atualmente também utilizam materiais de plástico como bijuterias e arames diversos para a confecção de adornos variados.

Os homens, por sua vez, produzem materiais funcionais feitos de palha, por exemplo, cofos, vassouras, esteiras e abanadores, além de utensílios de madeira como pilões, mãos de pilão, bancos, cochos e remos. A fabricação de flechas e cocares também é uma tarefa exclusivamente masculina, destacando a divisão sexual de trabalho e a preservação das habilidades tradicionais entre os Aruá. Abaixo (Figura 09) um cocar produzido por Valdir Aruá.

**Figura 8 – Cocar Aruá**



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Os grafismos presentes nos utensílios, cestarias, pinturas corporais e outros artefatos do povo Aruá são representações de diversos elementos da natureza, como o traçado das nuvens, aves e animais específicos, por exemplo a jiboia.

Anízio Aruá (2022) relata que existem três padrões principais de grafismo nas cestarias. Na figura 10, ele confecciona um *akapé* com um grafismo que evoca o formato de nuvem. Esses grafismos específicos do povo Aruá são elementos que ajudam a distinguir a identidade cultural de cada povo dentro do Complexo Cultural do Marico.

**Figura 9** - Anízio Aruá confeccionando *akape*

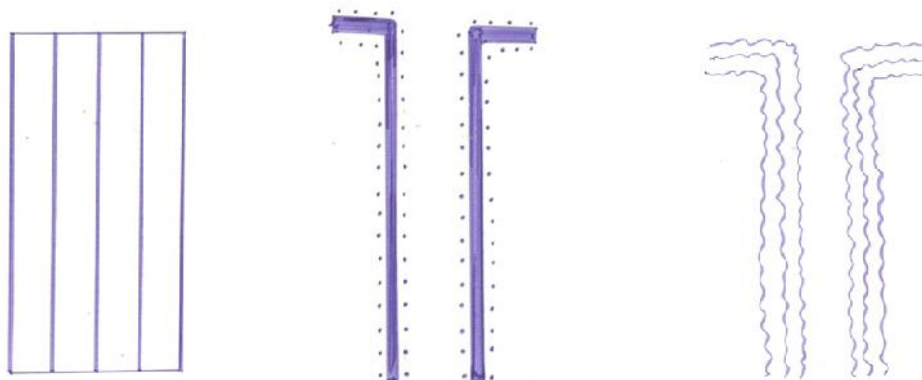


Fonte: Acervo pessoal (2022)

### 1.7.3 Pintura corporal

A pintura corporal entre os Aruá é utilizada tanto como adorno no cotidiano quanto em cerimônias e eventos nas aldeias. Alguns exemplos são campeonatos de futebol e festividades. No passado, existiam pinturas específicas para rituais de passagem, guerras e outras cerimônias. Esses padrões variavam conforme o gênero, com diferenças entre as pinturas masculinas e femininas, como ilustrado na figura 11 abaixo.

**Figura 10-** Padrões de pintura corporal masculina na região das costas



Fonte: Duarte (2016)



Atualmente, a resina usada nas pinturas é produzida a partir do fruto do jenipapo, mas, antigamente, também era feita com breu. Sobre o processo de fabricação da resina, Duarte (2016, p. 19) explica:

A mesma resina era dividida em duas partes iguais; em uma, misturava-se pó de carvão e, na outra, pó de urucum. Essas belas cores adornavam homens, mulheres e crianças Aruá. Algumas pinturas eram usadas no dia a dia, enquanto outras eram reservadas para eventos importantes. Hoje, como muitos outros povos indígenas, os Aruá utilizam apenas o sumo do fruto de jenipapo

#### 1.7.4 Maloca

Duarte (2016) também descreve que as malocas do povo Aruá. De acordo com seus relatos, eram construídas com palha de açaí e apresentavam uma estrutura ovalada, capazes de abrigar duas ou mais famílias. A construção dessas habitações é uma tarefa exclusiva dos homens, realizada de forma coletiva. A Figura 15 abaixo, registrada por Snethlage no seringal São Luís em 1934, ilustra uma residência Aruá.

**Figura 11** – Maloca Tradicional na TI Rio Branco registrada por Snethlage



Fonte: Snethlage (1937)

Após o contato com os não indígenas, as moradias passaram a seguir um padrão mais comum na região. Geralmente, essas casas consistem em dois quartos e uma cozinha, construídas com madeira e com telhado de amianto ou de palha, além de terem chão batido, a menos que sejam assoalhadas. Algumas casas também são feitas com estrutura de pau-a-pique. Uma pequena parte delas são de alvenaria. A Figura 16 abaixo mostra uma casa Aruá na Bahia da Coca em 2023.

**Figura 12** - Moradia Aruá na aldeia Bahia da Coca



Fonte: Acervo pessoal (2024)

## 1.8 Práticas sociais de coesão: o marico e a chicha

### 1.8.1 A chicha

O consumo da chicha, bebida indígena produzida a partir da fermentação de mandioca, milho ou outros tubérculos como o cará, é uma prática compartilhada entre diversos povos da região e continua a ser consumida entre os Aruá, especialmente na TI Rio Guaporé. Tal prática desempenha um papel fundamental na coesão social da comunidade local.

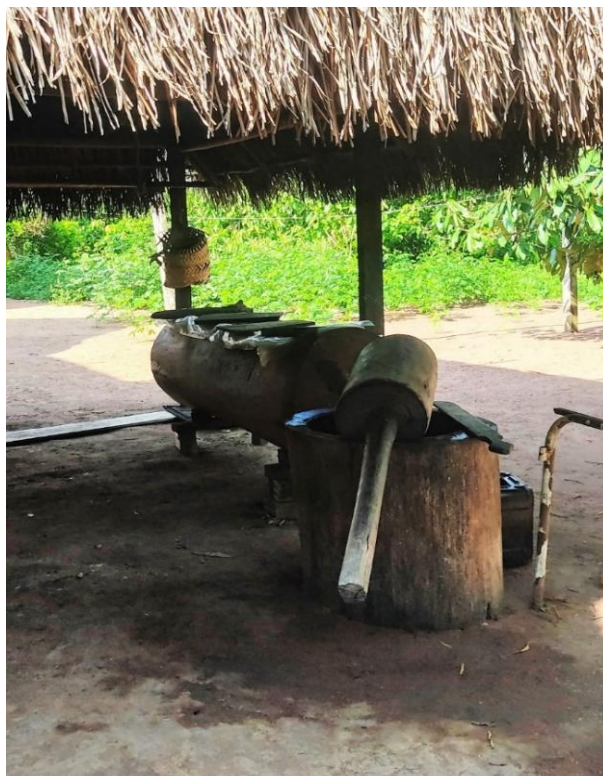
As chichadas, termo utilizado para designar as reuniões para consumo da chicha, são eventos frequentes que reúnem toda a comunidade, incluindo membros de diferentes etnias. A bebida é servida preferencialmente pelas mulheres da casa anfitriã em cuias, e é comum que todos bebam desde crianças até os mais velhos. Ademais, não é raro que termine tarde da noite e com boa parte das pessoas embriagadas.

A responsabilidade pela preparação da chicha é exclusivamente feminina, desde descascar a mandioca até o processo de fermentação feito em cocho de madeira talhada, capaz de comportar grandes volumes de chicha, o suficiente para abastecer uma chichada que pode durar vários dias.

As chichadas ocorrem principalmente em duas ocasiões: como forma de retribuição por um trabalho coletivo em prol de uma família como plantio ou colheita de uma roça, construção de moradias, atividades de limpeza da aldeia, ou abertura de estradas; em celebrações de festividades como aniversários, casamentos, eventos religiosos e outras datas comemorativas.

Durante as chichadas, além do consumo da bebida, ocorre uma valiosa interação social entre os membros da comunidade. Trata-se de um momento propício para a mediação de conflitos, transmissão de histórias e conhecimentos tradicionais pelos mais velhos, formação de laços de amizade entre os jovens, organização de trabalhos coletivos, bem como a planificação de atividades como caçadas e pescarias.

**Figura 13** - Casa de chicha com cocho e pilão



Fonte: Acervo pessoal (2025)

#### 1.8.2 O marico

A produção da bolsa do marico, confeccionada a partir das folhas do tucum (*Astrocaryum sp.*), é um elemento central na cultura dos Aruá e de outros povos pertencentes ao Complexo Cultural do Marico. Essa bolsa é utilizada tanto para carregar a colheita da roça quanto para transportar diversos objetos, destacando-se por sua importância prática e simbólica.

A confecção do marico é uma atividade realizada exclusivamente por mulheres e é essencial para a coesão social e a transmissão de conhecimento entre gerações. As mulheres se organizam em grupos para buscar as folhas do tucum nas matas e serras, um processo que vai além da simples coleta de materiais necessários. Durante essas expedições, elas também recolhem sementes, raízes e outros recursos vegetais. Tal prática permite que conhecimentos



botânicos e etnobotânicos sejam transmitidos das mulheres mais experientes para as mais jovens, promovendo um aprendizado intergeracional contínuo e fortalecendo os laços comunitários.

A atividade de coleta é seguida pela preparação das folhas de tucum e pela tecelagem das bolsas, também realizadas de forma coletiva. O trabalho conjunto proporciona um espaço para o diálogo, o compartilhamento de saberes e experiências, reforçando a identidade cultural e a solidariedade entre as mulheres da comunidade. A produção do marico, portanto, transcende sua função utilitária, constituindo-se como um meio vital de preservação e perpetuação das tradições e conhecimentos ancestrais.

**Figura 14** - Mulheres preparando a fibra do tucum na TI Rio Branco



Fonte: Acervo pessoal de Leticia Aquino (2022)

## 1.9 Subsistência e economia de mercado

### 1.9.1 Alimentação

A dieta dos Aruá é caracterizada por uma ampla diversidade de fontes alimentares, que incluem produtos cultivados nos roçados, elementos coletados na floresta, caça, pesca e produtos industrializados. Essa combinação reflete uma adaptação cultural e ecológica às condições do ambiente amazônico e às influências externas.

Os roçados são fundamentais para a subsistência dos Aruá. Cada família mantém seu próprio roçado, onde são cultivados alimentos como mandioca, cará, batata, feijão, amendoim,

taioaba, milho, arroz, banana, abacaxi e café. As áreas selecionadas para o cultivo são geralmente de floresta secundária, que são desmatadas e queimadas de maneira controlada. Tal técnica, conhecida como coivara, é essencial para a fertilização do solo, pois as cinzas resultantes enriquecem o terreno com os nutrientes necessários para o crescimento das plantas.

**Figura 15** - Roçado na TI Rio Guaporé



Fonte: Acervo pessoal (2024)

A preparação dos roçados é uma atividade predominantemente masculina, envolvendo a derrubada da floresta, a queima e a limpeza do terreno. As mulheres, por sua vez, são responsáveis pelo plantio, pela colheita e pelo transporte dos produtos para a aldeia. A coleta na floresta complementa significativamente a dieta dos Aruá. Entre os itens coletados destacam-se frutos, castanhas, sementes, raízes, folhas, larvas e mel. Outros exemplos notáveis incluem o açaí, a castanha e diversas frutas silvestres. A prática não apenas enriquece a dieta, mas também sustenta a ligação cultural dos Aruá com a floresta.

Já a caça é uma atividade de extrema importância para os Aruá, tanto como fonte de proteína quanto como prática cultural. Exclusivamente masculina, ela é realizada principalmente com espingardas e inclui a captura de veados, porcos-do-mato, antas, tatus, pacas, roedores e aves como o mutum, além de larvas e formigas.

Conforme Duarte (2016), na técnica tradicional de caça dos Aruá, os caçadores cercam a presa em um círculo, fazem uma grande algazarra para atordoá-la, forçando-a a correr em direção aos predadores, o que facilita a captura. Essa prática ressalta a habilidade e o conhecimento ambiental dos caçadores Aruá. Em contrapartida, a pesca também desempenha um papel crucial na alimentação dos Aruá, sendo praticada tanto por homens quanto por mulheres. Utilizando flechas ou o timbó, os Aruá pescam em rios, baías e igarapés.

Ademais, o contato com a sociedade nacional tem introduzido produtos industrializados na dieta dos Aruá. Atualmente, alimentos como arroz, macarrão e embutidos são comuns, complementando os produtos tradicionais e coletados na floresta.

### 1.9.2 Economia

Nas TIs Rio Branco e Rio Guaporé, a agricultura de subsistência, juntamente com o manejo da castanha-do-pará e do açaí, constitui a principal fonte de sustento para a maioria do povo. O excedente dessas produções é comercializado nas cidades vizinhas às terras indígenas. Ademais, algumas famílias complementam sua renda produzindo artesanato como maricos, cestos, brincos, pulseiras e colares.

Além das atividades agrícolas e artesanais, algumas famílias contam com aposentadorias e auxílios governamentais, como o BPC e o Bolsa Família. Alguns membros da comunidade também atuam como servidores públicos, integrando as estruturas da Funai, da saúde e da educação escolar indígenas.

Os itens de consumo cotidiano como refrigerantes, roupas, gás de cozinha, óleo, produtos de higiene pessoal, arroz, fósforos, combustível, pilhas, munição e outros, podem ser adquiridos tanto em mercearias situadas dentro das aldeias quanto nos povoados próximos às terras indígenas.

Na TI Rio Branco, a Cooperativa dos Povos Indígenas do Rio Branco (COOBIRP) comercializa açaí, castanha-do-amazonas e outros produtos. Em 2022, a cooperativa entrou para o Programa de Aquisição de Alimentos do Estado de Rondônia para a oferta de castanha-do-amazonas e açaí de manejo sustentável que são distribuídos para escolas e para o Centro de Referência e Assistência Social do estado.

Outra importante fonte de renda é a produção de café do tipo robusta que, além dos diversos prêmios, faz parte do projeto Tribos da empresa Três Corações. Na TI Rio Branco são desenvolvidos diversos projetos como o Pacto das Águas que tem como objetivo desenvolver estratégias de desenvolvimento econômico por meio da estruturação e da implantação de cadeias de produtos da sociobiodiversidade.

**Figura 16 - Café Aruá**



Fonte: Três Corações (2023)

No contexto da Terra Indígena Rio Branco, observa-se que iniciativas contemporâneas de fomento — a exemplo do Pacto das Águas, da captação de recursos em diferentes esferas, do incentivo ao turismo sustentável e do acesso ao mercado de créditos de carbono — têm promovido transformações expressivas na implementação de infraestrutura voltada à produção, ao armazenamento e ao escoamento de bens e produtos locais.

Paralelamente, destacam-se os investimentos em capacitação técnica, viabilizados por meio de assessorias oferecidas por distintas entidades e por órgãos das esferas municipal, estadual e federal, cujo propósito central é agregar valor à produção comunitária. Tais ações têm contribuído para o fortalecimento do associativismo e de outras formas de organização social, bem como para a formação de lideranças aptas à gestão eficiente de suas instituições.

Essas iniciativas buscam, ainda, potencializar o valor agregado aos produtos originários das comunidades, promover processos de certificação e ampliar o acesso a mercados pautados em princípios de comércio justo. Em consequência, tem-se observado uma melhoria significativa nas condições de vida das populações indígenas, refletida na geração de renda e de emprego, na valorização dos saberes tradicionais, na preservação ambiental e na ampliação das condições de bem-estar socioeconômico e cultural.

#### 1.10A língua Aruá: família, registros e vitalidade

O mito sobre a origem das línguas diz que *Parikot* queria que todos falassem uma única língua e começou a ensinar a língua Aruá. No entanto, *Andarob*, desobedecendo seu irmão, ensinou várias línguas diferentes, incluindo a dos brancos. *Parikot*, resignado, separou os

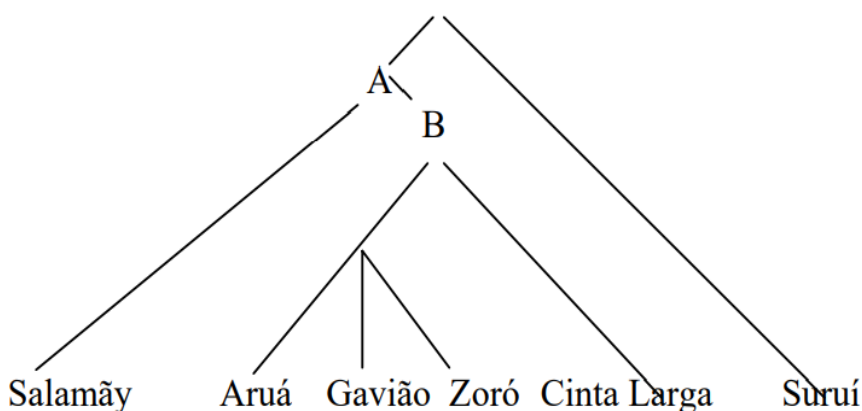
indígenas dos brancos e instruiu os primeiros a não responderem ao canto da cigarra, mas à fala da pedra. Estes, no entanto, responderam à cigarra, enquanto os brancos responderam à pedra, contrariando as instruções de *Parikot*. Como resultado, os brancos se tornaram dominantes. *Parikot* então separou definitivamente os povos, enviando os brancos para o outro lado do mar, na esperança de evitar conflitos entre brancos e indígenas, mas o branco dominou porque os índios não obedeceram ao seu ensinamento, respondendo à cigarra. (Mindlin, 2006).

#### 1.10.1 Família Linguística Mondé

O termo *Mondé* foi atribuído aos Salamãj por Lévi-Strauss (1985), em decorrência de uma confusão entre o nome do povo e o de um cacique. Rodrigues (1958, 1964) classificou a família linguística Mondé como integrante do tronco Tupi, incluindo as línguas Mondé, Digüt e Aruá, pois estas eram as únicas línguas conhecidas até então. Posteriormente, com a consolidação do contato dos demais grupos Mondé e o conhecimento de suas respectivas línguas, Moore (2005) propôs uma revisão dessa classificação, reconhecendo três línguas principais: Suruí de Rondônia, Salamãj (Mondé) e uma terceira língua composta por quatro dialetos — Gavião de Rondônia, Zoró, Cinta Larga e Aruá — que compartilham características estruturais significativas (Figura 18).

**Figura 17** - Diagrama da classificação interna da família linguística Mondé proposto por Moore.

Fonte: Moore (2005)



As características estruturais identificadas por Moore (2005) incluem correspondências regulares entre consoantes laterais e fricativas: em Suruí, as laterais correspondem a fricativas (em Mondé, Aruá, Zoró e Cinta Larga) ou a africadas (em Gavião), sendo essas realizações alveolares ou dentais no grupo A. O som lateral [l] do grupo A corresponde regularmente a [r] em Suruí, que mantém o [r] em posição final de sílaba. O autor também observou que o processo



de desnasalização de consoantes nasais antes de vogais orais não ocorreu em Suruí, mas avançou nas demais línguas, gerando oclusivas sonoras com diferentes graus de pré-nasalização.

Outro traço distintivo é a queda do prefixo de primeira pessoa do singular em uma das quatro classes de prefixos pessoais — inovação do grupo B — obrigatória em Gavião e Zoró, e opcional em Aruá e Cinta Larga. Para Moore (2005), os critérios de definição dessa família baseiam-se na inteligibilidade mútua, nas correspondências sonoras entre os dialetos e nas relações lexicais observadas.

Galúcio *et al.* (2015), por meio de uma Análise Filogenética Computacional baseada em uma lista Swadesh de 100 itens e em 90 nomes de plantas e animais (totalizando 100 unidades lexicais), reforçam a hipótese da classificação interna proposta para o ramo Mondé por Moore (2005). Os dados apontam para uma similaridade de 84,2% entre as línguas Gavião e Zoró e de 83,8% entre Gavião, Zoró, Aruá e Salamãj. Assim, conforme os autores, Salamãj, Aruá e Gavião-Zoró são mais bem compreendidos como codialeto de um mesmo nível, enquanto o Suruí Paiter, com similaridade de 60,9%, é considerado uma língua independente. O estudo não apresenta dados sobre a língua Cinta Larga.

Silva (2013), em sua dissertação, *Um ensaio histórico-comparativo dos lexemas nas línguas da subfamília Mondé (Família Tupi)*, realizou uma comparação lexical interna e propôs uma classificação dos grupos Mondé com base em análises fonológicas, morfológicas e semânticas fundamentadas na metodologia léxico-estatística da Linguística Histórico-Comparativa (p. 19).

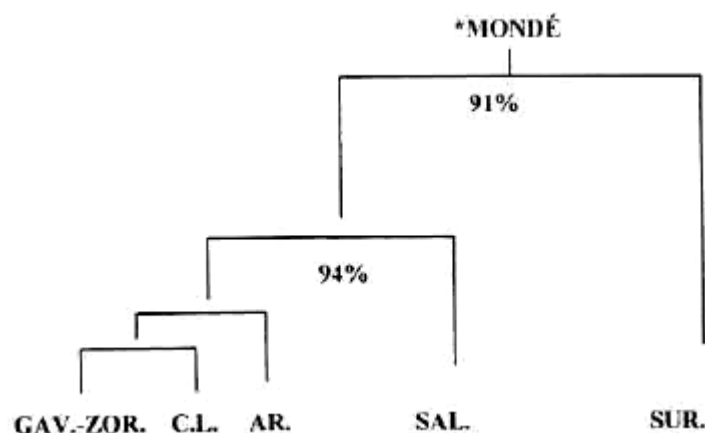
O autor identificou nas línguas Mondé as vogais – /a, ε, i, i, o/–, todas suscetíveis à nasalização e ao alongamento, além de variações nos segmentos /o/ ([o]~[u]) e /ε/ ([ε]~[ε]). No domínio consonantal, observou-se oposição fonêmica nos pares /p–b/, /t–d/, /tʃ–dʒ/, /k–g/, /s–z/, e, especificamente no Suruí Paiter, também em /ʎ–ɾ/. Foram ainda registradas pré-nasalizações das oclusivas sonoras /b/, /d/ e /g/, palatalização de /n/ em contexto adjacente a /i/, sonorização e desnasalização de /m/ e /n/ em todas as línguas analisadas (Silva, 2013, p. 60).

Segundo o autor, o Suruí Paiter constitui a língua mais distante dentro do grupo, seguido por Salamãj e aruá. Já as línguas Cinta Larga, Zoró e Gavião demonstram maior proximidade, compartilhando 99,5 % de cognatos, o que as caracteriza como variantes de uma mesma língua (Silva, 2013, p. 60).

Com base nas correspondências sonoras, o distanciamento do Suruí Paiter é explicado por mudanças diacrônicas específicas, como a lateralização de fricativas, a menor desnasalação

e a perda da oclusiva glotal. Observou-se ainda correspondência do tepe em Suruí Paiter nos contextos em que as demais línguas apresentam lateral, bem como simplificação vocálica em Suruí Paiter e Cinta Larga.

**Figura 18** - Diagrama da classificação interna da família linguística Mondé proposto por Silva



Fonte: Silva (2013)

Nesta tese, opto pela definição proposta por Rodrigues e Cabral (2012), que classificam a língua Aruá como autônoma dentro da família Mondé, ao lado das línguas Suruí Paiter, Cinta Larga, Gavião, Zoró e Mondé/Salamãj. A análise desenvolvida pelos autores, além da comparação léxico-estatística, considera também as mudanças fonológicas, bem como os aspectos políticos e culturais inerentes aos diferentes grupos indígenas.

#### 1.10.2 Registros sobre a língua Aruá

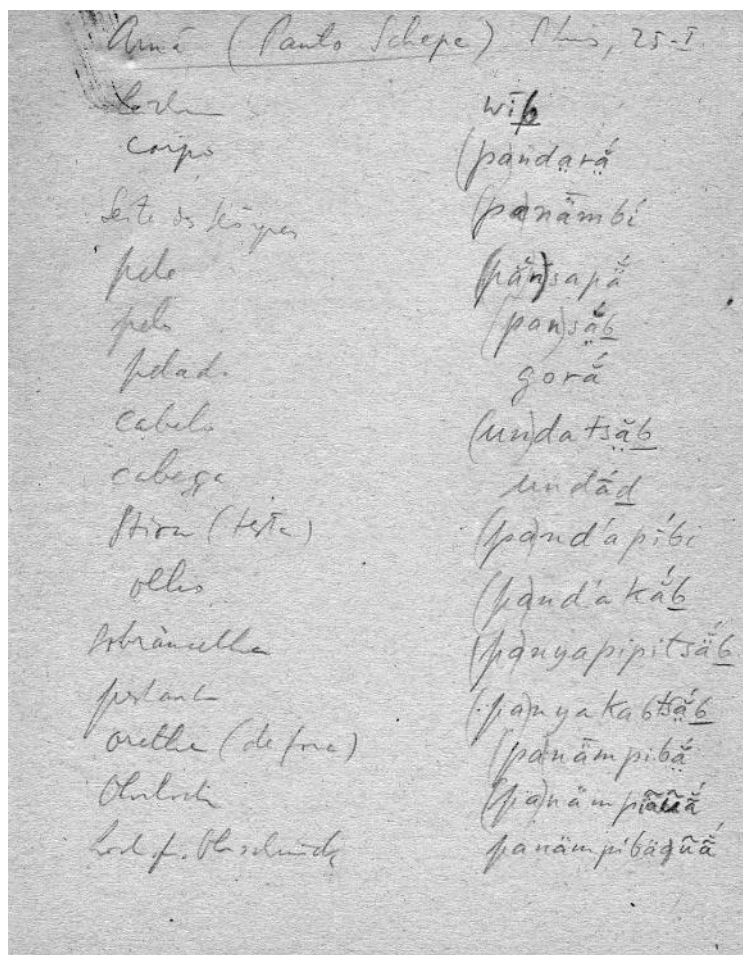
Os primeiros registros sobre a língua dos Aruá foram realizados por etnógrafos que visitaram a região a partir da década de 1930. Entre maio de 1933 e novembro de 1934, o etnógrafo alemão Emil-Heinrich Snethlage conduziu uma expedição pelo Vale do Rio Guaporé, com o propósito de ampliar o acervo do Museu Etnográfico de Berlim. Durante essa expedição, Snethlage compilou uma ampla documentação sobre os povos e as línguas do Vale do Guaporé. Sua visita aos Aruá ocorreu em 24 de julho de 1934, no seringal São Luís.

Posteriormente, em 1948, o jornalista e etnógrafo iugoslavo Tibor Sekelj visitou o seringal São Luís acompanhado de sua esposa, Erszebet Szekely, e outros dois colegas. Entre fevereiro e abril de 1948, durante sua expedição ao Rio Branco, Sekelj registrou uma lista de palavras nas línguas Aruá, Makuráp, Djeoromitxí, Arikapú e Tuparí.

No mesmo ano, o etnógrafo suíço Franz Caspar, junto de sua esposa Frauke Caspar, também esteve no rio Branco, onde reuniu uma lista de vocabulário e frases da língua Aruá. Na

figura 20, atribuída a Caspar, o manuscrito apresenta a marcação de prefixos pessoais e de elementos relacionados ao tom ou à proeminência, além de um conjunto de termos referentes ao corpo humano.

**Figura 19** - Imagem do manuscrito atribuído a Caspar



Fonte: Caspar (s.d)

Em 1963, Čestmír Loukotka publicou um vocabulário Aruá, contribuindo para a documentação da língua. Na década de 1990, Betty Mindlin incluiu glossários em Aruá em suas publicações, ampliando o acervo linguístico disponível.

Além desses esforços, a missionária Zita Araya Pinto elaborou uma lista contendo mais de 700 palavras acompanhadas de sua respectiva transcrição fonética, organizada em um arquivo de PowerPoint<sup>4</sup>. Pinto também registrou músicas e narrativas dos Aruá. Houve outros

<sup>4</sup> PINTO, Zita Araya. *Ortografia e Fonética: Língua Arowá*. [S. l.], 2018. 36 slides. Apresentação de PowerPoint.

pesquisadores que coletaram dados adicionais sobre a língua, embora suas produções não tenham sido localizadas até o presente.

**Figura 20** - Imagem da lista de palavras de Emil Snethlage

|                | Makurap    | Wayoro   | Apitánum    | Tupari                  | Aruá      | Aruáshi | Aumiape | Guaratápeja         | Mequeno            | Gabuti          | Askapi       |
|----------------|------------|----------|-------------|-------------------------|-----------|---------|---------|---------------------|--------------------|-----------------|--------------|
| Base           |            |          |             |                         |           |         |         |                     | ukutpát (mit. 623) |                 |              |
| Neffe          |            |          |             |                         |           |         |         |                     | Kumankit (659)     |                 |              |
| Möchte         |            |          |             |                         |           |         |         |                     | uwitschiaripát     |                 |              |
| Häuptling      | bōat       |          |             |                         |           |         |         | uzāmānpit           |                    |                 |              |
|                |            |          |             |                         |           |         |         | Unanamkupia         |                    | inirā           |              |
|                |            |          |             |                         |           |         |         | tapizāna            |                    |                 |              |
|                |            |          |             |                         |           |         |         | kapischanā          |                    |                 |              |
| Folgsam        |            |          |             |                         |           |         |         |                     | Kupia (624)        | Kurumi          |              |
| Nachbar        |            |          |             |                         |           |         |         |                     | 361 maloro (629)   |                 |              |
| Einheimischer  |            |          |             |                         |           |         |         |                     |                    |                 |              |
| Fremd          |            |          |             |                         |           |         |         |                     |                    |                 |              |
|                |            |          |             |                         |           |         |         | ipurāzānjami        |                    |                 |              |
|                |            |          |             |                         |           |         |         | ikāna               |                    |                 |              |
| Himmel         |            | gāhat    |             | ahāt <sup>kiad</sup> ad | ingatpi'  |         |         | waipa (538)         |                    | wōwi            | rekokokāmbri |
| Sonne          | gāhat      | gāhat    | iaKop       | jakop                   | ingat     | Kain    |         | ziawānāKiaKop       |                    | tohōn           |              |
|                | ngāhāt     | gāhatKop | iaKop       |                         |           |         |         | KiaKop              |                    |                 |              |
|                |            | iaKop    |             |                         |           |         |         | KiaKopKiaKop        |                    |                 |              |
| Sonnenstahl    |            |          | iaKop Karap | jakop amzi              |           |         |         | zāka zāka           |                    |                 |              |
| Stahl d. Sonne |            |          |             | amzi                    |           |         |         |                     |                    |                 |              |
| Straßen        | Kitschōari |          |             |                         | gapam     |         |         |                     |                    | tohonpa, toho   |              |
|                |            |          |             |                         | aka'nga   |         |         |                     |                    | palschipsatschi |              |
| Mond           |            | pakuri   |             | kuāpā                   | ingafē'   |         | pakuri  | wakuti              |                    | Kupa            | Kupā         |
| Vollmond       |            |          |             |                         |           |         |         | wakurizo (pohnd)    |                    |                 |              |
| Mondstichel    |            |          |             |                         |           |         |         | wakurizinja (pohnd) |                    |                 |              |
| Stein          |            | waruwaru |             | waruwaru                | ingatikap |         |         | pāruwaru            |                    |                 | wirawira     |
|                |            |          |             |                         |           |         |         | wāruwāru            |                    |                 |              |
| Spernamen      |            |          |             |                         |           |         |         | (all) paruwari 667  |                    |                 |              |
| Nemus          |            |          |             |                         |           |         |         | (all) paruwari 663  |                    |                 |              |
| Milchschafse   |            | pimām    |             |                         |           |         |         | (all) Kupkatpūt 669 |                    | toto ntsche     |              |

Fonte: Caspar (s.d)

### 1.11 Panorama sociolinguístico da língua aruá

A língua Aruá, assim como muitas outras línguas indígenas com número reduzido de falantes, vem passando por um intenso processo de perda de vitalidade. Atualmente, é classificada pela UNESCO como seriamente ameaçada de extinção. Esse cenário resulta de um conjunto de fatores sociais, culturais e históricos, detalhados neste capítulo.

Entre esses fatores, destacam-se as políticas estatais de dispersão dos falantes, a drástica redução populacional, os casamentos Inter étnicos, a hegemonia da língua portuguesa e a ausência de políticas linguísticas voltadas à preservação. Como consequência, restam hoje apenas quatro falantes do povo Aruá que adquiriram a língua como materna na primeira infância.

Nesse contexto, torna-se fundamental o desenvolvimento de estudos sociolinguísticos específicos que permitam avaliar com maior precisão o nível de competência comunicativa dos

demais membros da comunidade, que não têm o Aruá como L1 nem o utilizam como meio de comunicação cotidiana em todos os contextos.

Atualmente, o uso da língua é bastante restrito, uma vez que todos os falantes dominam também o português e o Makuráp. Odete Aruá e Valdir Aruá, residentes na aldeia Bahia da Onça (TI Rio Guaporé), vivem na mesma casa e utilizam o Aruá como meio de comunicação diária, juntamente com a esposa de Odete, pertencente ao povo Djeoromitxí. Nesse ambiente, o Aruá convive e compete com o Djeoromitxí, o Makuráp e o português.

Por outro lado, Anízio Aruá (TI Rio Branco, aldeia São Luís) e Luiz Aruá (TI Rio Guaporé, aldeia Mata Verde) residem em contextos em que não há outros falantes plenos da língua, o que inviabiliza seu uso como principal meio de comunicação cotidiana. Assim, a comunicação em Aruá entre todos os falantes ocorre apenas de forma esporádica, seja em encontros presenciais, seja por telefone.

Apesar dessas limitações, durante o trabalho de campo foi possível registrar diálogos espontâneos entre os falantes, abordando temas diversos, como atividades cotidianas, viagens e festividades, o que evidencia a existência de um corpus linguístico ainda vivo. Esse material, contudo, revela sinais de atrição lexical e estrutural, perceptíveis nas dificuldades de rememoração de construções gramaticais mais complexas e em lacunas no uso do léxico tradicional.

No que diz respeito à transmissão intergeracional, esta é praticamente inexistente. Tanto na TI Rio Branco, com Anízio Aruá, quanto na TI Rio Guaporé, com Odete Aruá, há esforços contínuos para ensinar a língua e manter vivas as tradições, seja no âmbito doméstico, seja no contexto escolar, com o apoio de professores indígenas.

Entre os objetivos desta tese está o de contribuir para a elaboração de materiais didáticos e de estratégias de revitalização linguística que possam ser implementadas em contextos escolares e comunitários. Para isso, é imprescindível a realização de pesquisas sociolinguísticas voltadas à avaliação do grau de proficiência de falantes não nativos e semifalantes, a fim de compreender o continuum de competência linguística existente e orientar ações pedagógicas adequadas às diferentes realidades de uso da língua Aruá.

#### 1.12 Considerações finais

Em síntese, este capítulo delineou a complexa trajetória do povo Aruá. A partir da contextualização do Tronco Tupí no Guaporé, a narrativa histórica detalhou o trauma do contato – marcado pela violência dos seringais, pelo regime de trabalho servil, pela tutela coercitiva do

SPI e pelo colapso demográfico. No entanto, o capítulo evidenciou a resiliência da estrutura social Aruá, demonstrada pela persistência dos clãs patrilineares, pela manutenção das alianças interétnicas (Complexo Cultural do Marico) e pelo esforço contemporâneo de resgate cultural (música e pajelança). Ao apresentar a cosmovisão, a organização social, e a cultura material, estabelecemos o universo cultural que molda a identidade linguística do grupo.

Finalmente, foram abordados os registros e os estudos sobre a língua Aruá, sua inserção na família Mondé e o seu status sociolinguístico de ameaça crítica. É neste contexto de fragilidade e persistência que o trabalho se aprofundará, utilizando os dados fonéticos, fonológicos e morfossintáticos remanescentes para descrever e analisar a gramática da língua.

## 2 FONOLOGIA DA LÍNGUA ARUÁ

Neste capítulo apresentamos uma análise da fonética e da fonêmica da língua Aruá, destacando os fonemas, seus alofones ou realizações fonéticas, a fonotática da língua e os processos fonológicos. Essa análise baseou-se principalmente em uma perspectiva estruturalista, utilizando os procedimentos metodológicos do modelo desenvolvido por Pike (1947).

### 2.1 Descrição dos fones consonantais

A análise articulatória dos sons encontrados nos dados coletados identificou os seguintes fones consonantais da língua Aruá, apresentados no Quadro 2.

**Quadro 2** – Inventário fonético das consoantes da língua Aruá

|               |        | labial | Labiodental | Alveolar | Alveolopalatal | Palatal | Velar | Glotal |
|---------------|--------|--------|-------------|----------|----------------|---------|-------|--------|
| Oclusiva      | Surda  | p p'   |             | t t'     |                |         | k k'  | ʔ      |
|               | Sonora | b m̥b  |             | d n̥d    |                |         | g n̥g |        |
| Africada      | Surda  |        |             | ts       | tʃ             |         |       |        |
|               | Sonora |        |             | dz       | dʒ n̥dʒ        |         |       |        |
| Fricativa     | Surda  |        | v           | s        |                |         |       |        |
|               | Sonora | β      |             | z        |                |         | ɣ     |        |
| Nasal         | Sonora | m      |             | n        |                | ɲ       | ŋ     |        |
| Lateral       | Sonora |        |             | l        |                |         |       |        |
| Flepe         | Sonora |        |             | r        |                |         |       |        |
| Flepe lateral | Sonora |        |             | ɭ        |                |         |       |        |
| Aproximante   | Sonora | w ẽw   |             |          |                | j ẽj    |       |        |

Fonte: Elaboração própria

#### 2.1.1 Descrição dos ambientes de ocorrência dos segmentos consonantais

Nesta seção, apresentamos os sons identificados com base em critérios articulatórios.

### 2.1.1.1 Consoantes oclusivas

#### 2.1.1.1.1 [p] oclusiva bilabial surda

Ocorre em posição de *onset* em sílabas iniciais, mediais e finais.

1)

|    |        |                |                   |
|----|--------|----------------|-------------------|
| a. | #___V  | [poa]          | ‘assoprar’        |
| b. | #___V  | [pari]         | ‘bom’             |
| c. | #___V  | [papa]         | ‘papai’           |
| d. | #___V  | [pɛɛ]          | ‘coxa’            |
| e. | #___V  | [pɪpɪkʔapʔ]    | ‘coruja orelhuda’ |
| f. | #___V  | [pɪgɪpʔ]       | ‘filhote’         |
| g. | #___V  | [pabɔjʔaa]     | ‘mandioca’        |
| h. | #___Ṽ | [pɔ̃mɔ̃mbɔ]    | ‘arara grande’    |
| i. | #___Ṽ | [pɔ̃rɔ̃]       | ‘dizer’           |
| j. | C___V  | [ˠbatʔpɛ]      | ‘arco’            |
| k. | C___Ṽ | [maɛkʔkapʔpĩm] | ‘sabugo de milho’ |
| l. | V___Ṽ | [tsapɔ̃m]      | ‘rabo/cauda’      |
| m. | V___V  | [tsapɛ]        | ‘roupa’           |
| n. | V___V  | [apɛpo]        | ‘voar’            |

#### 2.1.1.1.2 [pʔ] oclusiva bilabial surda não explodida

Ocorre exclusivamente em posição de coda de sílabas mediais e finais.

2)

|    |       |              |                   |
|----|-------|--------------|-------------------|
| a. | V___# | [kapʔ]       | ‘semente’         |
| b. | V___# | [tsɛpʔ]      | ‘folha’           |
| c. | V___# | [kakopʔ]     | ‘muito’           |
| d. | V___# | [ɔjkaapʔ]    | ‘patuá’           |
| e. | V___# | [patʃakapʔ]  | ‘campo natural’   |
| f. | V___# | [iipʔ]       | ‘árvore’          |
| g. | V___C | [akopʔʔaa]   | ‘cacau’           |
| h. | V___C | [ʔɪpɛpʔʔaa]  | ‘pariri’          |
| i. | V___C | [ipʔtapoo]   | ‘raiz aérea’      |
| j. | V___C | [ipʔsakʔʔaa] | ‘tronco’          |
| k. | V___C | [topikipʔ]   | ‘nosso tornozelo’ |



### 2.1.1.1.3 [t] oclusiva alveolar surda

Ocorre em posição de *onset*, em sílabas iniciais, mediais e finais.

3)

|            |            |              |
|------------|------------|--------------|
| a. #___ V  | [toga]     | ‘empurrar’   |
| b. #___ V  | [tapoo]    | ‘nervo/veia’ |
| c. #___ V  | [tiri]     | ‘queimar’    |
| d. #___ V  | [tii]      | ‘grande’     |
| e. #___ V  | [taga]     | ‘bater’      |
| f. #___ V  | [tiripʰaa] | ‘aricuri’    |
| g. #___ Ṽ | [tõntõwa]  | ‘nadar’      |
| h. V___ V  | [iti]      | ‘veado’      |
| i. V___ V  | [petapʰ]   | ‘amargo’     |
| j. C___ V  | [ajtiripʰ] | ‘panela’     |

### 2.1.1.1.4 [tʰ] oclusiva alveolar surda não explodida

Ocorre exclusivamente em posição de coda, em sílabas mediais e finais. Em sílaba medial, precede sílaba iniciada por consoante oclusiva surda.

4)

|             |               |                |
|-------------|---------------|----------------|
| a. V___ #   | [ᵐdatʰ]       | ‘cabeça’       |
| b. V___ #   | [ᵐbasotʰ]     | ‘raiva’        |
| c. V___ #   | [uutʰ]        | ‘tumor’        |
| d. V___ #   | [ᵐbatʰ]       | ‘seringa’      |
| e. V___ #   | [ᵑgitʰ]       | ‘piolho’       |
| f. V___ #   | [kiitʰ]       | ‘branco/claro’ |
| g. V___ #   | [wakatʰ]      | ‘garça’        |
| h. V___ \$C | [ᵐbatʰpɛ]     | ‘arco’         |
| i. V___ \$C | [ᵑgatʰpi]     | ‘céu’          |
| j. V___ \$C | [ᵑgatʰtii]    | ‘lua’          |
| k. V___ \$C | [ᵑgatʰtikapʰ] | ‘estrela’      |
| l. V___ \$C | [gatotʰpɛpʰ]  | ‘arara preta’  |

### 2.1.1.1.5 [k] oclusiva velar surda

Ocorre em posição de *onset* em sílabas iniciais, mediais e finais.

5)

|           |          |          |
|-----------|----------|----------|
| a. #___ V | [kiriya] | ‘morder’ |
|-----------|----------|----------|

|    |         |            |                   |
|----|---------|------------|-------------------|
| b. | #___ V  | [kata]     | ‘derrubar/cortar’ |
| c. | #___ V  | [kapˀ]     | ‘semente’         |
| d. | #___ V  | [kakopˀ]   | ‘muito’           |
| e. | #___ V  | [kirĩĩn]   | ‘beija-flor’      |
| f. | #___ Ṽ | [kôõõ]     | ‘cavar’           |
| g. | #___ Ṽ | [kôõ]      | ‘fogo’            |
| h. | #___ Ṽ | [kôm]      | ‘pó’              |
| i. | Ṽ___ V | [nẽnko]    | ‘onça’            |
| j. | V___ Ṽ | [dʒokôn]   | ‘tucano’          |
| k. | V___ Ṽ | [ᵐberəkôõ] | ‘grilo’           |
| l. | V___ V  | [ikatˀ]    | ‘lago’            |
| m. | V___ V  | [akopˀʔa]  | ‘cacau’           |
| n. | V___ V  | [ikolô]    | ‘gavião’          |

#### 2.1.1.1.6 [kˀ] oclusiva velar surda não explodida

Ocorre exclusivamente em posição de coda em sílaba medial e final. Em sílaba medial precede consoante oclusiva glotal.

6)

|    |          |              |                    |
|----|----------|--------------|--------------------|
| a. | V___ #   | [idakˀ]      | ‘igapó’            |
| b. | V___ #   | [ekˀ]        | ‘casa’             |
| c. | V___ #   | [bibekˀ]     | ‘irmão mais velho’ |
| d. | V___ #   | [maʔɛkˀ]     | ‘milho’            |
| e. | V___ \$C | [dokˀdokˀʔa] | ‘curimatã’         |
| f. | V___ \$C | [pipikˀʔapˀ] | ‘coruja orelhuda’  |
| g. | V___ \$C | [tsɛɛkˀʔa]   | ‘partir’           |

#### 2.1.1.1.7 [ʔ] oclusiva glotal surda

Ocorre em posição de *onset*, bem como em posição de coda, tanto em sílabas mediais quanto finais.

7)

|    |         |             |                        |
|----|---------|-------------|------------------------|
| a. | #___ V  | [ʔa]        | ‘fruto’                |
| b. | #___ V  | [ʔojʔitˀ]   | ‘mandi-sapo’           |
| c. | #___ V  | [ʔipˀpabii] | ‘galho’                |
| d. | #___ Ṽ | [ʔôn]       | ‘partícula de negação’ |
| e. | V___ V  | [tʃaʔa]     | ‘pedra’                |

|    |          |              |             |
|----|----------|--------------|-------------|
| f. | V ____ V | [aʔala]      | ‘cair’      |
| g. | V ____ V | [maʔɛkʼ]     | ‘milho’     |
| h. | Ũ ____ V | [amõʔa]      | ‘tracajá’   |
| i. | V ____ Ũ | [maʔĩ]       | ‘esconder’  |
| j. | C ____ V | [akopʼʔaa]   | ‘cacau’     |
| k. | C ____ V | [tsɛɾɛkʼʔaa] | ‘partir’    |
| l. | C ____ V | [zɛɾɛpʼʔaa]  | ‘pica-pau’  |
| m. | C ____ V | [tiripʼʔaa]  | ‘aricuri’   |
| n. | V ____ # | [bosaʔ]      | ‘numeral 2’ |

#### 2.1.1.1.8 [b] oclusiva bilabial sonora

Ocorre em posição de *onset* em sílabas iniciais, mediais e finais.

8)

|    |          |          |                     |
|----|----------|----------|---------------------|
| a) | # ____ V | [baso]   | ‘vento’             |
| b) | # ____ V | [basaj]  | ‘espécie de macaco’ |
| c) | # ____ V | [bɛɾɛpʼ] | ‘formiga’           |
| d) | # ____ V | [bɛbɛ]   | ‘queixada’          |
| e) | # ____ V | [bitʃõŋ] | ‘noite’             |
| f) | # ____ V | [basapɛ] | ‘cofo’              |
| g) | # ____ V | [bɛɛ]    | ‘caminho’           |
| h) | V ____ V | [ibitʼ]  | ‘igarapé’           |
| i) | V ____ V | [bibɛkʼ] | ‘irmão mais velho’  |
| j) | V ____ V | [babɛ]   | ‘mão’               |
| k) | V ____ V | [babo]   | ‘traíra’            |
| l) | V ____ V | [zabɛ]   | ‘peixe de igarapé’  |

#### 2.1.1.1.9 [ᵐb] oclusiva bilabial pré-nasalizada

Ocorre em posição de *onset* no início de palavra, precedida por silêncio, e em posição medial, quando antecedida por vogal nasal.

9)

|    |          |             |                     |
|----|----------|-------------|---------------------|
| a. | # ____ V | [ᵐbatʼ]     | ‘seringa’           |
| b. | # ____ V | [ᵐbagapʼ]   | ‘relâmpago’         |
| c. | # ____ V | [ᵐbikɪpʼ]   | ‘meu tornozelo’     |
| d. | # ____ V | [ᵐbikakapʼ] | ‘tendão de Aquiles’ |
| e. | # ____ V | [ᵐbasaj]    | ‘espécie de macaco’ |

- f. #\_\_\_\_ V [ᵐbɛɾɛpˀ] ‘formiga’  
 g. ǁ\_\_\_\_ V [ᵐbɛ] ‘arraia’  
 h. ǁ\_\_\_\_ V [pᵐboo wɛɾɛtˀ] ‘cinco’

#### 2.1.1.1.10 [d] oclusiva alveolar sonora

Ocorre em posição de *onset* em posição inicial e medial de palavra.

10)

- a. #\_\_\_\_ ǁ [dõõ] ‘cheio’  
 b. #\_\_\_\_ V [dokˀdokˀʔa] ‘curimatã’  
 c. #\_\_\_\_ V [dabɛ] ‘machado’  
 d. #\_\_\_\_ V [dadikˀ] ‘bebê’  
 e. V\_\_\_\_ V [idakˀ] ‘igapó’  
 f. V\_\_\_\_ ǁ [idõõ] ‘cheio de água’

#### 2.1.1.1.11 [ᵐd] oclusiva alveolar pré-nasalizada

Ocorre em posição de *onset*, em sílabas iniciais e mediais, tanto diante de vogais orais quanto de vogais nasais.

11)

- a. #\_\_\_\_ V [ᵐdapoo] ‘cipó’  
 b. #\_\_\_\_ V [ᵐdatˀ] ‘cabeça’  
 c. #\_\_\_\_ V [ᵐdatˀ tsepˀ] ‘cabelo da cabeça’  
 d. #\_\_\_\_ V [ᵐdo] ‘serra’  
 e. #\_\_\_\_ V [ᵐdõõ] ‘cheio’

#### 2.1.1.1.12 [g] oclusiva velar sonora

Ocorre em posição de *onset* em posição inicial e medial de palavra.

12)

- a. #\_\_\_\_ V [gadotˀ] ‘arara’  
 b. #\_\_\_\_ V [goso] ‘cupim’  
 c. V\_\_\_\_ V [tigi] ‘seiva’  
 d. V\_\_\_\_ V [tsogotsogoa] ‘esfregar’  
 e. V\_\_\_\_ V [tsaga] ‘junto a/próximo de’  
 f. V\_\_\_\_ V [atɛgɛ] ‘onde’  
 g. V\_\_\_\_ V [kiriɣa] ‘morder’  
 h. V\_\_\_\_ V [toga] ‘empurrar’

### 2.1.1.1.13 [ŋg] oclusiva velar sonora pré-nasalizada

Ocorre em posição de *onset*, em sílabas iniciais e mediais, tanto diante de vogais orais quanto de vogais nasais:

13)

- |    |         |                          |                    |
|----|---------|--------------------------|--------------------|
| a. | #_____V | [ <sup>ɲ</sup> gitˀ]     | ‘piolho’           |
| b. | #_____V | [ <sup>ɲ</sup> gatˀ]     | ‘sol’              |
| c. | #_____V | [ <sup>ɲ</sup> gatˀpi]   | ‘céu’              |
| d. | #_____V | [ <sup>ɲ</sup> gala]     | ‘mata’             |
| e. | #_____V | [ <sup>ɲ</sup> galaitˀ]  | ‘mata pequena’     |
| f. | #_____V | [ <sup>ɲ</sup> gõ]       | ‘estomago’         |
| g. | #_____V | [ <sup>ɲ</sup> gitˀʔapˀ] | espécie de tucano’ |

### 2.1.1.2 Consoantes africadas

#### 2.1.1.2.1 [ts] africada alveolar surda

Ocorre em posição de *onset* em posição inicial e medial de palavra.

14)

- |    |         |             |                       |
|----|---------|-------------|-----------------------|
| a. | #_____V | [tsaga]     | ‘junto a/ próximo de’ |
| b. | #_____V | [tsĩn]      | ‘fino’                |
| c. | #_____V | [tsõn]      | ‘costurar’            |
| d. | #_____V | [tsɛɾekˀʔa] | ‘partir’              |
| e. | #_____V | [tsɛpˀ]     | ‘folha’               |
| f. | #_____V | [tsaa]      | ‘figado’              |
| g. | #_____V | [tsɔpˀ]     | ‘ruim’                |

#### 2.1.1.2.2 [tʃ] africada alveolopalatal surda

Ocorre em posição de *onset* em posição inicial e medial de palavra.

15)

- |    |          |             |                     |
|----|----------|-------------|---------------------|
| a. | #_____V  | [tʃiipˀ]    | ‘flor’              |
| b. | #_____V  | [tʃipi]     | ‘pé dele’           |
| c. | #_____V  | [tʃaʔa]     | ‘pedra’             |
| d. | #_____V  | [tʃita]     | ‘carregar’          |
| e. | V_____V  | [kuritʃapˀ] | ‘longe’             |
| f. | C_____V  | [ɛmõjtʃɛ]   | ‘tua espinha/cravo’ |
| g. | V_____Ṽ | [bitʃõŋ]    | ‘noite’             |

- h. V \_\_\_\_ V [pajtʃɐpˈ] ‘capim’

2.1.1.2.3 [dz] africada alveolar sonora<sup>5</sup>

Ocorre em posição de *onset* em posição inicial de palavra.

16)

- a. # \_\_\_\_ V [dzĩĩ] ‘minha perna’  
 b. # \_\_\_\_ V [dzapˈka] ‘minha menstruação’  
 c. # \_\_\_\_ V [dzabiaj] ‘tuxaua’  
 d. # \_\_\_\_ V [dzoj] ‘chuva’

2.1.1.2.4 [dʒ] africada alveolopalatal sonora

Ocorre em posição de *onset* em posição inicial e medial de palavra.

17)

- a. # \_\_\_\_ V [dʒibo] ‘cobra’  
 b. # \_\_\_\_ V [dʒakapˈ] ‘meu olho’  
 c. # \_\_\_\_ V [dʒiipˈ] ‘morcego’  
 d. # \_\_\_\_ V [dʒokõn] ‘tucano’  
 e. # \_\_\_\_ V [dʒaapˈ] ‘flecha’

2.1.1.2.5 [ʎdʒ] africada alveolopalatal sonora pré-nasalizada

Ocorre em posição de *onset* de sílaba medial precedida de vogal nasal.

18)

- a. Ỹ \_\_\_\_ V [nẽːndʒi] ‘leite materno’  
 b. Ỹ \_\_\_\_ V [mẽːndʒi] ‘caldo’  
 c. Ỹ \_\_\_\_ V [õːndʒiitˈ] ‘meu sangue’  
 d. Ỹ \_\_\_\_ V [ẽːndʒiitˈ] ‘teu sangue’

2.1.1.3 Consoantes fricativas

2.1.1.3.1 [s] fricativa alveolar surda

Ocorre em posição de *onset* de sílaba inicial, medial e final.

19)

- a. # \_\_\_\_ V [salapˈkapˈ] ‘caroço de marajá’  
 b. # \_\_\_\_ V [sapɛ] ‘pele/casca’  
 c. # \_\_\_\_ V [sagadɛ] ‘matado’

<sup>5</sup> A maioria dos registros deste fone são de Hilda Aruá, ainda que tenham sido registrados em poucas palavras com Anízio e Luiz Aruá.

|    |        |          |                           |
|----|--------|----------|---------------------------|
| d. | #____V | [sopɛɛ]  | ‘macaco da cabeça branca’ |
| e. | #____V | [sapõm]  | ‘rabo/cauda’              |
| f. | V____V | [baso]   | ‘vento’                   |
| g. | V____V | [basaj]  | ‘macaco prego’            |
| h. | V____V | [bosaʔ]  | ‘dois’                    |
| i. | V____V | [basotʰ] | ‘raiva’                   |
| j. | V____V | [basapɛ] | ‘cofo’                    |
| k. | V____V | [wasa]   | ‘anta’                    |

#### 2.1.1.3.2 [z] fricativa alveolar sonora

Ocorre em posição de *onset* de sílaba inicial, medial e final.

20)

|    |          |            |                      |
|----|----------|------------|----------------------|
| a. | #____V   | [zoj]      | ‘chuva’              |
| b. | #____V   | [zɛɾɛpʰʔa] | ‘pica-pau’           |
| c. | #____V   | [zabiaj]   | ‘tuxaua’             |
| d. | #____V   | [zaj]      | ‘esposa’             |
| e. | #____V   | [zakʰɛj]   | ‘formiga de jacamim’ |
| f. | #____V   | [zarokapʰ] | ‘calango’            |
| g. | #____Ṽ  | [zɛ̃n]     | ‘perto’              |
| h. | Ṽ____V  | [õnzaj]    | ‘minha esposa’       |
| i. | Ṽ____V  | [wõnzɛpʰ]  | ‘fêmea’              |
| j. | Ṽ____V  | [põnzɔ]    | ‘gente’              |
| k. | #____V   | [zolõʔaa]  | ‘abacaxi’            |
| l. | Ṽ____Ṽ | [zõzõʔaa]  | ‘abiorana’           |

#### 2.1.1.3.3 [ɣ] fricativa velar sonora<sup>6</sup>

Ocorre em posição de *onset* de sílaba medial e final.

21)

|    |        |           |             |
|----|--------|-----------|-------------|
| a. | V____V | [kiriɣa]  | ‘morder’    |
| b. | V____V | [toɣa]    | ‘empurrar’  |
| c. | V____V | [jaɣa]    | ‘rir’       |
| d. | V____V | [taɣa]    | ‘bater’     |
| e. | V____V | [ᵐbaɣapʰ] | ‘relâmpago’ |
| f. | V____V | [popaɣa]  | ‘animal’    |

<sup>6</sup> Este som ocorre exclusivamente na fala de Odete Aruá.

- g. V \_\_\_\_ V [waya] ‘chorar’

#### 2.1.1.3.4 [β] fricativa bilabial sonora

Ocorre em posição de *onset* de sílaba medial e final.

22)

- a. # \_\_\_\_ V [βopˈ] ‘vermelho’  
 b. # \_\_\_\_ V [βɔj] ‘homem’  
 c. # \_\_\_\_ V [βira] ‘comer’  
 d. V \_\_\_\_ V [βaβo] ‘jacaré’

#### 2.1.1.3.5 [v] fricativa labiodental sonora

Ocorre em posição de *onset* de sílaba inicial, medial e final.

23)

- a. # \_\_\_\_ V [vir] ‘comida’  
 b. V \_\_\_\_ V [pavira] ‘1PL.INCL-comida’  
 c. V \_\_\_\_ V [ovolo] ‘1SG-vir’  
 d. V \_\_\_\_ V [evolo] ‘2SG-vir’  
 e. V \_\_\_\_ V [avolo] ‘3CORR-vir’

### 2.1.1.4 Consoantes nasais

#### 2.1.1.4.1 [m] nasal labial

Ocorre em posição de *onset* e de coda, em sílabas iniciais, mediais e finais. Em sílaba medial, pode ser seguida por consoante oclusiva.

- a. # \_\_\_\_ V [mõõm] ‘um’  
 b. # \_\_\_\_ V [mẽ] ‘meu marido’  
 c. # \_\_\_\_ V [mi] ‘nariz’  
 d. # \_\_\_\_ V [malĩtɛ] ‘jogar’  
 e. # \_\_\_\_ Ṽ [mẽntetˈ] ‘ontem’  
 f. # \_\_\_\_ V [mɔʔĩ] ‘esconder’  
 g. # \_\_\_\_ Ṽ [mɔʔẽ] ‘pegar’  
 h. # \_\_\_\_ Ṽ [mãmgapˈ] ‘castanha’

#### 2.1.1.4.2 [n] nasal alveolar

Ocorre em posição de *onset* e de coda, em sílabas iniciais, mediais e finais. Em sílaba medial, pode ser seguida por consoante oclusiva.

24)



- |    |        |   |           |                 |
|----|--------|---|-----------|-----------------|
| a. | #_____ | Ũ | [nẽnko]   | ‘onça’          |
| b. | #_____ | Ũ | [nẽntopˈ] | ‘filho’         |
| c. | #_____ | Ũ | [nõ]      | ‘dar’           |
| d. | #_____ | V | [na]      | ‘fazer’         |
| e. | #_____ | Ũ | [nẽˈndʒi] | ‘leite materno’ |
| f. | Ũ_____ | # | [tsĩn]    | ‘fino’          |
| g. | Ũ_____ | # | [tsẽn]    | ‘costurar’      |

#### 2.1.1.4.3 [ɲ] nasal alveolopalatal

Ocorre em posição de *onset* de sílaba inicial e medial de palavra seguida de vogal nasal.

25)

- |    |        |   |          |                           |
|----|--------|---|----------|---------------------------|
| a. | #_____ | Ũ | [nẽẽ]    | ‘terra’                   |
| b. | #_____ | Ũ | [nẽ]     | ‘dente’                   |
| c. | V_____ | Ũ | [ĩĩ]     | ‘rede’                    |
| d. | V_____ | Ũ | [ĩĩ tẽẽ] | ‘rede de algodão’         |
| e. | Ũ_____ | Ũ | [kãĩnẽ]  | ‘fumaça’                  |
| f. | V_____ | Ũ | [upẽõn]  | ‘parte de dentro da coxa’ |
| g. | V_____ | Ũ | [ĩẽ]     | ‘piranha’                 |
| h. | V_____ | Ũ | [tʃĩpĩõ] | ‘rastro dele’             |
| i. | Ũ_____ | Ũ | [õnõ]    | ‘agora’                   |
| j. | #_____ | Ũ | [nõ]     | ‘carne’                   |

#### 2.1.1.4.4 [ŋ] nasal velar

Ocorre em posição de coda de sílaba inicial, seguida de consoante e em posição de coda de sílaba final.

26)

- |    |        |   |            |                 |
|----|--------|---|------------|-----------------|
| a. | Ũ_____ | # | [tẽẽŋmõga] | ‘estou deitado’ |
| b. | Ũ_____ | # | [tãŋ]      | ‘grosso’        |
| c. | Ũ_____ | # | [bitfẽŋ]   | ‘noite’         |

#### 2.1.1.5 Consoantes aproximantes

##### 2.1.1.5.1 [w] aproximante labial

Ocorre em posição de *onset* e de coda, em sílabas iniciais, mediais e finais.

27)

- |    |        |   |       |         |
|----|--------|---|-------|---------|
| a. | #_____ | V | [wɔj] | ‘homem’ |
|----|--------|---|-------|---------|

- b. #\_\_\_\_ V [wit'] 'comida'  
 c. #\_\_\_\_ V [wawo] 'jacaré'  
 d. V\_\_\_\_ V [awasa] 'tamboatá'  
 e. V\_\_\_\_ V [awalap'] 'papagaio'  
 f. V\_\_\_\_ Ñ [tõntõwa] 'nadar'  
 g. V\_\_\_\_ V [tʃiwa] 'beber'  
 h. V\_\_\_\_ # [itʃaw] 'piauí'

#### 2.1.1.5.2 [w̃] aproximante labial nasalizada

Ocorre em posição de *onset* seguida de vogal nasal.

28)

- a. #\_\_\_\_ Ñ [w̃õnzɛp'] 'fêmea'  
 b. #\_\_\_\_ Ñ [w̃õ] 'buraco'

#### 2.1.1.5.3 [j] aproximante palatal

Ocorre em posição de *onset* e de coda, em sílabas com vogais orais.

29)

- a. #\_\_\_\_ V [jaʃa] 'rir'  
 b. V\_\_\_\_ # [ip`pɔj] 'rio'  
 c. V\_\_\_\_ # [gaj] 'mãe'  
 d. V\_\_\_\_ # [zaj] 'esposa'  
 e. V\_\_\_\_ \$ [pabɔjʔaa] 'mandioca'  
 f. V\_\_\_\_ Ñ [gojẽn] 'não indígena'  
 g. V\_\_\_\_ # [ᵐbasaj] 'macaco prego'  
 h. V\_\_\_\_ # [zabiaj] 'tuxaua'

#### 2.1.1.5.4 [j̃] aproximante palatal nasalizada

Ocorre exclusivamente em posição de coda precedida de vogal nasal.

30)

- a. Ñ\_\_\_\_ # [nẽẽj̃] 'terra'  
 b. Ñ\_\_\_\_ # [kõõj̃] 'velho'  
 c. Ñ\_\_\_\_ # [zõõj̃] 'lagarta de fogo'  
 d. Ñ\_\_\_\_ # [tsõõj̃] 'pium'  
 e. Ñ\_\_\_\_ # [ᵐbɛɾɛkõõj̃] 'grilo'  
 f. Ñ\_\_\_\_ Ñ [kõõj̃õ] 'cavar'

### 2.1.1.6 Consoante flepe

#### 2.1.1.6.1 [ɾ] flepe alveolar

Ocorre em posição de *onset* e de *coda*, em sílabas mediais e finais

- |    |            |                 |                      |
|----|------------|-----------------|----------------------|
| a. | V ____ \$C | [gadorɸepˀ]     | ‘arara preta’        |
| b. | V ____ \$C | [gadorwopˀ]     | ‘arara vermelha’     |
| c. | V ____ V   | [ɛɾɛ]           | ‘amarelo’            |
| d. | V ____ V   | [kõrĩn]         | ‘osso’               |
| e. | V ____ V   | [kiɾĩn]         | ‘beija-flor’         |
| f. | V ____ V   | [koɾɛɾɛ]        | ‘surubim’            |
| g. | V ____ V   | [kuritʃapˀ]     | ‘longe’              |
| h. | V ____ V   | [ᵐbarapˀsape]   | ‘pomo de adão/ papo’ |
| i. | V ____ V   | [ᵐbeɾɛkõõ]      | ‘grilo’              |
| j. | V ____ V   | [paɾi]          | ‘bom’                |
| k. | V ____ V   | [tɪɾi]          | ‘queimar’            |
| l. | V ____ V   | [wɛɾa] ~ [βɛɾa] | ‘caçar’              |
| m. | V ____ V   | [wiɾipˀ]        | ‘jia’                |
| n. | V ____ V   | [zeɾɛpˀʔa]      | ‘pica-pau’           |

#### 2.1.1.6.2 [ɭ] flepe lateral alveolar<sup>7</sup>

Ocorre na posição de *onset* diante das vogais orais [o] e [i].

31)

- |    |          |           |              |
|----|----------|-----------|--------------|
| a. | V ____ V | [ᵐboɭopə] | ‘caranguejo’ |
| b. | V ____ V | [ᵐboɭipˀ] | ‘peixe’      |
| c. | V ____ V | [taɭoo]   | ‘cuia’       |
| d. | V ____ V | [waɭoʔaa] | ‘caracol’    |

### 2.1.1.7 Consoante lateral

#### 2.1.1.7.1 [l] lateral alveolar sonora

Ocorre em posição de *onset* de sílaba medial e final.

32)

- |    |          |              |                    |
|----|----------|--------------|--------------------|
| a. | V ____ Ñ | [ikolõ]      | ‘gavião’           |
| b. | V ____ V | [ᵐgala]      | ‘mato’             |
| c. | V ____ V | [salapˀkapˀ] | ‘caroço de marajá’ |

<sup>7</sup> Este som ocorre exclusivamente na fala de Anízio Aruá.

- d. V \_\_\_\_ V [awalap'] ‘papagaio’  
 e. V \_\_\_\_ V [volo] ‘vir’  
 f. V \_\_\_\_ V [kolo] ‘vazio’  
 g. V \_\_\_\_ V [alikap'] ‘feijão/fava’

## 2.2 Descrição das vogais orais

A língua Aruá distingue as vogais em curtas e longas e ambas com contrapartes nasais conforme o Quadro 03 abaixo.

**Quadro 3** - Inventário fonético das vogais do Aruá

|              |       | Anterior        |       |       |       | Central         |       |       |       |        | Posterior   |       |       |       |
|--------------|-------|-----------------|-------|-------|-------|-----------------|-------|-------|-------|--------|-------------|-------|-------|-------|
|              |       | não-arredondada |       |       |       | não-arredondada |       |       |       | arred. | arredondada |       |       |       |
|              |       | Oral            |       | Nasal |       | oral            |       | Nasal |       | oral   | oral        |       | nasal |       |
|              |       | Breve           | Longa | Breve | Longa | Breve           | Longa | Breve | Longa | Breve  | Breve       | Longa | Breve | Longa |
| <b>Alta</b>  | Fech. | i               | ii    | ĩ     | ĩĩ    | ɨ               | ɨɨ    | ĩ     | ĩĩ    | u      | u           |       | ũ     |       |
| <b>Média</b> | Fech. | e               |       | ẽ     | ẽẽ    |                 |       | ẽ     | ẽẽ    |        | o           | oo    | õ     | õõ    |
|              | Aber. | ɛ               | ɛɛ    | ẽ     | ẽẽ    |                 |       |       |       |        | ɔ           |       |       |       |
| <b>Baixa</b> | Fech. |                 |       |       |       |                 |       | ẽ     |       |        |             |       |       |       |
|              | Aber. |                 |       |       |       | a               | aa    | ã     |       |        |             |       |       |       |

Fonte: Elaboração própria

### 2.2.1 Fones vocálicos orais

#### 2.2.1.1 [a] vogal central baixa breve oral

33)

- a. # \_\_\_\_ C [apepo] ‘voar’  
 b. # \_\_\_\_ C [atεgε] ‘onde’  
 c. # \_\_\_\_ C [ajtirip'] ‘panela’  
 d. # \_\_\_\_ C [akape] ‘esteira’  
 e. # \_\_\_\_ C [awasã] ‘camboatá’  
 f. # \_\_\_\_ C [awalap'] ‘papagaio’  
 g. C \_\_\_\_ C [gaj] ‘mãe’  
 h. C \_\_\_\_ C [zaj] ‘esposa’  
 i. C \_\_\_\_ # [kaka] ‘segurar’  
 j. C \_\_\_\_ # [papa] ‘pai’

2.2.1.2 [ɛ] vogal anterior média aberta breve oral

34)

- |    |          |           |            |
|----|----------|-----------|------------|
| a. | # ____ C | [ɛɛ]      | ‘amarelo’  |
| b. | # ____ C | [ɛgɛ]     | ‘espirrar’ |
| c. | C ____ C | [tsɛpˀ]   | ‘folha’    |
| d. | C ____ C | [pɛjõ]    | ‘pimenta’  |
| e. | C ____ C | [mõntɛtˀ] | ‘ontem’    |
| f. | C ____ C | [wɛɾa]    | ‘caçar’    |
| g. | C ____ # | [akapɛ]   | ‘esteira’  |
| h. | C ____ # | [malĩtɛ]  | ‘jogar’    |
| i. | C ____ # | [korɛɛ]   | ‘surubim’  |
| j. | C ____ # | [bɛbɛ]    | ‘queixada’ |
| k. | C ____ # | [ˀbatˀpɛ] | ‘arco’     |

2.2.1.3 [e] vogal anterior média fechada breve oral

35)

- |    |          |           |          |
|----|----------|-----------|----------|
| a. | C ____ C | [ãˀdɛɛ]   | ‘dia’    |
| b. | C ____ C | [kɛɛ]     | ‘dormir’ |
| c. | C ____ # | [ˀbatˀpɛ] | ‘arco’   |
| d. | C ____ C | [apɛpɔ]   | ‘voar’   |

2.2.1.4 [i] vogal anterior alta não-arredondada breve oral

36)

- |    |          |           |                 |
|----|----------|-----------|-----------------|
| a. | # ____ C | [ibitˀ]   | ‘igarapé’       |
| b. | # ____ C | [ikolõ]   | ‘gavião’        |
| c. | # ____ C | [idõõ]    | ‘cheio de água’ |
| d. | # ____ C | [idakˀ]   | ‘igapó’         |
| e. | C ____ C | [tiri]    | ‘queimar’       |
| f. | C ____ C | [dʒibo]   | ‘cobra’         |
| g. | C ____ C | [ˀbikɪpˀ] | ‘meu tornozelo’ |
| h. | C ____ C | [ɲgitˀ]   | ‘piolho’        |
| i. | C ____ # | [pari]    | ‘bom’           |
| j. | C ____ # | [mi]      | ‘nariz’         |

2.2.1.5 [i] vogal central alta não arredondada breve oral

37)

- |    |          |                          |                     |
|----|----------|--------------------------|---------------------|
| a. | C ____ C | [kiriɡa]                 | ‘morder’            |
| b. | V ____ C | [ <sup>ɲ</sup> ɡalaitʰ]  | ‘mata pequena’      |
| c. | C ____ C | [ <sup>m</sup> bikiɸʰ]   | ‘meu tornozelo’     |
| d. | C ____ C | [ẽmbikiɸʰ]               | ‘teu tornozelo’     |
| e. | C ____ C | [bikʰ]                   | ‘nuvem/nublado’     |
| f. | C ____ C | [piɸikʰʔapʰ]             | ‘coruja orelhuda’   |
| g. | C ____ C | [ <sup>ɲ</sup> ɡitʰʔapʰ] | ‘espécie de tucano’ |
| h. | C ____ C | [ɡatikʰʔapʰ]             | ‘chico preto’       |
| i. | C ____ C | [kiɸʰ]                   | ‘miúdo’             |
| j. | C ____ C | [tsigi]                  | ‘junto de’          |

2.2.1.6 [u] vogal central fechada arredondada breve oral<sup>8</sup>

38)

- |    |          |                        |                 |
|----|----------|------------------------|-----------------|
| a. | C ____ C | [ <sup>m</sup> bukʰ]   | ‘nuvem/nublado’ |
| b. | C ____ C | [ <sup>m</sup> bikuɸʰ] | ‘meu tornozelo’ |
| c. | C ____ C | [ <sup>m</sup> puɡuɸʰ] | ‘filhote’       |

2.2.1.7 [o] vogal posterior média fechada breve oral

39)

- |    |          |                    |                 |
|----|----------|--------------------|-----------------|
| a. | C ____ # | [ <sup>ɲ</sup> ɡo] | ‘boca’          |
| b. | C ____ # | [ <sup>n</sup> do] | ‘serra’         |
| c. | C ____ # | [nẽnko]            | ‘onça/cachorro’ |
| d. | C ____ # | [dʒibo]            | ‘cobra’         |
| e. | C ____ C | [dʒokõn]           | ‘tucano’        |
| f. | C ____ # | [põnzo]            | ‘gente’         |
| g. | C ____ # | [wawo]             | ‘jacaré’        |
| h. | # ____ C | [ikolõ]            | ‘gavião’        |

2.2.1.8 [ɔ] vogal posterior média aberta breve oral

40)

- |    |          |          |         |
|----|----------|----------|---------|
| a. | C ____ C | [basotʰ] | ‘raiva’ |
|----|----------|----------|---------|

---

<sup>8</sup> Este som ocorre exclusivamente na fala de Odete Aruá.

- b. C \_\_\_\_ C [tsɔpˈ] ‘ruim’  
 c. C \_\_\_\_ C [pɔa] ‘assoprar’  
 d. C \_\_\_\_ C [wɔtaga] ‘furar com faca’  
 e. C \_\_\_\_ C [wɔj] ‘homem’

2.2.1.9 **[u]** vogal posterior alta arredondada breve oral

41)

- a. # \_\_\_\_ C [upɛ] ‘minha coxa’  
 b. # \_\_\_\_ C [upɛ ɲɔn] ‘parte de dentro da coxa’  
 c. # \_\_\_\_ C [umɛn] ‘meu marido’  
 d. C \_\_\_\_ C [ᵐbaku mɔ̃] ‘eu acordei’  
 e. C \_\_\_\_ C [ɔ̃ᵐbukɔ̃rɪn] ‘pescoço’  
 f. C \_\_\_\_ C [zarukapˈ] ‘calango’  
 g. C \_\_\_\_ C [pukatˈ] ‘sujo’  
 h. C \_\_\_\_ C [dadukˈ] ‘bebê’

2.2.2 Fones vocálicos orais longos

2.2.2.1 **[aa]** vogal baixa aberta central longa oral

42)

- a. C \_\_\_\_ C [dʒaapˈ] ‘flecha’  
 b. C \_\_\_\_ # [tsaa] ‘fígado’  
 c. C \_\_\_\_ C [mɔ̃kaapˈ] ‘amendoim’  
 d. C \_\_\_\_ C [ᵑgaapˈ] ‘vagina’  
 e. C \_\_\_\_ C [wɔ̃ʔaapˈ] ‘pênis’  
 f. C \_\_\_\_ C [wɔ̃ʔaapˈ] ‘pilão’  
 g. C \_\_\_\_ # [waroʔaa] ‘caracol’

2.2.2.2 **[ii]** vogal anterior alta não-arredondada longa oral

43)

- a. # \_\_\_\_ C [ii] ‘água’  
 b. C \_\_\_\_ C [tʃiitˈ] ‘sangue’  
 c. C \_\_\_\_ # [tii] ‘grosso/grande’  
 d. C \_\_\_\_ C [dʒiipˈ] ‘morcego’  
 e. C \_\_\_\_ C [kiitˈ] ‘branco’

- f. C \_\_\_\_ C    [ˈgopˈtʃiitˈ]                      ‘algodão’  
 g. C \_\_\_\_ #    [olobii]                              ‘peixe morcego’

#### 2.2.2.3 [ɛɛ] vogal anterior média aberta longa oral

44)

- a. C \_\_\_\_ #    [pɛɛ]                                      ‘coxa’  
 b. C \_\_\_\_ #    [mãᵐbɛɛ]                                  ‘bolo de milho’  
 c. C \_\_\_\_ #    [tsopɛɛ]                                    ‘macaco da cabeça branca’  
 d. C \_\_\_\_ #    [ĩᵐbɛapɛɛ]                                ‘esporão da arraia’  
 e. C \_\_\_\_ #    [ĩᵐbɛɛ]                                    ‘arraia’  
 f. C \_\_\_\_ #    [itĩᵐbɛɛ]                                  ‘sanguessuga’  
 g. C \_\_\_\_ C    [kolɛɛpˈ]                                ‘jacu’

#### 2.2.2.4 [oo] vogal posterior média fechada longa oral

45)

- a. C \_\_\_\_ #    [ˈdapoo]                                    ‘cipó’  
 b. C \_\_\_\_ #    [tapoo]                                        ‘nervos’  
 c. C \_\_\_\_ #    [ipˈtapoo]                                ‘raiz aérea’  
 d. C \_\_\_\_ #    [taloo]                                      ‘cuia’  
 e. C \_\_\_\_ C    [ˈsoopˈ]                                    ‘mingau’  
 f. C \_\_\_\_ C    [põᵐboo wɛɾɛtˈ]                        ‘cinco’

#### 2.2.2.5 [ii] vogal central alta não arredonda longa oral

46)

- a. C \_\_\_\_ C    [mojˈʔakiip]                                  ‘cará pequeno’  
 b. C \_\_\_\_ C    [tokˈʔiitˈ]                                    ‘curto’

### 2.2.3 Fones orais nasais

#### 2.2.3.1 [ã] vogal central baixa breve nasal

47)

- a. # \_\_\_\_ Č    [ãᵐdɛɛ]                                      ‘dia’  
 b. # \_\_\_\_ Č    [õᵐbo kãĩ]                                    ‘pescoço’  
 c. C \_\_\_\_ Č    [mãᵐkapˈ]                                    ‘amendoim’  
 d. C \_\_\_\_ Č    [mãᵐbɛɛ]                                    ‘bolo de milho’  
 e. C \_\_\_\_ C    [arẽj]                                            ‘galinha’



### 2.2.3.2 [ɔ̃] vogal central média breve nasal

48)

- |    |         |   |                           |            |
|----|---------|---|---------------------------|------------|
| a. | # _____ | Č | [ɔ̃ <sup>n</sup> dɛɾɛ]    | ‘dia’      |
| b. | # _____ | Č | [ɔ̃ <sup>m</sup> bo kãrĩ] | ‘pescoço’  |
| c. | C _____ | Č | [põnzo]                   | ‘gente’    |
| d. | C _____ | Č | [ajõntɛ]                  | ‘hoje’     |
| e. | Č _____ | Č | [mõntɛt]                  | ‘ontem’    |
| f. | C _____ | Č | [kõ]                      | ‘fogo’     |
| g. | C _____ | Č | [dʒokõn]                  | ‘tucano’   |
| h. | C _____ | Č | [tsõn]                    | ‘costurar’ |
| i. | C _____ | # | [põrõ]                    | ‘dizer’    |
| j. | Č _____ | # | [mõʔõ]                    | ‘pegar’    |
| k. | C _____ | # | [tsarõ]                   | ‘puxar’    |
| l. | C _____ | # | [ɲgojõ]                   | ‘mandi’    |

### 2.2.3.3 [ɛ̃] vogal anterior média aberta breve nasal

49)

- |    |         |   |                         |                      |
|----|---------|---|-------------------------|----------------------|
| a. | C _____ | C | [nẽnko]                 | ‘onça/cachorro’      |
| b. | # _____ | C | [ẽnzaj]                 | ‘tua esposa’         |
| c. | # _____ | C | [ẽ <sup>m</sup> bikipˈ] | ‘teu tornozelo’      |
| d. | # _____ | C | [ẽ <sup>n</sup> dʒitˈ]  | ‘teu sangue’         |
| e. | C _____ | C | [mẽʔpikipˈ]             | ‘tornozelo de vocês’ |
| f. | C _____ | C | [wẽĩtĩnʔaa]             | ‘batata doce’        |
| g. | C _____ | C | [wẽtʃoʔaa]              | ‘jenipapo’           |
| h. | C _____ | C | [wẽtsep]                | ‘pentelho’           |
| i. | C _____ | C | [nẽntopˈ]               | ‘filho’              |

### 2.2.3.4 [ẽ] vogal anterior média fechada breve nasal

50)

- |    |         |   |                         |                 |
|----|---------|---|-------------------------|-----------------|
| a. | # _____ | Č | [ẽnzaj]                 | ‘tua esposa’    |
| b. | # _____ | Č | [ẽ <sup>m</sup> bikipˈ] | ‘teu tornozelo’ |
| c. | # _____ | Č | [ẽ <sup>n</sup> dʒitˈ]  | ‘teu sangue’    |
| d. | Č _____ | Č | [nẽnko]                 | ‘onça/cachorro’ |
| e. | Č _____ | Č | [nẽntopˈ]               | ‘filho’         |

- |    |         |         |           |
|----|---------|---------|-----------|
| f. | Ç_____Ç | [nẽmpo] | ‘braço’   |
| g. | Ç_____Ç | [ĩpẽ]   | ‘piranha’ |
| h. | Ç_____Ç | [pẽ]    | ‘dente’   |

2.2.3.5 [õ] vogal posterior semifechada breve nasal

51)

- |    |         |           |                |
|----|---------|-----------|----------------|
| a. | #_____Ç | [õnzaj]   | ‘minha esposa’ |
| b. | #_____Ç | [õndεgε]  | ‘amanhã’       |
| c. | C_____# | [nõ]      | ‘dar’          |
| d. | C_____# | [gõ]      | ‘estomago’     |
| e. | C_____# | [ikolõ]   | ‘gavião’       |
| f. | C_____# | [pɛjõ]    | ‘pimenta’      |
| g. | C_____# | [wɛjõ]    | ‘gongo’        |
| h. | C_____Ç | [tõntõwa] | ‘nadar’        |

2.2.3.6 [ĩ] vogal anterior alta não arredondada breve nasal

52)

- |    |         |            |                     |
|----|---------|------------|---------------------|
| a. | C_____Ç | [itĩmbɛɛ]  | ‘sanguessuga’       |
| b. | C_____C | [kurĩgap˘] | ‘umbigo’            |
| c. | C_____# | [itĩ]      | ‘minhoca’           |
| d. | C_____Ç | [taĩm]     | ‘frio’              |
| e. | C_____# | [maʔĩ]     | ‘esconder’          |
| f. | C_____Ç | [kõrĩn]    | ‘osso’              |
| g. | C_____C | [malĩntɛ]  | ‘jogar’             |
| h. | #_____C | [ĩᵐbeapɛɛ] | ‘esporão da arraia’ |

2.2.3.7 [i] vogal central alta não arredondada breve nasal

53)

- |    |         |                 |                        |
|----|---------|-----------------|------------------------|
| a. | C_____# | [ĩñĩtɛɛ]        | ‘rede de algodão’      |
| b. | C_____# | [ĩñĩ]           | ‘rede’                 |
| c. | C_____Ç | [tsĩn]          | ‘estreito/pequeno’     |
| d. | C_____Ç | [zek˘tsĩn]      | ‘minha casa é pequena’ |
| e. | C_____Ç | [borip˘tĩŋgap˘] | ‘araçu’                |
| f. | C_____C | [kĩjõ]          | ‘arranhar’             |
| g. | C_____C | [ᵘgalatsĩn]     | ‘mata pequena’         |

- h. C \_\_\_\_ C [tĩgipˈ] ‘nambu pedrês’

### 2.2.3.8 [ũ] vogal posterior alta arredondada breve nasal

54)

- a. # \_\_\_\_ Č [ũŋgapˈ] ‘minha vagina’  
 b. # \_\_\_\_ Č [ũnderɛ] ‘meu corpo’  
 c. # \_\_\_\_ C [ũzekˈ] ‘minha casa’  
 d. C \_\_\_\_ # [aʔũ] ‘morte natural’

## 2.2.4 Fones vocálicos orais nasais longos

### 2.2.4.1 [ã] vogal central média fechada longa nasal

55)

- a. C \_\_\_\_ C [kãã] ‘velho’  
 b. C \_\_\_\_ C [zãã] ‘lagarta de fogo’  
 c. C \_\_\_\_ C [sãã] ~ [tsãã] ‘pium’  
 d. C \_\_\_\_ # [watãã] ‘duro’

### 2.2.4.2 [ẽ] vogal anterior média aberta longa nasal

56)

- a. C \_\_\_\_ C [mẽẽn] ‘antigo/velho’  
 b. C \_\_\_\_ C [nẽẽ] ‘terra’

### 2.2.4.3 [ẽẽ] vogal anterior média fechada longa nasal

57)

- a. C \_\_\_\_ C [nẽẽ] ‘terra’  
 b. C \_\_\_\_ C [tẽẽŋ mǽga] ‘estou deitado’  
 c. C \_\_\_\_ C [mẽẽn] ‘antigo/velho’

### 2.2.4.4 [ĩ] vogal anterior alta não arredondada longa nasal

58)

- a. C \_\_\_\_ Č [taĩĩm] ‘congelar’  
 b. C \_\_\_\_ Č [pĩĩmʔapˈ] ‘tipo de tucano’  
 c. C \_\_\_\_ Č [ʔgiĩĩn] ‘bracelete’  
 d. C \_\_\_\_ Č [tʃĩĩĩn] ‘doce/salgado’

#### 2.2.4.5 [õõ] vogal posterior média fechada arredondada longa nasal

59)

- |    |           |                         |                           |
|----|-----------|-------------------------|---------------------------|
| a. | C _____ # | [dõõ]                   | ‘cheio’                   |
| b. | C _____ # | [idõõ]                  | ‘cheio de água’           |
| c. | C _____ # | [gõõ]                   | ‘meu animal de estimação’ |
| d. | C _____ # | [ <sup>m</sup> bɛɾɛkõõ] | ‘grilo’                   |
| e. | C _____ Č | [mõõn]                  | ‘numeral 01’              |

#### 2.2.4.6 [ĩĩ] vogal central alta fechada não arredondada longa nasal

60)

- |    |           |         |              |
|----|-----------|---------|--------------|
| a. | C _____ Č | [kiĩĩn] | ‘beija-flor’ |
| b. | C _____ # | [tsĩĩn] | ‘perna’      |

### 2.3 Análise fonética acústica experimental

Nesta seção, apresentamos uma análise acústica com vistas à demonstração de contraste entre vogais orais e nasais e vogais longas e breves. As medições foram realizadas no Praat e as extrações de formantes e de duração foram feitas manualmente, garantindo maior controle e confiabilidade nos valores obtidos.

#### 2.3.1 Contraste entre vogais orais e nasais

A distinção entre as vogais orais e nasais da língua Aruá foi analisada por meio de ferramentas acústicas. O estudo foi realizado no software *Praat*, por meio do qual foi examinado o espectro de frequência das vogais por meio do Espectro de Potência (calculado pela Transformada Rápida de Fourier – FFT), bem como por meio do Envelope Espectral (obtido por LPC – *Linear Predictive Coding*).

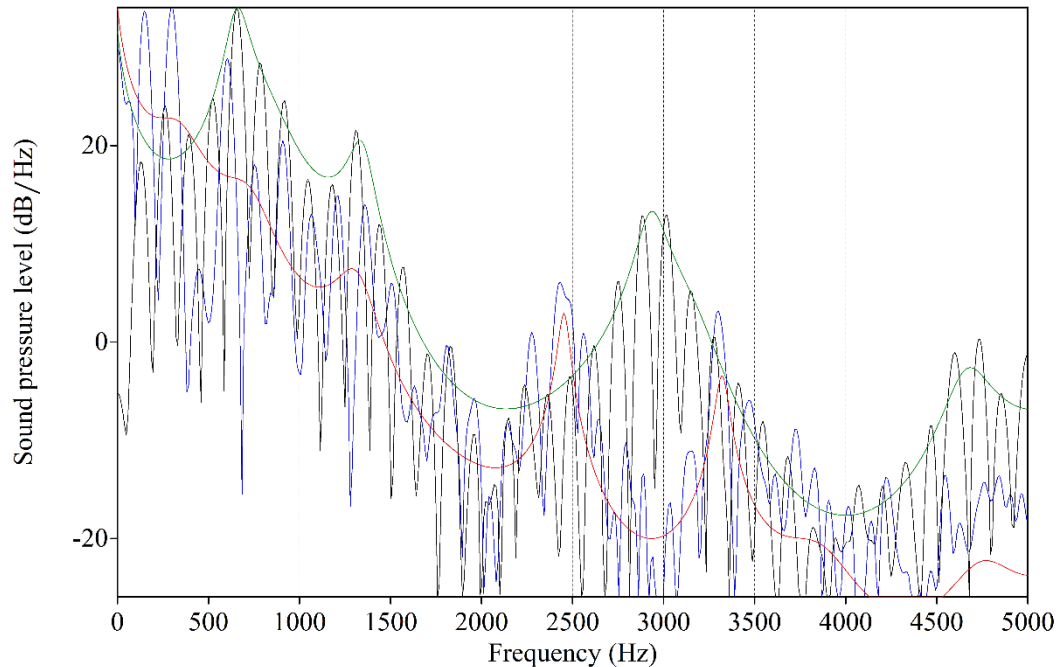
##### 2.3.1.1 Contraste entre [a] e [ã]

A comparação entre o fone oral [a] em [para] 'arara azul' e o fone nasal [ã] em [pãrã] 'dizer') fornece evidências cruciais do contraste. No gráfico abaixo, a vogal oral [a] (espectro em preto e curva [LPC] em verde) apresenta um F1 (primeiro formante) proeminente centrado em aproximadamente 650 Hz.

Em contrapartida, a vogal nasal [ã] (espectro em azul e curva LPC em vermelho) demonstra claramente as características acústicas da nasalidade pois apresenta um formante

nasal em baixa frequência (~250 Hz) e atenuação do F1 (mesma região, porém com energia reduzida) decorrente do antiformante produzido pelo acoplamento à cavidade nasal.

**Gráfico 1** – Espectro de Potência (FFT) com Envelope Espectral (LPC) dos fones [a] e [ã]



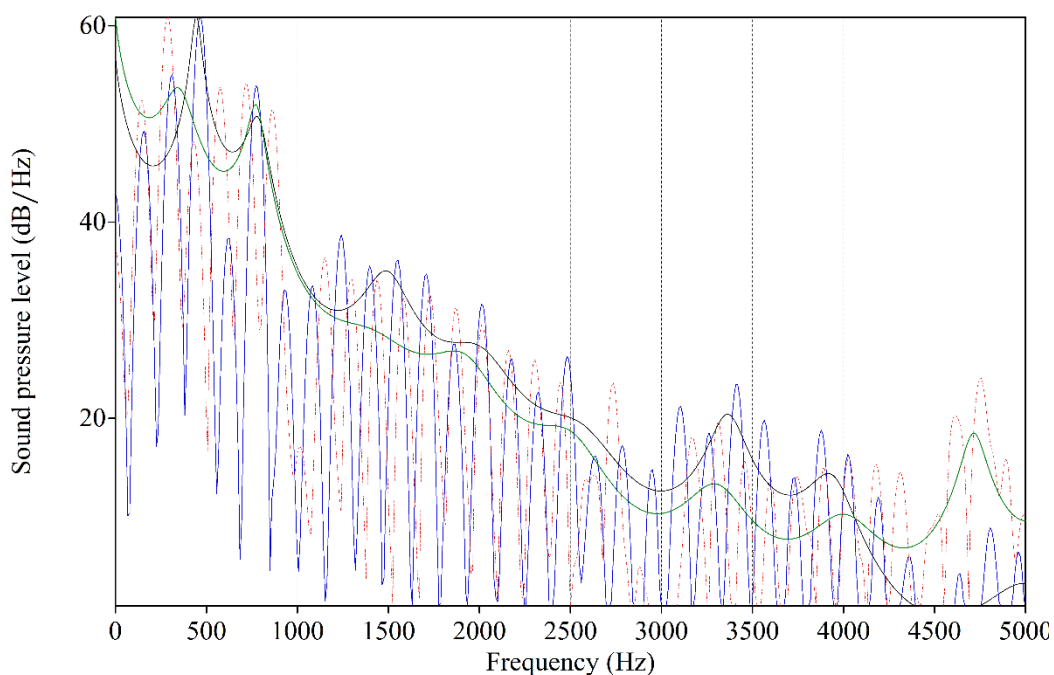
Fonte: Elaboração própria.

#### 2.3.1.2 Contraste de [o] e [õ]

O mesmo padrão acústico é observado no contraste das vogais posteriores, analisado a partir do par mínimo [ɲgo] ‘minha boca’ e [ɲgõ] ‘meu estômago’. Para o fone oral [o] (curva LPC em verde), o F1 é esperado e medido em uma frequência mais baixa 450-500Hz.

O fone nasal [õ] (curva LPC em preto) demonstra, igualmente, a presença de um formante nasal de baixa frequência e a consequente atenuação do F1, confirmando que a nasalidade é o traço distintivo que diferencia os dois significados lexicais.

**Gráfico 2** – Espectro de Potência (FFT) com Envelope Espectral (LPC) dos fones [o] e [õ]

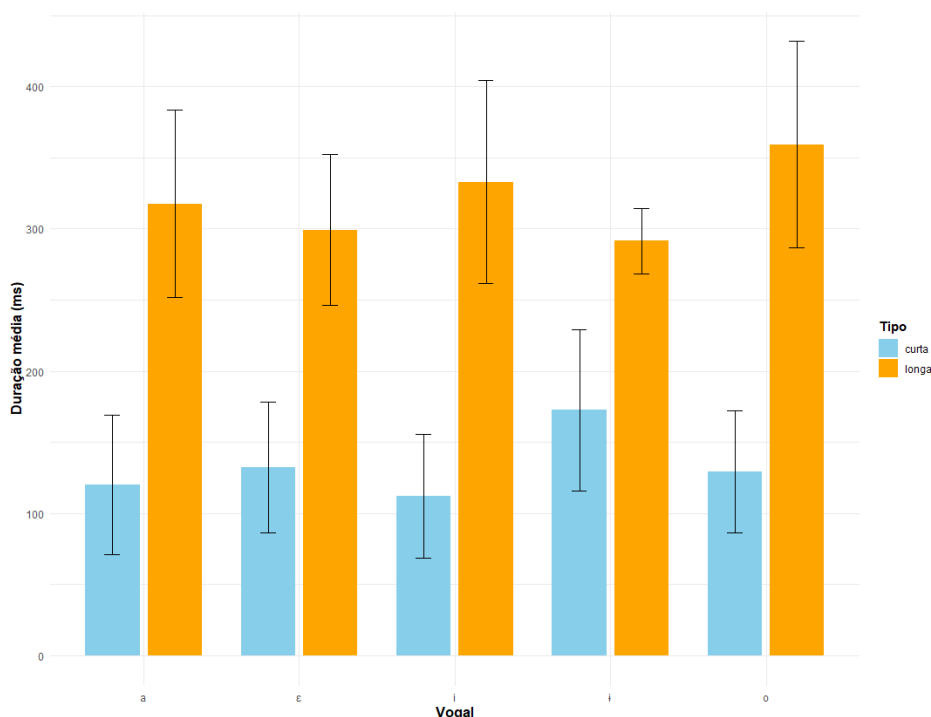


Fonte: elaboração própria

Em síntese, a análise acústica (LPC) demonstra que a distinção entre as vogais orais e nasais em Aruá é robusta e sistemática. A presença do Formante Nasal e a atenuação da amplitude do Primeiro Formante nas vogais nasais são a prova acústica fundamental do estatuto fonêmico da nasalidade no sistema vocálico da língua.

### 2.3.2 Análise da duração vocálica: vogais longas vs. curtas

A duração vocálica é um parâmetro fundamental para diferenciar vogais curtas e longas. O Gráfico 3 ilustra a distribuição da duração, em milissegundos, das vogais orais curtas e longas da língua Aruá de um falante masculino, evidenciando uma distinção estatisticamente significativa entre as duas categorias. A análise não considerou variáveis prosódicas como a proeminência silábica e o sistema tonal.

**Gráfico 3 – Duração das vogais**

Fonte: Elaboração própria

A análise acústica revelou uma distinção significativa na duração das vogais orais, com as vogais longas apresentando durações consideravelmente maiores em comparação com as vogais curtas. Um teste  $t$  para amostras independentes demonstrou uma diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos,  $t(86,2) = -19,02$ ,  $p < 0,001$ , com um intervalo de confiança de 95% para a diferença das médias variando de  $[-202,36, -164,07]$ .

A duração média das vogais longas foi de 313,27 ms, o que representa aproximadamente 2,4 vezes a duração média das vogais curtas (130,06 ms). Esses achados corroboram a existência de uma distinção temporal clara e consistente entre os dois tipos de vogais. A Tabela 1 abaixo apresenta os parâmetros acústicos detalhados para cada vogal oral, incluindo média, mediana, desvio padrão, e os valores mínimo e máximo.

**Tabela 1 – Parâmetros das vogais orais de um falante masculino**

| Vogal | Ocorrência | Média    | Mediana | Desvio padrão | Mínimo | Máximo |
|-------|------------|----------|---------|---------------|--------|--------|
| a     | 59         | 120,0508 | 109     | 48,93219      | 43     | 280    |
| aa    | 16         | 317,5    | 304,5   | 65,91914      | 207    | 465    |
| i     | 18         | 113,0556 | 110     | 42,51985      | 54     | 209    |
| ii    | 12         | 332,9167 | 305     | 71,35119      | 249    | 477    |

|    |    |          |       |          |     |     |
|----|----|----------|-------|----------|-----|-----|
| o  | 14 | 129,3571 | 119   | 43,0431  | 70  | 214 |
| oo | 4  | 359,25   | 372,5 | 72,63321 | 262 | 430 |
| ε  | 17 | 132,4706 | 144   | 46,08703 | 63  | 217 |
| εε | 8  | 299,25   | 283,5 | 53,05186 | 227 | 375 |
| i  | 6  | 172,6667 | 156,5 | 56,76501 | 97  | 254 |
| ï  | 4  | 291,5    | 286   | 23,07235 | 270 | 324 |

Fonte: Elaboração própria

### 2.3.3 Espaço vocálico da língua Aruá

A análise do espaço vocálico da língua Aruá teve como objetivo desenvolver uma descrição fonética precisa por meio da medição das frequências dos formantes F1 e F2 de vogais orais e nasais, produzidas em diferentes posições na palavra por um falante masculino AA e uma falante feminina HA.

Para a extração dos dados acústicos, utilizou-se o *software* Praat, que permitiu a segmentação manual das vogais palavras-alvo. A identificação dos segmentos vocálicos considerou o ponto de máxima estabilidade dos formantes, conforme critérios estabelecidos na literatura fonética. Os valores dos dois primeiros formantes F1 e F2 foram mensurados manualmente nesse intervalo e posteriormente organizados em uma base de dados.

Para reduzir a variabilidade entre falantes decorrente de diferenças fisiológicas, como por exemplo, o tamanho do trato vocal, aplicou-se o método de normalização proposto por Lobanov (1971), amplamente reconhecido por preservar os contrastes fonético-funcionais entre as vogais. Esse método utiliza a padronização estatística por *z-score*. Os dados completos das médias normalizadas encontram-se no Apêndice A.

#### 2.3.3.1 Espaço vocálico individual (falante masculino AA)

O Gráfico 4 representa o espaço vocálico do falante masculino AA formado por 357 vogais medidas, e exibe elipses de 95 % de confiança para cada categoria vocálica.

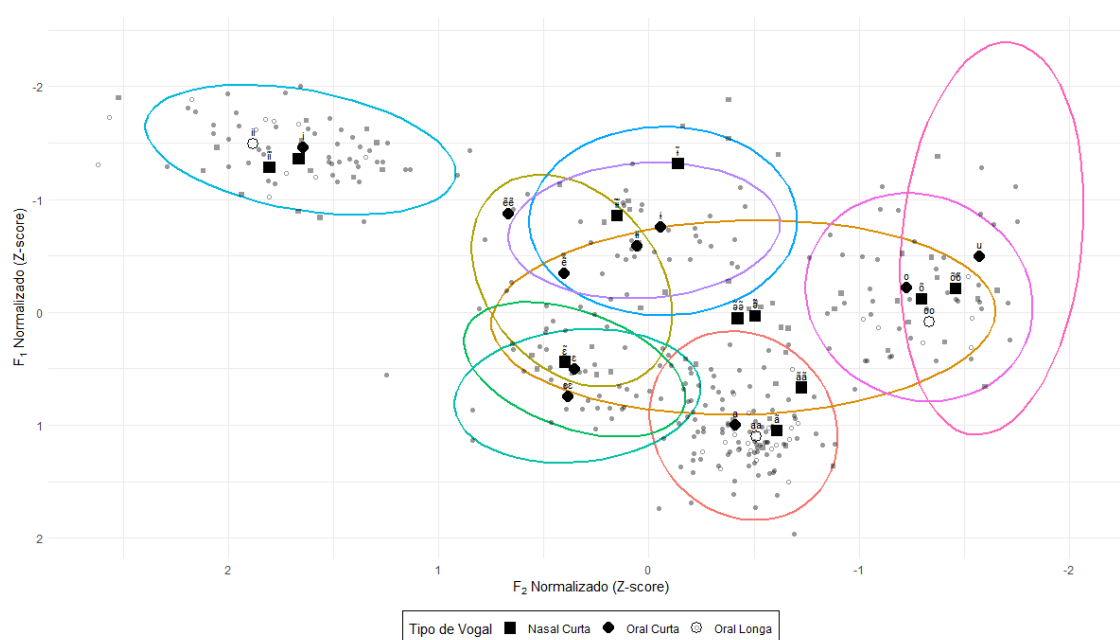
A análise das vogais anteriores curtas revela uma distinção no comportamento de F1 em relação ao traço de nasalidade. As vogais altas [i] e [ï] estabelecem o ponto mais periférico do espaço. O fone oral [i] localiza-se na região superior-anterior, com médias de F1 = -1.46 e F2 = 1.64. Curiosamente sua contraparte nasal [ï] apresenta médias de F1 = -1.36 e F2 = 1.66. O valor de F1 da vogal nasal é numericamente maior que o da vogal oral (-1.36 > -1.46), o que está em consonância com o padrão fonético esperado, onde o F1 aumenta (a vogal se torna acusticamente mais aberta) devido ao acoplamento com a cavidade nasal.



Para as demais vogais, o padrão é consistente, verificando-se que as vogais nasais exibem valores F1 numericamente mais elevados que suas contrapartes orais.

Nas vogais centrais baixas, relacionadas ao fonema /ã/ foram identificados dois alofones bem delimitados: um realizado como [ã], com qualidade mais baixa e F1 mais elevado, e outro realizado como [ǣ] com F1 mais baixo. Por fim, observa-se que as vogais longas e curtas ocupam essencialmente o mesmo espaço vocálico, com as longas apresentando uma área de dispersão ligeiramente maior.

**Gráfico 4 – Espaço vocálico de falante masculino (AA)**



Fonte: Elaboração própria

### 2.3.3.2 Espaço vocálico individual (falante feminina HA)

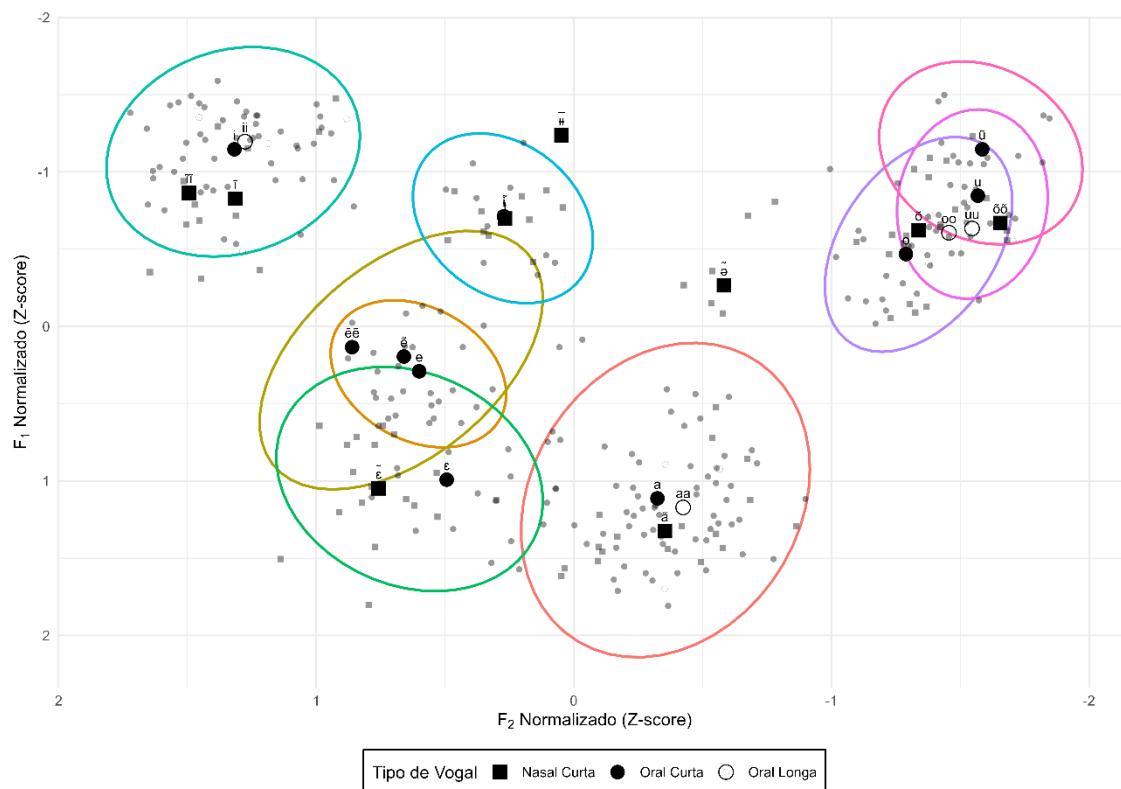
O Gráfico 5, que representa o espaço vocálico da Falante Feminina HA demonstra as relações acústicas do sistema em sua realização individual.

O comportamento do F1 nos pares contrativos de nasalidade segue amplamente o padrão fonético esperado, no qual o acoplamento com a cavidade nasal resulta em um F1 numericamente mais alto, indicando que a vogal se torna acusticamente mais aberta. Esta tendência é evidente nas vogais baixas e médias: o F1 de [ɛ] aumenta de 0.99 para 1.05 em [ẽ], e o F1 de [a] aumenta de 1.11 para 1.32 em [ã].

Assim como no falante masculino fonema /ã/ identificam-se dois alofones bem delimitados: um realizado como [ã], com posição mais baixa e F1 mais elevado, e outro

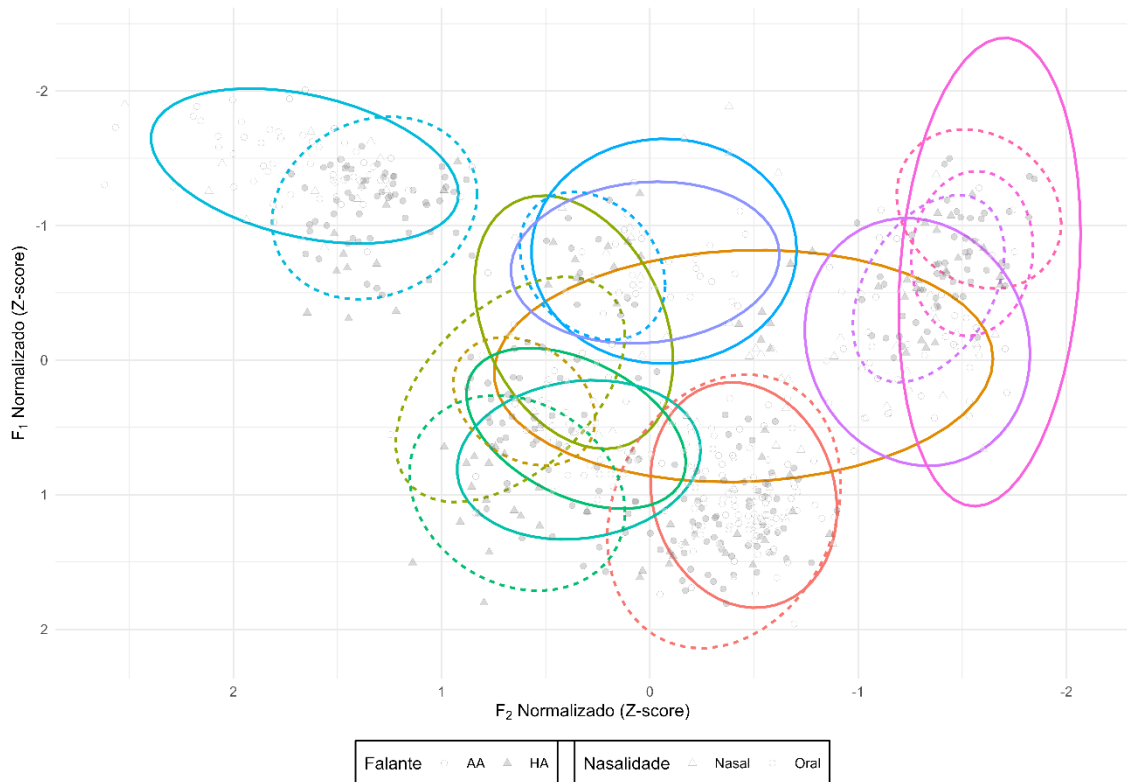
realizado como [ẽ] com F1 mais baixo. Por fim, observa-se também que as vogais longas e curtas ocupam essencialmente o mesmo espaço vocálico.

**Gráfico 5** – Espaço vocálico de falante feminina (HA)////:



### 2.3.3.3 Comparação entre falantes

A comparação do espaço acústico entre os dois falantes revela fortes semelhanças entre as produções feminina e masculina, evidenciando um padrão fonético consistente na língua Aruá, conforme apresentado no Gráfico 6. A alta sobreposição das elipses de 95% de confiança entre os falantes, após a normalização, confirma a estabilidade do sistema vocálico em ambos os sexos.

**Gráfico 6** – Espaço acústico de um falante masculino (AA) e feminino (HA)

Fonte: Elaboração própria.

## 2.4 Análise fonológica

Nesta seção, apresentamos o inventário de fonemas consonantais e vocálicos da língua Aruá, identificados a partir da análise contrastiva de pares mínimos e análogos. Na subseção seguinte, descrevemos a distribuição das realizações fonéticas dos fonemas seguindo os procedimentos metodológicos propostos por Pike (1947).

De acordo com os dados analisados, a língua Aruá possui 18 fonemas consonantais: /p/, /t/, /k/, /ʔ/, /b/, /d/, /g/, /ʈ/, /tʃ/, /dʒ/, /z/, /m/, /n/, /ɲ/, /r/, /l/, /w/ e /j/. O sistema vocálico é composto por 20 fonemas, dos quais cinco são orais breves — /i/, /ε/, /i/, /a/, /o/ —, cinco são orais longas — /ii/, /εε/, /ii/, /aa/, /oo/ —, cinco são nasais breves — /ĩ/, /ẽ/, /ĩ/, /ã/, /õ/ —, e cinco são nasais longas — /ĩĩ/, /ẽẽ/, /ĩĩ/, /ãã/, /õõ/.

Apresentamos a seguir, no Quadros 4 e 5, o inventário dos fonemas consonantais que identificamos na língua Aruá.

**Quadro 4** - Inventário fonológico das consoantes da língua Aruá

|  | Labial | alveolar | Alveopalatal | Palatal | Velar | Glotal |
|--|--------|----------|--------------|---------|-------|--------|
|--|--------|----------|--------------|---------|-------|--------|

|                    |   |    |    |   |   |   |
|--------------------|---|----|----|---|---|---|
| <b>Oclusivo</b>    | p | t  |    |   | k | ʔ |
|                    | b | d  |    |   | g |   |
| <b>Africado</b>    |   | ts | tʃ |   |   |   |
|                    |   |    | dʒ |   |   |   |
| <b>Fricativo</b>   |   | z  |    |   |   |   |
| <b>Nasal</b>       | m | n  |    |   | ɲ |   |
| <b>Lateral</b>     |   | l  |    |   |   |   |
| <b>Flepe</b>       |   | ɾ  |    |   |   |   |
| <b>Aproximante</b> | w |    |    | j |   |   |

Fonte: Elaboração própria.

**Quadro 5** - Inventário fonológico das vogais da língua Aruá

|              | +anterior    |        |        |        | -anterior |        |        |        |              |        |        |        |
|--------------|--------------|--------|--------|--------|-----------|--------|--------|--------|--------------|--------|--------|--------|
|              | -arredondado |        |        |        |           |        |        |        | +arredondado |        |        |        |
|              | -longo       |        | +longo |        | -longo    |        | +longo |        | -longo       |        | +longo |        |
|              | -nasal       | +nasal | -nasal | +nasal | -nasal    | +nasal | -nasal | +nasal | -nasal       | +nasal | -nasal | +nasal |
| <b>+Alto</b> | i            | ĩ      | ii     | ĩĩ     | í         | ĩ      | ĩĩ     | ĩĩ     | o            | õ      | oo     | õõ     |
| <b>-Alto</b> | ε            | ẽ      | εε     | ẽẽ     | a         | ã      | ã      | ãã     |              |        |        |        |

Fonte: Elaboração própria.

#### 2.4.1 Pares mínimos e análogos consonantais

A seguir, apresentamos pares mínimos e/ou análogos que comprovam a existência de 18 fonemas consonantais e 20 fonemas vocálicos no sistema fonológico da língua Aruá.

/p/ ≠ /b/

61)

- a. /bεε/ [bεε] ‘caminho’  
 /pεε/ [pεε] ‘coxa’

- b. /tsabε/ [tsabε] ‘casca’  
 /tsapε/ [tsapε] ‘roupa’

/m/ ≠ /b/

62)

- a. /mi/ [mi] ‘nariz’

|                  |            |                       |
|------------------|------------|-----------------------|
| /b/              | [bi]       | ‘medo’                |
| <b>/k/ ≠ /g/</b> |            |                       |
| 63)              |            |                       |
| a. /kiit/        | [kiitˀ]    | ‘branco/claro’        |
| /giit/           | [ᵑgiitˀ]   | ‘sal’                 |
| b. /gap/         | [ᵑgapˀ]    | ‘caba’                |
| /kap/            | [kapˀ]     | ‘semente’             |
| <b>/d/ ≠ /t/</b> |            |                       |
| 64)              |            |                       |
| a. /dapoo/       | [dapoo]    | ‘cipó’                |
| /tapoo/          | [tapoo]    | ‘nervo’               |
| <b>/m/ ≠ /p/</b> |            |                       |
| 65)              |            |                       |
| a. /pajtʃep/     | [pajtʃepˀ] | ‘capim’               |
| /majtʃep/        | [mãjtʃepˀ] | ‘minha espinha/cravo’ |
| <b>/w/ ≠ /b/</b> |            |                       |
| 66)              |            |                       |
| a. /iwit/        | [iwitˀ]    | ‘mel’                 |
| /ibit/           | [ibitˀ]    | ‘igarapé’             |
| b. /wawo/        | [wawo]     | ‘jacaré’              |
| /babo/           | [babo]     | ‘traíra’              |
| <b>/w/ ≠ /p/</b> |            |                       |
| 67)              |            |                       |
| a. /pejð/        | [pejð]     | ‘pimenta’             |
| /wejð/           | [wejð]     | ‘gongo’               |
| <b>/ʔ/ ≠ /g/</b> |            |                       |
| 68)              |            |                       |

|         |                    |         |
|---------|--------------------|---------|
| a. /ʔa/ | [ʔa]               | ‘fruto’ |
| /ga/    | [ <sup>h</sup> ga] | ‘roça’  |

/ʔ/ ≠ /k/

69)

|          |        |                 |
|----------|--------|-----------------|
| a. /ʔap/ | [ʔapˀ] | ‘classificador’ |
| /kap/    | [kapˀ] | ‘semente’       |

/t/ ≠ /tʃ/

70)

|         |         |         |
|---------|---------|---------|
| /taʔa/  | [taʔa]  | ‘tio’   |
| /tʃaʔa/ | [tʃaʔa] | ‘pedra’ |

/t/ ≠ /ts/

71)

|            |         |                        |
|------------|---------|------------------------|
| a. /tsaga/ | [tsaga] | ‘junto a / próximo de’ |
| /taga/     | [taga]  | ‘bater’                |

/ts/ ≠ /tʃ/

72)

|            |         |                        |
|------------|---------|------------------------|
| a. /tsaga/ | [tsaga] | ‘junto a / próximo de’ |
| /tʃaʔa/    | [tʃaʔa] | ‘pedra’                |

/ts/ ≠ /z/

73)

|           |         |                                   |
|-----------|---------|-----------------------------------|
| a. /zabɛ/ | [zabɛ]  | ‘peixe pequeno de igarapé/ piaba’ |
| /tsabɛ/   | [tsabɛ] | ‘couro/casca’                     |

/dʒ/ ≠ /tʃ/

74)

|            |          |           |
|------------|----------|-----------|
| a. /dʒiip/ | [dʒiipˀ] | ‘morcego’ |
| /tʃiit/    | [tʃiitˀ] | ‘sangue’  |

/j/ ≠ /tʃ/

75)

|           |        |       |
|-----------|--------|-------|
| a. /jaga/ | [jaga] | ‘rir’ |
|-----------|--------|-------|

|         |         |         |
|---------|---------|---------|
| /tʃaʔa/ | [tʃaʔa] | ‘pedra’ |
|---------|---------|---------|

/ɾ/ ≠ /l/

76)

|               |              |                 |
|---------------|--------------|-----------------|
| a. /koropʔap/ | [koropʔapʔ]  | ‘rato coró’     |
| /kolokʔap/    | [kolokʔ apʔ] | pássaro corola’ |

|           |        |               |
|-----------|--------|---------------|
| b. /bara/ | [bara] | ‘seringueira’ |
| /bala/    | [bala] | ‘dança’       |

## 2.4.2 Pares mínimos e análogos vocálicos

### 2.4.2.1 Contraste entre vogais orais breves

/a/ ≠ /ɛ/

77)

|           |        |            |
|-----------|--------|------------|
| a. /bɛbɛ/ | [bɛbɛ] | ‘queixada’ |
| /babɛ/    | [babɛ] | ‘mão’      |

/a/ ≠ /o/

78)

|           |                 |            |
|-----------|-----------------|------------|
| a. /taga/ | [taga] ~ [taɣa] | ‘bater’    |
| /toga/    | [toga] ~ [toɣa] | ‘empurrar’ |

/a/ ≠ /i/

79)

|          |         |          |
|----------|---------|----------|
| a. /git/ | [ᵑgitʔ] | ‘piolho’ |
| /gat/    | [ᵑgatʔ] | ‘sol’    |

/ɛ/ ≠ /i/

80)

|           |                 |                    |
|-----------|-----------------|--------------------|
| a. /wɛra/ | [wɛra] ~ [βɛra] | ‘caçar’            |
| /wira/    | [wira] ~ [βira] | ‘comer’            |
| b. /tɛɛ/  | [tɛɛ]           | ‘verdadeiro’       |
| /tiri/    | [tiri]          | ‘queimar/cozinhar’ |

/i/ ≠ /ĩ/

81)

- |    |          |                           |                  |
|----|----------|---------------------------|------------------|
| a. | /gitʔap/ | [ <sup>ɲ</sup> gitʔ ʔapʔ] | ‘tipo de tucano’ |
|    | /gitʔap/ | [ <sup>ɲ</sup> gitʔʔapʔ]  | ‘bambu’          |

#### 2.4.2.2 Contraste entre vogais orais e nasais breves

/a/ ≠ /ã/

82)

- |    |          |           |                               |
|----|----------|-----------|-------------------------------|
| a. | /para/   | [para]    | ‘arara azul do peito amarelo’ |
|    | /pãrã/   | [pãrã]    | ‘dizer’                       |
| b. | /waʔaap/ | [waʔaapʔ] | ‘flauta’                      |
|    | /wãʔaap/ | [wãʔaapʔ] | ‘pilão’                       |

/o/ ≠ /õ/

83)

- |    |      |                    |                |
|----|------|--------------------|----------------|
| a. | /go/ | [ <sup>ɲ</sup> go] | ‘minha boca’   |
|    | /gõ/ | [ <sup>ɲ</sup> gõ] | ‘meu estômago’ |

/i/ ≠ /ĩ/

84)

- |    |       |       |           |
|----|-------|-------|-----------|
| a. | /iti/ | [iti] | ‘veado’   |
|    | /itĩ/ | [itĩ] | ‘minhoca’ |

/i/ ≠ /ĩ/

85)

- |         |                |
|---------|----------------|
| /tsigi/ | ‘junto de’     |
| /tĩgip/ | ‘nambu pedrês’ |

#### 2.4.2.3 Contraste entre vogais orais breves e longas

/a/ ≠ /aa/

86)

- |    |        |                       |          |
|----|--------|-----------------------|----------|
| a. | /gap/  | [ <sup>ɲ</sup> gapʔ]  | ‘caba’   |
|    | /gaap/ | [ <sup>ɲ</sup> gaapʔ] | ‘vagina’ |



|          |         |               |
|----------|---------|---------------|
| b. /kap/ | [kapˀ]  | ‘semente/ovo’ |
| /kaap/   | [kaapˀ] | ‘gordura’     |

/ɛ/ ≠ /ɛɛ/

87)

|         |       |                 |
|---------|-------|-----------------|
| a. /dɛ/ | [dɛ]  | ‘interrogativo’ |
| /pɛɛ/   | [pɛɛ] | ‘coxa’          |

/o/ ≠ /oo/

88)

|           |          |          |
|-----------|----------|----------|
| a. /tsop/ | [tsopˀ]  | ‘sêmen’  |
| /tsoop/   | [tsoopˀ] | ‘mingau’ |

/i/ ≠ /ii/

89)

|           |          |          |
|-----------|----------|----------|
| a. /tʃit/ | [tʃitˀ]  | ‘flor’   |
| /tʃiit/   | [tʃiitˀ] | ‘sangue’ |
| a. /git/  | [ᵑgitˀ]  | ‘piolho’ |
| /giit/    | [ᵑgiitˀ] | ‘sal’/   |

#### 2.4.2.4 Contraste entre as vogais nasais breves e longas

/ã/ ≠ /ãã/

90)

|           |        |         |
|-----------|--------|---------|
| a. /kããj/ | [kããj] | ‘velho’ |
| /kãj/     | [kãj]  | ‘fogo’  |

/ẽ/ ≠ /ẽẽ/

91)

|         |        |          |
|---------|--------|----------|
| a) /mẽ/ | [mẽn]  | ‘marido’ |
| /mẽẽ/   | [mẽẽn] | ‘antigo’ |

/õ/ ≠ /õõ/

92)

|    |       |                    |                |
|----|-------|--------------------|----------------|
| a. | /gõ/  | [ <sup>n</sup> gõ] | ‘meu estômago’ |
|    | /gõõ/ | [gõõ]              | ‘meu pet’      |

/ĩ/ ≠ /ĩ̃/

93)

|    |        |         |               |
|----|--------|---------|---------------|
| a. | /tsĩ/  | [tsĩn]  | ‘fino’        |
|    | /tsĩ̃/ | [tsĩ̃n] | ‘minha perna’ |

/ĩ/ ≠ /ĩ̃/

94)

|    |        |         |            |
|----|--------|---------|------------|
| a. | /taĩ/  | [taĩm]  | ‘frio’     |
|    | /taĩ̃/ | [taĩ̃m] | ‘congelar’ |

## 2.5 Fonemas e respectivos alofones

Apresentamos em seguida os fonemas com seus alofones, organizados segundo a distribuição complementar ou variação livre dos alofones.

### 2.5.1 Distribuição Complementar

#### 2.5.1.1 Oclusivos Surdos (/p/, /t/, /k/)

Os fonemas oclusivos surdos /p/, /t/ e /k/ apresentam, cada um, dois alofones em distribuição complementar: [p], [t] e [k] ocorrem exclusivamente em posição de *onset*, enquanto [p̚], [t̚] e [k̚] ocorrem em posição de coda.

/p/

95)

|    |            |            |            |
|----|------------|------------|------------|
| a. | /pabojʔaa/ | [pabojʔaa] | ‘mandioca’ |
| b. | /papa/     | [papa]     | ‘papai’    |
| c. | /pɛɛ/      | [pɛɛ]      | ‘coxa’     |
| d. | /ajtirip/  | [ajtirip̚] | ‘panela’   |
| e. | /petap/    | [petap̚]   | ‘amargo’   |

/t/

96)

|    |        |                      |           |
|----|--------|----------------------|-----------|
| a. | /tsɛp/ | [tsɛp̚]              | ‘folha’   |
| b. | /bat/  | [ <sup>m</sup> bat̚] | ‘seringa’ |
| c. | /git/  | [ <sup>n</sup> git̚] | ‘piolho’  |

|           |        |                   |
|-----------|--------|-------------------|
| d. /kata/ | [kata] | ‘derrubar/cortar’ |
| e. /tiri/ | [tiri] | ‘queimar’         |
| f. /tii/  | [tii]  | ‘grande’          |
| g. /taga/ | [taga] | ‘bater’           |

/k/

97)

|            |          |                    |
|------------|----------|--------------------|
| a. /kap/   | [kapˀ]   | ‘semente’          |
| b. /kip/   | [kipˀ]   | ‘miúdo’            |
| c. /idak/  | [idakˀ]  | ‘igapó’            |
| d. /bibək/ | [bibəkˀ] | ‘irmão mais velho’ |
| e. /ək/    | [əkˀ]    | ‘casa’             |
| f. /wakat/ | [wakatˀ] | ‘garça’            |

#### 2.5.1.2 Fonema /ts/

O fonema /ts/ apresenta dois alofones ts/ e /s/, cuja distribuição não está bem definida, o que se deve provavelmente ao estágio da língua.

[s] ocorre nas seguintes palavras:

98)

|              |          |                |
|--------------|----------|----------------|
| a. /batsapɛ/ | [basapɛ] | ‘cofo’         |
| b. /watsa/   | [wasa]   | ‘anta’         |
| c. /botsaʔ/  | [bosaʔ]  | ‘dois’         |
| d. /batso/   | [baso]   | ‘vento’        |
| e. /batsaj/  | [basaj]  | ‘macaco prego’ |

[ts] ocorre principalmente em início palavras, variando com /s/.

99)

|            |                  |         |
|------------|------------------|---------|
| a. /tsapɛ/ | [tsapɛ] ~ [sapɛ] | ‘roupa’ |
| b. /tsɛp/  | [tsɛpˀ] ~ [tsep] | ‘folha’ |
| c. /tsaga/ | [tsaga] ~ [saga] | ‘matar’ |

## 2.5.2 Variação livre

### 2.5.2.1 Pré-nasalização de consoantes oclusivas sonoras

Os fonemas oclusivos sonoros /b/, /d/ e /g/ apresentam, em posição de *onset*, os alofones pré-nasalizados [ᵐb], [ᵐd], [ᵐg] e [b], [d], [g] em variação livre.

[ᵐb] ~ [b]

100)

- |    |         |                      |                |
|----|---------|----------------------|----------------|
| a. | /bagap/ | [ᵐbaɣapˈ] ~ [baɣapˈ] | ‘relâmpago’    |
| b. | /basaj/ | [ᵐbasaj] ~ [basaj]   | ‘macaco prego’ |
| c. | /babɛ/  | [ᵐbabɛ] ~ [babɛ]     | ‘minha mão’    |

[d] ~ [ᵐd]

101)

- |    |            |                              |                    |
|----|------------|------------------------------|--------------------|
| a. | /dat/      | [ᵐdatˈ] ~ [datˈ]             | ‘cabeça’           |
| b. | /do/       | [ᵐdo] ~ [do]                 | ‘serra’            |
| c. | /dapoo/    | [ᵐdapoo] ~ [dapoo]           | ‘cipó’             |
| d. | /dat tsep/ | [ᵐdatˈ tsepˈ] ~ [datˈ tsepˈ] | ‘cabelo da cabeça’ |

[g] ~ [ᵐg]

102)

- |    |          |                      |        |
|----|----------|----------------------|--------|
| a. | /gat/    | [ᵐgatˈ] ~ [gatˈ]     | ‘sol’  |
| b. | /gat.pi/ | [ᵐgatˈpi] ~ [gatˈpi] | ‘céu’  |
| c. | /gala/   | [ᵐgala] ~ [gala]     | ‘mata’ |

### 2.5.2.2 Fonema /w/

O fone /w/ possui dois alofones [w] e [β] que variam livremente em início de palavra.

103)

- |    |        |                 |            |
|----|--------|-----------------|------------|
| a. | /wop/  | [wopˈ] ~ [βopˈ] | ‘vermelho’ |
| b. | /woj/  | [wɔj] ~ [βɔj]   | ‘homem’    |
| c. | /wira/ | [wira] ~ [βira] | ‘comer’    |

### 2.5.2.3 Fonema /g/

O fonema /g/ possui dois alofones, a oclusiva [g] e a fricativa [ɣ] (espirante), que variam livremente em posição em *onset* medial e final.

104)

|             |                     |            |
|-------------|---------------------|------------|
| a. /kiriga/ | [kiriga] ~ [kiriya] | ‘morder’   |
| b. /toga/   | [toga] ~ [toya]     | ‘empurrar’ |
| c. /jaga/   | [jaga] ~ [jaya]     | ‘rir’      |
| d. /taga/   | [taga] ~ [taya]     | ‘bater’    |

#### 2.5.2.4 Fonema /l/

O fone /l/ possui dois alofones [l] e [ɭ] que variam livremente em posição intervocálica.

105)

|              |                                                                           |              |
|--------------|---------------------------------------------------------------------------|--------------|
| a. /bolopa/  | [ <sup>m</sup> boɭopa] ~ [bolopa]                                         | ‘caranguejo’ |
| b. /bolip/   | [ <sup>m</sup> bolip <sup>ː</sup> ] ~ [ <sup>m</sup> bolip <sup>ː</sup> ] | ‘peixe’      |
| c. /taloo/   | [taɭoo] ~ [taloo]                                                         | ‘cuia’       |
| d. /waloʔaa/ | [waɭoʔaa] ~ [waloʔaa]                                                     | ‘caracol’    |

Alguns falantes apresentam uma variação de [ɾ] com [l] em palavras como em [borip<sup>ː</sup>] ~ [bolip<sup>ː</sup>] ‘peixe,

#### 2.5.2.5 Fonema /ã/

O fone /ã/ possuem respectivamente os alofones [ã] e [ã̃] que variam livremente.

106)

|            |                                                |                 |
|------------|------------------------------------------------|-----------------|
| a. /ãdɛɛ/  | [ã <sup>n</sup> dɛɛ] ~ [ã̃ <sup>n</sup> dɛɛ]   | ‘dia’           |
| b. /mãkap/ | [mãkap <sup>ː</sup> ] ~ [mã̃kap <sup>ː</sup> ] | ‘amendoim’      |
| c. /mãbɛɛ/ | [mã <sup>m</sup> bɛɛ] ~ [mã̃ <sup>m</sup> bɛɛ] | ‘bolo de milho’ |
| d. /arãj/  | [arãj] ~ [arã̃j]                               | ‘galinha’       |

#### 2.5.2.6 Fonema /ẽ/

O fone /ẽ/ possuem respectivamente os alofones [ẽ] e [ẽ̃] que variam livremente

107)

|               |                                                      |                      |
|---------------|------------------------------------------------------|----------------------|
| a. /nẽko/     | [nẽ <sup>n</sup> ko] ~ [nẽ̃ <sup>n</sup> ko]         | ‘onça/cachorro’      |
| b. /ẽzaj/     | [ẽnzaj] ~ [ẽ̃nzaj]                                   | ‘tua esposa’         |
| c. /mẽʔpikip/ | [mẽʔpikip <sup>ː</sup> ] ~ [mẽ̃ʔpikip <sup>ː</sup> ] | ‘tornozelo de vocês’ |
| d. /wẽjtĩʔaa/ | [wẽjtĩnʔaa] ~ [wẽ̃jtĩnʔaa]                           | ‘batata doce’        |
| e. /nẽtop/    | [nẽntop <sup>ː</sup> ] ~ [nẽ̃ntop]                   | ‘filho’              |

#### 2.5.2.7 Fonema /õ/

O fone /õ/ possuem respectivamente os alofones [õ] e [ũ] e em variação livre.

108)

- |            |                                                 |                |
|------------|-------------------------------------------------|----------------|
| a. /õgaap/ | [ũ <sup>n</sup> gaapˀ] ~ [õ <sup>n</sup> gaapˀ] | ‘minha vagina’ |
| b. /õpi/   | [ũ <sup>m</sup> bi] ~ [õ <sup>m</sup> bi]       | ‘meu pé’       |
| c. /kõn/   | [kũn] ~ [kõn]                                   | ‘pó’           |
| d. /õdege/ | [ũ <sup>n</sup> dεge] ~ [õ <sup>n</sup> dεge]   | ‘amanhã’       |

#### 2.5.2.8 Fonema /o/

O fonema /o/ possuem respectivamente os alofones [o], [ɔ] e [u] que variam livremente em todas as posições das palavras

109)

- |             |                     |                  |
|-------------|---------------------|------------------|
| a. /basot/  | [basotˀ] ~ [basotˀ] | ‘raiva’          |
| b. /tsop/   | [tsɔpˀ] ~ [tsopˀ]   | ‘ruim’           |
| c. /poa/    | [pɔa] ~ [poa]       | ‘assoprar’       |
| d. /wotaga/ | [wɔtaga] ~ [wotaga] | ‘furar com faca’ |
| e. /woj/    | [wɔj] ~ [woj]       | ‘homem’          |
| f. /pokat/  | [pukatˀ] ~ [pokatˀ] | ‘sujo’           |

### 2.6 Processos fonológicos

#### 2.6.1 Lenização do fonema /t/

O fonema /t/ pode realizar-se como flepe alveolar [ɾ] em posição de coda em fronteira de morfema em fala rápida.

110)

- |                  |   |                             |                    |
|------------------|---|-----------------------------|--------------------|
| a. /gadot wop/   | → | [gadorwopˀ]                 | ‘arara vermelha’   |
| b. /titatʔap/    | → | [titarʔapˀ]                 | ‘tipo de pica-pau’ |
| c. /õ.zet.aja/   | → | [õzetˀ aja] ~ [õzeraja]     | ‘meu nome é’       |
| d. /õ.pasot.aja/ | → | [õbasotˀ aja] ~ [õbasoraja] | ‘estou com raiva’  |

#### 2.6.2 Propagação de vozeamento

##### 2.6.2.1 Oclusivas surdas (p, t, k)

A língua Aruá apresenta um processo produtivo de propagação de vozeamento e nasalidade em fronteira de morfema dos quais são alvo as obstruintes surdas /p/, /t/ e /k/, que

se que se tornam sonoras ou pré-nasalizadas quando o morfema precedente termina em vogal nasal.

/p/

111)

- |            |                               |            |
|------------|-------------------------------|------------|
| a. /õ-pi/  | [õbi] ~ [õ <sup>m</sup> bi]   | ‘meu pé’   |
| b. /ẽ-pi/  | [ẽbi] ~ [ẽ <sup>m</sup> bi]   | ‘teu pé’   |
| c. /pã-pi/ | [pãbi] ~ [pã <sup>m</sup> bi] | ‘nosso pé’ |

/t/

112)

- |            |                               |             |
|------------|-------------------------------|-------------|
| a. /õ-ti/  | [õdi] ~ [õ <sup>n</sup> di]   | ‘minha mãe’ |
| b. /ẽ-ti/  | [ẽdi] ~ [ẽ <sup>n</sup> di]   | ‘tua mãe’   |
| c. /pã-ti/ | [pãdi] ~ [pã <sup>n</sup> di] | ‘nossa mãe’ |

/k/

113)

- |            |                                 |                |
|------------|---------------------------------|----------------|
| a. /ẽkaj/  | [ẽgaj] ~ [ẽ <sup>ŋ</sup> gaj]   | ‘tua esposa’   |
| b. /pãkaj/ | [pãgaj] ~ [pã <sup>ŋ</sup> gaj] | ‘nossa esposa’ |

#### 2.6.2.2 Vozeamento do Fonema /tʃ/

O fonema africado /tʃ/ se pré-nasaliza quando precedido de vogal nasal.

114)

- |             |                         |                 |
|-------------|-------------------------|-----------------|
| a. /õtʃiit/ | [õ <sup>n</sup> dʒiitʰ] | ‘meu sangue’    |
| b. /ẽtʃiit/ | [ẽ <sup>n</sup> dʒiitʰ] | ‘teu sangue’    |
| c. /natʃĩ/  | [nə <sup>n</sup> dʒi]   | ‘leite materno’ |
| d. /mãtʃĩ/  | [mã <sup>n</sup> dʒi]   | ‘caldo’         |

#### 2.6.3 Nasalização

Na língua Aruá, a propagação de nasalidade plena é um processo amplamente produtivo, afetando vogal e consoantes aproximantes e podendo ser unidirecional ou bidirecional.

##### 2.6.3.1 Propagação localizada da direita para a esquerda

115)

- |    |         |         |          |
|----|---------|---------|----------|
| a. | [wã]    | /wã/    | ‘buraco’ |
| b. | [wãzɛp] | /wãzɛp/ | ‘mulher’ |
| c. | [kãrĩn] | /karin/ | ‘osso’   |
| d. | [mãʔã]  | /maʔã/  | ‘pegar’  |
| e. | [kõjõ]  | /kojõ/  | ‘cavar’  |

### 2.6.3.2 Propagação localizada da esquerda para a direita

116)

- |    |        |        |           |
|----|--------|--------|-----------|
| a. | [arẽj] | /arẽj/ | ‘galinha’ |
|----|--------|--------|-----------|

### 2.6.3.3 Propagação bidirecional

117)

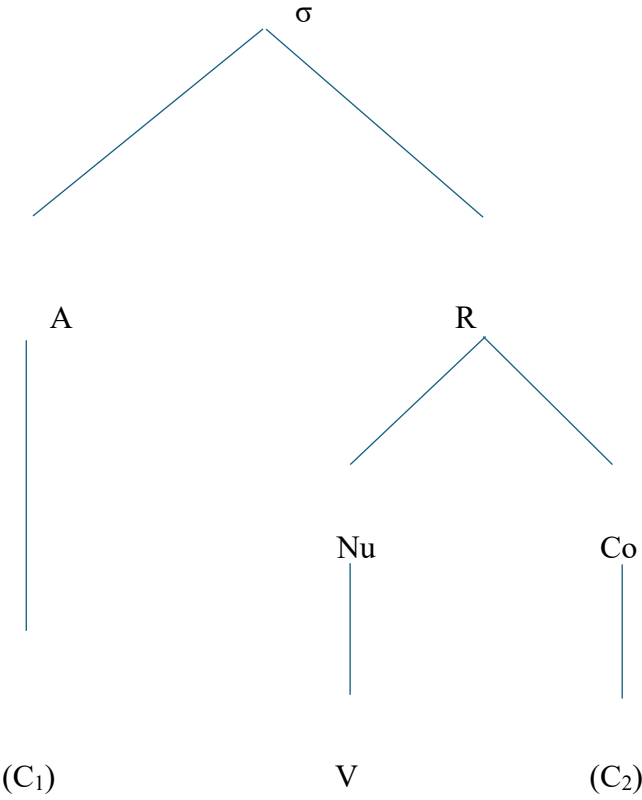
- |    |        |        |           |
|----|--------|--------|-----------|
| a. | [ĩpẽj] | /ijẽj/ | ‘piranha’ |
| b. | [ãpã]  | /ajã/  | ‘agora’   |

## 2.7 Estrutura silábica

Na língua Aruá, a sílaba padrão é ((C)V(C)), podendo ocorrer os seguintes padrões silábicos CVC, CV, VC e V. Os segmentos consonantais estão sujeitos a restrições quanto às posições que podem ocupar dentro da sílaba. Com exceção de /l/, /ɾ/ e /ŋ/, todos os demais fonemas consonantais podem ocorrer na posição inicial da sílaba. Por outro lado a posição de coda pode ser ocupada apenas pelos fonemas /p/, /t/, /k/, /ʔ/, /m/, /n/, /ŋ/, /w/ e /j/.

A seguir apresentamos um diagrama arbóreo ilustrando a distribuição dos fonemas consonantais e vocálicos na estrutura silábica.





2.7.1.1 Padrões Silábicos

|            |         |                |
|------------|---------|----------------|
| V          |         |                |
| 118)       |         |                |
| a. i.poj   | [ipɔj]  | ‘rio’          |
| b. õ.tsaj  | [õzaj]  | ‘minha esposa’ |
| c. ε.ɾε    | [εɾε]   | ‘amarelo’      |
| d. a.ka.pε | [akapε] | ‘esteira’      |
| e. a.ʔa.la | [aʔala] | ‘cair’         |

|           |           |          |
|-----------|-----------|----------|
| VC        |           |          |
| 119)      |           |          |
| a. iip    | [iipˀ]    | ‘árvore’ |
| b. ɛk     | [ɛkˀ]     | ‘casa’   |
| c. bej.ɛp | [ˀbejɛpˀ] | ‘magro’  |

CV

120)

|                  |         |                    |
|------------------|---------|--------------------|
| a. <b>ʔa</b>     | [ʔa]    | ‘fruto’            |
| b. <b>tsa.pɛ</b> | [tsapɛ] | ‘casca/pele’       |
| c. <b>go.tso</b> | [goso]  | ‘cupim’            |
| d. <b>ti.gi</b>  | [tigi]  | ‘leite da seringa’ |

CVC

121)

|                   |                      |                |
|-------------------|----------------------|----------------|
| a. <b>gap</b>     | [ <sup>h</sup> gapˀ] | ‘caba’         |
| b. <b>gat</b>     | [ <sup>h</sup> gatˀ] | ‘sol’          |
| c. <b>kap</b>     | [kapˀ]               | ‘semente’      |
| d. <b>tʃit</b>    | [tʃitˀ]              | ‘flor’         |
| e. <b>kiit</b>    | [kiitˀ]              | ‘branco/claro’ |
| f. <b>bi.tʃaŋ</b> | [bitʃɔŋ]             | ‘noite’        |

### 2.7.2 Tom

Uma língua tonal é aquela em que “a indicação do *pitch* integra a realização lexical de pelo menos alguns morfemas” (Yip, 2002, p. 198). Nesses sistemas, a altura (*pitch*), determinada pela frequência fundamental (F0), distingue significados lexicais e não apenas expressa nuances entonacionais ou afetivas (Yip, 2002, p. 185, 197).

Do ponto de vista tipológico, o tom constitui um traço (*featural*) e paradigmático, o que implica que falantes e ouvintes precisam reconhecer o valor tonal atribuído a cada unidade portadora de tom (*Tone-Bearing Unit – TBU*) para garantir a interpretação lexical adequada (Hyman, 2006, p. 229). O tom, portanto, exerce função distintiva (Martinet, 1960, citado em Hyman, 2006, p. 229).

O estudo dos sistemas tonais avançou com o desenvolvimento de diferentes abordagens teóricas. A fonologia autosegmental (Goldsmith, 1976) propôs a separação entre tons e segmentos em camadas independentes (*tiers*), permitindo descrever fenômenos como *spreading* e tons de contorno, essenciais para a análise do sistema tonal do Aruá. Por outro lado, abordagens acústico-perceptuais articulam descrição fonológica e evidências fonéticas. Para Ladefoged (2003) e Kent e Read (2015), a F0 constitui o principal correlato físico do tom, e seu comportamento temporal visualizado em ferramentas como o Praat, que é fundamental para distinguir tons de nível (alto, baixo) e tons de contorno (ascendente, descendente).

As línguas da família Mondé têm sido consistentemente descritas como possuidoras de sistemas tonais. No Suruí-Paiter, por exemplo, estudos como Bontkes (1978), Guerra (2004) e Meyer (2012) identificam dois tons lexicais contrastivos (alto e baixo), padrão observado também em outras línguas do grupo. A língua Cinta Larga apresenta igualmente um sistema tonal binário, conforme descrito por Sandberg (1988). Moore (2002) propõe ainda a possível existência de tom em línguas como Salamãj e Zoró, embora sejam necessários estudos adicionais para confirmação.

De modo semelhante, o Gavião é analisado por Moore (1984, 1999) como uma língua tonal com dois tons lexicais. Mais recentemente, Alberto Ihv Kuhj Gavião (2025) descreve um sistema mais complexo, com quatro tons fonológicos — alto, baixo, ascendente e descendente — além de um tom neutro.

A análise preliminar do Aruá indica que a língua compartilha características gerais dos sistemas tonais Mondé. Os dados sugerem a existência de quatro tons: alto ['], baixo [ˊ], ascendente [ˈˊ] e descendente [ˈˊˊ], além de um tom neutro não marcado.

#### 2.7.2.1 *Tom alto*

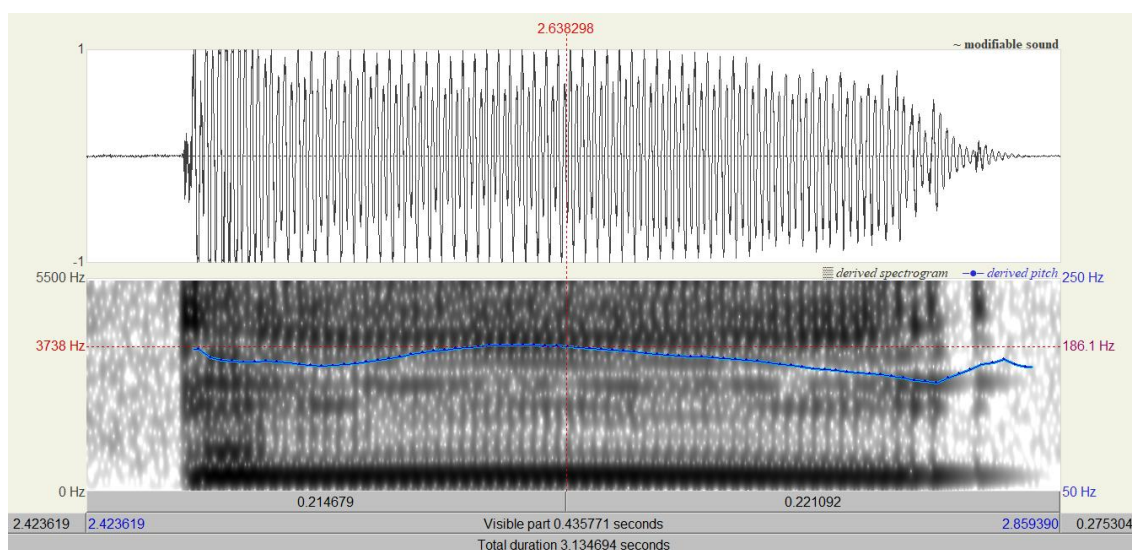
Exemplos de tom alto:

122)

- |    |            |           |          |
|----|------------|-----------|----------|
| a. | [íí]       | /íí/      | ‘água’   |
| b. | [ájtírípˊ] | /ájtíríp/ | ‘panela’ |
| c. | [tsópˊ]    | /tsóp/    | ‘sêmen’  |

Para a palavra [íí] ‘água’, a média da frequência fundamental é de 174 Hz.

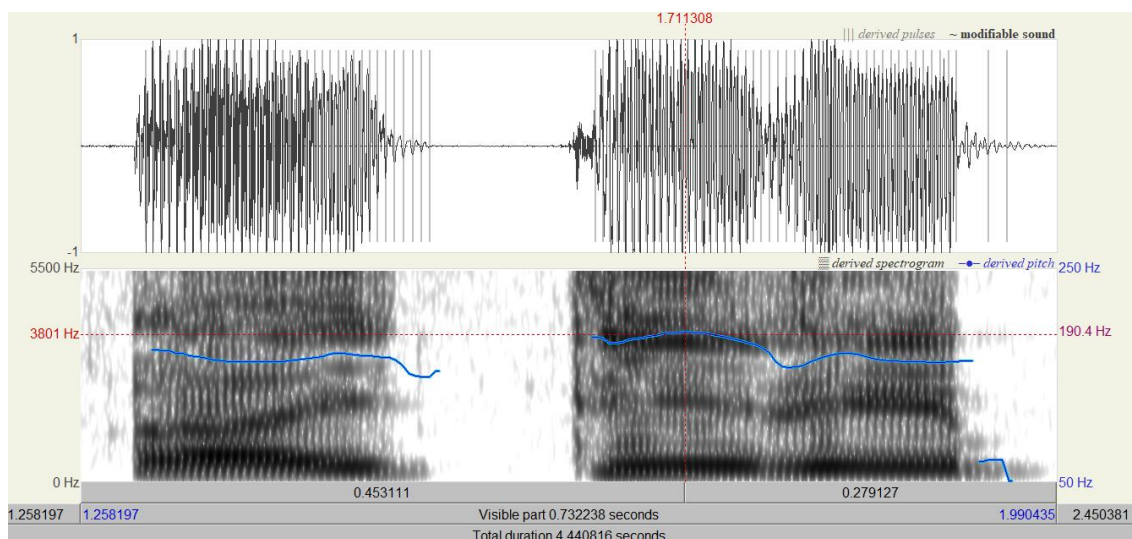
**Figura 21** – Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra [íí] ‘água’



Fonte: Elaboração própria com base no software *Praat*. (2025)

Para [ájtíríp`] ‘panela’, as medidas de F0 são 166 Hz na primeira sílaba, 186 Hz na segunda e 167 Hz na última.

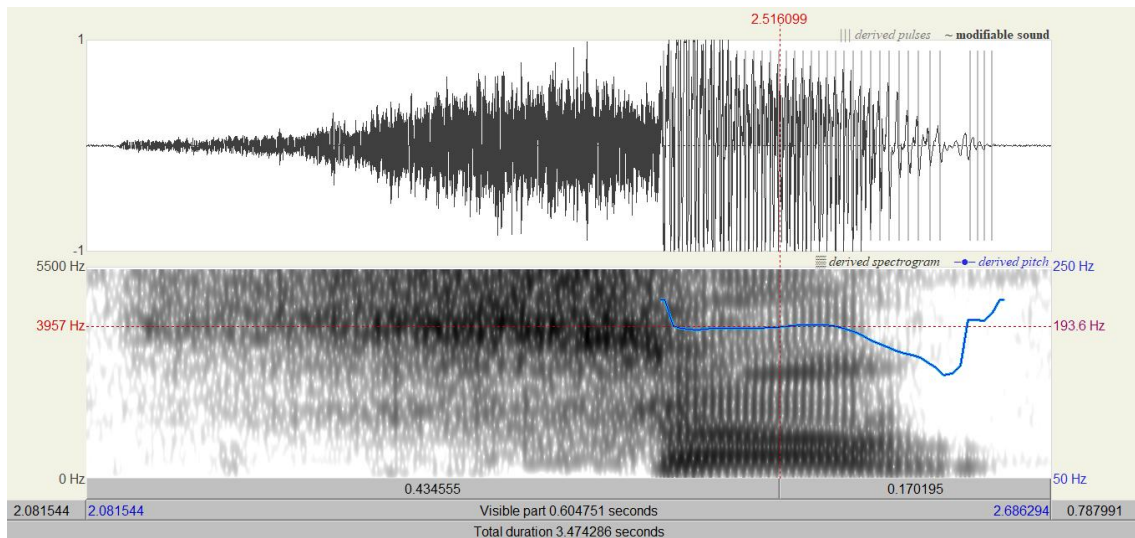
**Figura 22** – Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra [ájtíríp`] ‘panela’



Fonte: Elaboração própria com base no software *Praat*. (2025)

Para [tsóp`] ‘sêmen’, a frequência fundamental média é de 192 Hz.

**Figura 23**– Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra [tsópʻ] ‘sêmen’.



Fonte: Elaboração própria com base no software *Praat*. (2025)

#### 2.7.2.2 Tom baixo

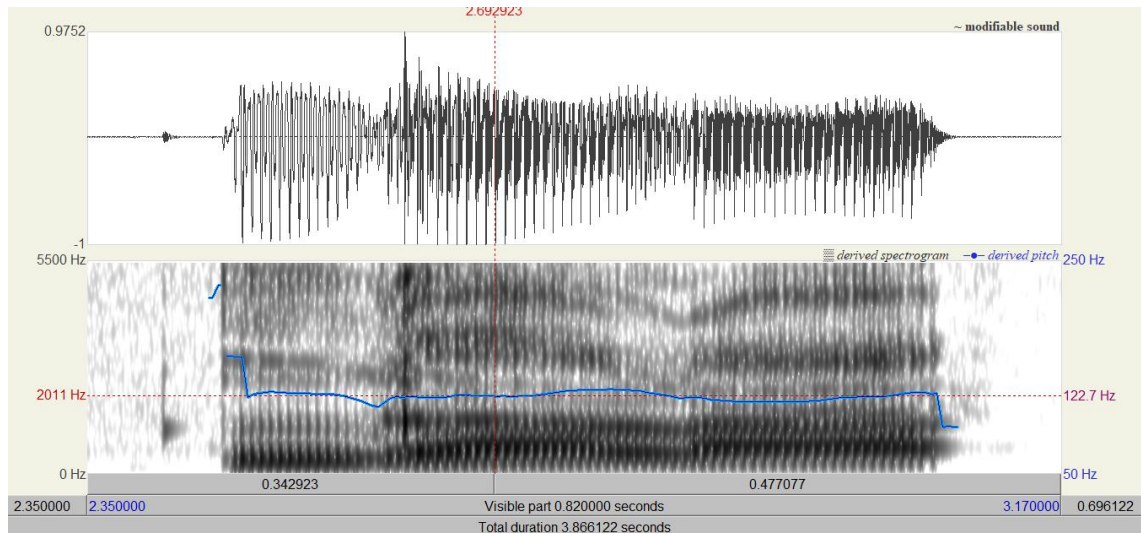
Exemplos de tom baixo:

123)

- |    |         |        |             |
|----|---------|--------|-------------|
| a. | [ᵑgàlà] | /gàlà/ | ‘mata’      |
| b. | [bàbè]  | /bàbè/ | ‘minha mão’ |

Para [ᵑgàlà] ‘mata’, as medidas de F0 são 124 Hz na primeira sílaba e 120 Hz na segunda.

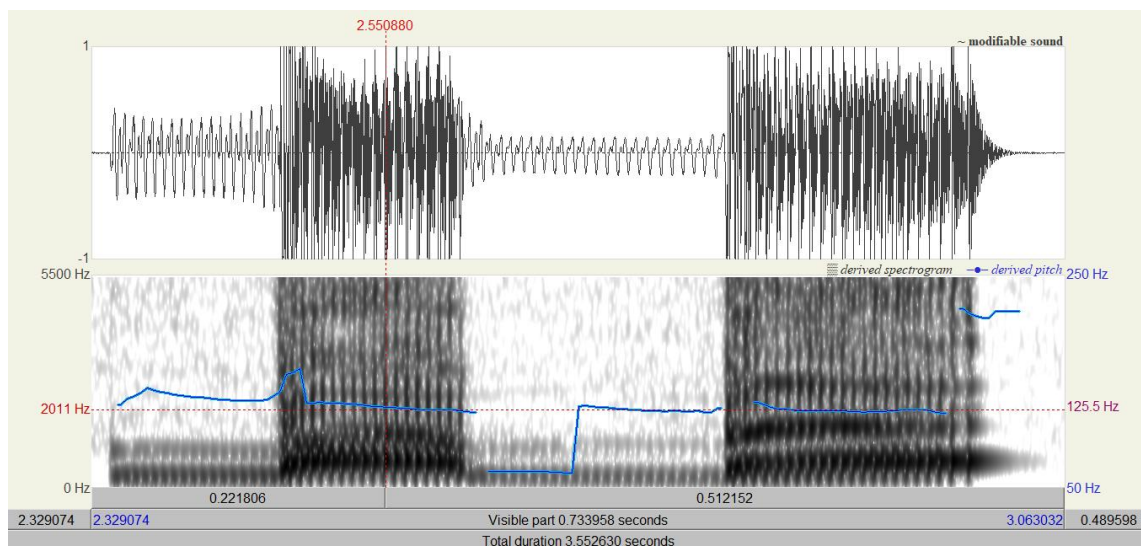
**Figura 24**– Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra [ᵐgàlà] ‘mata’



Fonte: Elaboração própria com base no software *Praat*. (2025)

Para [bàbè] ‘minha mão’, os valores de F0 são 120 Hz na primeira sílaba e 122 Hz na segunda.

**Figura 25** – Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra [bàbè] ‘minha mão’



Fonte: Elaboração própria com base no software *Praat*. (2025)

### 2.7.2.3 Tom de contorno ascendente

Exemplos de tom de contorno ascendente:

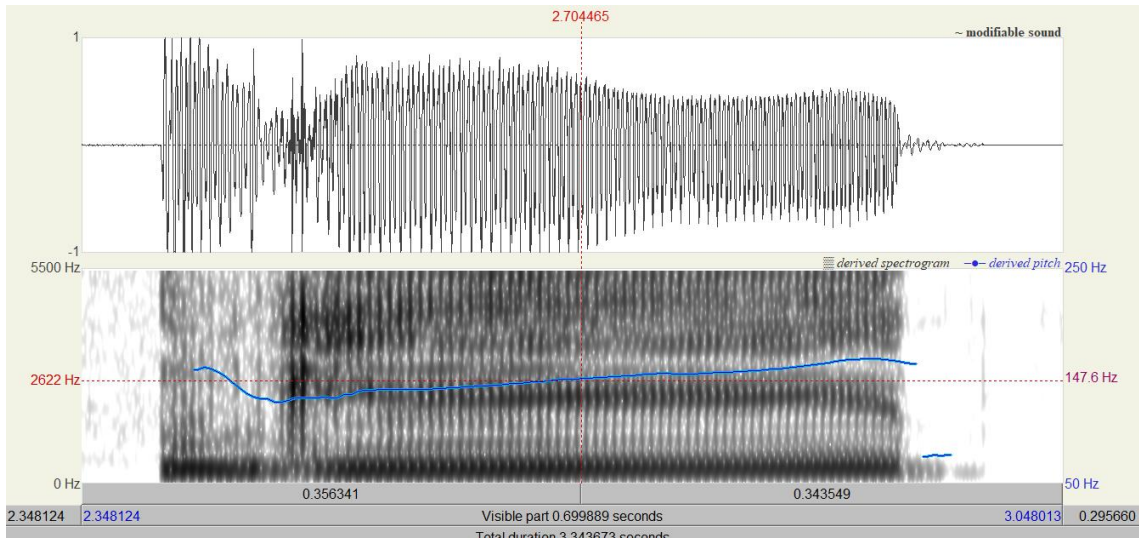
124)

- a. [ᵐgiùt'] /giùt/ ‘sal’

- b. [ˈdõ] /dõ/ ‘serra’  
 c. [ˈgat̪pĩ] /gatpĩ/ ‘céu’

Na palavra [ˈgĩt̪] ‘sal’, a F0 mínima é 125 Hz e a máxima 166 Hz.

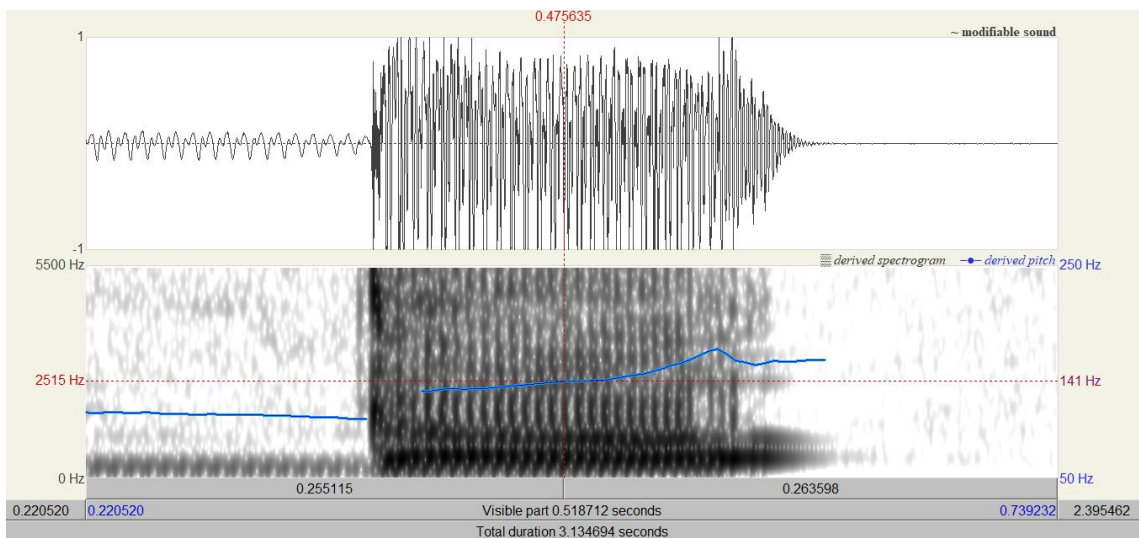
**Figura 26** – Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra da palavra [ˈgĩt̪] ‘sal’



Fonte: Elaboração própria com base no software *Praat*. (2025)

Para [ˈdõ] ‘serra’, a F0 apresenta valores semelhantes, variando entre 125 Hz e 166 Hz.

**Figura 27** – Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra [ˈdõ] ‘serra’

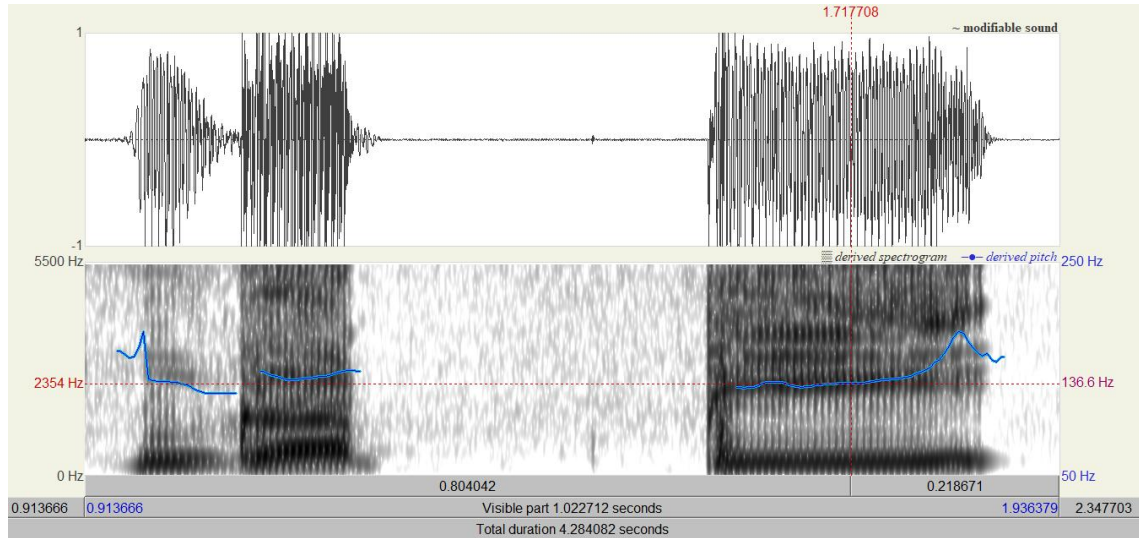


Fonte: Elaboração própria com base no software *Praat*. (2025)



Para [ᵑgatˈpĩ] ‘céu’, a F0 da segunda sílaba varia entre 131Hz e 185Hz.

**Figura 28** – Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra [ᵑgatˈpĩ] ‘céu



Fonte: Elaboração própria com base no software *Praat*. (2025)

#### 2.7.2.4 Tom de contorno decrescente

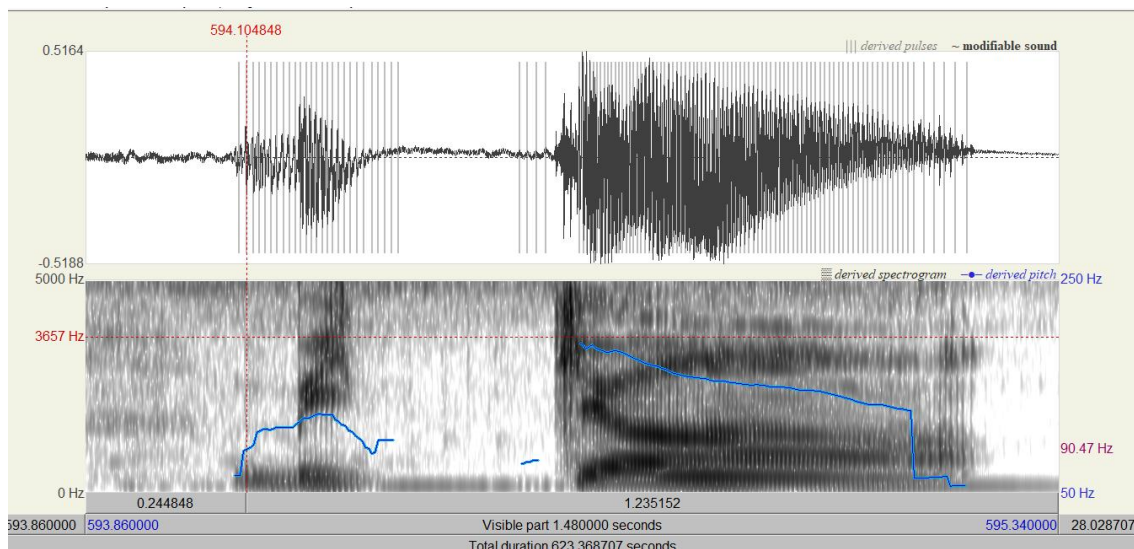
125)

- a. [ᵐbitʃᵑᵑ]                      /bitʃᵑᵑ/                      ‘jirau’
- b. [ᵐbikˈbĩkˈ]                    /bikˈbĩk/                      ‘espécie de nambu’

Para a palavra [ᵐbitʃᵑᵑ] ‘jirau’, a F0 apresenta valores variando entre 189 Hz e 127 Hz desconsiderando o *downstep* provocado pela laringalização.



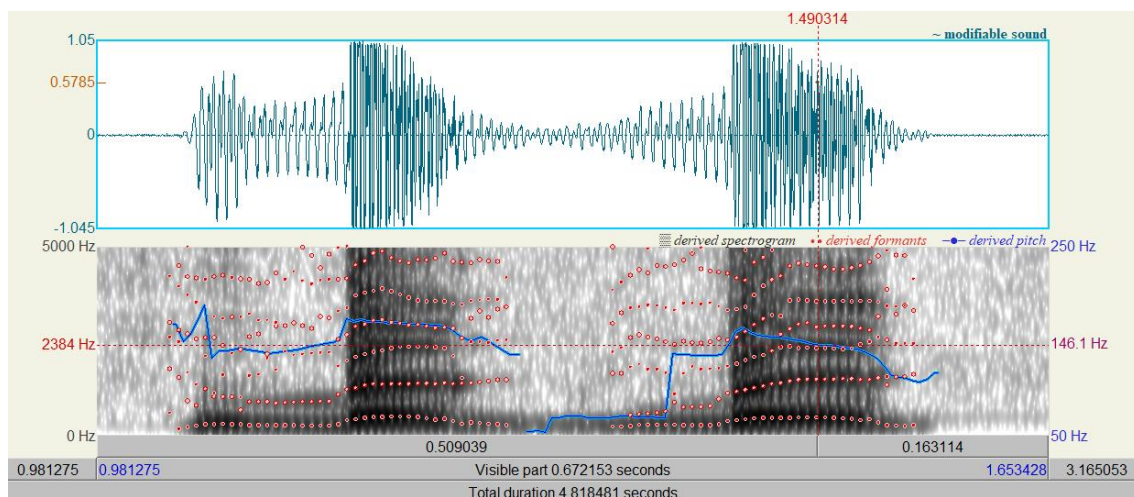
**Figura 29** – Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra [ˠbitʃœ̃] ‘jirau’



Fonte: Elaboração própria com base no software *Praat*. (2025)

Para a palavra [ˠbíkʰbíkʰ] a F0 apresenta valores variando entre 164 Hz e 123 Hz na segunda sílaba.

**Figura 30** – Curva da frequência fundamental (janela de banda larga, 5 ms) da palavra [ˠbíkʰbíkʰ] ‘espécie de nambu’



Fonte: Elaboração própria com base no software *Praat*. (2025)

#### 2.7.2.5 Pares mínimos tonais

A ocorrência de pares mínimos tonais na língua Aruá evidencia que a variação na altura do tom, refletida na frequência fundamental (F0), possui função distintiva. Essa variação é

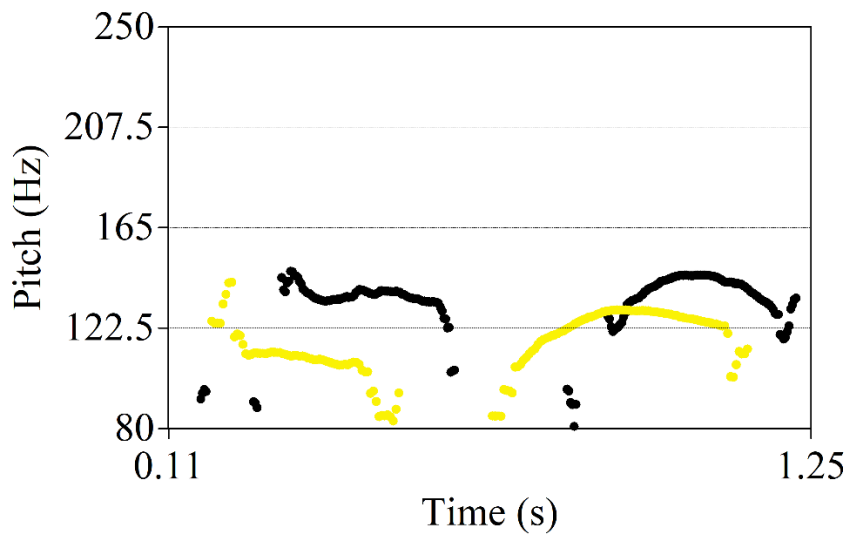
crucial para a diferenciação de significado lexical e/ou gramatical. Os exemplos a seguir ilustram este contraste:

126)

- |    |           |          |            |
|----|-----------|----------|------------|
| a. | [wěʔaapʼ] | /wãʔaap/ | ‘flauta’   |
|    | [wəʔaapʼ] | /wãʔaap/ | ‘pênis’    |
| b. | [tsàgà]   | /tsàgà/  | ‘matar’    |
|    | [tsagà]   | /tsagà/  | ‘junto a’  |
| c. | [tígi]    | /tígi/   | ‘seiva’    |
|    | [tígí]    | /tígí/   | ‘derrubar’ |

O Gráfico 7 apresenta o contraste tonal entre [wěʔaapʼ] ‘flauta’ (em amarelo) e [wəʔaapʼ] ‘pênis’ (em preto) evidenciando a diferença na curva de F0 entre as duas palavras e indicando um contraste lexical puro.

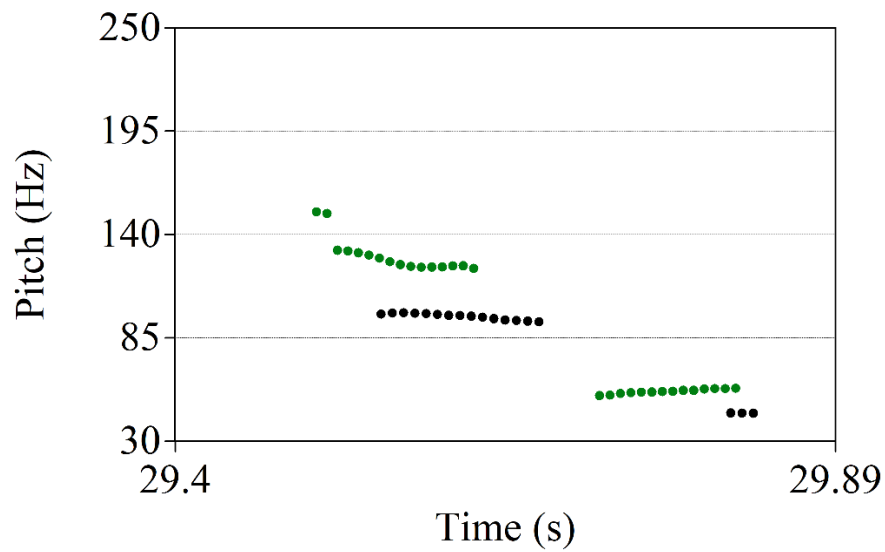
**Gráfico 7** – Contraste tonal entre [wěʔaapʼ] ‘flauta’ e [wəʔaapʼ] ‘pênis’



Fonte: Elaboração própria com base no software *Praat*. (2025)

O Gráfico 8 também exemplifica o contraste tonal entre [tsàgà] ‘matar’ (em preto) e [tsagà] ‘junto a’ (em verde).

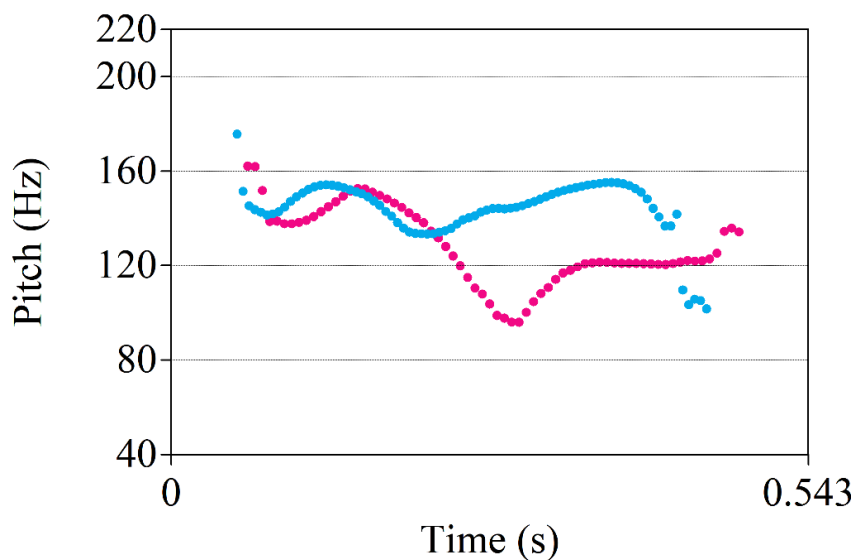
**Gráfico 8** – Contraste tonal entre [tsàgà] ‘matar’ e [tsagà] ‘junto a’



Fonte: Elaboração própria com base no software *Praat*. (2025)

O Gráfico 9 apresenta o contraste tonal entre [tígi] seiva (cor magenta) e [tígi] ‘derrubar’ (cor ciano) evidenciando a diferença na curva de F0 entre as duas palavras e indicando um contraste lexical puro.

**Gráfico 9** – Contraste tonal entre [tígi] ‘seiva’ e [tígi] ‘derrubar’



Fonte: Elaboração própria com base no software *Praat*. (2025)

A distinção tonal em Aruá não se restringe ao nível puramente lexical (palavras semanticamente ricas); ela também desempenha um papel crucial na diferenciação gramatical.

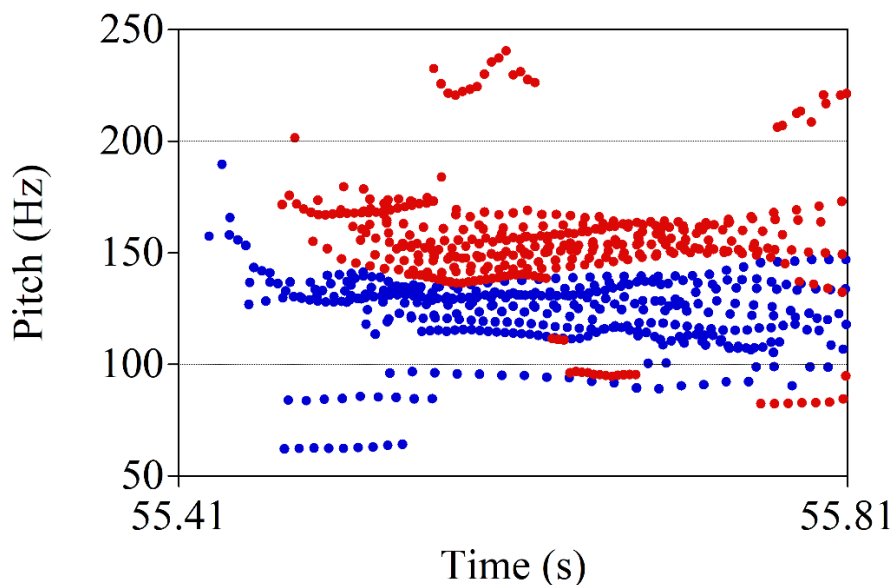
Os seguintes pares mínimos ilustram como a alteração do tom distingue categorias ou funções gramaticais.

127)

- |    |         |        |                             |
|----|---------|--------|-----------------------------|
| a. | [məñ]  | /mã̃/  | ‘mediador de posse’         |
|    | [məñ̃] | /mã̃̃/ | ‘1SG-PERFECTIVO’            |
| b. | [dɛ]    | /dê/   | ‘nominalizador de paciente’ |
|    | [dɛ̃]   | /dễ/  | ‘partícula interrogativa’   |
| c. | [ka]    | /ka/   | ‘ir’                        |
|    | [ká]    | /ká/   | ‘locativo pontual’          |

No Gráfico 10, o contraste entre o verbo auxiliar [ka] ‘ir’ (tom neutro) e o locativo pontual [ká] (tom alto) constitui um exemplo claro de distinção marcada pelo tom. Para a análise acústica, foram extraídas dez ocorrências de cada forma [ka] e [ká] de sentenças declarativas produzidas pelo mesmo falante, garantindo diferentes posições na frase para controlar um possível efeito de entonação frasal. A medição da altura (F0) e a plotagem das curvas tonais foram realizadas no *Praat*, conforme demonstrado no **Gráfico 10**. Este gráfico visualiza a diferença de F0 entre o tom alto (em vermelho) e o tom neutro (em azul).

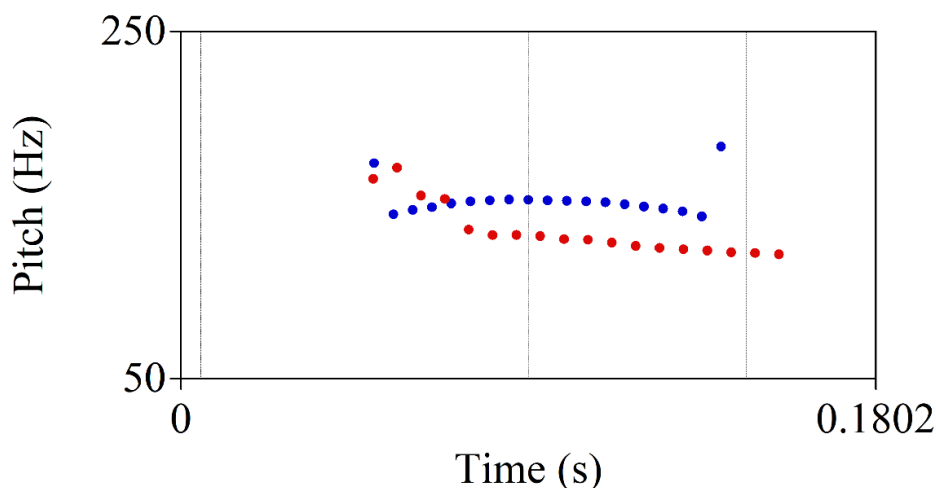
**Gráfico 10** – Contraste tonal entre /ká/ ‘locativo’ e /ka/ ‘ir’



Fonte: Elaboração própria com base no software *Praat*. (2025)

Um aspecto relevante da fonologia de Aruá é a possível interação entre a duração vocálica e o tom. Em algumas ocorrências, o contraste tonal parece compensar a redução da duração da vogal. O par mínimo entre 'semente' e 'gordura' ilustra essa dinâmica:

**Gráfico 11** – Contraste tonal entre [káp] ‘semente’ e [kap] ‘gordura’



Fonte: Elaboração própria com base no software *Praat*. (2025)

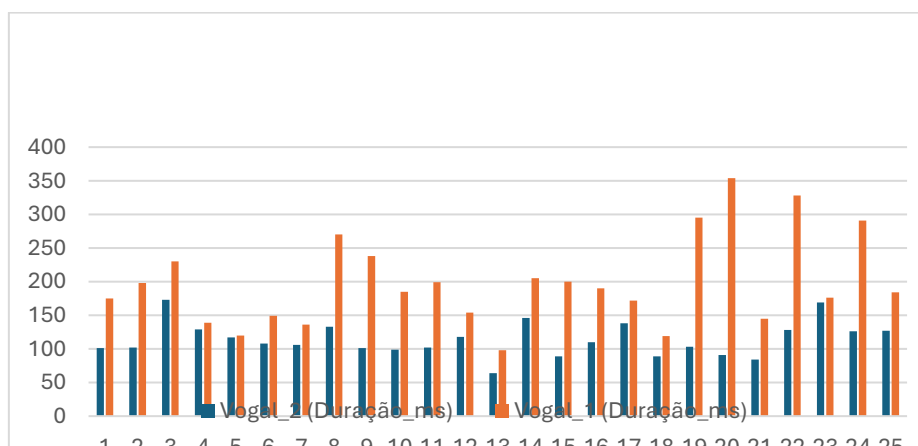
### 2.7.3 Proeminência Silábica: correlatos acústicos e a natureza do acento

Na presente análise do Aruá, a proeminência silábica é examinada à luz dos correlatos acústicos e da natureza do acento, utilizando-se a medição empírica dos correlatos acústicos primários (F0, Intensidade e Duração) para determinar a natureza do acento na língua. A determinação do acento primário em línguas tonais, como o Aruá, requer a adoção de parâmetros acústicos que minimizem a interferência do tom lexical (marcado por F0). Para isolar a proeminência prosódica da sílaba, esta análise exploratória focou na medição de parâmetros de energia e duração, com ênfase especial na Ênfase Espectral (SE).

Para a medida de intensidade, utilizou-se a ênfase espectral, seguindo o parâmetro proposto por Traunmüller e Eriksson (2000), que a define como a diferença entre a intensidade acústica total do sinal e a intensidade do sinal após a aplicação de um filtro passa-baixa. A extração dos correlatos acústicos foi realizada manualmente no *software Praat*. A Ênfase Espectral (SE) foi calculada conforme a diferença entre a Intensidade Global (L) e a Intensidade Filtrada (L\_0), seguindo a abordagem de Traunmüller e Eriksson (2000). O filtro passa-baixa foi parametrizado com uma frequência de corte de 1.5 x F0 média da vogal, isolando a energia de baixa frequência do sinal e, conseqüentemente, realçando a energia presente nas frequências mais altas, que é o indicador esperado de esforço vocal.

Os resultados preliminares obtidos a partir de nomes absolutos dissílabos indicam uma concentração dos correlatos acústicos do acento na sílaba final. Os dados brutos mostram que tanto a Duração (gráfico 12) quanto a Intensidade Global (L) são consistentemente maiores na sílaba final.

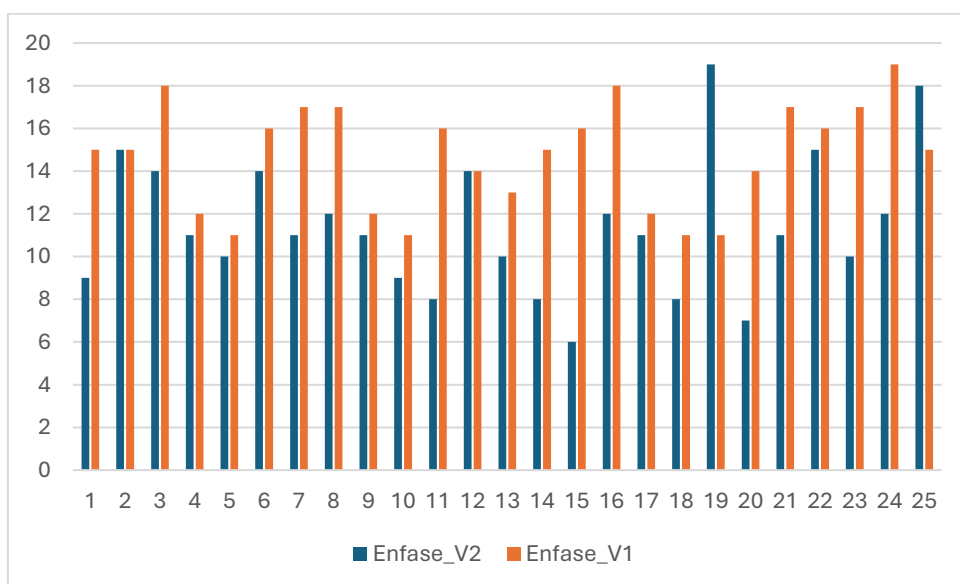
**Gráfico 12– Duração (ms)**



Fonte: Elaboração própria.

Mais importante ainda, a Ênfase Espectral (SE), medida em decibéis, também se revelou superior na sílaba final em comparação à sílaba inicial conforme o gráfico abaixo.

**Gráfico 13 – Ênfase espectral (SE)**



Fonte: Elaboração própria.

Esse alinhamento triplo — Duração, Intensidade e SE — sugere fortemente que o acento prosódico primário recai sobre a sílaba final nesse conjunto de dados, com a SE se apresentando

como um correlato robusto e independente da F0. Embora promissores, esses achados ainda se baseiam em dados brutos. Para uma confirmação definitiva da regra acentual do Aruá, estudos futuros deverão ampliar o *corpus* de análise, incluindo outras classes de palavras como verbos, pronomes entre outros. Outro critério é o de número de sílabas, incluindo na análise palavras trissílabas, a fim de verificar a generalidade e a estabilidade desse padrão acentual em toda a estrutura prosódica da língua.

## 2.8 Proposta de grafia

Esta proposta de grafia foi elaborada em conjunto com a comunidade Aruá da TI Rio Branco, durante oficina realizada em março de 2025. Consideraram-se as práticas de escrita já utilizadas pelos falantes, tanto em contextos informais quanto no ambiente escolar. Trata-se de uma proposta preliminar, sem caráter normativo, uma vez que ainda se faz necessária a construção coletiva com a comunidade Aruá da TI Rio Guaporé para que se alcance uma padronização consensual.

O objetivo principal é reduzir a divergência no registro de sons que não possuem correspondência direta com a ortografia do português e que vinham sendo representados de formas variadas. Durante a oficina, foram apresentados os fonemas e seus alofones; contudo, optou-se por não adotar uma escrita estritamente fonológica. Assim, priorizou-se uma escrita fonológica, porém com algumas escolhas fonéticas propostas pelos Aruá.

A marcação de tom não foi incorporada nesta proposta, pois ainda são necessários estudos específicos de percepção tonal e variação prosódica para fundamentar qualquer decisão ortográfica nesse domínio.

**Quadro 6 - Consoantes**

| Fone | Grafema | Fonética      | Aruá              | Português |
|------|---------|---------------|-------------------|-----------|
| p    | p       | [pa'pa]       | papa              | Pai       |
|      |         | ['poa.ta'po:] | poa tapoo         | Melancia  |
|      |         | ['kap̃]       | kap               | Semente   |
| b    | b       | ['mbat̃]      | bat               | Seringa   |
|      |         | [mbe'be]      | bebe              | Queixada  |
| t    | t       | ['ti:]        | tii               | Grande    |
|      |         | [ajti'rĩp̃]  | aitirip ~ ajtirip | Panela    |
|      |         | [wa'kat̃]     | wakat             | Garça     |

|    |       |                  |                     |                  |
|----|-------|------------------|---------------------|------------------|
| d  | d     | [da'dok]         | dadok               | Bebê             |
|    |       | ['ndo]           | do                  | Serra            |
| k  | k     | [ka'ta]          | kata                | Derrubar         |
|    |       | [i'kat̃]         | ikat                | Lago             |
|    |       | ['ɛk̃]           | ek                  | Casa             |
| g  | g     | ['ᵑgat̃]         | gat                 | Sol              |
|    |       | [ti'gi]          | tigi                | leite da seringa |
| ʔ  | '     | ['ʔa]            | 'a                  | Fruto            |
|    |       | [ma'ʔɛk̃]        | ma'ek               | Milho            |
|    |       | [bo'saʔ]         | bosa'               | numeral 2        |
| ts | ts    | ['tsop̃]         | tsop                | Ruim             |
|    |       | [tsogo.tsogo'ʔa] | tsogotsogoa         | Esfregar         |
| tʃ | tx    | [tʃi:p̃]         | txiip               | Flor             |
|    |       | [paj'tʃɛp̃]      | paitxep             | Capim            |
| m  | m     | [mãn'tɛt̃]       | mantet              | Ontem            |
|    |       | [o'.mɛn]         | omem                | meu marido       |
|    |       | [mõm]            | mom                 | numeral 01       |
| n  | n     | [nɛn'ko]         | nenko               | Onça             |
|    |       | [tsɛn]           | tsãn                | Costurar         |
| ɲ  | nh    | [ã'ɲã]           | anhã                | Agora            |
| ŋ  | ng    | [mbi'tʃɛŋ]       | bitxang             | Noite            |
| l  | l     | [iko'lõn]        | ikolon              | Gavião           |
| r  | r     | [ɛ'rɛ]           | ere                 | Amarelo          |
| w  | w     | ['wasa]          | wasas               | Anta             |
|    |       | [wa'wɔ]          | wawo                | Jacaré           |
|    |       | [awa'lap̃]       | awalap              | Papagaio         |
| j  | i ~ j | [ja'ga]          | iaga ~ jaga         | Rir              |
|    |       | [paboj'ʔa:]      | paboi'aa ~ paboj'aa | mandioca         |
|    |       | ['woj]           | woi ~ woj           | Homem            |
| s  | s     | [sa'lap̃.'kap̃]  | salap kap           | caroço de marajá |
|    |       | [mbasa'pɛ]       | basape              | Cofo             |
| z  | z     | ['zoj]           | zoi                 | Chuva            |



|    |    |             |        |        |
|----|----|-------------|--------|--------|
|    |    | [wã'n'zɛp̃] | wanzep | Mulher |
| dʒ | dj | [dʒi'bo]    | djibo  | Cobra  |
|    |    | [dʒa'kap̃]  | djakap | Olho   |

Fonte: Elaboração própria

### Quadro 7– Vogais orais

| Fone | Grafema | Fonética      | Aruá        | Português     |
|------|---------|---------------|-------------|---------------|
| a    | a       | [aka'pɛ]      | akape       | Esteira       |
|      |         | [pa'pa]       | Papa        | Papai         |
| a:   | aa      | [ʔga:p̃]      | Gaap        | Vagina        |
|      |         | [ʔtsa:]       | Tsaa        | Fígado        |
| ɛ    | e       | [bɛ'bɛ]       | Bebe        | Queixada      |
|      |         | [ɛ're]        | Ere         | Amarelo       |
|      |         | [ba'bɛ]       | Babe        | minha mão     |
| ɛ:   | ee      | [ʔbɛ:]        | Bee         | Caminho       |
| i    | i       | [i'bit̃]      | Ibit        | Igarapé       |
|      |         | [ti'ri]       | Tiri        | Queimar       |
| i:   | ii      | [ʔti:]        | Tii         | Grande        |
|      |         | [dʒi:p̃]      | Djiip       | Morcego       |
| ɨ    | u       | [ʔj̃]         | Unhũ        | Rede          |
|      |         | [ẽmbi'ki:p̃]  | embikup     | meu tornozelo |
| ɨ:   | uu      | [mojʔa.ki:p̃] | moi'a kuup  | cará grande   |
| o    | o       | [ñdo]        | Do          | Serra         |
|      |         | [i'poj]       | ipoi ~ ipoj | Rio           |
|      |         | [wa'wo]       | wawo ~ uauo | Jacaré        |
| o:   | oo      | [da'po:]      | dapoo       | Cipó          |

Fonte: Elaboração própria.

### Quadro 8 - As vogais nasais

| Fone | grafema | Fonética     | Grafia   | Português |
|------|---------|--------------|----------|-----------|
| ã    | ã       | [dʒo'kɛ̃n]   | djokan   | Tucano    |
| ẽ    | ẽ       | [wɛ̃tʃo'ʔa:] | wentxo'a | Jenipapo  |
| õ    | õ       | [iko'lõn]    | ikolon   | Gavião    |

|    |    |             |         |                  |
|----|----|-------------|---------|------------------|
| ĩ  | ĩ  | [itĩm 'bɛ:] | itimbee | sanguessuga      |
| ĩ  | ũ  | ['tsĩn]     | Tsun    | estreito/pequeno |
| ẽ: | ãã | ['tsõõj]    | Tsããj   | Pium             |
| ẽ: | ẽẽ | ['mẽẽn]     | mẽn     | antigo/velho     |
| ĩ: | ĩĩ | [tʃĩ 'ĩĩn]  | txiĩĩn  | doce/salgado     |
| õ: | õõ | ['ndõõ]     | dõõ     | Cheio            |
| ĩ: | ũũ | [ki 'rĩũn]  | kirũũn  | beija-flor       |

Fonte: Elaboração própria.

## 2.9 Considerações finais

O presente capítulo procurou descrever os principais aspectos da fonética e da fonologia do Aruá, examinando fonemas, alofones e processos fonológicos. A análise identificou 18 fonemas consonantais /p, t, k, ʔ, b, d, g, dʒ, ts, z, tʃ, m, n, ŋ, ɾ, l, w, j/, cinco vogais orais — /i, ε, ɪ, a, o/ — e cinco vogais nasais /ĩ, ẽ, ã, õ/, além de pares longos correspondentes. Neste capítulo apresentamos também do sistema tonal e acentual da língua,

É também imprescindível avançar na descrição do sistema prosódico — em particular, na percepção e função do tom entre falantes e na prosódia sentencial —, pois muitos desses tópicos permanecem subdesenvolvidos.

Por fim, enfatiza-se a urgência de aprimorar proposta de escrita existente, de forma que reflita a realidade fonológica da língua, uma vez que é uma ferramenta essencial para a documentação, ensino e revitalização do Aruá, especialmente diante do seu atual grau de obsolescência.

### 3 MORFOLOGIA DA LÍNGUA ARUÁ

Este capítulo é dedicado à descrição de aspectos da morfologia da língua Aruá, fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Tipológica Funcional, com base, principalmente, nos trabalhos de Shopen (2007a, 2007b, 2007c), Dixon (2009a, 2009b, 2012) e Haspelmath e Sims (2010). O objetivo central é mapear e descrever as classes de palavras da língua, destacando as suas respectivas estruturas internas.

A análise da morfologia da língua Aruá fundamenta-se também em um diálogo essencial com a literatura dedicada às línguas do Tronco Tupí. Os estudos de Rodrigues (1953, 1981, 1996), bem como os trabalhos de Rodrigues e Cabral (2006, 2012), Cabral (2001) e Cabral *et al.* (2012, 2014) constituem referências centrais para a compreensão dos traços morfológicos e morfossintáticos da língua, além de fornecerem subsídios para a identificação de possíveis correspondências com outras línguas do tronco linguístico Tupí, principalmente com as demais línguas da família Mondé.

Nessa perspectiva comparativa, a descrição do Aruá estabelece interlocução direta com as línguas da família Mondé, cujos dados do Ikóléej ‘Gavião’ encontram-se nos trabalhos de autoria de Moore (1984–2006), Stute (1985, 1987), Sona Gavião (2019) e kuhj Gavião (2025). Os dados do Suruí Paiter encontram-se em Iteor Suruí (2020), Monserrat (2000a; 2000b) e Bontkes (1978–1988); já os dados do Cinta Larga encontram-se em Sandberg (1988), Sandberg (1979/1980) e Abrantes (2025). Ainda nessa perspectiva comparativa, os dados do Karo de Gabas Jr. (1999) foram também referência no presente estudo, pela proximidade genética com as línguas da família Mondé.

A presente descrição da morfologia da língua Aruá considerou critérios distribucionais, paradigmáticos e semânticos.

#### 3.1 Nomes

Os nomes constituem uma classe aberta e podem ser classificados em nomes relativos e nomes absolutos. Essa distinção se baseia na relação de dependência ou não dos nomes com um determinante.

##### 3.1.1 Nomes relativos

Os nomes relativos são aqueles cujos referentes possuem uma existência dependente de algo ou alguém, o que os torna necessariamente vinculados a um possuidor. Essa relação de

dependência se manifesta por meio de marcas morfossintáticas, que licenciam sua ocorrência no discurso, conectando-os a outro elemento nominal, formando com este uma unidade sintática. (Cabral, 2001; Dixon, 2009b; Haspelmath e Sims, 2010).

Na língua Aruá, os nomes relativos se combinam diretamente com prefixos pessoais que codificam o possuidor. Esta classe de nomes inclui termos de partes do corpo humano, assim como alguns artefatos culturais e algumas relações de parentesco.

São duas as series de prefixos pessoais, a reflexiva e a não-reflexiva.

**Quadro 9** – Prefixos pessoais da Língua Aruá

| Glossa   | Prefixos          |
|----------|-------------------|
| 1SG      | <i>õ-, o-, ø-</i> |
| 2SG      | <i>ε-, ε-</i>     |
| 1PL.INCL | <i>pã-, pa-</i>   |
| 1PL.EXCL | <i>to-</i>        |
| 2PL      | <i>mẽʔ-</i>       |
| 3SG      | <i>tʃi – ti</i>   |
| 3PL      | <i>ta-</i>        |

Fonte: Elaboração própria.

### 3.1.1.1 Partes do corpo humano

128)

a. *õ-dʒiit*

1SG-sangue

‘meu sangue’

b. *o-pε*

1SG-coxa

‘minha coxa’

c. *ø-bikip*

- 1SG-tornozelo  
'meu tornozelo'
- d. *ẽ-dʒit*  
2SG-sangue  
'teu sangue'
- e. *ẽ-dat-tsep*  
2SG-cabeça-pelo  
'teu pelo da cabeça'
- f. *tʃi-tɛɛ*  
3SG-corpo  
'corpo dele(a)'
- g. *to-tapoo*  
1PL.EXCL-veia  
'nossa veia'
- h. *pã-bi*  
1PL.INCL-pé  
'nosso pé'
- i. *mẽʔ-pi*  
2PL-pé  
'pé de vocês'
- j. *ta-pi*  
3PL-pé  
'pé deles(as)'
- k. *ta-pikip*  
3PL-tornozelo

‘tornozelo deles(as)’

### 3.1.1.2 *Relações de parentesco*

129)

a. *õ-di*

1SG-mãe

‘minha mãe’

b. *õ-zaj*

1SG-esposa

‘minha esposa’

c. *ẽ-zop*

2SG-pai

‘teu pai’

d. *tʃi-tʃop*

3SG-pai

‘pai dele’

### 3.1.1.3 *Artefatos culturais*

130)

a. *õ-tsapɛ-pɛp*

1SG-roupa-preta

‘minha roupa suja’

b. *õ-ga-it*

1SG-roça-ATEN

‘minha roça pequena / minha rocinha’

c. *õ-ʔek*

1SG-casa

‘minha casa’

d. *ẽ-ʔek*

2SG-casa

‘tua casa’

Nas línguas da família Mondé os prefixos pessoais são similares.

**Quadro 10** – Marcadores de pessoa na família Mondé

| Pessoa   | Ikóléej (Gavião)             | Paiter (Suruí)         | Cinta Larga                |
|----------|------------------------------|------------------------|----------------------------|
| 1SG      | <i>Ø-, o-, ó-, òò-</i>       | <i>Ø-, o-</i>          | <i>Ø-, u-, ò(N)-</i>       |
| 2SG      | <i>e-, é-, èè-</i>           | <i>e-</i>              | <i>e-, e(N)-</i>           |
| 3SG      | <i>xi-, xii-, Ø-, s-, a-</i> | <i>xi-, i-, s-, a-</i> | <i>xi-, sa-, Ø-, a-</i>    |
| 1PL.INCL | <i>pa-, paa-</i>             | <i>paa-</i>            | <i>pa-, pããj-, paa(N)-</i> |
| 1PL.EXCL | <i>tó-, tóó-</i>             | <i>toj-, tó-</i>       | <i>to-, tu-, tuj-</i>      |
| 2PL      | <i>me-, mej-, mee-</i>       | <i>me-, mej</i>        | <i>me-, mẽ(N)-</i>         |
| 3PL      | <i>Tá-, táá-,</i>            | <i>Ta-</i>             |                            |
| 3CORR    | <i>a-, aa-</i>               | <i>a-, aa-, pi-</i>    |                            |

Fonte: Sona Gavião (2019, p.44); Iteor Suruí (2020, p. 22-26); Abrantes (2025) com adaptações

### 3.1.2 Nomes absolutos

Os nomes absolutos, diferentemente dos nomes relativos, não dependem de um possuidor e dividem-se em duas subclasses. A primeira inclui nomes que podem entrar em uma relação de posse por meio de um mediador; a segunda inclui elementos que, em princípio, não admitem nenhuma relação de posse.

#### 3.1.2.1 Nomes absolutos com mediador de posse

Na língua Aruá, o morfema mediador de posse é *mã ~ ma*, o qual é prefixado ao tema nominal núcleo da construção de posse. Exemplos de nomes absolutos com mediador de posse são os seguintes:

131)

a. *Ø-ma-itĩ*

1SG-M.POSS-verme

‘meu verme’

b. *ε-mã-tsep*

2SG-M.POSS-pentelho

‘teu pentelho’

c. *tʃi-ma-itĩ*

3SG-M.POSS-verme

‘verme dele’

d. *ε-mã-nãgo*

2SG-M.POSS-bicho de pé

‘teu bicho de pé’

Alguns nomes de parentesco também ocorrem com o mediador de posse, como ilustrado a seguir:

132)

a. *ø-ma-waʔit*

1SG-M.POSS-filha/sobrina

‘milha filha/minha sobrinha’

b. *ε-ma-waʔit*

2SG-M.POSS-filha/sobrinha

‘tua filha/ tua sobrinha’

c. *mẽʔ-mã-taʔa*

2PL-M.POSS-tio

‘tio de vocês’

d. *o-mã-bojaʔ*

1SG-M.POSS-tia

‘minha tia (irmã do pai)’

e. *ε-mã-bojaʔ*

2SG-M.POSS-tia

‘tua tia (irmã do pai)’

f. *tʃi- mã-bojaʔ*

3SG-M.POSS-tia



‘tia deles (irmã do pai)’

Nas demais línguas da família Mondé, observa-se o mesmo processo morfológico. O morfema *ma* e suas variantes desempenham papel central na expressão da posse que envolvem nomes absolutos possuíveis. O Suruí Paiter tem *-ma-* (Iteor Suruí, 2020, p. 29), o Ikóléj (Gavião) tem *ma / má* (Sona Gavião, 2019, p. 48), e no Cinta Larga *mâ, ma* (Abrantes, 2025).

### 3.1.2.2 Nomes absolutos

Esta subclasse abrange nomes cujos referentes tipicamente pertencem ao domínio da fauna, flora, elementos naturais e antropônimos.

Exemplos:

|                 |                   |
|-----------------|-------------------|
| sol             | <i>Gat</i>        |
| lua             | <i>gat tii</i>    |
| estrela         | <i>gat ti kap</i> |
| céu             | <i>gat pi</i>     |
| rio             | <i>Ipooj</i>      |
| água            | <i>li</i>         |
| árvore          | <i>iiip</i>       |
| mata / floresta | <i>gala</i>       |
| serra           | <i>do</i>         |
| pedra           | <i>tʃaʔa</i>      |
| mandioca        | <i>pabojʔaa</i>   |
| batata-doce     | <i>wẽjtĩʔaa</i>   |
| cará            | <i>mojʔaa</i>     |
| abacaxi         | <i>zolõʔa</i>     |
| açaí (fruto)    | <i>Bipkap</i>     |
| banana          | <i>bakopʔaa</i>   |
| cacau           | <i>akopʔaá</i>    |
| castanha        | <i>Mamgap</i>     |
| jacu            | <i>kolεεp</i>     |
| leite           | <i>namdzii</i>    |

|                            |               |
|----------------------------|---------------|
| macaco-prego               | <i>Basaj</i>  |
| mamão                      | <i>poʔaa</i>  |
| mel                        | <i>Iwit</i>   |
| mutum                      | <i>Wakoj</i>  |
| semente                    | <i>Kap</i>    |
| paca                       | <i>Aanza</i>  |
| pama (espécie de peixe)    | <i>abiʔa</i>  |
| pato                       | <i>ipeej</i>  |
| patoá (palmeira / fruto)   | <i>Ojkaap</i> |
| porção / porco (selvagem?) | <i>bεbε</i>   |
| tanajura                   | <i>Bolaa</i>  |
| tatu                       | <i>Mãzøj</i>  |
| traíra                     | <i>Babo</i>   |

### 3.2 Estrutura interna dos nomes

Na língua Aruá, os temas nominais são formados por meio de derivação e flexão. Os morfemas flexionais que flexionam temas nominais são os prefixos pessoais, conforme já descrito na seção 3.1.1. Identificamos até o presente os seguintes morfemas derivacionais comuns aos nomes:

- -it – sufixo que marca o aspecto atenuativo/diminutivo;
- -tii – sufixo que marca o aspecto intensivo/aumentativo;
- -ej – sufixo coletivizador.

#### 3.2.1 Atenuativo -it

O sufixo derivacional *-it* ocorre em combinação com nomes, desempenhando a função de atenuar ou suavizar o referente de um nome. Trata-se de um morfema produtivo, aplicável tanto a nomes absolutos quanto a nomes relativos, conferindo-lhes um valor aspectual de atenuativo/diminutivo.

A seguir, apresentam-se alguns exemplos de sua ocorrência:

133)

a. *geret-it*

tucano-ATEN

- ‘tucaninho’
- b. *wakat-it*  
garça-ATEN  
‘garça pequena’
- c. *alet-it*  
tatu-ATEN  
‘tatu pequeno’
- d. *nenko-it*  
onça- ATEN  
‘gato do mato’
- e. *babε-kārĩ-it*  
mão-osso- ATEN  
‘dedo mínimo’
- f. *tok-ʔit*  
‘curto’
- g. *bos-it*  
‘pouco’

Nas línguas Ikóléej (Gavião) e Suruí Paiter, o morfema *-it* também realiza a função de atenuar o referente dos nomes, contribuindo com valores de suavização ou afeto. Em ambas as línguas trata-se de um sufixo produtivo, que se combina principalmente com nomes, mas também ocorre com adjetivos e verbos transitivos. Em muitas palavras o morfema *it* ocasiona harmonia vocálica com a última vogal de um tema, com a subsequente queda do *t*. Esse mesmo padrão é compartilhado pela língua Cinta Larga.

De modo geral, o morfema atenuativo apresenta-se como um traço morfológico compartilhado pelas línguas da família Mondé, revelando estabilidade formal e continuidade funcional nos seus respectivos sistemas morfológicos

Quadro 11 – Morfemas atenuativos na família Mondé

| Língua           | Morfema | Processos Morfofonológicos e Variações |
|------------------|---------|----------------------------------------|
| Ikóléej (Gavião) | -it     | (ixía + -it → ixlít ‘pedrinha’).       |
|                  |         | (amóa + -it → amóin ‘jabutizinho’).    |
|                  |         | (ipàap → ipiip ‘aguinha’).             |
| Paiter (Suruí)   | -it     | (jam + -it → jamun ‘banquinho’)        |
|                  |         | (ɣara + -ut → garit ‘mato pequeno’).   |
| Cinta Larga      | -t      | (ndabe → ndabii-t ‘facãozinho’)        |

Fonte: Sona Gavião (2019, p.50); Iteor Suruí (2025); Abrantes (2025) com adaptações.

3.2.2 Intensivo/Aumentativo -tii

Na língua Aruá, a noção de aumento de dimensões físicas ou afetivas é marcada pelo morfema derivacional -tii. Esse sufixo combina-se com nomes e adjetivos.

Exemplos:

134)

- a. baso-tii  
vento-INTENS.  
‘temporal’ (vento forte)
- b. i-tii  
água-INTENS  
‘rio grande’
- c. bakop-ʔa-tii  
banana-CLAS- INTENS  
‘banana comprida’
- d. mojʔa-tii  
cará-INTENS  
‘cará grande’

- e. *karaʔap-tii*  
 largo-INTENS  
 ‘largo/ espaçoso’

O morfema intensivo, pode se combinar com uma base nominal de referente animal derivando referentes da mesma classe semântica, mas de maior porte:

135)

- a.  
*itʃabɛa-tii*  
 tracajá- INTENS  
 ‘tartaruga’ (lit. tracajá grande)
- b. *dzibo-tii*  
 cobra- INTENS  
 ‘sucuri’ (lit. cobra grande)
- c. *borip-tii*  
 peixe- INTENS  
 ‘tambaqui’ (lit. peixe grande)

Nas línguas geneticamente relacionadas ao Aruá, o valor aumentativo é, em geral, expresso por adjetivos, e não por sufixos derivacionais. O cognato de *-tii* no Cinta Larga é o adjetivo *tíiy*, com o mesmo significado de ‘grande’, como em *ipááp-tíiy* ‘canoa grande’ (Sandberg, 1979/1980).

Na língua Suruí Paiter, o adjetivo *ti* ‘grande’ combinado com o nome que ele modifica pode receber classificadores nominais. Além disso, o Suruí Paiter possui também os adjetivos *poj* e *moj* para expressar a dimensão grande de seres, como em *lap moj* ‘casa grande’, *mamuk poj* ‘meninão’, *ihp poj* ‘árvore grande’ e *morip poj* ‘peixão’ (Iteor Suruí, 2020).

Na língua Ikóléej (Gavião), a função correspondente é desempenhada pelo adjetivo *póój*, que apresenta o mesmo valor semântico de ‘grande’. Esse adjetivo é amplamente produtivo e ocorre em contextos análogos aos do Suruí Paiter, como em *zav póój* ‘casa grande’, *bup póój* ‘meninão’, *bolíp póój* ‘peixão’, *nekó póój* ‘onça grande’ e *ga póój* ‘roça grande’ (Sona Gavião, 2019).

No Cinta Larga, a função aumentativa é expressa pelos adjetivos *puuj* ('grande') e *tii* ('enorme'), empregados de modo análogo a *póój* e *moj* (Abrantes, 2025).

Em contraste, na língua Aruá, o cognato *-pooj*, embora etimologicamente relacionado a *póój*, perdeu produtividade e sobrevive apenas em uma forma lexicalizada: *ipooj* 'rio', derivada de *ii* 'água' + *-pooj* 'grande'.

### 3.2.3 Coletivizador *-ej*

Na língua Aruá, o sufixo *-ej* desempenha função derivacional na formação de nomes coletivos, sendo produtivo principalmente com nomes de seres, cujos referentes, por sua natureza ou comportamento, tendem a ser concebidos como partes de grupos. Sua função é, dessa forma, agregar o sentido de coletividade.

Exemplos:

136)

a. *zek-ej*

casa-COL

'casas/coletivo de casas'

b. *borip-ej*

peixe-COL

'cardume de peixes'

c. *bεbε-ej*

queixada-COL

'vara de queixadas'

d. *ãrãj~ej*

galinha-COL

'galinhas'

e. *panzo-ej*

gente-COL

'pessoas/gente de um coletivo/povo'

f. *bap-ej*

- criança-COL  
‘criançada’
- g. *wanzep-εj*  
mulher-COL  
‘mulherada’
- h. *ajtirip-εj*  
panela-COL  
‘bateria de panelas’
- i. *alime-εj*  
macaco preto-COL  
‘coletivo de macacos pretos’
- j. *nenko-εj*  
onça-COL  
‘coletivo de onças’
- k. *tʃi-tʃaj-εj*  
3SG-espos-COL  
‘esposas dele’
- l. *gat-ti-kap-εj*  
estrela-COL  
‘constelação’
- m. *bebe-kot-εj*  
queixada-vermelho-COL  
‘caititus/vara de caititus’
- n. *paboj-ʔaa-εj*  
mandioca-CLASS-COL

‘mandioccal’

Em Aruá, o sufixo é também adicionado a nomes de insetos, cujos referentes são normalmente percebidos como formando enxames ou agrupamentos.

Exemplos:

137)

a. *zak-ej*

formiga-COL

‘colônia de formiga de jacamim’

b. *borikã-ej*

abelha-COL

‘colônia de abelha-piranha’

c. *pajo-ej*

formiga-COL

‘colônia de formiga-sacassaia’

d. *tsapemã-ej*

abelha mosquito- COL

‘colônia de abelhas-mosquito’

O morfema *-ej* do Aruá tem cognatos nas demais línguas da família Mondé, todos associados a funções de coletivização ou plural relativo. Em Ikóléej (Gavião), o cognato *-ééj* é descrito como um sufixo derivacional aplicado a nomes cujos referentes podem ser concebidos como coletivos, abrangendo tanto substantivos animados quanto inanimados (Sona Gavião, 2019, p.52).

No Suruí Paiter, o sufixo *-ej* também marca plural ou coletivo (*PL.COL*), aplicando-se a nomes que denotam grupos ou conjuntos, com uso produtivo inclusive em empréstimos do português, como em *walet ej* ‘mulheres/mulherada’, *lap ej* ‘conjunto de casas’ e *morip ej* ‘cardume de peixes’ (Iteor Suruí, 2020, p.29).



Na língua Cinta Larga, o *sufixo* *-eej ~ -ej ~ -aj ~ -j* apresenta comportamento semelhante, funcionando como marca de plural ou coletivizador em nomes humanos, animados ou inanimados, como em *nhéy-éyt* ‘homens’ e *molfp-éêj* ‘peixes’ (Sandberg, 1979/1980).

**Quadro 12**– Morfemas coletivizadores na família Mondé

| Língua              | Morfema                  | Categoria e Função                                                                                                    |
|---------------------|--------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Ikóléej<br>(Gavião) | -éêj                     | Sufixo derivacional formador de coletivos, aplicado a nomes animados e inanimados.                                    |
| Paiter (Suruí)      | -ej                      | Morfema plural/coletivo ( <i>PL.COL</i> ), interpretado como coletivo, aplicando-se a nomes que denotam agrupamentos. |
| Cinta Larga         | -eej ~ -ej ~ -aj<br>~ -j | Sufixo de plural com função coletivizadora em nomes humanos, animados e inanimados.                                   |

Fonte: Sona Gavião (2019, p. 52); Iteor Suruí (2020, p.28); Sandberg (1979/1980); Abrantes (2025).

No Aruá, a coletividade pode ainda ser expressa por reduplicação do tema, processo que atua como estratégia alternativa à sufixação. Um exemplo é *tatap-tatap* ‘enxame de abelhas’. Essas formas não correspondem a um plural gramatical obrigatório, uma vez que em contextos de quantificação o nome permanece invariável (*ip kata mǎnka bosa?* ‘vou cortar duas árvores’). O sistema revela, assim, um padrão de pluralidade opcional, no qual sufixação, reduplicação e numerais se complementam.

### 3.2.4 Classificadores nominais

Os sistemas de classificação nominal são amplamente discutidos na tipologia linguística (Allan, 1977; Dixon, 1986; Mithun, 1986; Derbyshire; Payne, 1990; Aikhenvald, 2000; Grinevald, 2000; Grinevald; Seifart, 2004). Para Aikhenvald (2000), classificadores nominais são morfemas que, em contextos específicos, indicam propriedades perceptuais ou atribuídas aos referentes. Aikhenvald (2000) distingue sete tipos de categorização: classes nominais, classificadores nominais, numerais, possessivos, verbais, locativos e dêiticos. Entre os classificadores nominais, destacam-se a motivação semântica, a possibilidade de múltiplos classificadores no mesmo sintagma, a variação de significado de um mesmo substantivo, inventários de tamanho variável e o uso anafórico com tendência à gramaticalização.

#### 3.2.4.1 Classificador -ʔaa

Em Aruá, o morfema *-ʔaa* é altamente produtivo. Ele atua como um categorizador de nomes, cujos referentes apresentam formações redondas, circulares ou circunscritas. Sua

aplicação abrange uma vasta gama de domínios, desde elementos da flora e fauna até artefatos humanos.

Abaixo, apresentam-se exemplos da aplicação de *-ʔaa* organizados por domínios semânticos, evidenciando a percepção da forma arredondada do referente:

#### *Peixes*

Esse classificador é empregado em peixes que possuem o corpo marcadamente arredondado conforme os exemplos em (139).

138)

a. *pãdet-ʔaa*

cangati-CL:CIRC

‘cangati’

b. *dokdok-ʔaa*

curimatã-CL:CIRC

‘curimatã’

c. *dabε-ʔaa*

cará-CL:CIRC

‘cará (peixe)’

d. *dabε-ʔa*

cará-CL:CIRC

‘cará açu’ (lit. cará preto)

*pep-ʔaa*

preto-CL:CIRC

#### *Pássaros*

No caso das aves, em (139), a motivação semântica para o uso de *-ʔaa* reside na percepção do formato arredondado do corpo ou da cabeça.

139)

a. *zεrep-ʔaa*

pica.pau-CL:CIRC

‘pica-pau’

b. *idʒo kot-ʔaa*

juriti vermelho-CL:CIRC  
 ‘juriti’

c. *abio-ʔaa*

nambú.galinha-CL:CIRC  
 ‘nambú galinha’

d. *mãgap*

*ka-ʔaa*

nambú.macacau ?-CL:CIRC  
 ‘nambú macacau’

e. *moja*

*pep-ʔaa*

nambú preto-CL:CIRC  
 ‘nambú preto’

f. *popo-ʔaa*

caburé-CL:CIRC  
 ‘caburé’

g. *olitõ-ʔaa*

galega.do.bico.vermelho-CL:CIRC  
 ‘galega do bico vermelho’

### *Elementos da natureza e artefatos*

O classificador em (140) categoriza objetos e elementos da natureza com contornos circulares.

140)

a. *ajti-ʔaa*

cesto-CL:CIRC  
 ‘cesto’

b. *tsek-ʔaa*

ninho-CL:CIRC

‘ninho’

c. *kãjtak-ʔaa*

carvão-CL:CIRC

‘carvão’

d. *tʃa-ʔaa*

pedra-CL:CIRC

‘pedra’

e. *bat-ʔaa*

borracha-CL:CIRC

‘borracha’

f. *dʒik-ʔaa*

tocaia-CL:CIRC

‘tocaia’

### *Animais*

141)

a. *pikorop-ʔaa*

mariposa-CL:CIRC

‘mariposa’

b. *waro-ʔaa*

caracol-CL:CIRC

‘caracol’

c. *dik-ʔaa*

borrachudo-CL:CIRC

‘borrachudo’

d. *amo-ʔaa*

tracajá-CL:CIRC

‘tracajá’

### *Flora e tubérculos*

Este é um dos domínios mais produtivos, onde *-ʔaa* é atribuído à maioria das frutas e raízes percebidas como arredondadas.

142)

a. *ʔaa*

‘fruto’

b. *bakop-ʔaa*

banana-CL:CIRC

‘banana’

c. *po-ʔaa*

mamão-CL:CIRC

‘mamão’

d. *maloj-ʔaa*

tucumã-CL:CIRC

‘tucumã’

e. *itʃep-ʔaa*

palmito.de.tucumã-CL:CIRC

‘palmito do tucumã’

f. *akop-ʔaa*

cacau-CL:CIRC

‘cacau’

g. *wetʃo-ʔaa*

jenipapo-CL:CIRC

‘jenipapo’

h. *zolõ-ʔaa*  
 abacaxi-CL:CIRC  
 ‘abacaxi’

i. *zõzõ-ʔaa*  
 abiorana-CL:CIRC  
 ‘abiorana’

j. *bip-ʔaa*  
 açai-CL:CIRC  
 ‘pé de açai’

### *Tubérculos*

143)

a. *kotata-ʔaa*  
 batata-CL:CIRC  
 batata’

b. *paboj-ʔaa*  
 mandioca-CL:CIRC  
 ‘mandioca’

c. *wẽĩĩ-ʔaa*  
 batata doce-CL:CIRC  
 ‘batata doce’

d. *moj-ʔaa*  
 cará-CL:CIRC  
 ‘cará (tubérculo)’

O classificador *-ʔaa*, reconstruído para o Proto-Tupí como *\*ʔa* (Rodrigues e Cabral, 2012), apresenta uma ampla difusão genética. No âmbito da família Mondé, sua presença é bem

documentada nas línguas da família (Cabral *et al.*, 2014; Sona Gavião, 2019, p. 60; Iteor Suruí, 2020, p. 35; Cinta Larga, 2025)<sup>9</sup>. Além disso, o morfema é identificado em outras famílias do tronco Tupí, evidenciando sua estabilidade histórica em línguas como o Mundurukú (Gomes, 2006), o Tuparí (Isidoro, 2020, p. 74) e o Karo (Gabas Jr., 1999, p. 166).

#### 3.2.4.2 *Classificador -ʔap*

O classificador *ʔap* é utilizado para categorizar substantivos cujos referentes possuem características arqueadas, côncavas ou em forma de cavidade. Aplica-se a diferentes domínios semânticos, como artefatos, elementos naturais, partes do corpo e seres animados — especialmente quando há saliência de forma curva, como no caso do bico de aves.

##### *Artefatos*

Artefatos arqueados ou com aberturas curvas:

144)

a. *andat-ʔap*

cocar-CL:CAV

‘cocar’

b. *angoj-ʔap*

tipoia-CL:CAV

‘tipoia’

c. *tsari-ʔap*

flecha de aricuri- CL:CAV

‘flecha de talo de aricuri’

d. *tʃi-pi-ʔap*

3PL-pé-CL:CAV

‘sapato’

e. *babɛ kãrĩ-ʔap*

mão osso-CL:CAV

‘anel’

---

<sup>9</sup> Os dados sobre classificadores da língua Cinta Larga foram fornecidos por Adilson Cinta Larga, em comunicação pessoal, em novembro de 2025.

a. *kara-ʔap*

buraco-CL:CAV

‘buraco’

b. *tʃi-ʔap*

líquido-CL:CAV

‘molhado’

c. *kori-ʔap*

? -CL:CAV

‘fundo’

a. *git-ʔap*

bambu-CL:CAV

‘bambu’

b. *pãrõ-ʔap*

urtiga-CL:CAV

‘urtiga’

c. *tsali-ʔap*

flecha.do.talo.aricuri-CL:CAV

‘flecha do talo de aricuri’

### *Animais*

Os animais classificados com *-ʔap* compartilham a característica de saliência arqueada, como o dorso do veado e da irara ou o metassoma do escorpião, conforme os exemplos em (146):

146)

a. *nẽko*

*pep-ʔap*

onça

preta-CL:CAV

‘irara’



b. *iti kit-ʔap*  
veado branco-CL:CAV  
‘veado roxo’

c. *pasa-ʔap*  
escorpião-CL:CAV  
‘escorpião’

d. *bε-ʔap*  
sapo-CL:CAV  
‘espécie de sapo’

### *Pássaros*

Referência ao formato arqueado do bico:

147)

a. *awi-ʔap*  
bico.de.brasa-CL:CAV  
‘bico de brasa’

b. *git-ʔap*  
tucano-CL:CAV  
‘espécie de tucano’

c. *gatiḱ-ʔap*  
chico preto-CL:CAV  
‘chico preto’

d. *pipik-ʔap*  
coruja.orelhuda-CL:CAV  
‘coruja orelhuda’

e. *titat-ʔap*  
pica.pau-CL:CAV

‘espécie de pica-pau’

f. *kojak-ʔap*

bacurau-CL:CAV

‘bacurau’

g. *kojtʃit-ʔap*

sabiá-CL:CAV

‘sabiá’

h. *oro-ʔap*

fura.barreiro-CL:CAV

‘fura barreiro’

i. *wĩ-ʔap*

anú-CL:CAV

‘anú’

### *Peixes*

Relativo ao formato arqueado da boca dos peixes:

148)

a. *bari-ʔap*

peixe.cachorro- CL:CAV

‘peixe-cachorro’

b. *borip-tada-ʔap*

pescada- CL:CAV

‘pescada’

Cavidades ou estruturas arqueadas, como os pulmões ou o formato dos lábios ao assoviar:

149)

a. *gõ-sek-ʔap*

estômago-folha-CL:CAV

‘pulmão’

b. *bɛpo-ʔap*

lábio-CL:CAV

‘assovio’

Esse mesmo classificador também é atestado na língua Ikóléej ‘Gavião’, na forma *áap* (Sona Gavião, 2019, p. 71), e em Cinta Larga *ap* (Cinta Larga, 2025); em Suruí Paiter, ocorre a forma *aap* (Iteor Suruí, 2020, p. 43). O cognato correspondente em Karo é *kaʔ* (Gabas Jr., 1999, p. 167).

### 3.2.4.3 Classificador *-pɛ*

O classificador *-pɛ* é utilizado para categorizar nomes cujos referentes possuem formato achatados, planos e/ou alongados, sendo aplicado a artefatos, elementos da fauna e flora e partes do corpo.

#### *Fauna*

150)

a. *imbea-pɛ*

arraia-CL:PLAN

esporão da arraia’

b. *pali-bɛɛ*

pirarara-CL:PLAN

‘pirarara’

c. *itĩ-bɛɛ*

minhoca/verme-CL:PLAN

‘sanguessuga’

#### *Partes do corpo*

151)

a. *babɛa-bɛ*

mão-CL:PLAN

‘dorso da mão’

b. *ala-bɛɛ*

costas-CL:PLAN

‘costas’

c. *nẽpi-bee*

ouvido-CL:PLAN

‘orelha’

### *Artefatos*

152)

a. *bat-pɛɛ*

arco-CL:PLAN

‘arco’

b. *aka-pɛ*

esteira-CL:PLAN

‘esteira’

c. *talĩ-pɛɛ*

terçado-CL:PLAN

‘terçado’

d. *bat-pɛ*

*tapoo*

arco-CL:PLAN

CL

‘linha do arco’

e. *dʒap*

*imbɛ-a-pɛ*

flecha

arraia- CL-CL:PLAN

‘flecha com esporão de arraia’

f. *dʒap-pɛɛ*

flecha-CL:PLAN

‘lâmina da flecha de bambu’

*Flora*

153)

a. *bororia-pɛɛ*

ingá-CL:PLAN

‘ingá’

Esse classificador também está presente em Karo (Gabas Jr., 1999, p. 165), bem como em Cinta Larga, na forma *pe* (Cinta Larga, 2025); em Ikóléj ‘Gavião’, como *sábeɛ* (Sona Gavião, 2019, p. 69); e em Paiter Suruí, onde ocorre a forma *abee* (Iteor Suruí, 2020, p. 41).

#### 3.2.4.4 Classificador -*kap*

O classificador *kap*, originado da palavra "semente" e ‘ovo’, é utilizado com nomes que designam objetos pequenos e compactos, semelhantes a sementes, caroços e itens afins.

*Flora*

139)

a. *bip-kap*

açaí-CL:SEM

‘açaí’

b. *mã-kap*

amendoim-CL:SEM

‘amendoim’

c. *oj-kap*

patoá-CL:SEM

‘patoá’

d. *ali-kap*

feijão-CL:SEM

‘feijão’

e. *džobat-kap*

pupunha-CL:SEM

‘pupunha’

- f. *tikõ zalap-kap*  
tarumã-CL:SEM  
‘tarumã’

### *Fauna*

140)

- a. *git-kap*  
lêndia-CL:SEM  
‘lêndea’
- b. *gara-kap*  
carrapato-CL:SEM  
‘carrapato’
- c. *zaro-kap*  
calango-CL:SEM  
‘calango’
- d. *zakolo-kap*  
mosca-CL:SEM  
‘mosca’
- e. *arãj-kap*  
galinha-CL:SEM  
‘ovo de galinha’
- f. *wakat*      *ãdat*      *dit-kap*  
garça      cabeça      ? -CL:SEM  
‘garça cabeça seca’

### *Elementos da natureza*

141)

a. *gat-ti-kap*  
 estrela-CL:SEM  
 ‘estrela’

b. *tfakit-kap*  
 areia-CL:SEM  
 ‘areia’

*Partes do corpo*

142)

a. *dʒa-kap*  
 olho-CL:SEM  
 ‘olho’

b. *zabot-kap*  
 testículo-CL:SEM  
 ‘testículo’

c. *zabi-kap*  
 joelho-CL:SEM  
 ‘joelho’

d. *go-kap*  
 língua-CL:SEM  
 ‘língua’

e. *gõ-kap*  
 coração-CL:SEM  
 ‘coração’

f. *zarĩpi-kap*  
 rim-CL:SEM  
 ‘rim’

*Artefatos*

143)

a. *dzap-kap*

flecha-CL:SEM

‘cartucho de espingarda’

b. *idik-kap*

resina-CL:SEM

‘lamparina’

Nas línguas da família Mondé, esse cognato *-kap* também é atestado em Ikóléej ‘Gavião’ (Sona Gavião, 2019, p. 66), em Suruí Paiter, nas formas *ɲap* e *kap* (Iteor Suruí, 2020, p. 39), e em Cinta Larga (Cinta Larga, 2025). O morfema também encontra correspondência em Karo.

3.2.4.5 *Classificador -kom*

Na língua Aruá, o morfema *-kom*, derivado da palavra “pó”, classifica nomes cujos referentes são culturalmente percebidos como partículas finas, soltas e pulverulentas, abrangendo vocábulos como *cinzas*, *carvão*, *rapé*, *açúcar*, *pólvora*, *farinha de mandioca* e outros.

144)

a. *iwit-kom*

mel-CL:PÓ

‘açúcar’

b. *gatpi-kom*

céu-CL:PÓ

‘andorinha’

c. *paboj-ʔaa-kom*

mandioca-CL:CIRC-CL:PÓ

‘farinha de mandioca’

d. *dzapkap-kom*

flecha-CL:PÓ



‘pólvora’

e. *gasi-kom*

rapé-CL:PÓ

‘rapé’

f. *kãj-kom*

fogo-CL:PÓ

‘cinzas da fogueira’

g. *wat-kom*

cinzas-CL:PÓ

‘cinzas(pó)’

#### 3.2.4.6 Classificador *tfii* ~ *dzii*

Em Aruá o morfema classificatório *-tfii* em Aruá é empregado para categorizar referentes líquidos, como caldo e chicha ("bebida típica"), além de fluidos corporais, incluindo saliva, diarreia e muco nasal. Sua origem semântica possivelmente remete ao termo *ii* ‘água’ em Aruá, cujo étimo reconstruído para o Proto-Tupí por Rodrigues e Cabral (2007) é *\*ʔi* ‘água’.

145)

a. *paboj-ʔa-tfii*

mandioca-CL:CIRC-CL:LIQ

‘chicha de mandioca’

b. *maek-tfii*

milho-CL:LIQ

‘chicha de milho’

c. *moj-ʔa-tfii*

cará-CL:CIRC-CL:LIQ

‘chicha de cará’

d. *mã-kap-tfii*

amendoim-CL:SEM-CL:LIQ

‘chicha de amendoim’

e. *bakop-ʔa-tʃii*

banana-CL:CIRC-CL:LIQ

chicha de banana’

f. *boto-ʔa-tʃii*

taioaba-CL:CIRC-CL:LIQ

‘chicha de taioba’

g. *kotata-ʔa -tʃii*

batata-CL:CIRC-CL:LIQ

‘chicha de batata’

h. *mi-tʃii*

nariz-CL:LIQ

‘muco nasal’

i. *goj-tʃii*

boca-CL:LIQ

‘saliva’

j. *dʒa-kap-tʃii*

olho-CL:SEM-CL:LIQ

‘lágrima’

k. *nã-dʒii*

seio-CL:LIQ

‘leite materno’

l. *mã-dʒi*

caldo-CL:LIQ

‘caldo’

Nas línguas da família Mondé, esse cognato *-tʃi* também é atestado em Ikóléej ‘Gavião’ (Sona Gavião, 2025) e em Cinta Larga (Cinta Larga, 2025).

#### 3.2.4.7 *Classificador ta (poo)*

Na língua Aruá, o morfema *tapoo*, derivado da palavra "nervo ou veia", classifica nomes cujos referentes são culturalmente percebidos como possuindo forma alongada, tubular ou filiforme. Esse padrão se manifesta em elementos do corpo humano (como veias, nervos e esôfago), em plantas (como raízes e partes fibrosas) e em artefatos (como cordas, linhas e pregos). Assim, *-tapo* está associado a uma noção de linearidade, flexibilidade ou continuidade.

*Partes do corpo humano*

146)

a. *tʃiit-tapoo*

sangue-CL:CIL

‘veia’

b. *tapoo*

nervo/veia-CL:CIL

‘nervo’

c. *go-kap-tapoo*

língua-CL:SEM-CL:CIL

‘frênulo da língua’

d. *witwap-tapoo*

esôfago-CL:CIL

‘esôfago’

e. *wãʔap-tapoo*

penis-CL:CIL

‘prepúcio’

f. *bara-tapoo’*

garganta-CL:CIL

‘garganta’

g. *bara-tapo*                      *tfipoo*

garganta-CL:CIL              ponta

‘glote’

### *Flora*

147)

a. *po-ʔa-tapoo*

mamão-CL:CIRC-CL:CIL

‘melancia’

b. *iip-tapoo*

pau-CL:CIL

‘raiz aérea’

### *Artefatos*

148)

a. *bat-pe-tapoo*

arco-CL:PLAN-CL:CIL

‘linha do arco’

b. *borimatã tapoo*

pescar-CL:CIL

‘linha de pesca’

c. *tfã-ʔa-tapoo*

pedra-CL:CIRC-CL:CIL

‘prego’

Os dados evidenciam que o sistema de classificadores opera principalmente na estrutura interna do sintagma nominal. A ausência de evidências de concordância em outros elementos da frase (como adjetivos, numerais ou verbos) distingue o sistema de formas mais

gramaticalizadas, como o gênero gramatical. No entanto, a produtividade semântica e a função categorial das raízes classificadoras são critérios robustos para categorizar esse fenômeno como um sistema de classificadores nominais.

A análise comparativa revela uma afinidade estrutural clara com a família Mondé, que sugere um núcleo categorial conservado no Proto-Mondé. Os classificadores *ʔaa* (formas redondas) e *kap* (objetos pequenos/sementes) são amplamente difundidos, possuindo cognatos em Gavião, Cinta Larga e Suruí Paiter. De igual modo, o classificador *ʔap* (côncavos/cavitários) e o classificador de líquidos *tʃi* são formas morfológicas compartilhadas.

Por outro lado, o Aruá se destaca por apresentar categorias não identificadas nas demais línguas do *corpus* comparativo, indicando ser o Aruá uma língua mais conservadora com respeito ao sistema de classificadores ou por ela ter ampliado o seu sistema independente das demais línguas da família Mondé. Os classificadores do Aruá não compartilhados com as demais línguas da família são *kom* (para substâncias pulverulentas/granuladas) e *tapoo* (para formas cilíndricas/tubulares).

### 3.3 Adjetivos

Segundo Rodrigues (1953), os adjetivos constituem uma classe lexical que denota qualidades ou estados atribuídos a entidades, diferenciando-se dos nomes e dos verbos, ainda que compartilhem com essas classes certas propriedades morfossintáticas. Dixon (2010) destaca que a identificação dessa classe em qualquer língua deve basear-se em critérios internos, articulando evidências semânticas, morfológicas e sintáticas.

Morfologicamente, os adjetivos em Aruá diferenciam-se dos nomes. Ao contrário dos substantivos, eles não recebem prefixos pessoais nem o sufixo coletivizador *-ej*. Também não há evidências de que possam receber prefixos pessoais verbais, morfemas causativos, passivadores ou nominalizadores, o que reforça sua distinção em relação aos verbos.

Os dados analisados indicam que os adjetivos ocorrem exclusivamente como modificadores do núcleo, o que reforça sua distinção funcional em relação aos nomes.

A classe de adjetivos no Aruá é pequena, abrangendo termos que expressam características físicas, dimensões, estágios etários e volume, com foco em propriedades concretas e perceptuais, em conformidade com padrões observados em diversas línguas (Dixon, 2010). Essa distribuição confirma seu caráter tipologicamente “reduzido”. A seguir, apresenta-se o Quadro 13, baseado em Dixon (1977; 2010), com as categorias semânticas e respectivas glossas.

#### Quadro 13 – Adjetivos em Aruá

| <b>Categoria semântica</b> | <b>aruá</b>       | <b>português</b>    |
|----------------------------|-------------------|---------------------|
| Dimensão                   | <i>tatik</i>      | comprido            |
|                            | <i>tokʔiit</i>    | curto               |
|                            | <i>tii</i>        | grande, gordo       |
|                            | <i>tsĩn</i>       | pequeno             |
|                            | <i>koritʃap</i>   | longo               |
| Forma                      | <i>borodoʔaa</i>  | redondo             |
| Estágios da Vida           | <i>kããj</i>       | velho               |
|                            | <i>it</i>         | novo                |
| Propriedades físicas       | <i>kãgã</i>       | seco                |
|                            | <i>tʃiʔaap</i>    | molhado             |
|                            | <i>tʃirããj</i>    | liso                |
|                            | <i>tsopʔa</i>     | viscoso / enlameado |
| Avaliação / Estado         | <i>wẽjbit</i>     | bonito              |
|                            | <i>wẽjbit ʔon</i> | feio                |
|                            | <i>wẽjbit pit</i> | perigoso            |
|                            | <i>tere</i>       | verdadeiro          |
|                            | <i>tsot</i>       | ruim                |
|                            | <i>tʃiʔĩĩn</i>    | doce/salgado        |
|                            | <i>petap</i>      | amargo              |
|                            |                   |                     |
| Volume / quantidade        | <i>dõõng</i>      | cheio               |
|                            | <i>kolo</i>       | vazio               |
| Cor                        | <i>tʃiwaj</i>     | azul / verde        |
|                            | <i>ere</i>        | amarelo             |
|                            | <i>wop</i>        | vermelho            |
|                            | <i>pep</i>        | preto               |
|                            | <i>kit</i>        | branco / claro      |
|                            |                   |                     |
| Espessura                  | <i>tãng</i>       | grosso              |
|                            | <i>tsĩn</i>       | fino                |

Fonte: Elaboração própria.

Exemplos de uso dos adjetivos em Aruá:

- a. *ek kããj*  
‘casa velha’
- b. *bɛɛ koritʃap*  
‘caminho longo’
- c. *woj tii*  
‘homem grande’
- d. *gadot wop*  
‘arara vermelha’
- e. *akapɛ pɛp*  
‘esteira suja’
- f. *ajtirip tãŋ*  
‘panela grossa’

Nas demais línguas da família Mondé, os adjetivos também apresentam propriedades distintas, embora compartilhem traços com nomes e verbos. No Ikóléej (Gavião), diferenciam-se dos nomes por não se combinarem com o morfema coletivo *+ééj* e dos verbos por não receberem morfemas como o causativo *ma-* e o passivizador *we-*. Compartilham, contudo, o uso dos prefixos pessoais e do atenuativo *-it*, podendo receber classificadores em número reduzido. Funcionam como modificadores nominais e como núcleo de predicados não verbais, além de possuírem formas coletivas supletivas e poderem ser nominalizados pelo sufixo *-we* (Sona Gavião, 2019, p.84).

No Paiter (Suruí), os adjetivos também se combinam com morfologia mista (prefixos pessoais da série I e *-it*), concordam em classificador com o nome que modificam e podem atuar como núcleo de predicados equativos/atributivos. Assim como no Ikóléej, apresentam formas coletivas supletivas e podem ser nominalizados pelo sufixo *-we* (Iteor Suruí, 2020, p.49).

No Cinta Larga, os adjetivos constituem um dos elementos do sintagma nominal, podendo ocorrer até três modificadores atributivos após o núcleo. Alguns flexionam em número ou grau diminutivo — seguindo regras fonéticas semelhantes às dos nomes — mas não

apresentam sufixo de plural específico. Há restrições de ordem e coocorrência entre adjetivos na mesma expressão nominal (Salberg, 1979/1980).

### 3.4 Numerais

No sistema numeral do Aruá, registram-se diferenças entre os quatro falantes atualmente documentados. As formas para os numerais de um a cinco são estáveis e coincidem entre todos os falantes, enquanto para os numerais de seis a dez há divergências. A partir de dez, as raízes se repetem, sugerindo um processo de formação composicional ou aditivo.

Os numerais ocupam sistematicamente a posição final na sentença, como demonstrado no exemplo a seguir:

150)

- a. *ip kata mã bosa?*  
 árvore cortar PERF dois  
 ‘Cortei duas árvores.’

O Quadro apresenta as formas consensuais para os numerais de um a cinco:

**Quadro 14** – Numerais em Aruá

| Número | forma em aruá |
|--------|---------------|
| 1      | mõõm          |
| 2      | bosa?         |
| 3      | bagap?on      |
| 4      | bosaretet     |
| 5      | pãbo weret    |

Fonte: Elaboração própria

Entre os Cinta Larga, conforme Salberg (1979/1980), a contagem cotidiana normalmente vai apenas de “um” (*mootjiit*) a “dois” (*mostjiit*) e depois a “muitos” (*ngólóá*). Apesar disso, o sistema permite contar, ainda que com certa dificuldade, até vinte, com possibilidade de extensão até quarenta. Alguns numerais atestados são *samptk* (‘três’), *piitfttéet teet* (‘quatro’), *ngólóéet wáátí* (‘cinco’) e *pamáápe ãnnáát teet* (‘vinte’).

Na língua Suruí Paiter, descrita por Ferreira Neto (2013), a contagem é claramente baseada no corpo, utilizando os dedos das mãos e dos pés, o que permite expressar quantidades entre um e vinte. Assim, *mûy* significa ‘um’, *xakalahar* corresponde a ‘um par’ (isto é, dois), e *xakalahar amakab om* designa ‘um par e meio’ (três). O número cinco é expresso como *mûy pabe*, literalmente ‘uma mão inteira’, enquanto dez corresponde a *baga pamabe*, ‘duas mãos



inteiras’. A contagem segue para os pés, de modo que vinte é enunciado como *baga pamabe eyp mi бага паміпех*, ou seja, ‘todas as mãos e todos os pés’.

Já no Gavião, de acordo Sona Gavião (comunicação pessoal, 2025), também se encontra um sistema corpóreo. O termo *móój* refere-se a ‘um’, enquanto *pààdjakúhp* designa ‘dois’, literalmente traduzido como “quantidade de olhos”. O numeral para ‘três’ é *àsáno òòm* e para ‘quatro’, *àsáno pít*. O número cinco é expresso como *móój pábe*, isto é, ‘uma mão’. Aqui também se observa a importância do corpo como base de quantificação, especialmente das mãos e olhos, reiterando o padrão observado em outras línguas da família Mondé.

### 3.5 Verbos

O verbo constitui, de modo fundamental, a classe de palavras responsável por ancorar a relação ou o evento no tempo ou no processo (Langacker, 1987). Essa categoria funciona como o núcleo obrigatório do predicado (Dixon, 2010) e expressa conceitos de baixa estabilidade temporal (Payne, 1990). Na língua Aruá, a classe aberta dos verbos apresenta duas subdivisões principais: os verbos semanticamente ricos e os verbos auxiliares. Os primeiros denotam ações, eventos e processos, enquanto os segundos são empregados tanto em predicções verbais quanto não verbais, desempenhando funções aspectuais, modais ou copulares.

Entre os verbos semanticamente ricos observam-se formas como:

|               |           |
|---------------|-----------|
| <i>wēpi</i>   | ‘ouvir’   |
| <i>kawa</i>   | ‘cheirar’ |
| <i>kaka</i>   | ‘segurar’ |
| <i>malĩte</i> | ‘jogar’   |
| <i>tita</i>   | ‘levar’   |
| <i>aʔala</i>  | ‘cair’    |
| <i>kere</i>   | ‘dormir’  |
| <i>tĩwa</i>   | ‘beber’   |
| <i>wira</i>   | ‘comer’   |
| <i>kini</i>   | ‘ver’     |
| <i>wanε</i>   | ‘chegar’  |
| <i>kata</i>   | ‘cortar’  |
| <i>dzaga</i>  | ‘puxar’   |

|             |            |
|-------------|------------|
| <i>tiri</i> | ‘cozinhar’ |
| <i>wa</i>   | ‘ingerir’  |

Os verbos auxiliares, por sua vez, codificam principalmente valores aspectuais e modais. A forma *mãga* expressa uma ação potencial, habitual ou em curso, associando-se ao aspecto imperfeito. Já a forma *mã* indica o aspecto perfectivo, relacionado a ações concluídas, realizadas ou inerentes. Os auxiliares *tsa* (ou *sa*) e *aja* aparecem na terceira pessoa tanto em predicções verbais quanto nominais.

Estes morfemas também ocorrem nas outras línguas da Família Mondé, a exceção do aspecto progressivo cujos dados desta pesquisa não foram possíveis comprovar a existência em Aruá.

Além disso, os verbos participam de dois processos básicos de nominalização lexical que não ocorrem com nomes, o que reforça a distinção categorial entre essas duas classes. Essa característica morfológica e semântica evidencia a estrutura flexional própria dos verbos em Aruá e a centralidade dessa classe na organização prediativa da língua.

### 3.5.1 Nominalização

Em Aruá, observam-se três processos básicos de nominalização lexical por meio de derivação a partir de bases verbais. O primeiro envolve o sufixo *-t*, que funciona como nominalizador de agente, formando nomes que designam o participante humano responsável pela ação expressa pelo verbo. O segundo, utiliza o sufixo *-de* formando nomes que designam o paciente.

O terceiro utiliza o sufixo *-p*, caracterizado como um nominalizador de circunstância de natureza mais genérica, que pode adquirir diferentes valores semânticos — de modo, de lugar, de instrumento, e valor processual/eventivo, resultativo ou qualitativo/estativo — conforme a base verbal e o contexto lexical. Esses dois processos constituem mecanismos produtivos de formação nominal na língua, criando lexemas a partir de verbos de ação, de processo ou de estado.

#### 3.5.1.1 Nominalizador de agente (-t)

151)

- a. *wera-t*  
caçar-NMLZ.AG  
‘caçador’

- b. *tawa-t*  
trabalhar-NMLZ.AG  
'trabalhador'
- c. *parewa-t*  
cantar-NMLZ.AG  
'cantador'
- d. *boliw-aka-t*  
peixe-matar-NMLZ.AG  
'pescador'

### 3.5.1.2 Nominalizador de paciente (-de)

152)

- a. *tiri-de*  
fritar- NMLZ.PAC  
'frito'
- b. *tsaga-de*  
morrer-NMLZ.PAC  
'morto, morte matada'
- c. *mantala-de*  
cozinhar-NMLZ.PAC  
'cozido'
- d. *iip*                      *kata-de*  
árvore                      cair- NMLZ.PAC  
'árvore caída/derrubada'

### 3.5.1.3 Nominalizador de circunstância e instrumento (-p)

153)

- a. *ajtiri-p*  
fritar-NMLZ.CIRC  
'panela' (instrumento de fritar)
  
- b. *ajbala-p*  
dançar-NMLZ.CIRC  
'dança' (evento)
  
- c. *barewa-p*  
cantar- NMLZ.CIRC  
'canto' (resultado)
  
- d. *ʔon tawawa-p*  
NEG trabalhar-NMLZ.CIRC  
'preguiça' (estado)
  
- e. *babε kaka-p*  
mão segurar-NMLZ.CIRC  
'bengala' (instrumento de segurar)
  
- f. *pogo-p*  
tampar- NMLZ.CIRC  
'saia/tampa/porta'

O sufixo *-p* apresenta ampla produtividade. Ele forma nomes de circunstância: lugar, tempo, modo e instrumento.

### 3.5.2 Modificadores verbais

Os modificadores verbais constituem uma classe de palavras fechada que se associa ao predicado para codificar diferentes circunstâncias relacionadas à ação (tempo, modo, lugar e intensidade). Em Aruá, esta função é desempenhada por advérbios e locuções adverbiais que são invariáveis. Sua posição na oração é notavelmente flexível, ocorrendo antes ou depois do verbo principal e/ou do auxiliar, um traço distribucional cuja análise detalhada é reservada ao próximo capítulo.

### 3.5.3 Modificadores temporais

Os advérbios de tempo situam a ação verbal no hoje, no ontem e no amanhã. Eles podem ocorrer em diversas posições na oração.

154)

- a. *tsep mãʔã ø-mã ka mâtet*  
 palha pegar 1SG-PERF AUX ontem  
 ‘fui buscar palha ontem’
- b. *mâtet õ-gerẽ mã tetet*  
 ontem 1SG-dormir PERF muito  
 ‘ontem eu dormi muito’
- c. *tsep kata ø-mã ajãte*  
 palha cortar 1SG-PERF hoje  
 ‘eu cortei palha hoje’
- d. *gij dɛʔ merẽj mẽʔ-kere ajãte*  
 bem INTERR 2PL 2PL-dormir hoje  
 ‘vocês dormiram bem hoje?’
- e. *tsep kata ø-mãga ale wadegẽ*  
 palha cortar 1SG-IMPERF PROJ amanhã  
 ‘amanhã vou tirar palha’

### 3.5.4 Modificadores de modo e intensidade

Os modificadores de modo indicam a maneira como a ação é realizada, sendo o advérbio *gij* (‘bem’) o elemento mais frequente na fala dos Aruá. A forma *gij* coocorre com marcadores de foco e de negação, atuando como um modificador direto da qualidade do evento.

155)

- a. *gij-aj ʔon mã õ-gerẽ*  
 bem-FOC NEG PERF 1SG-dormir  
 ‘eu não dormi bem’
- b. *gij-aj ʔon aja a-kere*

bem-FOC      NEG                      3AUX                      3CORR-dormir

‘ele não dormiu bem’

- c. *to-kere*                      *to-mã*                      *gij-a*  
 1PL.EXCL-dormir      1PL.EXCL-perfec      bem-DECL  
 ‘Nós dormimos bem’

A intensidade ou quantidade é marcada por formas invariáveis, como *tetɛt* (‘muito’) e *watiit* (também ‘muito’, atestado em um único falante), e *ãtĩtɛ* (‘pouco’).

156)

- a. *Bat*      *kata*      *tetɛt*      *ø-mã*  
 Seringa    cortar    muito    1SG-PERF  
 ‘eu cortava muita seringa’

- b. *o-waga*      *tetɛt*      *mãga*  
 1SG-chorar    muito    PERF  
 ‘eu choro muito’

- c. *ãtite*      *mãga*      *wira*  
 pouco      1SG-IMPERF      comer  
 ‘eu como pouco’

- d. *õ-gerɛ*      *watiit*      *aja*  
 1SG-dormir    muito    AUX  
 ‘eu durmo muito’

- e. *ẽ-gerɛ*      *watiit*      *aja*  
 1SG-dormir    muito    AUX  
 ‘você dorme muito’

### 3.5.5 Modificadores locativos

Os advérbios de lugar expressam a localização espacial do evento ou do participante no evento, com formas como *ãtɛgɛ* ‘aqui’ e *arakoɟ* ‘lá’. Sua ocorrência é comum em posição final da oração.

157)

- a. *dawawa*      *ø-mãga*      *ãtege*  
 trabalhar      1SG-IMPERF      aqui  
 ‘eu trabalho aqui’
- b. *Luka*      *aja*      *a-wane*      *atege*  
 Lucas 3AUX      3CORR-chegar      aqui  
 ‘Lucas chegou aqui’

O inventário de advérbios do Aruá apresenta claras correspondências morfológicas e funcionais com as línguas da família Mondé, por exemplo, a forma temporal *mãtet* é cognata em Gavião e Paiter (como *máter* ou *matet*), indicando a conservação da raiz para 'ontem' ou 'tempo remoto'. De modo semelhante, os advérbios de quantidade (*tetete*) e de modo (*gij*) exibem paralelos funcionais com as formas encontradas em Gavião e Paiter.

### 3.6 Posposições

As posposições constituem uma classe fechada, assim como em outras línguas do tronco Tupí (Rodrigues; Cabral, 2012). As posposições do Aruá estão semanticamente associadas aos seguintes casos: associativo/companhia, alativo/diretivo, ablativo, locativo, locativo pontual, instrumentivo e dativo/afetivo.

#### 3.6.1 Associativo *ta*

O morfema *ta* expressa o caso associativo marcando companhia ou concomitância. Sua função principal é indicar uma associação simples ou circunstancial entre os envolvidos na ação verbal.

158)

- a. *wera*      *ø-manka*      *ej*      *ta*  
 caçar      1SG-AUX.IR      2SG      ASS  
 ‘eu vou caçar com você’
- b. *Marcela*      *a-sa*      *wãtege*      *oj*      *ta*      *alε*  
 Marcela      3corr-AUX      amanhã      1SG      ASS      PROJ  
 ‘Marcela vai comigo amanhã’
- c. *ε-volo*      *ʔõn*      *ε-mã*      *oj*      *ta*  
 2SG-vir      NEG      2SG- PERF      1SG      ASS

‘você não veio comigo’

Na fala de Anízio Aruá, o morfema *bewã* realiza o caso comitativo/associativo, marcando relações de companhia e coparticipação, geralmente entre referentes animados.

159)

- |    |           |            |             |           |            |             |            |
|----|-----------|------------|-------------|-----------|------------|-------------|------------|
| a. | <i>ii</i> | <i>koj</i> | <i>a-sa</i> | <i>ka</i> | <i>paj</i> | <i>bewã</i> | <i>alɛ</i> |
|    | rio       | ALL        | 3CORR-AUX   | AUX.IR    | 1PL.INCL   | ASS         | PROJ       |
- ‘ele vai pro rio com a gente’

- |    |           |            |             |           |           |             |            |
|----|-----------|------------|-------------|-----------|-----------|-------------|------------|
| b. | <i>ga</i> | <i>koj</i> | <i>a-sa</i> | <i>ka</i> | <i>oj</i> | <i>bewã</i> | <i>alɛ</i> |
|    | roça      | ALL        | 3CORR-AUX   | AUX.IR    | 1SG       | ASS         | PROJ       |
- ‘ele vai comigo pra roça’

### 3.6.2 Alativo / Diretivo *koj*

A posposição *koj* associa-se ao caso alativo (ou diretivo), indicando movimento em direção a um local ou meta. Marca o alvo do movimento, combinando-se com nomes de lugares ou entidades espaciais.

160)

- |    |            |            |                |  |
|----|------------|------------|----------------|--|
| a. | <i>zek</i> | <i>koj</i> | <i>ø-manka</i> |  |
|    | casa       | ALL        | 1SG-AUX.IR     |  |
- ‘eu vou pra casa’
- |    |              |            |             |           |
|----|--------------|------------|-------------|-----------|
| b. | <i>ipooj</i> | <i>koj</i> | <i>a-sa</i> | <i>ka</i> |
|    | rio          | ALL        | 3CORR-AUX   | AUX.IR    |
- ‘ele está indo para o rio’

### 3.6.3 Ablativo *pi*

O caso ablativo, marcado pela posposição *-pi*, indica o ponto de origem do movimento de algo ou alguém dele afastando-se.

161)

- |    |            |             |             |           |                |
|----|------------|-------------|-------------|-----------|----------------|
| a. | <i>tõj</i> | <i>a-sa</i> | <i>gala</i> | <i>pi</i> | <i>to-volo</i> |
|    | 1PL.EXCL   | 3CORR-AUX   | mata        | ABL       | 1PL.EXCL-vir   |
- ‘nós viemos do mato’
- |    |              |           |           |               |
|----|--------------|-----------|-----------|---------------|
| b. | <i>ipooj</i> | <i>pi</i> | <i>mã</i> | <i>o-volo</i> |
|    | rio          | ABL       | PERF      | 1SG-vir       |



‘eu vim do rio’

### 3.6.4 Locativo *bi*

O morfema *bi* expressa o caso locativo indicando o local onde algo ou alguém está localizado de forma genérica.

162)

- a. *εk*                      *alabe-bi*                      *ø-mãga*  
 casa                      costas-LOC                      1SG-IMPERF  
 ‘estou atrás da casa’
- b. *ip-aj*                      *bi*                      *ká*                      *ø-mãga*  
 arvore-FOC                      LOC                      LOC.PONT                      1SG-IMPERF  
 ‘estou embaixo da árvore’
- c. *iip tsabe*                      *bi*                      *ká*  
 tábuia                      LOC                      LOC.PONT  
 ‘está debaixo da tábuia’

### 3.6.5 Locativo Pontual *ká*

A posposição *ká* expressa o caso locativo pontual, indicando um lugar específico e delimitado em que algo ou alguém se encontra. Trata-se de uma localização estática e pontual.

163)

- a. *tõtôwa*                      *ø-mãga*                      *ii*                      *ká*  
 nadar                      1SG-IMPERF                      água                      LOC  
 ‘eu nado no rio’
- b. *tõtôwa*                      *ø-mãga*                      *ibit*                      *ká*  
 nadar                      1SG-IMPERF                      igarapé                      LOC  
 ‘eu nado no igarapé’

### 3.6.6 Instrumentivo *mi*

O morfema *mi* expressa o caso instrumentivo, indicando a ferramenta ou meio utilizado para realizar uma ação.

164)

- a. *talĩpe-tsin*                      *mi*                      *ø-mãga*                      *kata*

terçado-pequeno INSTR 1 SG- IMPERF cortar  
 ‘eu corto com a faca’

b. *kāj* *kata* *ø-mã* *dabε* *mi*  
 lenha cortar 1 SG-PERF machado INSTR  
 ‘eu cortei lenha com o machado’

### 3.6.7 Dativo

Em Aruá, existe duas formas principais para a função dativa, cuja distinção decorre da verbal e do papel temático do sujeito.

A posposição *kaj* ~ *gaj* marca o paciente da predicação verbal. Ocorre em construções que expressam diferentes domínios semânticos de afetação ou direcionamento da ação. Sua distribuição abrange verbos de transferência (e.g. *dar*), de movimento ou direção (e.g. *puxar*), de cognição e afeto (e.g. *pensar*), bem como verbos de ação física ou impacto (e.g. *bater*), nos quais o participante marcado por *kaj* ~ *gaj* é interpretado como destinatário, beneficiário, maleficiário ou alvo do evento.

165)

a. *pabojʔ-a* *nõõ* *ø-mã* *kaj*  
 mandioca dar 1 SG-PERF DAT  
 ‘eu dei mandioca pra ele’

b. *on-gwer* *ala* *ø-mãga* *õ-ti* *kaj*  
 1 SG-pensamento ? 1 SG-PERF 1 SG-mãe DAT  
 ‘estou pensando na minha mãe’

c. *dʒaga* *ø-mãga* *kaj*  
 puxar 1 SG-PERF DAT  
 ‘eu o/a puxo’

#### Maleficiário

a. *taga* *to-mã* *kaj*  
 bater 1 PL.EXCL-PERF DAT  
 ‘nós batemos nele/nela/nisso’

### 3.6.8 Dativo/ Beneficiário *kabi ~ gabi*

A forma *kabi ~ gabi*<sup>10</sup> codifica o Beneficiário por Propósito, indicando a entidade para a qual a ação foi intencionalmente executada. É tipicamente usada com verbos de criação ou execução.

166)

- |    |                          |            |             |            |             |
|----|--------------------------|------------|-------------|------------|-------------|
| a. | <i>kape</i>              | <i>nãm</i> | <i>ø-mã</i> | <i>mẽ?</i> | <i>kabi</i> |
|    | café                     | fazer      | 1SG-PERF    | 2PL        | DAT         |
|    | ‘eu fiz café para vocês’ |            |             |            |             |

- |    |                        |             |                 |
|----|------------------------|-------------|-----------------|
| b. | <i>kape</i>            | <i>tamã</i> | <i>pãŋ-gabi</i> |
|    | café                   | trazer      | 1PL.INCL-DAT    |
|    | ‘trouxe café para nós’ |             |                 |

### 3.6.9 Perlatoivo *tota*

Este morfema marca o caso perlatoivo, que expressa movimento através ou ao longo de um espaço. Trata-se de uma trajetória percorrida no deslocamento, tendo como referência um ponto determinado.

167)

- |    |                     |             |             |
|----|---------------------|-------------|-------------|
| a. | <i>gala</i>         | <i>tota</i> | <i>a-sa</i> |
|    | mato                | PERL        | 3CORR-AUX   |
|    | ‘ele vem pelo mato’ |             |             |

- |    |                    |             |               |
|----|--------------------|-------------|---------------|
| b. | <i>gala</i>        | <i>tota</i> | <i>ø-mãga</i> |
|    | mato               | PERL        | 1SG-IMPERFEC  |
|    | ‘eu vou pelo mato’ |             |               |

De modo geral, o sistema de posposições do Aruá contém grande riqueza semântica, articulando funções espaciais, instrumentais, associativas e afetivas apresentando paralelos funcionais com outras línguas da família Mondé.

## 3.7 Pronomes

De modo geral, os pronomes constituem uma classe de palavra fechada, nesta seção descreveremos os pronomes pessoais, demonstrativos e interrogativo. A descrição das suas

<sup>10</sup> *kabi ~ gabi* é provavelmente resultado de um composto envolvendo *ka ~ ga* (locativo pontual) + *pi* (ablativo).

propriedades distribucionais será detalhada no próximo capítulo, na seção dedicada à Morfossintaxe.

### 3.7.1 Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais têm como referência o falante, o interlocutor e o assunto, conforme a definição clássica de Shopen (2007, p. 24). Ocorrem geralmente em correferência com os prefixos pessoais obrigatórios nos verbos lexicais e auxiliares, bem como nos nomes na função de possuidor. O inventário de pronomes pessoais livres é o seguinte:

**Quadro 15** – Pronomes pessoais

| Pessoa   | Forma              |
|----------|--------------------|
| 1SG      | <i>oj, ð</i>       |
| 2SG      | <i>ẽ, ej</i>       |
| 1PL.INCL | <i>pã ~ paj</i>    |
| 1PL.EXCL | <i>toj ~ to</i>    |
| 2PL      | <i>mɛrẽj ~ mɛɾ</i> |
| 3        | <i>Taj ~ tɸi</i>   |

Fonte: Elaboração própria.

Exemplos:

168)

- a. *mẽj*                      *kini*                      *ø-mã*  
      2PL                      ver                      1SG-PERF  
      ‘eu vi vocês’
- b. *paj*                      *kini*                      *ɛ-mã*  
      1PL.INCL              ver                      2SG-PERF  
      ‘você nos viu’
- c. *oj*                      *kini*                      *ja*  
      1SG                      ver                      3.PERF  
      ‘ele(a) me viu’
- d. *mẽ*                      *kini*                      *ja*

2SG                      ver                      3.PERF  
 ‘ele(a) te viu’

### 3.7.2 Interrogativo

O pronome interrogativo *mẽ* corresponde a pergunta quem o quê (humano ou não humano).

Exemplo:

169)

a. *mẽ      εj      tsa*  
 INTERR COL      3.AUX  
 ‘quem são eles?’

### 3.7.3 Demonstrativos

Os demonstrativos em Aruá expressam a distância de um objeto ou indivíduo em relação ao centro deíctico de referência, que, nesse caso, é o falante. A língua apresenta duas distinções de localização espacial: proximal (*ãã*, próximo ao falante) e distal (*ara*, distante do falante).

#### 3.7.3.1 Proximal *ãã*

170)

a. *ãã                      Ø-mã-zek                      asa*  
 esta                      1SG-M.POSS-casa                      AUX  
 ‘esta é a casa minha’

b. *ãã                      deʔ                      ã- ti                      tsa*  
 esta                      INT                      2SG-mãe                      AUX  
 ‘essa é tua mãe?’

c. *ãã                      deʔ                      ã-tsop                      tsa*  
 esta                      INT                      2SG-pai                      AUX  
 ‘este é teu pai?’

d. *ãã                      pã-nẽjn                      asa*  
 esta                      1PL.INCL-terra                      AUX  
 ‘esta terra é nossa’

3.7.3.2 *Distal ara*

171)

|    |                      |                 |            |  |
|----|----------------------|-----------------|------------|--|
| a. | <i>ara</i>           | <i>tʃi-tʃek</i> | <i>asa</i> |  |
|    | aquela               | 3SG-casa        | AUX        |  |
|    | ‘aquela casa é dele’ |                 |            |  |

|    |                       |               |            |  |
|----|-----------------------|---------------|------------|--|
| b. | <i>ara</i>            | <i>pã-zek</i> | <i>asa</i> |  |
|    | aquela                | 1PL.INCL-casa | AUX        |  |
|    | ‘aquela casa é nossa’ |               |            |  |

Como outras línguas da família Mondé, os dados do Aruá mostram a existência duas distinções espaciais (proximal e distal). Diferentemente das demais línguas não há uma subdivisão explícita entre visível e invisível e graus de proximidade com relação ao falante.

## 3.8 Partículas

Nesta seção tratamos de partículas de natureza, interrogativa, negação, partículas que marcam foco e partículas de natureza aspectual. A análise detalhada de suas respectivas distribuições sintáticas é tratada no próximo capítulo.

## 3.8.1 Partícula interrogativa

A partícula *dε?* segue o constituinte interrogado e semanticamente é uma marca de modalidade epistêmica, pois é usada quando o falante não é fonte de informação do que é questionado na sentença.

Exemplos:

172)

|    |                    |            |          |            |  |
|----|--------------------|------------|----------|------------|--|
| a. | <i>ε-wãne</i>      | <i>dε?</i> | <i>ẽ</i> | <i>alε</i> |  |
|    | 2SG-chegar         | INTERR     | 2SG      | PROJ       |  |
|    | ‘você vai chegar?’ |            |          |            |  |

|    |                            |            |              |                 |             |
|----|----------------------------|------------|--------------|-----------------|-------------|
| b. | <i>gij</i>                 | <i>dε?</i> | <i>merẽj</i> | <i>mẽ?-kere</i> | <i>ãjãε</i> |
|    | bem                        | INTERR     | 2PL          | 2PL-dormir      | hoje        |
|    | ‘vocês dormiram bem hoje?’ |            |              |                 |             |

### 3.8.2 Partícula de negação

Na língua Aruá a negação é marcada por um morfema com dupla função. No nível da derivação lexical, o morfema *ʔon* anexa-se diretamente a nomes, atributos e pronomes, funcionando como um morfema privativo que atribui o sentido de "sem" ou "desprovido de".

173)

|    |               |            |
|----|---------------|------------|
| a. | <i>kutʃep</i> | <i>ʔon</i> |
|    | afiado        | NEG        |
|    | ‘coisa cega’  |            |

|    |               |            |
|----|---------------|------------|
| b. | <i>wẽʃbit</i> | <i>ʔon</i> |
|    | bonito        | NEG        |
|    | ‘feio’        |            |

|    |                |            |
|----|----------------|------------|
| c. | <i>koriʔap</i> | <i>ʔon</i> |
|    | fundo          | NEG        |
|    | ‘raso’         |            |

Este morfema também se anexa a nomes para indicar a privação de posse ou característica, como em:

174)

|    |                   |            |
|----|-------------------|------------|
| a. | <i>dʒakap</i>     | <i>ʔon</i> |
|    | olho              | NEG        |
|    | ‘cego/a (pessoa)’ |            |

Nas línguas Mondé, essa função de privação de posse ou característica por morfemas afixados é um traço recorrente. A negação de predicados verbais e nominais, por sua vez, embora utilize o mesmo morfema, será tratada no Capítulo 4.

### 3.8.3 Projetiva

A partícula *alɛ* marca o aspecto projetivo de uma proposição, ou seja, quando o falante projeta a realização de uma ação, processo ou estado.

Exemplo:

175)

- a. *zoj asa aʔala alɛ*  
 chuva 3.AUX cair PROJ  
 lit: vai cair a chuva  
 ‘vai chover’

- b. *o-wanɛ Ø-mãga alɛ*  
 1PL.INCL-chegar 1SG-IMPERF PROJ  
 ‘eu vou chegar’

### 3.8.4 Exortativa

Na língua Aruá, o morfema *ẽdʒa* é empregado com valor exortativo, correspondendo ao português “vamos (fazer algo) ”.

176)

- a. *ẽdʒa pa-wira*  
 EXORT 1PL.INCL-comer  
 ‘vamos comer!’

- b. *ẽndʒa nã*  
 EXORT fazer  
 ‘vamos começar!’

### 3.8.5 Partícula de foco

Na língua Aruá a partícula *aj* marca o foco do enunciado.

177)

- a. *dʒibo aj kini Ø-mãga*  
 cobra FOC ver 1SG-IMPERF  
 ‘eu vejo a cobra’

- b. *ẽ-ti aj kini ø-mã*  
 2SG-mãe FOC ver 1SG-PERF  
 ‘eu vi tua mãe’



### 3.9 Interjeições

As interjeições constituem uma classe de unidades linguísticas caracterizadas por sua autonomia sintática e alto grau de expressividade. São, em geral, formas monomorfêmicas que ocorrem fora da estrutura proposicional da oração, funcionando frequentemente como enunciados completos. Sua principal função é codificar reações espontâneas, emoções, atitudes ou estados mentais/comunicativos do falante, com valor predominantemente pragmático-discursivo (Aikhenvald, 2010; Payne, 1997; Dixon, 2010).

Na língua Aruá, os falantes consultados (AA e LA) reconhecem um conjunto restrito, porém funcional, de interjeições que são utilizadas para expressar dor, susto ou espanto. Essas formas ocorrem isoladamente no discurso e não se subordinam à estrutura gramatical da oração, o que confirma sua natureza interjetiva.

**Quadro 16** – Interjeições em Aruá

| <b>função comunicativa</b> | <b>Aruá</b> | <b>glosa aproximada</b> |
|----------------------------|-------------|-------------------------|
| Dor                        | [aki]       | "ai!",                  |
| Susto/Espanto              | [εε]        | "eita!"                 |

Fonte: Elaboração própria

### 3.10 Processos de formação de palavras

Nesta seção, serão descritos os principais processos morfológicos que atuam na formação de novas palavras na língua Aruá. O inventário de processos inclui a reduplicação e a composição lexical.

#### 3.10.1 Reduplicação

A reduplicação é um processo morfológico altamente produtivo em Aruá, caracterizado pela repetição de uma raiz lexical, parcial ou integralmente. Conforme Dixon (2009), esse mecanismo veicula diversas funções gramaticais e discursivas, e na língua Aruá, atua tanto na formação de nomes quanto de verbos.

Nos nomes, a reduplicação não apenas pode coocorrer com classificadores, mas também veicula nuances de atenuação, intensificação ou coletivização. Um exemplo claro dessa função é *tatap*, que, na sua forma reduplicada, adquire o sentido de ‘abelhas’ (pluralidade). Outros exemplos demonstram como o processo é usado para formar onomatopeias, como o pássaro *wějn wějn* (‘pássaro tesoura’), *bigip bigip* (‘vagalume’) e *bagap bagap* (‘relâmpago’). O processo também se aplica a verbos, como em *tsogotsogoa* (‘esfregar’) e *tōntōnwa* (‘nadar’), revelando ações que ocorrem repetitivamente.

### 3.10.2 Composição Lexical

A composição lexical constitui um processo morfológico altamente produtivo e recorrente na língua Aruá. O processo envolve a composição com dois ou mais temas para formar um novo lexema com um significado único, sendo o núcleo (o termo principal) tipicamente o primeiro elemento em composições nominais.

A composição Nome + Nome forma novos nomes como *babe-kãrĩ* (literalmente 'mão + osso'), que resulta no novo nome 'dedo'. A composição Nome + Nome, o segundo modificando o primeiro é igualmente produtiva, como em: *ip-petap* ('mogno', de 'madeira amarga'), onde o elemento *petap* atua como um atributo. Outros exemplos dessa natureza, mas com um adjetivo como segundo elemento são: *ĩnĩ-tere* ('rede verdadeira', ou 'rede de algodão'), *gatot-pep* ('arara preta'), e a construção possessiva *ũ-zape-pep* ('minha roupa suja', de 'minha roupa preta').

A composição também se estende a Nome + Verbo, geralmente para formar nomes de instrumentos ou localizações, como em *bi-kaka-p* (literalmente 'pé-segurar-NMNL'), que nomeia o 'tendão de Aquiles' ou o 'segurador do pé', formando um nome instrumento com nominalizador de circunstância *-p*.

*Nome + nome*

178)

- a. *babe-kãrĩ*                      'dedo'  
mao + osso

*Nome + adjetivo*

179)

- a. *ip-petap*                      'mogno'  
madeira amarga
- b. *ĩnĩ*      *tere*                      'rede de algodão'  
rede      verdadeira
- c. *gatot pep*                      'arara preta'  
wakat kit                      garça branca'
- d. *ũ-zape*              *pep*                      'minha roupa suja'  
1SG-roupa      preta

*Nome + verbo*

180)

- a. *bi-kaka-p*      ‘tendão de Aquiles,  
pé-segurar-NMLZ.CIRC  
‘segurador do pé’

### 3.11 Empréstimos e neologismos

Quanto à introdução de novos itens lexicais na língua Aruá por meio de empréstimos, embora o contato com a sociedade não indígena tenha se intensificado a partir de 1910, o *corpus* atual da língua, dada a sua vulnerabilidade e o reduzido número de falantes remanescentes, demonstra uma baixa produtividade na criação de novos lexemas.

Os empréstimos mais notáveis são de natureza cultural como itens materiais introduzidos após o contato, como *espingardas*, *lâmparinas*, *facas*, *pratos* e *colheres*. Estes itens foram lexicalizados, frequentemente por adaptação fonológica (como a ausência do fonema /f/ na língua Aruá para *café*), ou simplesmente pela adoção do termo em português, especialmente em conversas cotidianas.

No entanto, o trabalho de documentação realizado com os falantes, como no caso de Anízio Aruá, revelou o uso de empréstimos lexicais relacionados à produção de café, atividade importante na realidade contemporânea Aruá. A palavra *café* (*cape*) foi reinterpretada como a composição *ii* ‘água’ + *pep* ‘preto’ (lit. ‘água preta’), enquanto *grão de café* foi registrado como *ii* + *pep* + *káp*, literalmente ‘grão de água preta’.

Embora essas composições criativas sejam relevantes como registro da memória lexical e como subsídio para processos de revitalização linguística, nos dados elicitados e nas conversas espontâneas os falantes utilizam com maior frequência a forma adaptada *cape* ou a palavra em português. Isso confirma o desafio de criar denominações, a partir dos próprios recursos da língua, para novos itens culturais introduzidos de fora.

181)

- a. *tfipiʔap*  
‘sapato’
- b. *dʒap-kap*  
‘cartucho de espingarda’
- c. *idik-kap*

‘lamparina’

*d. iwit kom*

‘açúcar’

*e. dzapkap kom*

‘pólvora’

### 3.12 Considerações Finais do Capítulo

Em suma, neste capítulo, empreendemos a descrição morfológica da língua Aruá com base em critérios distribucionais, de estrutura interna dos morfemas e de seus aspectos semânticos. Mostramos que a língua distingue classes abertas, como nomes, verbos e adjetivos, e classes fechadas, como os pronomes pessoais, demonstrativos e interrogativos, as posposições e partículas.

## 4 MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA ARUÁ

Este capítulo apresenta uma descrição de aspectos da morfofossintaxe da língua Aruá, fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Tipológica Funcional. Examina-se de que forma as classes morfológicas se articulam na constituição de orações e sintagmas, com atenção à ordem dos constituintes, aos predicados verbais e não verbais, bem como a outros aspectos estruturais relevantes.

A análise baseia-se nas contribuições da tipologia linguística e funcional, especialmente nos trabalhos de Shopen (2007a, 2007b, 2007c), Dixon (1994, 2009a, 2009b, 2012), Haspelmath e Sims (2010) e Payne (1997), que fornecem o arcabouço teórico para o tratamento das categorias gramaticais e das funções sintáticas. Considera-se, adicionalmente, a literatura dedicada às línguas do Tronco Tupí, particularmente os estudos de Rodrigues (1954, 1981, 1996), Rodrigues e Cabral (2012) e Cabral (2001), fundamentais para a compreensão de traços morfofossintáticos compartilhados pelo Aruá.

Também são incorporados subsídios provenientes das descrições de línguas da família Mondé, que oferecem importantes parâmetros comparativos. Entre esses trabalhos, destacam-se as descrições do Ikolééj (Gavião) (Moore, 1984–2006; Stute, 1985, 1987; Sona Gavião, 2019), do Suruí Paiter (Iteor Suruí, 2020; Bontkes, 1978–1988) e do Cinta Larga (Sandberg, C., 1988; Sandberg, P., 1979/1980; Abrantes, 2025).

### 4.1 Estrutura argumental dos nomes, verbos e posposições

A estrutura argumental básica da língua Aruá apresenta um padrão [Determinante–Núcleo] em sintagmas nominais, verbais e posposicionais.

#### 4.1.1 O Sintagma Nominal (SN)

O Sintagma Nominal (SN) é um constituinte que ocupa as posições argumentais da oração (Dixon, 2010b, p. 106). Sua organização interna básica se constitui em um núcleo (N) flexionado por prefixos pessoais. É modificado por adjetivos que com ele entra em composição e por classificadores clíticos. A estrutura básica do SN pode ser sumarizada como:

**SN → [Prefixo de Pessoa] (Mediador de posse) N(úcleo) (Modificadores)]**

#### 4.1.2 Sintagma posposicional (SP)

Conforme Dixon (2009), a função dos sintagmas adposicionais é indicar a função gramatical de um SN ou expressar a relação semântica que este mantém com o predicado. Tais relações semânticas são típicas de argumentos periféricos, como aqueles que expressam direção, localização, instrumento, origem, entre outros.

Na língua Aruá, o núcleo do sintagma posposicional ocorre sistematicamente na posição final, configurando a ordem [[determinante] [posposição]]. Esses sintagmas apresentam posição relativamente flexível na oração, podendo ocorrer tanto no início quanto no final da sentença.

A estrutura geral do SP pode ser representada da seguinte forma:

**SP → [[Determinante] [Posposição]]**

#### 4.1.3 A estrutura argumental verbal: (SVintr) e (OVtrans)

O Sintagma Verbal (SV) é o constituinte que ocupa a posição de predicado da oração, tendo como núcleo um verbo (Dixon, 2009). Na língua Aruá, o SV AUX constitui a unidade predicativa central da oração intransitiva e apresenta uma organização interna relativamente estável.

Os verbos intransitivos recebem prefixos pessoais correferentes com os prefixos de sujeito dos verbos auxiliares. Na estrutura argumental de verbos transitivos o objeto precede o verbo (OV), sendo o objeto marcado por pronomes pessoais ou por nomes, ambos em função de argumento. O sujeito de orações que tem por núcleo verbo intransitivo é marcado no auxiliar, que contribui com noções aspectuais.

Modificadores adverbiais podem ocorrer no início da oração ou seguindo o verbo auxiliar.

A estrutura geral do SV pode ser representada como:

**SV → [(Pessoa) [V\_Principal] (Modificadores Adverbiais) [V\_Auxiliar / Pessoa e aspecto]]**

## 4.2 Os predicados

### 4.2.1 Predicados nominais

Os predicados não verbais constituem um domínio amplamente produtivo na língua Aruá, caracterizando-se por apresentar como núcleo um Sintagma Nominal ou um Sintagma Adjetival. Em Aruá, esses predicados abrangem construções que expressam identidade, propriedade (atributivas ou estativas), localização e existência.

Não há distinções morfológicas ou sintáticas claras entre predicados inclusivos, atributivos e equativos, já que todos seguem o mesmo padrão estrutural.

Os predicados nominais, assim como os predicados verbais intransitivos coocorrem com os verbos auxiliares que marcam o sujeito da oração, *mã* (PERF) e *mãga* (IMPERF), ou com o auxiliar *ja/aja* e *tsa/sa* quando o sujeito é de terceira pessoa.

#### 4.2.1.1 Predicados atributivos/estativos

Nesse tipo de predicado, a qualificação ou estado do sujeito é expresso por um nome ou adjetivo, seguido do verbo auxiliar:

182)

- |    |                         |               |             |
|----|-------------------------|---------------|-------------|
| a. | <i>Arowa</i>            | <i>ø-mã</i>   |             |
|    | Aruá                    | 1SG-PERF      |             |
|    | 'Eu sou Aruá'           |               |             |
|    |                         |               |             |
| b. | <i>iit</i>              | <i>ø-mã</i>   |             |
|    | novo                    | 1SG-PERF      |             |
|    | 'Sou jovem'             |               |             |
|    |                         |               |             |
| c. | <i>wãzet</i>            | <i>iit</i>    | <i>ø-mã</i> |
|    | mulher                  | nova          | 1SG-PERF    |
|    | 'sou moça'              |               |             |
|    |                         |               |             |
| d. | <i>woj</i>              | <i>iit</i>    | <i>ø-mã</i> |
|    | homem                   | novo          | 1SG PERF    |
|    | 'sou rapaz'             |               |             |
|    |                         |               |             |
| e. | <i>kããj</i>             | <i>mã</i>     |             |
|    | velho                   | 1SG-PERF      |             |
|    | 'sou velho'             |               |             |
|    |                         |               |             |
| f. | <i>gij</i>              | <i>ø-mãga</i> |             |
|    | bem                     | 1SG-IMPERF    |             |
|    | 'estou bem / sou feliz' |               |             |
|    |                         |               |             |
| g. | <i>têê</i>              | <i>ø-mãga</i> |             |
|    | deitado                 | 1SG-IMPERF    |             |
|    | 'estou deitado(a)'      |               |             |
|    |                         |               |             |
| h. | <i>boto</i>             | <i>ø-mãga</i> | <i>aja</i>  |

sentado            1SG-IMPERF            AUX

‘estou sentado(a)’

#### 4.2.1.2 *Predicados locativos*

Os predicados locativos são constituídos de um sintagma posposicional seguido do verbo auxiliar, expressando localização estática ou circunstancial:

183)

a. *ek*            *ká*            *ʔon*            *ø-mãga*  
casa            LOC            NEG            1SG-IMPERF

‘estou fora de casa’

b. *ek*            *sɛkpi*            *ká*            *to-mãga*  
casa            dentro            LOC            1PL.EXCL.IMPERF

‘estamos dentro de casa’

c. *ek*            *ká*            *ø-mãga*  
casa            LOC            1SG-IMPERF

‘estou em casa’

d. *εge*            *ká*            *ø-mãga*  
tosse            LOC            1SG-IMPERF

‘estou tossindo/ estou gripado’

#### 4.2.1.3 *Predicados declarativos/atributivos*

O auxiliar *aja* ocorre amplamente em predicados descritivos, cujos núcleos são adjetivos e nomes:

184)

a. *ø-wẽjbit*            *aja*  
1SG-bonito            AUX

‘eu sou bonito’

b. *ε-wẽjbit*            *aja*  
2SG- bonito            AUX

‘você é bonito(a)’



- c. *tãj*                      *wẽjbit*                      *aja*  
      3SG                      bonito                      AUX  
      ‘ele é bonito’
- d. *Tawã*                      *wẽjbit*                      *aja*  
      Tawã                      bonito                      AUX  
      ‘Tawã é bonito’
- e. *ãã*                      *ø-nẽtop*                      *aja*  
      este                      1SG-filho                      AUX  
      ‘este é meu filho’
- f. *ãã*                      *õ-bagaw*                      *aja*  
      este                      1SG-amigo                      AUX  
      ‘este é meu amigo’
- g. *ø mã-zarat*                                      *aja*  
      1SG-M.POSS-fome                      AUX  
      ‘estou com fome’
- h. *tatit*                      *aja*  
      dor                      AUX  
      ‘está doendo’
- i. *Luka*                      *õ-zet*                      *aja*  
      Luka                      1SG-nome                      AUX  
      ‘meu nome é Lucas’

#### 4.2.1.4 Predicados existenciais

Este tipo de predicado é construído por meio da cópula *aja* e contribui com significado existencial e estativo, de existência ou estado circunstancial.

- a. *tatit*    *aja*                      *ãnã*                      *ká*  
      dor    AUX                      aqui                      LOC  
      ‘Há dor aqui’

- b. *ii ká pãw aja*  
 água LOC turvo AUX  
 ‘o rio está escuro/turvo’

- c. *ii ká laba aja*  
 água LOC cristalino AUX  
 ‘o rio está cristalino/claro’

#### 4.3 Sistema de alinhamento

O sistema de marcação de argumentos do Aruá apresenta um padrão nominativo-acusativo.

##### 4.3.1 Alinhamento em orações intransitivas

Em construções intransitivas, o argumento S é marcado por prefixos pessoais que flexionam à raiz verbal ( $V_{PR}$ ) marcando o seu sujeito correferente com o sujeito do verbo auxiliar. A seguir, exemplos de oração intransitiva com o verbo ‘chegar’:

185)

- a. *ǝ-wanɛ Ø-mã*  
 1SG-chegar 1SG-PERF  
 ‘eu cheguei’
- b. *ɛ-wanɛ Ø-mã*  
 2SG-chegar 1SG-PERF  
 ‘você chegou’
- c. *pa-wanɛ pa-mã*  
 1PL.INCL-chegar 1PL.INCL-PERF  
 ‘nós chegamos’
- d. *to-wanɛ to-mã*  
 1PL.EXCL-chegar 1PL.EXCL-PERF  
 ‘nós chegamos’
- e. *mɛʔ-wanɛ mɛ-mã*  
 2PL-chegar 2PL-PERF

‘vocês chegaram’

#### 4.3.2 Alinhamento em orações transitivas (A) e (O)

Nos verbos transitivos, o Sujeito Agente (Sa) é marcado no verbo auxiliar, enquanto o objeto do verbo transitivo é expresso por meio de um nome ou por meio de pronomes pessoais.

A seguir, exemplos de com o verbo ‘ver’.

193)

|    |            |             |             |
|----|------------|-------------|-------------|
| e. | <i>ɛj</i>  | <i>kini</i> | <i>Ø-mã</i> |
|    | 2SG        | ver         | 1SG-PERF    |
|    | ‘eu te vi’ |             |             |

|    |                |             |             |
|----|----------------|-------------|-------------|
| f. | <i>tʃi</i>     | <i>kini</i> | <i>Ø-mã</i> |
|    | 3SG            | ver         | 1SG-PERF    |
|    | ‘eu vi ele(a)’ |             |             |

|    |               |             |             |
|----|---------------|-------------|-------------|
| g. | <i>mẽj</i>    | <i>kini</i> | <i>Ø-mã</i> |
|    | 2PL           | ver         | 1SG-PERF    |
|    | ‘eu vi vocês’ |             |             |

|    |               |             |             |
|----|---------------|-------------|-------------|
| h. | <i>oj</i>     | <i>kini</i> | <i>ɛ-mã</i> |
|    | 1SG           | ver         | 2SG-PERF    |
|    | ‘você me viu’ |             |             |

|    |                   |             |             |
|----|-------------------|-------------|-------------|
| i. | <i>tʃi</i>        | <i>kini</i> | <i>ɛ-mã</i> |
|    | 3SG               | ver         | 2SG-PERF    |
|    | ‘você viu ele(a)’ |             |             |

|    |                |             |             |
|----|----------------|-------------|-------------|
| j. | <i>paj</i>     | <i>kini</i> | <i>ɛ-mã</i> |
|    | 1PL.INCL       | ver         | 2SG-PERF    |
|    | ‘você nos viu’ |             |             |

|    |           |             |           |
|----|-----------|-------------|-----------|
| k. | <i>oj</i> | <i>kini</i> | <i>ja</i> |
|    | 1SG       | ver         | 3.PERF    |

‘ele(a) me viu’

- l. *ɛj*                      *kini*                      *ja*  
 2SG                      ver                      3.PERF  
 ‘ele(a) te viu’
- m. *tʃi*                      *kini*                      *to-mã*  
 3SG                      ver                      1PL.EXCL-PERF  
 ‘nós vimos ele(a)’
- n. *mẽj*                      *kini*                      *ja*  
 2PL                      ver                      3.PERF  
 ‘ele(a) viu vocês’
- o. *tʃi*                      *kini*                      *ø-mãga*  
 3SG                      ver                      1SG-IMPERF  
 ‘estou vendo ele(a)’
- p. *tʃi*                      *kini*                      *ẽ-ga*  
 3SG                      ver                      2SG- IMPERF  
 ‘você está vendo ele(a)’
- q. *tʃi*                      *kini*                      *to-mã*  
 3SG                      ver                      1PL.EXCL-PERF  
 ‘nós vimos ele(a)/algo’
- r. *tʃi*                      *kini*                      *pã-ga*  
 3SG                      ver                      1PL.INCL-IMPERF  
 ‘nós estamos vendo ele(a)’
- s. *tʃi*                      *kini*                      *sa*  
 3SG                      ver                      3.AUX  
 ‘ele(a) está vendo’

### 4.3.3 Particularidades da terceira pessoa

No Aruá, o prefixo *a-* funciona como marca de correferencialidade (3CORR). Já o Objeto (O) é realizado pelo pronome livre *tʃi*, homófono do prefixo possessivo de terceira pessoa.

194)

- |    |                         |             |                 |
|----|-------------------------|-------------|-----------------|
| a. | <i>a-wanɛ</i>           |             | <i>ja</i>       |
|    | 3CORR-chegar            |             | 3AUX            |
|    | ‘ele chegou’            |             |                 |
|    |                         |             |                 |
| b. | <i>a-kɛɾɛ</i>           |             | <i>ja</i>       |
|    | 3CORR-dormir            |             | 3AUX            |
|    | ‘ele dormiu’            |             |                 |
|    |                         |             |                 |
| c. | <i>tʃi</i>              | <i>kini</i> | <i>pã-ga</i>    |
|    | 3SG                     | ver         | 1PL.INCL-IMPERF |
|    | ‘nós o/a estamos vendo’ |             |                 |
|    |                         |             |                 |
| d. | <i>tʃi</i>              | <i>kini</i> | <i>tsa</i>      |
|    | 3SG                     | ver         | 3.AUX           |
|    | ‘ele (a) está vendo’    |             |                 |

O sistema de alinhamento do Aruá compartilha traços tipológicos com outras línguas da família Mondé, como demonstrado para o Ikóléej (Gavião), por Sona Gavião (2019) e para o Paiter (Suruí) por Iteor Suruí (2020). Esses autores descrevem suas respectivas línguas como apresentando um padrão nominativo-acusativo com divisão morfológica, no qual as marcas de pessoa são distribuídas de maneira diferenciada entre os núcleos que compõem o predicado.

### 4.3.4 Voz verbal e mudança de valência

Identificamos até o momento na língua Aruá a voz causativa que muda a valência dos verbos intransitivos de um argumento para dois argumentos.

#### 4.3.4.1 Causativo *mã*

O morfema *mã* é um causativo morfológico, que aumenta a valência do verbo-base, convertendo verbos intransitivos em transitivos.

O morfema *-mã* se combina com a raiz do verbo principal que recebe a marca do sujeito correferente com o sujeito marcado no verbo auxiliar.

195)

- a. *ti-ti*                      *a-mãpit*                      *Ø-mã-kere*  
 3SG-mãe                      3CORR-criança                      3SG-CAUS-dormir  
 ‘a mãe fez o(a) filho(a) dormir.’
- b. *ti-ti*                      *a-mãpit*                      *Ø-mã-tawawa*  
 3SG-mãe                      3CORR-filho                      3SG-CAUS-trabalhar  
 ‘a mãe fez o filho trabalhar.’

O morfema *mã* é cognato do morfema causativo em outras línguas da família Mondé, como Ikóléej, Paiter e Cinta Larga (Moore, 2009; Sona Gavião, 2019; Iteor Suruí, 2020; Abrantes, 2025).

#### 4.4 Aspecto verbal

Conforme Guentchéva (2016), o aspecto verbal é uma categoria gramatical que organiza internamente o desenvolvimento temporal da situação descrita pelo verbo. Na língua Aruá, essa categoria é codificada no verbo auxiliar. O Aruá distingue três modalidades aspectuais: imperfeito, perfeito e projetivo.

##### 4.4.1 Imperfeito

O Imperfeito (IMPERF) indica que a ação se encontra em andamento no momento da fala podendo também expressar o aspecto progressivo de uma ação, processo ou estado, ou mesmo o potencial de algo ou alguém protagonizar uma ação. Para 1SG e 1PL.EXCL a forma utilizada é *mãga* enquanto para 2SG, 2PL e 1PL.INCL a forma é *ga*. Na 3SG, o auxiliar é *ja* ~ *aja* e *tsa* ~ *sa*.

196)

- a. *õ-gere*                      *ʔon*                      *Ø-mãga*  
 1SG-dormir                      NEG                      1SG-IMPERF  
 ‘eu não estou dormindo’
- b. *pabojʔa*    *manka*    *Ø-mãga*  
 mandioca    plantar    1SG-IMPERF  
 ‘estou plantando mandioca’

c. *pabojiʔa*    *manka*            *ẽ-ga*  
       mandioca    plantar            2SG-IMPERF  
       ‘você planta mandioca’

d. *tõtõwa*        *Ø-mãga*  
       nadar        1SG-IMPERF  
       ‘eu nado’

e. *tõtõwa*        *ẽ-ga*  
       nadar        2SG-IMPERF  
       ‘você nada’

f. *tõtõwa*        *tsa*  
       nadar        3.AUX  
       ‘ele(a) nada’

g. *tõtõwa*        *pã-ga*  
       nadar        1PL.INCL-IMPERF  
       ‘nós nadamos’

h. *tõtõwa*        *to-mãga*  
       nadar        1PL.EXCL-IMPERF  
       ‘nós nadamos’

i. *tõtõwa*        *mẽʔ-ga*  
       nadar        2PL- IMPERF  
       ‘vocês nadam’

#### 4.4.2 Perfectivo

O Perfectivo *mã* (PERF) é o aspecto que expressa a conclusão ou o resultado de uma ação, apresentando o evento de forma global, como um “ponto” no tempo. Na terceira pessoa, o verbo auxiliar é *ja* ~ *aja* e *tsa* ~ *sa*, cujo emprego oscila entre os falantes, sendo possível que um mesmo indivíduo utilize tanto *tsa* quanto *aja*.

197)

- a. *tsep jala ø-mã ga ká*  
 palha deixar 1SG-PERF roça LOC.PONT  
 ‘eu deixei a palha na roça’

- b. *bɛbɛ ɲɔ wa ɛ-mã*  
 queixada carne comer 2SG-PERF  
 ‘você comeu carne de queixada’

- c. *Ø-wɛpi ø-mã*  
 3-escutar 1SG-PERF  
 ‘eu escutei’

- d. *Ø-wɛpi ʔon ø-mã*  
 3-escutar NEG 1SG-PERF  
 ‘eu não escutei’

- e. *Ø-wɛpi ɛ-mã*  
 escutar 2SG-PERF  
 ‘você escutou’

- f. *Ø-wɛpi sa*  
 3-escutar 3.AUX  
 ‘ele escutou’

- g. *Ø-wɛpi to-mã*  
 3-escutar 1PL.EXCL-PERF  
 ‘nós escutamos’

- h. *Ø-wɛpi mɛʔ-mã*  
 3-escutar 2PL-PERF  
 ‘vocês escutaram’



### 4.4.3 Projetivo

O aspecto projetivo *alɛ* (PROJ) ocorre geralmente na posição final da sentença e pode ser seguida pelo imperfeito.

198)

- c. *zoj asa aʔala alɛ*  
 chuva 3.AUX cair PROJ  
 lit: vai cair a chuva  
 ‘vai chover’

- d. *o-wanɛ Ø-mãga alɛ*  
 1PL.INCL-chegar 1SG-IMPERF PROJ  
 ‘eu vou chegar’

- e. *ɛ-wãnɛ dɛʔ ẽ alɛ*  
 2SG-chegar INTERR 2SG PROJ  
 ‘você vai chegar?’

- f. *a-volo tsa ká alɛ*  
 3CORR-vir 3.AUX LOC.PONT PROJ  
 ‘ele virá’

O morfema projetivo ocorre em predicados não verbais, projetando a realização de algo.

199)

- a. *õ-ga alɛ*  
 2SG -roça PROJ  
 ‘Será minha roça/minha futura roça’

## 4.5 Modo

### 4.5.1 Modo exortativo

O morfema *ẽdʒa* que é empregado como valor exortativo ocorre, invariavelmente inicial na sentença.

200)

- a. *ẽdʒa pa-wira*



‘vá tirar o couro de queixada!’

- e. *Valdir*      *bɛbɛ*      *aka*      *ẽ-ka*  
 Valdir      queixada      matar      2SG-AUX

‘Valdir, vá matar o porco!’

A negação do imperativo é formada pelo morfema privativo *ʔon* (ver seção “Negação em Aruá”)

#### 4.6 Auxiliar *ka*

O auxiliar *ka*, cujo significado é o de movimento centrífugo, funciona como auxiliar na língua Aruá. Ocorre frequentemente em construções com a posposição *koj*, que marca o caso alativo (ou diretivo), indicando movimento em direção a um local ou meta. Esse auxiliar recebe prefixos pessoais que identificam o sujeito da predicação, independentemente de o verbo principal — quando presente — ser transitivo ou intransitivo.

Morfologicamente, apresenta as seguintes particularidades: na 1ª pessoa costuma ocorrer a forma *mãka*, enquanto nas demais pessoas aparecem *ka* ou sua variante sonorizada *ga*. Stute (1985) descreve um auxiliar cognato como ‘auxiliar dinâmico’ na língua Gavião.

201)

- a. *dʒiparana*      *koj*      *mãka*  
 Ji-Paraná      DIR      AUX.ALL

‘eu estou indo para Ji-Paraná’

- b. *zɛk*      *koj*      *mãka*  
 casa      ALL      AUX-ALL

‘estou indo pra casa/ eu vou pra casa’

- c. *ga*      *koj*      *mãka*  
 roça      ALL      AUX.ALL

‘eu estou indo para a roça’

- d. *ipooj*      *koj*      *a-sa*      *ka*  
 rio      ALL      3CORR-AUX      AUX.IR

‘ele está indo para o rio’

- e. *dawawa*      *mãka*      *ara-køj*  
trabalhar      AUX.IR      DISTAL-ALL  
'eu vou trabalhar lá'
- f. *boliw-akã*      *mãka*      *dʒapi-kãrĩ*  
peixe-matar      AUX.ALL      flecha-osso  
'eu vou pescar com flecha de osso'
- g. *iip*    *kata*      *mãka*      *bosaʔ*  
árvore    cortar      AUX.ir      dois  
'eu vou cortar duas árvores'
- h. *tsep*      *mãʔã*      *o-mãka*      *mãtet*  
palha      pegar      1- AUX.ALL      ontem  
'fui pegar palha ontem'
- i. *ẽ-dawawa*      *dɛʔ*      *ẽ-za*      *ka*  
2SG-trabalhar      INTERR      2SG-AUX      AUX.ir  
'você vai trabalhar?'
- j. *ẽ-ga*      *mãga*  
2SG-AUX.ir      IMPERF  
'você vai'
- k. *ga*      *køj*      *ẽ-ga*  
roça      ALL      2SG-AUX.ir  
'você foi na mata'
- l. *a-ka*      *ʔon*      *a-sa*  
3CORR-ir      NEG      3CORR-AUX  
'ele não vai'

m. *ajante*      *a-ka*      *ʔon*      *a-sa*  
 hoje      3CORR-ir      NEG      3CORR-AUX  
 ‘hoje ele não vai’

n. *wãdege*      *a-ka*      *ʔon*      *a-sa*  
 amanhã      3CORR-IR      NEG      3CORR.AUX  
 ‘amanhã ele não vai embora’

o. *a-ka*      *sa*  
 3CORR-ir      3.AUX  
 ‘ele foi’

#### 4.7 Ordem dos constituintes

A língua Aruá apresenta relativa flexibilidade na ordenação dos constituintes, ainda que alguns padrões sejam preferenciais conforme a natureza da oração. De modo geral, sentenças transitivas exibem predominantemente a ordem [O V S] e em orações intransitivas, o padrão mais frequente é [S V].

##### 4.7.1 Ordem OVS em sentenças transitivas

Em orações transitivas, o padrão mais produtivo é [O V AUX]. O Objeto inicia a sentença, precedendo o Verbo Principal, em seguida o verbo auxiliar marcando o sujeito e o aspecto.

203)

a. *nẽnko*      *wi*      *Ø-mã*  
 onça      flechar      1SG-PERF  
 ‘eu flechei a onça’

b. *ajtirip*      *mãʔã*      *Ø-mã*  
 panela      pegar      1SG-PERF  
 ‘eu peguei a panela’

c. *iip*      *kata*      *Ø-mã*  
 árvore      cortar      1SG-PERF  
 ‘eu cortei árvore’

- d. *bebe tiri Ø-mãga*  
 queixada assar 1SG-IMPERF  
 ‘eu asso queixada’
- e. *bebe aka ø-mãga*  
 queixada matar 1SG-IMPERF  
 ‘eu mato queixada’
- f. *pabojʔa manka Ø-mãga*  
 mandioca plantar 1SG-IMPERF  
 ‘estou plantando mandioca’
- g. *iip tiri Ø-mãga*  
 madeira queimar 1SG-IMPERF  
 ‘eu queimo a madeira’
- h. *bat kata tetet Ø-mã*  
 seringa cortar muito 1SG-PERF  
 ‘eu cortava muita seringa’
- i. *ajtirip peresa ε-mã*  
 panela quebrar 2SG-PERF  
 ‘você quebrou a panela’
- j. *tsape piã ã-ga*  
 roupa lavar 2SG-IMPERF  
 ‘você lava a roupa’
- k. *pabojʔa manka ã-ga*  
 mandioca plantar 2SG-IMPERF  
 ‘você está plantando mandioca’
- l. *tsep jala to-mã*

palha            deixar            1PL.EXCL-PERF  
 ‘nós deixamos a palha’

#### 4.7.2 Ordem SV em sentenças intransitivas

Em orações intransitivas, a ordem prototípica [V AUX].

204)

- |    |                           |               |
|----|---------------------------|---------------|
| a. | <i>õ-gere</i>             | <i>Ø-mã</i>   |
|    | 1SG-dormir                | 1SG-PERF      |
|    | ‘eu dormi’                |               |
| b. | <i>õ-gere</i>             | <i>Ø-mãga</i> |
|    | 1SG-dormir                | 1SG-IMPERF    |
|    | ‘eu durmo/estou dormindo’ |               |
| c. | <i>a-kere</i>             | <i>Ø-sa</i>   |
|    | 3CORR-dormir              | 3-IMPERF      |
|    | ‘ele está dormindo’       |               |
| d. | <i>o-wi</i>               | <i>Ø-mã</i>   |
|    | 1SG-morrer                | 1SG-PERF      |
|    | ‘eu morri’                |               |
| e. | <i>ε-wi</i>               | <i>Ø-mã</i>   |
|    | 2SG-morrer                | 2SG-PERF      |
|    | ‘você morreu’             |               |
| f. | <i>a-wi</i>               | <i>Ø-ja</i>   |
|    | 3CORR-morrer              | 3-AUX         |
|    | ‘ele morreu’              |               |

#### 4.7.3 Variações de ordem por motivação pragmática

Embora o Aruá apresente padrões básicos de ordem de palavras, fatores pragmáticos podem motivar alteração nesses padrões, a exemplo de situações em que há ambiguidade, nesse caso a língua faz uso de um marcador de foco de sujeito.

#### 4.7.4 Ordem SOV com marcação de foco de sujeito

Nesse padrão, o Sujeito agente ocupa a primeira posição e recebe marca de foco, seguido pelo Objeto e pelo Verbo Principal:

205)

- a. *nẽko*            *ja*            *iti*            *wa*  
      onça            FOC            veado            comer  
      ‘foi a onça comeu o veado’

- b. *nẽko*            *ja*            *wasajalo*            *wa*  
      onça            FOC            capivara            comer  
      ‘é a onça come a capivara’

#### 4.7.5 Marcação de foco do Objeto (O) em Sentenças Transitivas

Em sentenças transitivas, o marcador *aj* marca o Objeto como foco do enunciado. O padrão estrutural é [O *aj* (V<sub>PR</sub>) (V<sub>AUX</sub>)].

206)

- a. *dʒibo*            *aj*            *kini*            *Ø-mãga*  
      cobra            FOC            ver            1SG-IMPERF  
      ‘eu vejo a cobra’

- b. *ẽ-ti*            *aj*            *kini*            *Ø-mã*  
      2SG-mãe            FOC            ver            1SG-PERF  
      ‘eu vi tua mãe’

- c. *Galdino*            *aj*            *kini*            *Ø-mã*            *bɛɛ*            *ta*  
      Galdino            FOC            ver            1SG-PERF            caminho            LOC  
      ‘eu vi Galdino na estrada’



#### 4.7.6 Marcação de foco de Sujeito em sentenças intransitivas

O auxiliar *aja* é usado para marcar o foco do sujeito sintático de verbos intransitivos seguindo-o, como mostra os exemplos seguintes:

207)

- a. *ø-waʔi*      *aja*      *a-wanɛ*  
 1SG-filha      AUX      3CORR-chegar  
 ‘foi minha filha que chegou’
- b. *pã-zop*      *aja*      *a-wanɛ*  
 1PL.INCL-pai      AUX      3CORR-chegar  
 ‘foi nosso pai que chegou’
- c. *Luka*      *aja*      *a-wanɛ*      *ãtɛgɛ*  
 Lucas      AUX      3CORR-chegar      aqui  
 ‘foi Lucas que chegou aqui’
- d. *bojʔa*      *ja*      *a-wanɛ*  
 tia      AUX      3CORR-chegar  
 ‘foi minha tia que chegou’

#### 4.7.7 Modificadores adverbiais de predicados

Os modificadores adverbiais de predicado ocorrem normalmente no início ou no final de oração, como mostram os exemplos seguintes:

208)

- g. *tsep*      *kata*      *mãga*      *alɛ*      *wãdɛgɛ*  
 palha      cortar      1SG-IMPERF      PROJ      amanhã  
 ‘vou cortar palha amanhã’
- h. *gɨj*      *dɛʔ*      *merẽj*      *mẽʔ-kɛɛ*      *ãjãtɛ*  
 bem      INTERR      2PL      2PL-dormir      hoje  
 ‘você dormiram bem hoje?’
- i. *ãjãtɛ*      *a-ka*      *ʔon*      *asa*  
 hoje      3CORR-ir      NEG      AUX

‘hoje ele não vai’

- j. *wãdege*      *a-ka*      *ʔon*      *asa*  
 amanhã      3CORR-ir      NEG      AUX  
 ‘amanhã ele não vai embora’

- k. *tsep*      *mãʔã*      *o-man-ka*      *mãtet*  
 palha      pegar      1SG-PERF-AUX.IR      ontem  
 ‘fui buscar palha ontem’

- l. *mãtet*      *ô-gere*      *tetet*  
 ontem      1SG-dormir      muito  
 ‘ontem eu dormi muito’

- m. *o-waga*      *tetet*      *mãga*  
 1SG-rir      muito      IMPERF  
 ‘estou rindo muito’

#### 4.7.8 Sintagmas Posposicionais (SP)

Os sintagmas posposicionais, que também tem valores adverbiais, exibem igualmente relativa flexibilidade na sua posição na sentença, podendo ocorrer tanto na posição inicial quanto na posição final da oração.

209)

- a. *tõtôwa*      *Ø-mãga*      *ii*      *ká*  
 nadar      1SG-IMPERF      água      LOC  
 ‘eu nado no rio’

- b. *ga*      *koj*      *ø-manka*  
 roça      ALL      1SG-AUX.IR  
 ‘eu estou indo para a roça’

- c. *wataga*      *Ø-mãga*      *dzapikân*      *mi*  
 furar      1SG-IMPERF      flecha      INSTR  
 ‘eu furo com flecha’

- d. *taj a-sa gala pi a-volo*  
 3 3CORR-AUX mato ABL 3CORR-vir  
 ‘ele vem do mato’

- e. *ga pi mã o-volo*  
 roça ABL PERF 1SG-vir  
 ‘eu vim da roça’

- f. *dabe tsa tʃiwĩ bi-ká*  
 machado AUX ? EMBAIXO  
 ‘o machado está embaixo da casa’

Por outro lado, os sintagmas posposicionais em função dativa ocorre em posição final da oração.

210)

- a. *pabojʔa ñõ a-ja õ-gaj*  
 mandioca dar 3CORR-AUX 1SG-DAT  
 ‘ele me deu mandioca’

- b. *on-gwer ala ø-mã kaj*  
 1SG-pensamento ? 1SG-PERF DAT  
 ‘eu pensei nela’

- c. *kape tamã õ-gabi*  
 café trazer 1SG-DAT  
 ‘trouxe café para mim’

- d. *bipkáp-tʃi ñã deʔ ẽ pã-gabi*  
 suco de açaí fazer INTERR 2SG 1PL.INCL-DAT  
 ‘você fez açaí para gente?’

#### 4.8 Perguntas polares

As perguntas polares contêm a partícula *deʔ* seguindo o constituinte questionado.

211)

- a. *ãã dɛʔ ẽ-zɛk tsa*  
 essa INT 2SG-casa AUX  
 ‘esta casa é tua?’
- b. *ãã dɛʔ ẽ-zop tsa*  
 esta INT 2SG-pai AUX  
 ‘este é teu pai?’
- c. *gij dɛʔ mɛrẽj mẽʔ-kɛɛ ẽẽãtɛ*  
 bem INT 2PL 2PL dormir hoje  
 ‘vocês dormiram bem hoje?’
- d. *kapɛ nã dɛʔ ẽ pã-gabi*  
 café fazer INT 2SG 1PL.INCL-DAT  
 ‘você fez café pra gente?’
- e. *bipkaptĩ nã dɛʔ ẽ pã-gabi*  
 suco de açaí fazer INT 2SG 1PL.INCL-DAT  
 ‘você fez açaí para gente?’

#### 4.8.1 Interrogativas informacionais

As interrogativas informacionais (*WH*-perguntas) apresentam o elemento questionado no início da oração.

O pronome *mẽ* corresponde ao *quê* ou *quem*:

212)

- a. *mẽ nẽntop ẽ tsa*  
 INT filho 2SG AUX  
 ‘é filho de quem?’
- b. *mẽ ɛj tsa*  
 INT 2SG AUX  
 ‘quem é?’

Advérbios interrogativos de lugar (*atege*, 'onde') e modo (*ãnã*, 'como') não coocorrem com a partícula *de?* e ocupam a posição inicial da oração.

213)

- a. *atege*            *Edmar*            *ga*            *sa*  
       onde            Edmar            roça        3.AUX

‘onde é a roça do Edmar?’

- b. *ãnã*            *tša*            *a-wãne*            *alɛ*            *ɛk*            *ká*  
       como            AUX            3CORR-chegar        PROJ            casa            LOC

‘como eu chego em casa?’

- c. *akoj*            *ẽ-za*            *ka*  
       onde            2SG- AUX        LOC

‘onde você foi?’

- d. *akoj*                            *dabe*                            *tša*  
       onde                            machado                            AUX

‘onde o machado está?’

O sistema interrogativo do Aruá corresponde ao das demais línguas Mondé. A partícula polar *de?* demonstra correspondência funcional e posicional com *te/té* em Zoró, Cinta Larga e Gavião.

#### 4.9 Negação em Aruá

A negação sentencial em Aruá é marcada por um único morfema, *ʔon*, que opera no nível da oração e tem escopo sobre todo o predicado, seja ele verbal ou nominal. Diferentemente das demais línguas da família Mondé — como Ikóléej, Paiter e Cinta Larga — que utilizam partículas de negação em posição inicial da sentença (*á'o*, *one* e *ãu*, respectivamente), o Aruá emprega *ʔon* em posição pós-verbal, típica de um padrão pós-nuclear na estrutura do predicado. Essa distribuição distingue o Aruá das demais línguas da família.

Nos predicados verbais e nominais, *ʔon* é inserido após o núcleo do predicado. Em sentenças declarativas, a negação de estados e de eventos segue esse mesmo padrão. Em construções imperativas, o morfema também ocupa posição pós-verbal, situando-se entre o verbo principal e o auxiliar, com valor de proibição.

186)

- a. *õ-gerε*      *ʔon*      *mãga*  
 1SG-dormir    NEG      IMPERF  
 ‘eu não estou dormindo’
- b. *gij*      *ʔon*      *ø-mãga*  
 bem      NEG      1SG-IMPERF  
 ‘eu não estou bem’
- c. *wεpi*      *ʔon*      *ε-mã*  
 escutar      NEG      2SG-PERF  
 ‘você não escutou’
- d. *ããte*      *a-ka*      *ʔon*      *asa*  
 hoje      3CORR-ir      NEG      AUX  
 ‘hoje ele não vai’
- e. *na*      *ʔon*      *ẽ-ga*  
 fazer      NEG      2SG-AUX  
 ‘não faça!’
- f. *ẽ-gerε*      *ʔon*      *ẽ-ga*  
 2SG-dormir      NEG      2SG-AUX  
 ‘não durma!’

#### 4.10 Sistema de concordância de número

Na língua Aruá, a categoria de número é expressa por meio de um sistema de concordância que aciona formas verbais supletivas, sensíveis aos referentes dos argumentos internos de verbos transitivos (objeto direto) e aos sujeitos de verbos intransitivos. Assim, certos verbos apresentam alternâncias de forma em concordância com o sujeito de verbos intransitivos que corresponde a pequena coleção de elementos em contraste com o sujeito de verbos intransitivos que corresponde a uma grande coleção de elementos, e com o objeto de verbos

transitivos que corresponde a pequena coleção de elementos em contraste com o sujeito de verbos intransitivos que corresponde a uma grande coleção de elementos.

Exemplos:

215)

- a. *iip*                      *kata*                      *mã*                      *bosa?*  
 árvore                      derrubar                      1SG-PERF                      duas  
 ‘eu derrubei duas arvores’

- b. *iip*                      *saka*                      *mã*  
 árvore                      derrubar                      1SG-PERF  
 ‘eu derrubei muitas árvores’

Além das alternâncias supletivas do verbo principal, há também alternância supletiva do verbo auxiliar alativo *manka* ou *ka/ga*, que na primeira pessoa exclusiva, aspecto perfectivo tem a forma supletiva *gãlã*, traduzida como ‘fomos’.

216)

- a. *to-tawawa*                      *to-mã*                      *gãlã*  
 1PL.EXCL-trabalhar                      1PL.EXCL-PERF                      AUX.ir  
 ‘nós fomos trabalhar’

- b. *tsep*                      *mã?ã*                      *to-mã*                      *gãlã*  
 palha                      pegar                      1PL.EXCL-PERF                      AUX.ir  
 ‘nós vamos buscar palha’

#### 4.11 Considerações Finais

Este capítulo apresentou alguns aspectos da morfossintaxe da Língua Aruá, dentre os quais o sistema de alinhamento nominativo-acusativo da língua em que o auxiliar além de marcar aspecto funciona também como sujeito de verbos transitivos e intransitivos, sendo a marca de sujeito no verbo lexical intransitivo, correferente com o sujeito marcado pelo auxiliar. Já os verbos lexicais transitivos não recebem flexão pessoal, mas se combinam com prefixos pessoais que os antecedem.

Mostramos que o Aruá apresenta as ordens básicas OSV, SV, embora quando há elementos focalizados a ordem pode se apresentar como SOV. Vimos que sintagmas adverbiais

podem ocorrer em início ou final de oração, embora os sintagmas adverbiais em função dativa ocorram apenas em final de oração.

Foi demonstrado que o Aruá possui um único morfema de negação, cujo estatuto gramatical é de partícula podendo denotar privação ou negação propriamente dita, ocorrendo unicamente após o constituinte negado ou privado de algo.

Vimos também que o Aruá, embora esteja em estado terminal, ainda evidencia distinção de número por meio de formas supletivas de verbos.

Finalmente, demonstramos que o Aruá possui partículas que marcam foco e que distinguem foco de sujeito de foco de objeto, uma distinção rara ainda não observa em outras línguas do tronco Tupí.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese não constitui — nem poderia constituir — uma descrição exaustiva da língua Aruá devido ao estágio de obsolescência em que ela se encontra. Ainda assim, a presente descrição representa a primeira e muito provavelmente será a única descrição linguística da língua Aruá, que possui apenas quatro falantes idosos que vivem em diferentes aldeias das Terras Indígenas Rio Branco e Rio Guaporé. Ressalto que esse cenário de extrema vulnerabilidade impôs limitações inevitáveis à coleta do *corpus* e ao aprofundamento das análises realizadas, condicionando a amplitude deste trabalho.

Apesar dessas restrições, a pesquisa estabeleceu bases sólidas para a descrição de aspectos da fonologia, da morfologia e da morfossintaxe da língua Aruá. No campo da fonologia, foi identificado um inventário composto por dezoito fonemas consonantais e vinte fonemas vocálicos.

No domínio morfológico, foram analisadas as classes de palavras e seus respectivos processos de formação, bem como aspectos relevantes da morfologia derivacional. Descreveu-se, ainda, um conjunto de classificadores nominais que distingue o Aruá das demais línguas da família Mondé.

No que se refere à morfossintaxe, priorizaram-se temas como alinhamento gramatical, ordem de palavras, focalização, negação, entre outros aspectos estruturais relevantes. A continuidade da pesquisa que resultou nesta tese requer novas incursões em campo, a fim de ampliar e consolidar tanto o corpus linguístico do Aruá quanto o corpus etnográfico relativo a seus falantes. Um dos pontos que não pôde ser aprofundado neste trabalho foi a descrição do sistema tonal e prosódico da língua, cuja investigação demanda análises acústicas detalhadas e acesso a dados mais extensos e controlados, de difícil obtenção nas condições atuais.

Por outro lado, o estudo fonológico realizado poderá subsidiar a elaboração de uma proposta ortográfica mais adequada para a língua, contribuindo para seu ensino nas escolas da aldeia. Do mesmo modo, os resultados desta tese, ainda que modestos, poderão ser de grande utilidade na produção de materiais didáticos para o ensino da língua Aruá, demanda frequentemente expressa pelas lideranças e pelos professores da comunidade.

Em suma, realizou-se o que foi possível diante das dificuldades inerentes à documentação e à descrição de uma língua que já não é utilizada como principal meio de comunicação comunitária, sendo atualmente falada apenas por duas pessoas que compartilham a mesma residência e que também se comunicam em outras línguas indígenas.

Por fim, a urgência da documentação linguística, no caso de línguas como o Aruá, exige um compromisso efetivo de devolutiva à comunidade. Entre as próximas etapas, destacam-se o desenvolvimento colaborativo de uma ortografia, em conjunto com os Aruá interessados, bem como o planejamento de ações que assegurem a preservação, na medida do possível, da língua e dos saberes tradicionais do povo Aruá em benefício das gerações futuras.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANTES, Cristóvão Teixeira. *Morfologia e sintaxe da língua dos Cinta Larga*. 2025. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. *Classifiers: a typology of noun classification devices*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. The meaning of interjections. In: AMRAN, M. (Ed.). *Typological Studies in Language*. Amsterdam: John Benjamins, 2010. v. 84, p. 1–26.
- ALLAN, Keith. *Classifiers*. *Language*, v. 53, p. 284–310, 1977.
- BARBOSA, Plínio A.; MADUREIRA, Sandra. Conhecendo melhor a prosódia: aspectos teóricos e metodológicos daquilo que molda nossa enunciação. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 20, n. 1, p. 11–27, 2012.
- BARBOSA, Plínio A.; MADUREIRA, Sandra. *Manual de fonética acústica: aplicações a dados do português*. São Paulo: Cortez, 2015.
- BONTKES, Carolyn. *Suruí syllable prosodies*. [S.l.]: Summer Institute of Linguistics, 1976.
- BONTKES, Carolyn. *Tentative observations on various morphemes in Suruí*. [S.l.]: Summer Institute of Linguistics, 1982.
- BONTKES, Carolyn. Subordinate clauses in Suruí. In: FORTUNE, D. L. (Ed.). *Porto Velho workpapers*. Brasília: SIL, 1985. p. 189–207.
- BONTKES, Willem. *Suruí clauses*. [S.l.]: Summer Institute of Linguistics, 1976.
- BONTKES, Willem. *Dicionário preliminar Suruí–Português, Português–Suruí*. [S.l.]: Summer Institute of Linguistics, 1978.
- BONTKES, Willem. Imperative, hortative and interrogative moods in Suruí clauses. [S.l.]: Summer Institute of Linguistics, 1982.
- BONTKES, Willem. As orações suruí. *Série Linguística*, v. 9, n. 2, p. 71–87, 1988.
- BONTKES, Willem; DOOLEY, Robert A. Verification particles in Suruí. In: FORTUNE, D. L. (Ed.). *Porto Velho workpapers*. Brasília: SIL, 1985. p. 166–188.
- BOERSMA, Paul. Praat: a system for doing phonetics by computer. *Glott International*, v. 5, n. 9/10, p. 341–345, 2001.
- BROCHADO, José Proenza. *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. 1984. Tese (Doutorado) – University of Illinois at Urbana-Champaign, 1984.
- BROCHADO, José Proenza. A expansão dos Tupí e da cerâmica da Tradição Policrômica Amazônica. *Dédalo*, v. 27, p. 65–82, 1989.
- CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Mapa das línguas indígenas de Rondônia. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 10, n. 1, p. 12, 2018.

- CABRAL, A. S. A. C.; JOATON SURUÍ; CARVALHO, Mauro L. Uraan Suruí: explorando manifestações de simbolismo sonoro em duas línguas Tupí, Suruí Paiter e Nhandéwa Txiripá. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 1, p. 119–130, 2012.
- CABRAL, A. S. A. C.; KAMAN, P.; MEHINAKU, M.; OLIVEIRA, S. C. S.; URAAN SURUÍ. Classificadores nominais em três línguas indígenas da Amazônia brasileira. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 6, p. 165–193, 2014.
- CASPAR, Franz. Tuparí: entre os índios, nas florestas brasileiras. São Paulo: Melhoramentos, 1958.
- CASPAR, Franz. A aculturação dos Tuparí. In: SCHADEN, Egon (Org.). *Leituras de etnologia brasileira*. São Paulo: Nacional, 1976.
- COMRIE, Bernard. *Language universals and linguistic typology: syntax and morphology*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- DEEPSEEK TECHNOLOGIES. DeepSeek [ferramenta de IA]. 2025. Disponível em: <https://www.deepseek.com/>.
- DERBYSHIRE, Desmond C.; PAYNE, Doris L. Noun classification systems of Amazonian languages. In: PAYNE, D. L. (Ed.). *Amazonian Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1990. p. 243–272.
- DERBYSHIRE, Desmond. Carib. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (Eds.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 23–64.
- DIXON, R. M. W. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- DIXON, R. M. W. *Basic Linguistic Theory: Volume 1 – Methodology*. Oxford: Oxford University Press, 2009a.
- DIXON, R. M. W. *Basic Linguistic Theory: Volume 2 – Grammatical topics*. Oxford: Oxford University Press, 2009b.
- DIXON, R. M. W. *Basic Linguistic Theory: Volume 3 – Further grammatical topics*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- DIXON, R. M. W. Noun classes and noun classification in typological perspective. In: CRAIG, Colette G. (Org.). *Noun classes and categorization*. Amsterdam: John Benjamins, 1986. p. 105–112.
- DUARTE, Fernando. O território do povo Aruá. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Rondônia, Ji-Paraná, 2016.
- ELAN. ELAN versão 6.8 [software]. Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, 2025. Disponível em: <https://archive.mpi.nl/tla/elan>.
- FAUSTO, Carlos. Donos demais: maestria e domínio na Amazônia. *Mana*, v. 14, n. 2, p. 329–366, 2008.
- FUNAI. Relatório antropológico de demarcação da Terra Indígena Rio Guaporé. Brasília: FUNAI, 1985.

- GABAS JÚNIOR, Nilson. A grammar of Karo, Tupi (Brazil). 1999. Tese (Doutorado) – University of California, Santa Barbara, 1999.
- GALUCIO, Ana Vilacy et al. Relações genealógicas e distâncias lexicais na família linguística Tupi. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 10, n. 2, 2015.
- GAVIÃO, Alberto Junior Ihv Uhj. Uma contribuição para o estudo fonológico da língua dos Ikôléj (família Mondé, tronco Tupi). 2025. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, 2025.
- GOOGLE. Gemini 2.5 Flash [modelo de linguagem]. Mountain View: Google, 2025.
- GOOGLE. NotebookLM [ferramenta digital]. Mountain View: Google, 2025.
- GOLDSMITH, John A. Autosegmental Phonology. 1976. Tese (Doutorado) – MIT, 1976.
- GOMES, D. M. Estudo morfológico e sintático da língua Mundurukú (Tupí). 2006. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, 2006.
- GRINEVALD, Colette. A morphosyntactic typology of classifiers. In: SENFT, G. (Ed.). *Systems of nominal classification*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 93–113.
- GRINEVALD, Colette. Making sense of nominal classification systems. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (Eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 259–275.
- GRINEVALD, Colette; SEIFART, Frank. Noun classes in African and Amazonian languages. *Linguistic Typology*, v. 8, n. 2, p. 243–288, 2004.
- GUENTCHÉVA, Zlatka (Ed.). *Aspectuality and temporality: descriptive and theoretical issues*. Amsterdam: John Benjamins, 2016. 740 p.
- HASPELMATH, Martin; SIMS, A. D. *Understanding Morphology*. 2. ed. London: Routledge, 2010.
- HYMAN, Larry M. Word-prosodic typology. *Phonology*, v. 23, p. 225–257, 2006.
- IBGE. Censo demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.
- KENT, Ray D.; READ, Charles. *Análise acústica da fala*. São Paulo: Cortez, 2015.
- LEONEL JUNIOR, Mauro de Mello. Relatório de avaliação das comunidades indígenas da área indígena do Guaporé. FIPE, 1984.
- LEONEL JUNIOR, Mauro de Mello. Relatório de avaliação das comunidades do Posto Indígena Rio Branco. FIPE, 1986.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes tropiques*. Paris: Pocket, 1985.
- LOBANOV, B. M. Classification of Russian vowels spoken by different speakers. *JASA*, v. 49, p. 606–608, 1971.
- LOUKOTKA, Čestmír. Documents et vocabulaires inédits de langues et de dialectes sud-américains. *Journal de la Société des Américanistes*, t. 52, p. 7–60, 1963.

MALDI, Denise. O complexo cultural do Marico: sociedades indígenas dos rios Branco, Colorado e Mequens, afluentes do Médio Guaporé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia*, v. 7, n. 2, p. 209–269, 1991.

MEER, Tine Henriete van der. *Fonologia da língua Suruí*. 1982. 71 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1982. Disponível em: 20.500.12733/1579370. Acesso em: 24 nov. 2025.

MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. Reconstrução da pré-história amazônica. *Museu Goeldi, Publicações Avulsas*, v. 20, p. 51–69, 1973.

MEIRELES, Denise Maldí. *Guardiães da fronteira: Rio Guaporé, século XVIII*. Petrópolis: Vozes, 1989.

MILLER, Eurico Th. A cultura cerâmica do tronco Tupí no alto Ji-Paraná, Rondônia, Brasil: algumas reflexões teóricas, hipotéticas e conclusivas. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 1, n. 1, p. 35–136, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/12288>.

MILLER, Eurico Th. *História da cultura indígena do alto Médio-Guaporé (Rondônia e Mato Grosso)*. 1983. Dissertação (Mestrado em História da Cultura Brasileira) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1983.

MILLER, Eurico Th. Pesquisas arqueológicas no pantanal do Guaporé, RO, Brasil: a sequência seriada da cerâmica da Fase Bacabal. In: MEGGERS, Betty (org.). *Arqueologia interpretativa: o método quantitativo para estabelecimento de sequências cerâmicas: estudos de caso*. Porto Nacional: UNITINS, 2009. p. 103–107.

MILLER, Eurico Th. *Pesquisas arqueológicas no sítio MT-GU-01: Abrigo do Sol (e região circundante), Mato Grosso e Rondônia, Brasil, 1974/75*. Relatório preliminar. Programa Paleoíndio – PROPA/SI-MARSUL, 1975. 10 p. + mapa.

MINDLIN, Betty. *Mitos indígenas*. Ilustrada. São Paulo: Editora Ática, 2006. 143 p. (Para gostar de ler, v. 40). ISBN 8508105495.

MINDLIN, Betty. *Moqueca de maridos: mitos eróticos indígenas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

MINDLIN, Betty. *Terra grávida*. São Paulo: Editora Rosa dos Ventos / Record, 1999.

MITHUN, Marianne. The convergence of noun classification systems. In: CRAIG, C. (ed.). *Noun Classes and Categorization*. Amsterdam: John Benjamins, 1986. p. 379–398.

MONSERRAT, Ruth Fonini. *Descobrimos a gramática da língua Suruí do povo Paíter*. [S.l.]: CIMI/NEIRO, 2000a.

MONSERRAT, Ruth Maria Fonini. *Vocabulário Amondawa-Português, Vocabulário e frases em Arara e Português, Vocabulário Gavião-Português, Vocabulário e frases em Karipuna e*

*Português, Vocabulário e frases em Makurap e Português, Vocabulário e frases em Suruí e Português, Pequeno dicionário em Tupari e Português*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2000b.

MOORE, Denny. Classificação interna da família linguística Mondé. *Estudos Linguísticos*, São José do Rio Preto, v. 34, p. 515–520, 2005.

NEVES, Walter Alves et al. Origem e dispersão dos Tupí-guarani: o que diz a morfologia craniana? *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 6, n. 1, p. 95–122, jan. 2011.

NOELLI, Francisco Silva. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupí. *Revista de Antropologia*, v. 39, n. 2, p. 7–53, 1996. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41616192>. Acesso em: 9 maio 2023.

PAYNE, Doris L. The pragmatics of word order: typological dimensions of verb-initial languages. Berlin: Mouton de Gruyter, 1990.

PAYNE, Thomas E. Describing morphosyntax: a guide for field linguists. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1997. 413 p.

PEREIRA COUTO, Fábio; SANTOS, Sebastiana Miranda Pereira dos. Análise preliminar de aspectos acústicos das vogais da língua indígena Cinta Larga (família Mondé). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 16, n. 1, p. 49–68, 2024. DOI: 10.26512/rbla.v16i1.50702.

PINTO, Zita Araya. *Ortografia e Fonética: Língua Arowá*. [S. l.], 2018. 36 slides. Apresentação de PowerPoint.

PRICE, David. The Indians of southern Rondônia. In: CULTURAL SURVIVAL INC. *In the path of Polonoroeste: endangered peoples of western Brazil*. Cambridge: Cultural Survival, 1981. p. 34–37.

RODRIGUES, Aryon D. Argumento e predicado em Tupinambá. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 19, p. 57–70, 1996.

RODRIGUES, Aryon D. Classificação do tronco linguístico Tupi. *Revista de Antropologia*, v. 12, n. 1–2, p. 99–104, 1964.

RODRIGUES, Aryon D. Estrutura da língua Tupinambá. 1981. Datilografado. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D.; DUARTE, F. B. (Org.). *Línguas e culturas Tupí*, v. 2. Brasília; Campinas: UnB; Curt Nimuendajú; LALI/UnB, 2010. p. 11–42.

RODRIGUES, Aryon D. Morfologia do verbo Tupi. *Letras*, v. 1, p. 121–152, 1953.

RODRIGUES, Aryon D. Silêncio, nasalidade e laringalidade em línguas indígenas brasileiras. *Letras de Hoje*, v. 38, n. 4, p. 11–24, 2003.

RODRIGUES, Aryon D. Tarefas da linguística no Brasil. *Estudos Linguísticos*, v. 1, n. 1, p. 4–15, 1966.

RODRIGUES, Aryon D.; CABRAL, A. S. A. C. Investigando a origem e o desenvolvimento de orações dependentes nas famílias do tronco linguístico Tupí. *Revista da ABRALIN*, v. 5, p. 11–32, 2006.

RODRIGUES, Aryon D.; CABRAL, A. S. A. C. Tupían. In: CAMPBELL, L.; GRONDONA, V. (Org.). *The Indigenous Languages of South America*. Berlin; Boston: Mouton de Gruyter, 2012. p. 495–574.

SANDBERG, Clive D. Constituintes oracionais em Cinta Larga. *Série Linguística*, v. 9, n. 2, p. 51–70, 1988.

SANDBERG, Patricia M. O sintagma nominal em Cinta Larga. *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, v. 4–5, p. 283–295, 1979/1980.

SEKELJ, Tibor. *Donde la civilización termina: vida de las tribus del Amazonas*. Buenos Aires: Editorial Albatros, 1950.

SHOPEN, Timothy (Ed.). *Language Typology and Syntactic Description*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007a. v. 1.

SHOPEN, Timothy (Ed.). *Language Typology and Syntactic Description*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007b. v. 2.

SHOPEN, Timothy (Ed.). *Language Typology and Syntactic Description*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007c. v. 3.

SILVA, Ariel Pheula do Couto e. *Elementos fonológicos, morfológicos e sintáticos da língua Avá-Canoeiro do Tocantins*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SILVA, Izaías Euclides da. *Um ensaio histórico-comparativo dos lexemas nas línguas da subfamília Mondé (Família Tupi)*. 169 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Guajará-Mirim, 2013.

SNETHLAGE, Emil Heinrich. *A Expedição do Guaporé (1933-1935): cadernos de campo, publicações e acervo*. Org. G. Mere; R. Snethlage; A.-M. Snethlage. Belém: MPEG, 2021.

SNETHLAGE, Emil Heinrich. *Atiko Y: Meine Erlebnisse bei den Indianern des Guaporé*. Berlin: Klinkhardt & Biermann, 1937.

SNETHLAGE, Emil Heinrich. *Musikinstrumente der Indianer des Guaporégebietes*. (Baessler-Archiv, Suppl. 10). Berlin: Dietrich Reimer / Andrews & Steiner, 1939.

STUTE, Horst. *A ordem, a coerência e a ensenação nas orações em Gavião*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.



STUTE, Horst. *Os auxiliares dinâmicos da língua Gavião*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1985.

SZEKELY, Erszebet; SEKELJ, Tibor. Wordlist Arua-Makuráp-Jabuti-Arikapu-Tuparí. *Leiden Archives*, 1948. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1839/7eeb8ca2-fd2a-4479-bd15-8ba4f308274e>. Acesso em: 3 jul. 2022.

TRAUNMÜLLER, H.; ERIKSSON, A. Acoustic effects of variation in vocal effort by men, women, and children. *The Journal of the Acoustical Society of America*, v. 107, n. 6, p. 3438–3451, 2000.

YIP, Moira. *Tone*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

ZORÓ, T. K.; CARMARGOS, Q. F. Estruturas interrogativas polares e informacionais na língua Zoró (família linguística Mondé, tronco Tupí). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 11, n. 2, p. 23–??, 2019. DOI: 10.26512/rbla.v11i02.28508.

## APÊNDICE A

| Vo | N | F1 Média (Hz) | F1 DP (Hz) | F1 Mediana (Hz) | F1 Mín (Hz) | F1 Máx (Hz) | F2 Média (Hz) | F2 DP (Hz) | F2 Mediana (Hz) | F2 Mín (Hz) | F2 Máx (Hz) | F1 Z-Média | F1 Z-DP | F2 Z-Média | F2 Z-DP |
|----|---|---------------|------------|-----------------|-------------|-------------|---------------|------------|-----------------|-------------|-------------|------------|---------|------------|---------|
| a  | 1 |               |            |                 |             |             |               |            |                 |             |             |            |         |            |         |
|    | 6 |               |            |                 |             |             | 1428,         | 180,       |                 |             |             | 1,04       | 0,3     | 0,37       | 0,2     |
|    | 1 | 695           | 80,3       | 675             | 524         | 882         | 9             | 9          | 1388            | 1112        | 1990        | 3          | 71      | 7          | 38      |
| i  | 9 |               |            |                 |             |             | 2368,         | 319,       |                 |             |             | 1,29       | 0,2     | 1,46       | 0,3     |
|    | 3 | 371           | 45,2       | 364             | 276         | 496         | 6             | 9          | 2423            | 1872        | 2898        | 1          | 94      | 8          | 08      |
| o  | 5 |               |            |                 |             |             | 1000,         |            |                 |             |             | 0,32       | 0,3     | 1,25       | 0,2     |
|    | 8 | 500,2         | 47,6       | 506,5           | 385         | 581         | 6             | 99,1       | 1013,5          | 762         | 1189        | 5          | 77      | 5          | 16      |
| ε  | 4 |               |            |                 |             |             | 1801,         | 281,       |                 |             |             | 0,69       | 0,3     |            | 0,2     |
|    | 2 | 649,6         | 93         | 620,5           | 502         | 843         | 7             | 8          | 1663,5          | 1440        | 2298        | 9          | 91      | 0,41       | 61      |
| i  | 3 |               |            |                 |             |             | 1598,         | 263,       |                 |             |             | 0,74       | 0,2     |            | 0,2     |
|    | 4 | 439,9         | 42,8       | 443,5           | 346         | 529         | 4             | 1          | 1498,5          | 1299        | 2114        | 5          | 87      | 0,04       | 97      |
| aa | 2 |               |            |                 |             |             |               | 108,       |                 |             |             | 1,13       | 0,2     | 0,50       | 0,1     |
|    | 5 | 683,2         | 70,1       | 665             | 583         | 906         | 1323          | 8          | 1294            | 1209        | 1669        | 2          | 96      | 3          | 41      |
| ẽ  | 2 |               |            |                 |             |             | 2092,         |            |                 |             |             | 0,87       | 0,3     | 0,65       | 0,2     |
|    | 5 | 705,9         | 94,5       | 710             | 556         | 881         | 4             | 327        | 2243            | 1528        | 2525        | 2          | 88      | 7          | 46      |
| õ  | 2 |               |            |                 |             |             |               |            |                 |             |             | 0,49       | 0,4     | 1,32       | 0,1     |
|    | 3 | 488,1         | 56,3       | 487             | 381         | 575         | 954,7         | 73,5       | 962             | 806         | 1094        | 2          | 16      | 9          | 33      |
| ĩ  | 2 |               |            |                 |             |             |               |            |                 |             |             | 1,09       | 0,4     | 1,48       | 0,3     |
|    | 0 | 401,4         | 73,1       | 375,5           | 289         | 533         | 2349          | 327        | 2378            | 1918        | 2849        | 4          | 55      | 8          | 64      |
| ii | 1 |               |            |                 |             |             | 2314,         | 268,       |                 |             |             | 1,38       | 0,3     | 1,65       | 0,4     |
|    | 9 | 356,6         | 46,3       | 361             | 291         | 504         | 1             | 6          | 2245            | 1947        | 2733        | 3          | 14      | 9          | 41      |
| u  | 1 |               |            |                 |             |             |               |            |                 |             |             | 0,71       | 0,4     |            | 0,1     |
|    | 9 | 450,6         | 59,6       | 435             | 362         | 574         | 831,9         | 95,2       | 841             | 615         | 1091        | 7          | 79      | -1,57      | 7       |
| ã  | 1 |               |            |                 |             |             |               |            |                 |             |             |            | 0,2     | 0,39       | 0,2     |
|    | 9 | 762,2         | 82,8       | 797             | 599         | 850         | 1492          | 231        | 1480            | 1148        | 1827        | 1,28       | 41      | 6          | 91      |
| e  | 1 |               |            |                 |             |             | 2180,         |            |                 |             |             | 0,28       |         |            | 0,1     |
|    | 8 | 631,8         | 33,1       | 642             | 562         | 670         | 4             | 92         | 2184,5          | 1998        | 2357        | 4          | 0,2     | 0,6        | 44      |
| ã  | 1 |               |            |                 |             |             | 1353,         | 106,       |                 |             |             | 0,00       | 0,4     | 0,54       | 0,1     |
|    | 8 | 553,1         | 75,4       | 538,5           | 451         | 725         | 9             | 2          | 1382            | 1135        | 1523        | 5          | 36      | 3          | 89      |
| ĩ  | 1 |               |            |                 |             |             | 1739,         | 300,       |                 |             |             | 0,95       | 0,4     | 0,09       | 0,3     |
|    | 7 | 424,4         | 66,5       | 445             | 291         | 515         | 3             | 6          | 1864            | 1242        | 2109        | 3          | 24      | 9          | 2       |
| ẽ  | 1 |               |            |                 |             |             | 1823,         | 314,       |                 |             |             | 0,15       | 0,4     | 0,49       | 0,2     |
|    | 7 | 527,6         | 82,2       | 515             | 373         | 679         | 9             | 1          | 1639            | 1529        | 2347        | 5          | 45      | 4          | 39      |
| εε | 1 |               |            |                 |             |             | 1601,         |            |                 |             |             | 0,74       | 0,2     | 0,38       | 0,2     |
|    | 2 | 612,2         | 29,3       | 625             | 561         | 660         | 9             | 89,8       | 1579,5          | 1485        | 1765        | 4          | 4       | 5          | 5       |
| ũ  | 1 |               |            |                 |             |             |               |            |                 |             |             | 1,14       | 0,2     | 1,58       | 0,1     |
|    | 0 | 395           | 38,2       | 405,5           | 337         | 452         | 781,9         | 98,8       | 805             | 630         | 891         | 7          | 31      | 6          | 54      |
| õõ | 9 |               |            |                 |             |             |               | 106,       |                 |             |             | 0,36       | 0,6     | 1,52       | 0,1     |
|    | 9 | 488,4         | 69,3       | 492             | 353         | 602         | 871,6         | 2          | 901             | 720         | 980         | 3          | 02      | 6          | 3       |

|    |   |       |      |       |     |     |            |           |        |      |      |                |                |                |           |
|----|---|-------|------|-------|-----|-----|------------|-----------|--------|------|------|----------------|----------------|----------------|-----------|
| oo | 8 | 519,9 | 36,4 | 528,5 | 451 | 559 | 954,6      | 94,1      | 916,5  | 814  | 1098 | -<br>0,08<br>8 | -<br>0,3<br>88 | -<br>1,36<br>5 | 0,2<br>1  |
| ïï | 5 | 395,4 | 55,3 | 412   | 314 | 454 | 2367,<br>6 | 357,<br>8 | 2224   | 2048 | 2766 | -<br>1,11<br>5 | -<br>0,3<br>68 | -<br>1,67<br>9 | 0,2<br>57 |
| ãã | 5 | 528   | 33,3 | 518   | 488 | 578 | 1311,<br>6 | 130       | 1327   | 1146 | 1477 | -<br>0,05<br>5 | -<br>0,2<br>73 | -<br>0,42<br>3 | 0,3<br>62 |
| ïï | 5 | 450   | 33,1 | 445   | 411 | 498 | 1484,<br>2 | 129,<br>6 | 1431   | 1377 | 1707 | -<br>0,58<br>3 | -<br>0,2<br>7  | -<br>0,05<br>7 | 0,3<br>61 |
| ẽẽ | 4 | 462,8 | 97,6 | 426   | 393 | 606 | 1864,<br>2 | 323,<br>2 | 1719,5 | 1671 | 2347 | -<br>-0,62     | -<br>0,5<br>26 | -<br>0,71<br>6 | 0,1<br>27 |
| ĩĩ | 3 | 404,7 | 22,5 | 410   | 380 | 424 | 1620,<br>7 | 180       | 1539   | 1496 | 1827 | -<br>0,98<br>2 | -<br>0,2<br>29 | -<br>0,11<br>6 | 0,0<br>84 |
| uu | 2 | 479,5 | 19,1 | 479,5 | 466 | 493 | 144,<br>2  | 807       | 807    | 705  | 909  | -<br>0,63<br>7 | -<br>0,1<br>15 | -<br>1,54<br>7 | 0,2<br>25 |
| ãã | 1 | 603   |      | 603   | 603 | 603 | 1203       |           | 1203   | 1203 | 1203 | -<br>0,66<br>9 | -<br>0,72<br>6 |                |           |

## APÊNDICE B – Medidas acústicas das vogais (Falante AA)

| Item Lexical                                      | V2 (ms) | V1 (ms) | F02 (Hz) | F01 (Hz) | I2 (dB) | I1 (dB) | E <sup>nf2</sup> | E <sup>nf1</sup> |
|---------------------------------------------------|---------|---------|----------|----------|---------|---------|------------------|------------------|
| <i><sup>m</sup>bipkap</i>                         | 101     | 175     | 159      | 156      | 80      | 73      | 9                | 15               |
| <i><sup>m</sup>bεbe</i>                           | 102     | 198     | 131      | 140      | 73      | 73      | 15               | 15               |
| <i>para</i>                                       | 173     | 330     | 121      | 129      | 74      | 67      | 14               | 18               |
| <i>ŋgop<sup>ˈ</sup>tʃit<sup>ˈ</sup></i>           | 129     | 139     | 167      | 147      | 77      | 76      | 11               | 12               |
| <i><sup>m</sup>borip<sup>ˈ</sup></i>              | 117     | 120     | 117      | 140      | 72      | 74      | 10               | 11               |
| <i><sup>m</sup>babo</i>                           | 108     | 149     | 123      | 158      | 72      | 72      | 14               | 16               |
| <i>ĩmbe</i>                                       | 106     | 136     | 132      | 136      | 77      | 70      | 11               | 17               |
| <i>dzabe</i>                                      | 133     | 270     | 130      | 144      | 76      | 71      | 12               | 17               |
| <i>ŋgopãm</i>                                     | 101     | 238     | 129      | 141      | 74      | 75      | 11               | 12               |
| <i>dʒokãm</i>                                     | 99      | 185     | 147      | 168      | 78      | 78      | 9                | 11               |
| <i>ŋgitʔap<sup>ˈ</sup></i>                        | 102     | 199     | 163      | 175      | 79      | 72      | 8                | 16               |
| <i>wakat<sup>ˈ</sup></i>                          | 118     | 154     | 122      | 155      | 73      | 74      | 14               | 14               |
| <i><sup>m</sup>bik<sup>ˈ</sup>bik<sup>ˈ</sup></i> | 64      | 98      | 168      | 147      | 79      | 76      | 10               | 13               |
| <i>idʒo</i>                                       | 146     | 205     | 127      | 159      | 76      | 73      | 8                | 15               |
| <i>ndik<sup>ˈ</sup>ʔa</i>                         | 89      | 200     | 198      | 157      | 82      | 72      | 6                | 16               |
| <i>ipej</i>                                       | 110     | 190     | 146      | 137      | 76      | 70      | 12               | 18               |

| Item Lexical                          | V2 (ms) | V1 (ms) | F02 (Hz) | F01 (Hz) | I2 (dB) | I1 (dB) | E <sup>nf2</sup> | E <sup>nf1</sup> |
|---------------------------------------|---------|---------|----------|----------|---------|---------|------------------|------------------|
| <i>nēnko</i>                          | 138     | 172     | 125      | 166      | 75      | 77      | 11               | 12               |
| <i><sup>m</sup>botop<sup>ˈ</sup></i>  | 89      | 119     | 140      | 194      | 80      | 76      | 8                | 11               |
| <i>bolaa</i>                          | 103     | 295     | 140      | 156      | 69      | 75      | 19               | 11               |
| <i><sup>m</sup>bip<sup>ˈ</sup>ʔaa</i> | 91      | 354     | 175      | 146      | 82      | 74      | 7                | 14               |
| <i>dʒobat</i>                         | 84      | 145     | 158      | 143      | 78      | 71      | 11               | 17               |
| <i>poʔaa</i>                          | 128     | 328     | 131      | 148      | 73      | 71      | 15               | 16               |
| <i>maʔek<sup>ˈ</sup></i>              | 169     | 176     | 135      | 164      | 77      | 69      | 10               | 17               |
| <i>məkaap<sup>ˈ</sup></i>             | 126     | 291     | 137      | 158      | 76      | 69      | 12               | 19               |
| <i>tʃaʔa</i>                          | 127     | 184     | 170      | 150      | 70      | 69      | 18               | 15               |

## Apêndice C - *Scripts* em R

### C.1 Script para gráfico de dispersão do espaço vocálico

#SCRIPT 1: GRÁFICO DE DISPERSÃO DO ESPAÇO VOCÁLICO

# 1. CARREGAR BIBLIOTECAS

```
library(ggplot2)
library(dplyr)
```

# 2. CARREGAR DADOS

```
# Substitua pelos seus dados reais
dados_vogais <- data.frame(
  vogal = c("i", "i", "e", "e", "a", "a", "o", "o", "u", "u"),
  falante = c("FalanteA", "FalanteB", "FalanteA", "FalanteB",
    "FalanteA", "FalanteB", "FalanteA", "FalanteB",
    "FalanteA", "FalanteB"),
  F1 = c(320, 310, 450, 430, 700, 680, 520, 500, 380, 360),
  F2 = c(2400, 2350, 2100, 2050, 1300, 1250, 950, 900, 850, 800)
)
```

```
# Visualizar dados
head(dados_vogais)
```

# 3. NORMALIZAÇÃO (Z-SCORE) - opcional

```
normalizar_zscore <- function(x) {
  return((x - mean(x)) / sd(x))
}
```

```
dados_vogais$F1_z <- normalizar_zscore(dados_vogais$F1)
dados_vogais$F2_z <- normalizar_zscore(dados_vogais$F2)
```

# 4. GRÁFICO DO ESPAÇO VOCÁLICO

# 4.1 Configurações gerais

```
vogais_ordem <- c("i", "e", "a", "o", "u")
cores_vogais <- c("i" = "#E41A1C", "e" = "#377EB8", "a" = "#4DAF4A",
  "o" = "#FF7F00", "u" = "#984EA3")
```

# 4.2 Gráfico com valores originais

```
espaco_vocalico_original <- ggplot(dados_vogais, aes(x = F2, y = F1, color = vogal, shape = falante))
+
  geom_point(size = 4, alpha = 0.8) +
  geom_text(aes(label = vogal), vjust = -1, hjust = 0.5, size = 4, show.legend = FALSE) +
  scale_x_reverse() +
  scale_y_reverse() +
  scale_color_manual(values = cores_vogais, name = "Vogal") +
  scale_shape_manual(values = c(16, 17), name = "Falante") +
  labs(title = "Espaço vocálico - Valores originais",
    subtitle = "Formantes F1 e F2 das vogais orais",
    x = "F2 (Hz)",
```

```

    y = "F1 (Hz)" +
    theme_minimal() +
    theme(plot.title = element_text(hjust = 0.5, size = 14, face = "bold"),
          plot.subtitle = element_text(hjust = 0.5, size = 10),
          legend.position = "right",
          panel.grid.minor = element_line(color = "gray90"),
          panel.grid.major = element_line(color = "gray80"),
          panel.border = element_rect(fill = NA, color = "gray50"))

# Exibir gráfico
print(espaco_vocalico_original)

# 4.3 Gráfico com dados normalizados (Z-score)
espaco_vocalico_norm <- ggplot(dados_vogais, aes(x = F2_z, y = F1_z, color = vogal, shape =
falante)) +
  geom_point(size = 4, alpha = 0.8) +
  geom_text(aes(label = vogal), vjust = -1, hjust = 0.5, size = 4, show.legend = FALSE) +
  scale_x_reverse() +
  scale_y_reverse() +
  scale_color_manual(values = cores_vogais, name = "Vogal") +
  scale_shape_manual(values = c(16, 17), name = "Falante") +
  labs(title = "Espaço vocálico - Valores normalizados (Z-score)",
        subtitle = "Formantes F1 e F2 padronizados",
        x = "F2 (Z-score)",
        y = "F1 (Z-score)") +
  theme_minimal() +
  theme(plot.title = element_text(hjust = 0.5, size = 14, face = "bold"),
        plot.subtitle = element_text(hjust = 0.5, size = 10),
        legend.position = "right")

print(espaco_vocalico_norm)

# 5. ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS
=====
cat("\n=== ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS POR VOGAL ===\n")
dados_vogais %>%
  group_by(vogal) %>%
  summarise(
    n = n(),
    F1_medio = mean(F1),
    F1_sd = sd(F1),
    F2_medio = mean(F2),
    F2_sd = sd(F2)
  ) %>%
  print()

# 6. SALVAR GRÁFICOS
=====
# ggsave("espaco_vocalico_original.png", espaco_vocalico_original,
#       width = 10, height = 8, dpi = 300)
# ggsave("espaco_vocalico_normalizado.png", espaco_vocalico_norm,
#       width = 10, height = 8, dpi = 300)

cat("\n=== FIM DO SCRIPT 1 ===\n")

```